

PATRÍSTICA

JUSTINO DE ROMA

I e II Apologias
Diálogo com Trifão



JUSTINO DE ROMA

I e II Apologias

Diálogo com Trifão

2ª edição

Título original: I e II 'Apología tou 'ágiou Ioustinou philosophou kai mártiros Pròs

Trifona Ioudaion diálogos



Índice

[Apresentação](#)

[Introdução](#)

[Introdução à I Apologia](#)

[I APOLOGIA](#)

[Não se deve castigar um nome](#)

[A obra dos demônios](#)

[Não somos ateus](#)

[Não castiguei nossos acusadores](#)

[Não queremos mentir](#)

[Vaidade da idolatria](#)

[O melhor sacrifício é a virtude](#)

[Nosso reino não é deste mundo](#)

[Somos vossos aliados para a paz](#)

[Profissão de fé cristã](#)

[Homens novos pela fé em Cristo](#)

[A doutrina de Cristo](#)

[Súditos do império](#)

[A imortalidade da alma](#)

[A ressurreição não é impossível](#)

[Afinidades pagãs](#)

[Jesus, Filho de Deus](#)

[Plano apologético](#)

[Provas: a\) Odeiam-se apenas aos cristãos](#)

[b\) A transformação por Cristo](#)

[c\) Os hereges não são perseguidos](#)

[A pureza da vida cristã](#)

[O homem é racional e livre](#)

[A castidade cristã](#)

[A profecia é a prova máxima](#)

[A versão dos Setenta](#)

[Profecias sobre Jesus](#)

[A concepção virginal](#)

[Lugar de nascimento](#)

[Várias profecias](#)

[Regras de interpretação](#)

[Profecia cumprida](#)

Profecia sobre os apóstolos
Profecia sobre o Reino de Cristo
Cristo, nossa alegria
Profecia e livre-arbítrio
Platão depende de Moisés
Ascensão e glória de Jesus
Cristãos antes de Cristo
Sobre a ruína de Jerusalém
Os milagres de Cristo
A gentilidade
A paixão e glória de Cristo
A dupla vinda de Cristo
Profecia sobre a gentilidade
As fábulas pagãs
A cruz desconhecida pelos demônios
Outra vez Simão mago
Não tememos a morte
Marcião, inspirado pelo demônio
Platão, discípulo de Moisés
(O batismo): iluminação e regeneração
O arremedo diabólico do batismo
O Verbo na sarça e Moisés
Outras lembranças pagãs
Fraternidade e eucaristia
Teologia da eucaristia
Liturgia dominical
Petição final

Introdução à II Apologia

II APOLOGIA

Um drama doméstico
O suicídio não é lícito
A obra dos demônios
Deus não tem nome
Os cristãos conservam o mundo
A semente do Verbo
Pressentimento do martírio
Existe uma justiça eterna
Possuimos o Verbo inteiro

[O mito de Héracles](#)

[O platônico se faz cristão](#)

[Sou cristão](#)

[Que todos conheçam a verdade](#)

[Introdução ao diálogo](#)

[DIÁLOGO DE JUSTINO, FILÓSOFO E MÁRTIR, COM O JUDEU TRIFÃO](#)

[Prólogo. Encontro com Trifão e seus companheiros](#)

[A filosofia, caminho para Deus](#)

[Itinerário intelectual de Justino](#)

[O encontro decisivo](#)

[O que é a filosofia e a felicidade que ela traz](#)

[Pode o homem ver a Deus?](#)

[Discussão sobre a natureza da alma](#)

[A alma não é imortal](#)

[Verdadeiros filósofos são os profetas](#)

[Qual é a verdadeira e proveitosa filosofia](#)

[Condições para o diálogo](#)

[Primeiras objeções de Trifão](#)

[A lei antiga superada pela nova](#)

[Digressão sobre a maldade dos judeus](#)

[Justino acusa os judeus pelas iniquidades de todos os homens](#)

[A não necessidade da circuncisão](#)

[As leis são devidas à dureza do coração](#)

[Leis sobre os sacrifícios](#)

[A circuncisão: um sinal e não justificação](#)

[A circuncisão em Cristo](#)

[Convite à conversão](#)

[Os herdeiros do monte Sião](#)

[Digressão sobre a parusia](#)

[Objeção de Trifão](#)

[Interpretação cristológica dos salmos 110 e 72](#)

[Digressão sobre os falsos cristãos](#)

[Cristo é o Rei das potências](#)

[As figuras do verdadeiro sacrifício](#)

[A eucaristia: verdadeiro sacrifício](#)

[Mistério no nascimento virginal](#)

[Quem ressuscitará?](#)

[Quem se salvará?](#)

[Preexistência e divindade de Cristo](#)

[Discussão em torno do precursor](#)

[João Batista: o precursor](#)

[Argumentos decisivos sobre João Batista](#)

[Outras profecias e figuras do AT](#)

[Existe outro Deus?](#)

[Não é Deus Pai que apareceu a Abraão](#)

[Jacó e Moisés encontram outro Deus que o Deus Pai](#)

[O Verbo-Sabedoria é gerado pelo Pai](#)

[Este Verbo é o Cristo](#)

[Retoma o assunto do cap. 43, o nascimento virginal](#)

[Discussão em torno da encarnação](#)

[A encarnação só é compreendida a partir das Escrituras](#)

[Contradições diabólicas](#)

[Profecias sobre a eucaristia](#)

[As presumidas mutilações das Escrituras](#)

[Relato da história dos "Reis magos"](#)

[Há hereges tanto judeus como cristãos](#)

[Milenarismo](#)

[Digressão sobre os carismas proféticos](#)

[Interpretação crismológica do salmo 110](#)

[Interpretação crismológica de Is 7,14](#)

[Cristo: Senhor das Potências](#)

[Conexão entre o lenho e a água ou entre a cruz e o batismo](#)

[Cristo e a potência do Espírito](#)

[Manifestação do Espírito na vida de Cristo](#)

[A cruz: obstáculo à fé messiânica](#)

[A interpretação que supera o obstáculo](#)

[A cruz: instrumento de conversão e salvação](#)

[A circuncisão na carne de nada serve](#)

[Em que consiste a justiça](#)

[Contraste entre a norma sobre as imagens e o procedimento de Moisés](#)

[O crucificado não é maldito](#)

[Comportamento dos judeus e dos cristãos diante do crucificado](#)

[Alusão do AT à paixão de Cristo](#)

[O salmo 22 se aplica perfeitamente à paixão e morte de Jesus](#)

[Comentários aos vv. 2-3](#)

[Comentários aos vv. 4](#)

[Comentários aos vv. 5-9](#)

[Comentários aos vv. 10-16](#)

[Comentários aos vv. 16-19](#)

[Comentários aos vv. 20-22](#)

[Comentários aos vv. 23-24](#)

[Sinal de Jonas: sinal da ressurreição](#)

[Polêmicas em torno da ressurreição de Cristo](#)

[A fé em Cristo cria um povo universal](#)

[Sobre as duas vindas de Cristo](#)

[Símbolos das duas vindas de Cristo](#)

[Sobre a exegese dos judeus](#)

[Relação entre Josué e Jesus](#)

[Só os circuncisos de coração entendem as Escrituras](#)

[Comentário a Zc 2,14-3,2](#)

[Comentário à profecia de Ml 1,10-12: a eucaristia](#)

[O florescimento do novo povo](#)

[Os herdeiros das bênçãos de Isaac e Jacó](#)

[A palavra de Cristo mais poderosa que o sol](#)

[A infidelidade dos judeus](#)

[Os incircuncisos formam o novo Israel](#)

[Interpretação do salmo 82,1-8: todos podem ser filhos de Deus](#)

[Interpretação do nome Israel](#)

[Os múltiplos nomes de Cristo](#)

[Não Deus Pai, mas Deus Filho quem se manifestou no AT](#)

[Idólatras antes, herdeiros hoje](#)

[Paralelos entre Jacó e Cristo](#)

[O novo Israel nasce da fé e do espírito](#)

[A água e o batismo, a arca e a cruz](#)

[Bênção e maldição na descendência de Sem, Canaã e Jafé](#)

[Necessidade da penitência](#)

[Despedidas](#)

APRESENTAÇÃO

Surgiu, pelos anos 40, na Europa, especialmente na França, um movimento de interesse voltado para os antigos escritores cristãos e suas obras conhecidos, tradicionalmente, como “Padres da Igreja”, ou “santos Padres”. Esse movimento, liderado por Henri de Lubac e Jean Daniélou, deu origem à coleção “Sources Chrétiennes”, hoje com mais de 400 títulos, alguns dos quais com várias edições. Com o Concílio Vaticano II, ativou-se em toda a Igreja o desejo e a necessidade de renovação da liturgia, da exegese, da espiritualidade e da teologia a partir das fontes primitivas. Surgiu a necessidade de “voltar às fontes” do cristianismo.

No Brasil, em termos de publicação das obras destes autores antigos, pouco se fez. Paulus Editora procura, agora, preencher este vazio existente em língua portuguesa. Nunca é tarde ou fora de época para rever as fontes da fé cristã, os fundamentos da doutrina da Igreja, especialmente no sentido de buscar nelas a inspiração atuante, transformadora do presente. Não se propõe uma volta ao passado através da leitura e estudo dos textos primitivos como remédio ao saudosismo. Ao contrário, procura-se oferecer aquilo que constitui as “fontes” do cristianismo para que o leitor as examine, as avalie e colha o essencial, o espírito que as produziu. Cabe ao leitor, portanto, a tarefa do discernimento. Paulus Editora quer, assim, oferecer ao público de língua portuguesa, leigos, clérigos, religiosos, aos estudiosos do cristianismo primevo, uma série de títulos, não exaustiva, cuidadosamente traduzidos e preparados, dessa vasta literatura cristã do período patrístico.

Para não sobrecarregar o texto e retardar a leitura, procurou-se evitar anotações excessivas, as longas introduções estabelecendo paralelismos de versões diferentes, com referências aos empréstimos da literatura pagã, filosófica, religiosa, jurídica, às infindas controvérsias sobre determinados textos e sua autenticidade. Procurou-se fazer com que o resultado desta pesquisa original se traduzisse numa edição despojada, porém, séria.

Cada autor e cada obra terão uma introdução breve com os dados biográficos essenciais do autor e um comentário sucinto dos aspectos literários e do conteúdo da obra suficientes para uma boa compreensão do texto. O que interessa é colocar o leitor diretamente em contato com o texto. O leitor deverá ter em mente as enormes diferenças de gêneros literários, de estilos em que estas obras foram redigidas: cartas, sermões, comentários bíblicos, paráfrases, exortações, disputas com os heréticos, tratados teológicos vazados em esquemas e categorias filosóficas de tendências diversas, hinos litúrgicos. Tudo isso inclui, necessariamente, uma disparidade de tratamento e de esforço de compreensão a um mesmo tema. As constantes, e por vezes longas, citações bíblicas ou simples transcrições de textos escriturísticos, devem-se ao fato que os Padres escreviam suas reflexões sempre com a Bíblia numa das mãos.

Julgamos necessário um esclarecimento a respeito dos termos patrologia, patrística e padres ou pais da Igreja. O termo patrologia designa, propriamente, o estudo sobre a vida, as obras e a doutrina dos pais da Igreja. Ela se interessa mais pela história antiga incluindo também obras de escritores leigos. Por patrística se entende o estudo da doutrina, as origens dessa doutrina, suas dependências e empréstimos do meio cultural, filosófico e pela evolução do pensamento teológico dos pais da Igreja. Foi no século XVII que se criou a expressão “teologia patrística” para indicar a doutrina dos padres da Igreja distinguindo-a da “teologia bíblica”, da “teologia escolástica”, da “teologia simbólica” e da “teologia especulativa”. Finalmente, “Padre ou Pai da Igreja” se refere a escritor leigo, sacerdote ou bispo, da antiguidade cristã, considerado pela tradição posterior como testemunho particularmente autorizado da fé. Na tentativa de eliminar as

ambigüidades em torno desta expressão, os estudiosos convencionaram em receber como “Pai da Igreja” quem tivesse estas qualificações: ortodoxia de doutrina, santidade de vida, aprovação eclesiástica e antiguidade. Mas, os próprios conceitos de ortodoxia, santidade e antiguidade são ambíguos. Não se espere encontrar neles doutrinas acabadas, buriladas, irrefutáveis. Tudo estava ainda em ebulição, fermentando. O conceito de ortodoxia é, portanto, bastante largo. O mesmo vale para o conceito de santidade. Para o conceito de antiguidade, podemos admitir, sem prejuízo para a compreensão, a opinião de muitos especialistas que estabelece, para o Ocidente, Igreja latina, o período que, a partir da geração apostólica, se estende até Isidoro de Sevilha (560-636). Para o Oriente, Igreja grega, a antiguidade se estende um pouco mais até a morte de S. João Damasceno (675-749).

Os “Pais da Igreja” são, portanto, aqueles que, ao longo dos sete primeiros séculos, foram forjando, cons-truindo e defendendo a fé, a liturgia, a disciplina, os costumes, e os dogmas cristãos, decidindo, assim, os rumos da Igreja. Seus textos se tornaram fontes de discussões, de inspirações, de referências obrigatórias ao longo de toda tradição posterior. O valor dessas obras que agora Paulus Editora oferece ao público pode ser avaliado neste texto: “Além de sua importância no ambiente eclesiástico, os Padres da Igreja ocupam lugar proeminente na literatura e, particularmente, na literatura greco-romana. São eles os últimos representantes da Antiguidade, cuja arte literária, não raras vezes, brilha nitidamente em suas obras, tendo influenciado todas as literaturas posteriores. Formados pelos melhores mestres da Antiguidade clássica, põem suas palavras e seus escritos a serviço do pensamento cristão. Se excetuarmos algumas obras retóricas de caráter apologético, oratório ou apuradamente epistolar, os Padres, por certo, não queriam ser, em primeira linha, literatos, e sim, arautos da doutrina e moral cristãs. A arte adquirida, não obstante, vem a ser para eles meio para alcançar este fim. (...) Há de se lhes aproximar o leitor com o coração aberto, cheio de boa vontade e bem disposto à verdade cristã. As obras dos Padres se lhe reverterão, assim, em fonte de luz, alegria e edificação espiritual” (B. Altaner; A. Stuiber, Patrologia, S. Paulo, Paulus, 1988, pp. 21-22).

A Editora

INTRODUÇÃO

1. Vida

A julgar pelos nomes de seu pai, Prisco, seu avô, Báquio, e de seu próprio, Justino não é de origem judaica, embora nascido na Samaria. No cabeçalho de sua I Apologia 1,1, ele nos fornece detalhes de suas origens: “Ao imperador... Em prol dos homens de qualquer raça que são injustamente odiados e caluniados, eu, Justino, um deles, filho de Prisco, que o foi de Báquio, natural de Flávia Neápolis, na Síria Palestina, compus este discurso e esta petição”.

Flávia Neápolis foi fundada no ano 72 de nossa era, por Vespasiano, sobre a antiga Siquém. A cidade existe hoje sob o nome de Naplusa. Não se deve esquecer a importância deste sítio geográfico para a história religiosa de judeus e cristãos. Foi em Siquém que Deus apareceu a Abraão e este lhe dedicou um altar (cf. Gn 12,6-7). Ali se conservava a memória de um “poço de Jacó”, junto ao qual Jesus dialogou com a samaritana (cf. Jo 4,5-6). Foi em Siquém que Josué reuniu a grande assembléia das tribos para ratificar a aliança entre Deus e seu povo (cf. Js 24).

Outro dado indicativo de que Justino não era de origem judaica é que não conhecia o hebraico e não sofrera nenhuma influência do ambiente samaritano, nem mesmo era circunciso (cf. *Diál.* 28).

A data de seu nascimento deve ser situada por volta do ano 100 d.C. Sua conversão ao cristianismo parece ter ocorrido por volta do ano 132. Seriam duas as razões principais desta conversão: o desencanto com as filosofias que não lhe proporcionavam o saber tão procurado, e o corajoso enfrentamento da morte por parte dos cristãos. Nestas circunstâncias, o encontro com o ancião à beira mar, quando buscava a solidão, foi o ato decisivo (cf. *Diál.* 3).

Sua formação intelectual foi das mais aprimoradas. Segundo seu próprio testemunho, percorreu cidades e escolas filosóficas desejoso de conhecer a verdade, de tornar-se sábio. “Ardendo para ouvir o que é próprio e excelente na filosofia”, frequentou os estóicos, peripatéticos, pitagóricos e platônicos (cf. *Diál.* 2,1-6) sem, contudo, encontrar respostas para seus anseios e suas indagações. Finalmente, através do ancião, teve conhecimento da “única filosofia certa e digna”, o cristianismo (*Diál.* 3-8).

Foi em Roma que Justino exerceu a maior parte de sua atividade. Ali abriu e dirigiu uma escola filosófica e escreveu suas obras.

Acusado perante Júnio Rústico, pelo filósofo cínico Crescente, foi decapitado, segundo a tradição, no ano 165. Há um relato de sua morte considerado autêntico, no *Martirium S. Iustini et Sociorum*, baseado nas atas oficiais do tribunal que o condenou. Segundo este documento, seis companheiros, discípulos provavelmente, o acompanharam no martírio.

2. As obras

Justino é, certamente, o melhor apologista do século II. Seu estilo, contudo, não é atraente. Não domina com mestria a arte de escrever. Nem chega a ser um pensador original e profundo, mas está a par das correntes filosóficas de seu tempo. É, assim, um grande erudito e um escritor convicto.

A dar crédito à declaração de Eusébio de Cesaréia, “Justino nos deixou um grande número de obras que testemunham uma inteligência culta e entregue ao estudo das coisas divinas, cheias de toda utilidade. A elas remeteremos os amigos do saber, depois de ter citado ultimamente as que vieram ao nosso conhecimento”. Quais seriam estas obras que chegaram até Eusébio e quais as que chegaram até nós? À primeira parte da pergunta responde o próprio Eusébio: “Em primeiro lugar, um discurso dirigido a Antonino, por sobrenome Pio, aos seus filhos e ao Senado romano, em favor de nossas doutrinas. Depois outro que contém a segunda Apologia em favor de nossa fé, dirigido ao que foi

suces-sor do citado imperador e leva seu mesmo nome de An-tonino Vero, de cujo tempo estamos no presente falando (Marco Aurélio). Há outro discurso aos gregos no qual, fazendo larga exposição das questões discutidas entre nós e entre os filósofos gregos, discute sobre a natureza dos demônios (...). Chegou até nós ainda, outro escrito dirigido aos gregos, que intitulou *Refutação*, e outro *Sobre a monarquia de Deus*, que ele funda não só por nossas Escrituras, mas também pelos livros dos gregos. Além destes, há um intitulado *Psaltès*, e outro compos-to de escólios *Sobre a alma*, no qual, depois de expor as diversas opiniões relativas ao objeto de sua obra, propõe as opiniões dos filósofos gregos, que promete refutar, e expor sua própria opinião em outro escrito. Compôs também um *Diálogo contra os judeus*, que teve na ci-dade de Éfeso com Trifão, um dos mais famosos hebreus de então. Neste *Diálogo*, manifesta como a graça divina o conduziu à doutrina da fé, com que zelo havia anteriormente se dedicado às disciplinas filosóficas, e com que extraordinário fervor havia buscado a verdade (...). Muitos outros trabalhos seus correm entre os irmãos. Os escritos deste homem pareceram tão dignos de atenção que Ireneu cita palavras suas, primeiro no livro IV *Contra as Heresias*...” (HE, IV,18,1-9).

O próprio Justino alude, na *I Apol.* 26,8, a um escrito seu *Contra todas as heresias que existiram até o presente* e que estava disposto a pô-lo em mãos do imperador. Ireneu cita ainda um *Contra Marcião*, que se perdeu. Contudo, respondendo à segunda parte da pergunta, de todas estas obras citadas como sendo de Justino, somente chegaram até nós, como autênticas, as duas *Apologias* e o *Diálogo com Trifão*.

Concluindo esta apresentação geral, permitam-nos tomar as observações de um especialista: “O que, em Justino, conquista imediatamente nossa simpatia é o que eu chamaria de boa vontade de transparência de sua alma, sincera, leal, ardente entre todas. Essa alma se nos revela desde as primeiras linhas da *Apologia*; na dedicatória mesma, poucas palavras há, na literatura cristã primitiva, tão impressionantes como estas simples palavras: um deles. O que atrai e retém sobre ele a atenção do historiador é que o vemos preocupado, pela primeira vez, embora de maneira bastante confusa, pelo grande problema que a escola de Alexandria definirá muito mais exatamente, examinará com mais amplidão e método e resolve-rá, conseqüentemente, com mais êxito: o problema das relações entre a filosofia e a fé. A vida moral e intelectual de Justino tem sua fonte numa e noutra e pode-se dizer que ele soube conciliá-las, pois viveu de uma e de outra, já que não pudera viver sacrificando inteiramente uma ou outra” (A. Puech, *Les Apologistes grecs du IIe siècle de notre ère*, Paris, 1922, 52-53).

1. *Data de composição*

A data da composição desta obra pode ser deduzida de alguns dados internos. O primeiro está em sua própria dedicatória: ela é dirigida “Ao imperador Tito Élio Adriano Antonino Pio César Augusto, ao seu filho Veríssimo, filósofo, e a Lúcio, filho natural do César, filósofo e filho adotivo de Pio, amante do saber, ao sacro Senado e a todo o povo romano”. Ora, estes imperadores reinaram do ano 147 ao ano 161. A Apologia deve ter sido escrita ao longo destes 15 anos. Segundo, no capítulo 46,1, Justino menciona que uma das objeções contra a doutrina cristã era a de “dizermos que Cristo nasceu somente há cento e cinquenta anos sob Quirino e ensinou sua doutrina mais tarde, no tempo de Pôncio Pilatos”. Embora se deva tomar o ano cento e cinquenta como um arredondamento, pode-se pensar que a redação da I Apologia não se deu antes desta data. Finalmente, no capítulo 29,2-3, Justino menciona o caso de um jovem cristão que recorreu ao prefeito Félix de Alexandria, suplicando-lhe interceder junto ao governador da província uma licença para se castrar. Ora, os especialistas identificam o prefeito Félix como Minúcio Félix, o qual reinou em Alexandria do ano 148 a 154. A I Apologia, portanto, deve ter sido escrita por volta de 155.

2. *Estrutura e conteúdo da obra*

A I Ap. está assentada numa estrutura ternária. Os caps. 1-3 formam uma introdução. Nela Justino dirige-se ao imperador Antonino Pio e a seus filhos para pleitear a defesa dos cristãos. Roga ao imperador que assuma pessoalmente a análise das acusações que se fazem com frequência contra os cristãos e julgue imparcialmente, sem preconceitos, isto é, não se deixe levar pelo vozerio da plebe. Os caps. 4-12 formam uma parte substancial da I Ap. Nela Justino condena a atitude oficial a respeito dos cristãos. Critica o procedimento judicial seguido regularmente pelo governo contra os cristãos e as falsas acusações lançadas contra eles. Protesta contra a absurda atuação das autoridades que castigam pelo simples fato de alguém reconhecer-se cristão. Para Justino, o nome “cristão” é igual ao de “filósofo”. Não prova nem a culpa nem a inocência de alguém. Estranha maneira esta de condenar alguém somente pelo fato de se chamar “cristão”. Geralmente é por um crime cometido que se condena alguém, não por causa do nome. Aqui, o nome é crime. Mas porque, se este nome não está unido a nenhum ato des-leal? Ao contrário, Justino demonstra que as esperanças escatológicas, o medo da condenação eterna fazem com que os cristãos sejam leais, respeitosos, cidadãos exemplares, exceto no culto aos ídolos. Castiga-se, assim, condena-se só pelo nome, pois basta alguém negar ser cristão para ser libertado, basta confessá-lo para ser condenado. Os crimes dos quais se acusam os cristãos são, portanto, calúnias. Estes, de fato, não são ateus. Negam adoração aos deuses do império porque julgam este ato ridículo. Os cristãos não oferecem a Deus culto material porque o culto agradável é a imitação de suas virtudes.

A defesa dos cristãos não era, contudo, o único fim da Apologia. A melhor defesa é expor a verdade. Justino mostra confiança no poder da verdade. O melhor meio de refutar é, portanto, expor publicamente a verdade da doutrina cristã. Tenta, assim, construir uma justificação da religião cristã. Apresenta com detalhes a doutrina, o batismo e a eucaristia, seus fundamentos históricos e as razões para abraçá-la. É então que Justino recorre à noção de *Lógos* para explicar que Cristo é o primogênito de Deus, o Logos do qual todo o gênero humano compartilha: todos os que vivem em conformidade ao Logos são cristãos, mesmo quando são considerados ateus (I Ap. 64,2-3).

A partir do cap. 18, Justino trata da imortalidade da alma depois da morte com argumentos suspeitos e, da ressurreição que só é possível pela onipotência de Deus. Nos caps. 21-22, estabelece analogias

entre as doutrinas estoica e cristã. Contudo, Justino não percebe que seu caminho é perigoso, minado, pois essa semelhança pode ser arma para negar a divindade e originalidade do cristianismo. Justino estará procurando um meio de se tornar acessível, de ser compreendido, de dizer que o cristianismo não era de outro mundo? Falar a própria língua do pagão? No cap. 23, apresenta um novo plano de demonstração da doutrina cristã. Nos caps. 24-29, só a doutrina recebida de Cristo e dos profetas que o precederam é a verdadeira e mais antiga que todos os escritores anteriores. Dado que o critério da verdade é a antiguidade, Justino, como antes dele os apologistas judaicos, insiste que os filósofos tomaram dos profetas e de Moisés as verdades que expressam em seus ensinamentos (I Ap, 59,1-6; 60,1-7).

Nos caps. 30-53, Justino afirma que, antes da encarnação, os demônios inventaram muitas armadilhas para apartar os homens da fé naquele mistério. Aí Justino identifica Cristo com a alma do mundo de Platão (Timeu, 366). Para ele, Platão teria haurido esta verdade de Nm 21,7-8. Finalmente, Justino defende os cristãos dizendo que neles o imperador tem os melhores colaboradores. Porque os cristãos são fiéis ao Evangelho, são também leais ao imperador e cumprem com mais fervor e prontidão do que nenhum outro cidadão seus deveres, “pois nosso Mestre nos ensinou a dar a Deus o que é de Deus e a César o que é de César”, isto é, adoração a Deus e só serviço e tributo a César. Portanto, não são inimigos do império, mas pela doutrina e pelo comportamento são os melhores servidores dos governadores, para manter a paz. Infelizmente, Justino apresenta a religião cristã como garantia, como estrutura que ajuda a manter a “ordem social”. O cristianismo perde assim toda sua força questionadora das estruturas dominantes, opressoras. No cap. 11, Justino diz que os cristãos não esperam por “reino deste mundo”. Logo, os cristãos não merecem ser perseguidos nem quanto à religião, nem por sua atitude ante o império.

Como explicar, então, as perseguições contra os cristãos? Por que gente de bem é perseguida enquanto os idólatras, adúlteros não são molestados? Para Justino, a perseguição contra os cristãos é instigação dos demônios. Aqui Justino se mostra inteiramente dependente de seu meio e de seu tempo. É também um dos pontos fracos de sua argumentação. O propósito dos demônios é de reduzir os homens a seus servos e assistentes. São instigadores do paganismo antes da vinda de Cristo e dos hereges agora.

BIBLIOGRAFIA

- ALTANER, E.; STUIBER, A., *Patrologia. Vida, obras e doutrina dos Padres da Igreja*, 2ª ed., S. Paulo, Paulus, 1988, pp. 75-81.
- BARNARD, L., *Justin Martyr, his life and thought*, Cambridge, 1967.
- BELLINI, E., “Dio nel pensiero di San Giustino”, em *La Scuola Cattolica* 90, 1962, pp. 387-406.
- BUENO, D.R., *Acta de los Mártires*, Madrid, BAC, 75, 1968, pp. 302-316.
- BOURGEOIS, D., *La Sagesse des Anciens dans le mystère du Verbe. Evangile et philosophie de Saint Justin*, Paris, 1981.
- CANTALAMESSA, “Cristianesimo primitivo e filosofia greca”, em *Il Cristianesimo e le filosofie*, a cura de R.C., Milão, 1971, pp. 26-57.
- DANIELOU, J., *Messaggio evangelico e cultura ellenistica*, Bologna, 1975, em particular, as pp. 52-62; 193-204; 241-263; 407-420.
- HAMMAN, A., *Os Padres da Igreja*, 3ª ed., S. Paulo, Paulus, 1980, pp. 25-34.
- JOLY, R., *Cristianisme et philosophie. Étude sur Justin et les apologistes du IIe siècle*, Bruxelas, 1973.
- JOSSA, G., *La teologia della storia nel pensiero cristiano del secondo secolo*, Nápoles, 1965; sobre Justino, pp. 169-210.
- MAZZUCCO, C.; PIETRELLA, E., “Il rapporto tra le concezioni del Millennio dei primi cristiani e l’Apocalisse di Giovanni”, em *Augustinianum* 18, 1978, pp. 38-41.
- NOCE, C., “Giustino: Il nome di Dio”; em *Divinitas* 23, 1979, pp. 220-238.
- OTRANTO, G., *Esegesi biblica e storia in Giustino (Dial. 63-84)*, Bari, 1979.
- PELLEGRINO, M., *Gli apologeti greci del II secolo. Saggio sui rapporti fra il cristianesimo primitivo e la cultura classica*, Roma, 1947.
- PRIGENT, P., *Justin et l’Ancien Testament, L’Argumentation scripturaire du Traité de Justin contre toutes les hérésies comme source principale du Dialogue avec Triphon et la première Apologie*, Paris, 1964.
- QUASTEN, J., *Patrologia I*, 2ª ed., Madrid, BAC, 1968, 196-218.
- RORDORF, W., “La Trinité dans les écrits de Justin Martyr”, em *Augustinianum* 20, 1970, pp. 285-297.
- SEBUGAL, S., “El vocabulario pneumatológico en la obra de S. Justino y sus implicaciones teológicas”, em *Augustinianum* 13, 1973, pp. 459-467.
- WINDEN, J.C.M. Van, “Le Christianisme et la Philosophie. Le commencement du Dialogue entre la foi et la raison”, em *Kyriakon I*, Münster, 1970, pp. 205-213.

I APOLOGIA

1. ¹Ao imperador Tito Élio Adriano Antonino Pio César Augusto, ao seu filho Veríssimo, filósofo, e a Lúcio, filho natural do César, filósofo e filho adotivo de Pio, amante do saber, ao sacro Senado e a todo o povo romano.

Em prol dos homens de qualquer raça que são injustamente odiados e caluniados, eu, Justino, um deles, filho de Prisco, que o foi de Báquio, natural de Flávia Neápolis na Síria Palestina, compus este discurso e esta súplica.

2. ²A razão exige dos que são verdadeiramente piedosos e filósofos que, desprezando as opiniões dos antigos, se estas são más, estimem e amem apenas a verdade. De fato, o raciocínio sensato não só exige que se abandonem os que realizaram e ensinaram algo injustamente, mas também que o amante da verdade, de todos os modos e acima da própria vida, mesmo que seja ameaçado de morte, deve estar sempre decidido a dizer e praticar a justiça. Vós ouvis em toda parte que sois chamados piedosos e filósofos, guardiães da justiça e amantes da instrução; mas que o sejais realmente, é coisa que deverá ser demonstrada. ³Com o presente escrito, não pretendemos bajular-vos, nem dirigir-vos um discurso como mero agrado, mas pedir-vos que realizeis o julgamento contra os cristãos conforme o exato discernimento da investigação, e não deis a sentença contra vós mesmos, levados pelo preconceito ou pelo desejo de agradar homens supersticiosos, ou movidos por impulso irracional ou por boato crônico. De fato, vos dizemos: estamos convencidos de que, através de ninguém, pode ser feito algum mal a nós, enquanto não se demonstrar que somos praticantes da maldade ou nos reconheçamos como malvados. Vós podeis matar-nos, mas não condenar-nos.

3. ¹Para que não se pense que se trata de alguma fan-farronada nossa e opinião audaciosa, pedimos sejam examinadas as acusações contra os cristãos. Se for demonstrado que são reais, castiguem-nos como é conveniente que sejam castigados os réus convictos; porém, se não há nenhum crime para interrogá-los, o verdadeiro discurso proíbe que, por um simples boato malévolo, se cometa injustiça contra homens inocentes ou, melhor dizendo, a cometais contra vós mesmos, que acreditais ser justo que os assuntos sejam resolvidos não por julgamento, mas por paixão. ²Com efeito, todo homem sensato manifestará que a melhor exigência, ou ainda mais, que a única exigência justa é que os súditos possam apresentar uma vida e um pensar irrepreensíveis e que, por outro lado, igualmente os mandantes dêem sua sentença não levados pela violência e tirania, mas segundo a piedade e a filosofia. Só assim governantes e governados podem gozar de felicidade.

³Foi assim que, em algum lugar, um dos antigos disse: “Se os governantes e os governados não forem filósofos, não é possível os Estados prosperarem”. ⁴Cabe a nós, portanto, expor ao exame de todos a nossa vida e os nossos ensinamentos, para que não nos tornemos responsáveis pelo castigo daqueles que, ignorando a nossa religião, pecam por cegueira contra nós. Contudo, o vosso dever é também ouvir-nos e mostrar-vos bons juízes. ⁵Com efeito, daqui para frente, informados como estais, caso não ajais com justiça, não tereis nenhuma desculpa diante de Deus.

Não se deve castigar um nome

4. ¹Não se deve julgar que alguém seja bom ou mau por levar um nome, se prescindimos das ações que tal nome supõe. Além disso, se se examina aquilo de que nos acusam, somos os melhores homens. ²Todavia, como não consideramos justo pretender que nos absolvam por nosso nome se estamos convictos de maldade; do mesmo modo, se nem por nosso nome, nem por nossa conduta se constata que tenhamos cometido crime, o vosso dever é empenhar-vos para não vos tornardes

responsáveis de castigo, condenando injustamente aqueles que não foram convencidos judicialmente. ³Com efeito, em sã razão, de um nome não se pode originar elogio ou reprovação, se não se puder demonstrar por fatos alguma coisa virtuosa ou vituperável. ⁴Não castigais ninguém que foi acusado diante dos vossos tribunais antes que ele seja réu convicto. Contudo, quando se trata de nós, tomais o nome como prova, sendo que, se for pelo nome, deveríeis antes castigar os nossos acusadores. ⁵De fato, acusam-nos de ser cristãos, isto é, bons, mas odiar o que é bom não é coisa justa. ⁶Além disso, basta que um acusado negue com a palavra ser cristão, vós o pondes em liberdade, como quem não tem outro crime a ser acusado; mas quem confessa que é cristão, vós o castigais apenas por essa confissão. O que se deveria fazer é examinar a vida tanto daquele que confessa, como daquele que nega, a fim de pôr às claras, por suas obras, a qualidade de cada um. ⁷De fato, da maneira como alguns, apesar de terem aprendido de seu mestre Cristo a não negá-lo, são induzidos a isso ao serem interrogados; da mesma forma, com sua vida má, eles talvez dêem motivo àqueles que estão dispostos a ca-luniar de impiedade e iniquidade todos os cristãos.

⁸Mas nem nisso se procede retamente. Sabe-se que o nome e a aparência de filósofo alguns se arrogam sem terem praticado nenhuma ação digna de sua profissão, e não ignorais que aqueles dos antigos, que professam opiniões e doutrinas contrárias, entram todos na denominação comum de filósofos. ⁹Entre eles, houve os que ensinaram o ateísmo, e os que foram poetas contam as imprudências de Zeus com seus filhos. Todavia, não proibis ninguém de professar as doutrinas deles; ao contrário, dais prêmios e honras para aqueles que clara e elegantemente insultam os vossos deuses.

A obra dos demônios

5. ¹O que pode haver nisso? Nós fizemos profissão de não cometer nenhuma injustiça e não admitir essas ímpias opiniões. Vós, porém, não examinais nossos juízos, mas, movidos de paixão irracional e aguilhoados por demônios perversos, nos castigais sem nenhum processo e sem sentir remorso algum por isso.

²Digamos a verdade: antigamente, alguns demônios perversos, fazendo suas aparições, violaram as mulheres, corromperam os jovens e mostraram espantinhos aos homens. Com isso, ficaram apavorados aqueles que não julgavam pela razão as ações praticadas e assim, levados pelo medo e não sabendo que eram demônios maus, deram-lhes nomes de deuses e chamaram cada um com o nome que cada demônio havia posto em si mesmo. ³Quando Sócrates, com raciocínio verdadeiro e investigando as coisas, tentou esclarecer tudo isso e afastar os homens dos demônios, estes conseguiram, por meio de homens que se comprazem na maldade, que ele também fosse executado como ateu e ímpio, alegando que ele estava introduzindo novos demônios. Tentam fazer o mesmo contra nós. ⁴De fato, por obra de Sócrates, não só entre os gregos se demonstrou pela razão a ação dos demônios, mas também entre os bárbaros, pela razão em pessoa, que tomou forma, se fez homem e foi chamado Jesus Cristo. Pela fé que nele temos, não dizemos que os demônios que fizeram essas coisas são bons, mas demônios malvados e ímpios, que não alcançam ou praticam ações semelhantes, nem mesmo aos homens que aspiram à virtude.

Não somos ateus

6. ¹Por isso, também nós somos chamados de ateus; e, tratando-se desses supostos deuses, confessamos ser ateus. Não, porém, do Deus verdadeiríssimo, pai da justiça, do bom senso e das outras virtudes, no qual não há mistura de maldade. ²A ele e ao Filho, que dele veio e nos ensinou

tudo isso, ao exército dos outros anjos bons, que os seguem e lhes são semelhantes, e ao Espírito profético, nós cultuamos e adoramos, honrando-os com razão e verdade, e ensinando generosamente, a quem deseja sabê-lo a mesma coisa que aprendemos.

Não castigueis nossos acusadores

7. ¹Poderão nos objetar que alguns detidos foram condenados como malfeitores. ²Pode ser. Contudo, muitas vezes condenais muitos outros, depois de averiguar a vida de cada um dos acusados, mas não os condenais pelos motivos de que antes foram condenados. ³De modo geral, não há inconveniente em confessar que, da mesma forma que entre os gregos, aos que seguem as opiniões que lhes agradam todo mundo lhes dá o nome de filósofos, como também entre os bárbaros levam um nome comum os que foram e pareceram sábios, o mesmo acontece com os cristãos. ⁴Nós vos pedimos, portanto, que sejam examinadas as ações de todos os que vos são denunciados, a fim de que o culpado seja castigado como iníquo, mas não como cristão; por outro lado, aquele que for comprovadamente inocente, seja absolvido como cristão, por não ter cometido nenhum crime. ⁵Com efeito, não pedimos que castigueis os nossos acusadores, pois eles já padecem bastante com a maldade que levam consigo e com a sua ignorância do bem.

Não queremos mentir

8. ¹Considerai que vos dissemos essas coisas para o vosso interesse, pelo fato de que está em nós a possibilidade de negar, quando somos interrogados. ²Todavia, não queremos viver na mentira, pois, desejando a vida eterna e pura, aspiramos à convivência com Deus, Pai e artífice do universo. E, por isso, nós nos apressamos em confessar a nossa fé, pois estamos persuadidos e acreditamos que esses bens podem ser conseguidos por aqueles que por suas obras demonstraram ter seguido a Deus e desejado sua convivência, onde nenhuma maldade poderá nos atingir. ³De fato, dizendo de maneira breve, isso é o que esperamos, isso é o que aprendemos de Cristo e ensinamos. ⁴De modo semelhante, Platão também disse que Minos e Radamante castigarão os iníquos que se apresentam diante deles. Nós afirmamos que isso acontecerá, mas através de Cristo, e que o castigo que receberão em seus corpos unidos às suas almas será eterno, e não só por um período de mil anos, como ele disse. Se alguém diz que isso é incrível ou impossível, nós é que fomos enganados e não outro, até que não sejamos acusados de ter cometido alguma injustiça em nossas ações.

Vaidade da idolatria

9. ¹Também não honramos, com muitos sacrifícios e coroas de flores, esses que os homens, depois de dar-lhes forma e colocá-los nos templos, chamam de deuses. Com efeito, sabemos que são coisas sem alma e mortas, que não têm forma de Deus. Nós não cremos que Deus tenha semelhante forma, que alguns dizem imitar para tributar-lhes honra. Na verdade, o nome e figura que levam são daqueles maus demônios que um dia apareceram no mundo. ²Por acaso, é preciso explicar-vos, se já o sabeis, a maneira como os artesãos dispõem a matéria, ora polindo e cortando, ora fundindo e cinzelando? ³Não só consideramos isso irracional, mas também um insulto a Deus, pois, tendo ele glória e forma inefável, dá-se o nome de Deus a coisas corruptíveis e que necessitam de cuidado. Muitos, apenas mudando a figura e dando forma conveniente através da arte, dão o nome de deus àquilo que serviu de instrumento ignominioso. ⁴E vós sabeis perfeitamente que os artesãos de tais deuses são pessoas dissolutas, que vivem envoltas na maldade, o que não vou contar aqui em pormenores. Entre eles não faltam os que corrompem as escravas que trabalham ao lado deles. ⁵É

estupidez dizer que homens intemperantes fabricam e transformam deuses para ser adorados e que tais pessoas servem como guardas dos templos nos quais aqueles são colocados! E não percebem que já é impiedade pensar ou dizer que os homens podem ser guardiães dos deuses!

O melhor sacrifício é a virtude

10. ¹Além disso, aprendemos que Deus não tem necessidade de nenhuma oferta material dos homens, pois vemos que é ele quem nos concede tudo. Em troca, nos foi ensinado, e disso estamos persuadidos e assim o cremos, que lhe são gratos somente aqueles que lhe procuram imitar os bens que lhe são próprios: o bom senso, a justiça, o amor aos homens e tudo o que convém a um Deus que não pode ser chamado por nenhum nome imposto. ²Também nos foi ensinado que, por ser bom, no princípio ele fez todas as coisas de uma matéria informe, por amor aos homens. Recebemos a crença de que ele concederá a sua convivência, participando do seu reino, tornados incorruptíveis ou impassíveis, aos homens que por suas obras se mostrem dignos do desígnio de Deus. ³De fato, do mes-mo modo como no princípio nos fez do não ser, assim tam-bém cremos que àqueles que escolheram o que lhe é grato, concederá a incorruptibilidade e a convivência com ele, como prêmio dessa mesma escolha. ⁴Com efeito, ser criados no princípio não foi mérito nosso; mas agora ele nos persuade e nos conduz à fé para que sigamos o que lhe é grato, por livre escolha, através das potências racionais, com que ele mesmo nos presenteou. ⁵Consideramos ainda ser de interesse para todos os homens que não se impeça a eles de aprender estes ensinamentos, mas sejam exortados neles. ⁶De fato, o que as leis humanas não conse-guiram, o Verbo divino já o teria realizado, se os malvados demônios não tivessem espalhado muitas calúnias ím-pias, tomando como aliada a paixão que habita em cada um, má para tudo e multiforme por natureza; nós não temos nada a ver com essas calúnias.

Nosso reino não é deste mundo

11. ¹Até vós, apenas ouvindo que esperamos um reino, logo supondes, sem nenhuma averiguação, que se trata de reino humano, quando nós falamos do Reino de Deus. Isso aparece claro pelo fato de que, ao sermos interrogados por vós, confessamos ser cristãos, sabendo como sabemos que tal confissão traz consigo a pena de morte. ²De fato, se esperássemos um reino humano, o negaríamos para evitar a morte e procuraríamos viver escondidos, a fim de conseguir o que esperamos; mas como não depositamos nossa espe-rança no presente, não nos importamos que nos matem, além do que, de qualquer modo, haveremos de morrer.

Somos vossos aliados para a paz

12. ¹Somos vossos melhores ajudantes e aliados para a manutenção da paz, pois professamos doutrinas, como a de que não é possível ocultar de Deus o malfeitor, o avaro, o conspirador ou o homem virtuoso, e que cada um caminha para o castigo ou salvação eterna, conforme o mérito de suas ações. ²Com efeito, se todos os homens conhecessem isso, ninguém escolheria por um momento a maldade, sabendo que caminharia para sua condenação eterna pelo fogo, mas se conteria de todos os modos e se adornaria com a virtude, a fim de conseguir os bens de Deus e livrar-se dos castigos. ³De fato, aqueles que agora, por medo das leis e dos castigos por vós impostos, ao cometer seus crimes procuram escondê-los, porque sabem que sois homens e que, por isso, é possível ocultá-los de vós, se se inteirassem e se persuadissem de que não se pode ocultar nada a Deus, não só uma ação, mas sequer um pensamento, ao menos por causa do castigo se moderariam de todos os modos,

como vós mesmos haveis de convir. ⁴Todavia, até parece que temeis que todos se decidam a fazer o bem e não tenhais a quem castigar, coisa que conviria melhor a verdugos do que a príncipes bons. ⁵Estamos persuadidos, porém, de que isso também, como dissemos, é obra dos demônios perversos, os quais exigem sacrifícios e culto dos que vivem irracionalmente; contudo, jamais supusemos que vós, amantes da piedade e da filosofia, façais algo irracionalmente. ⁶Mas se também tendes mais estima pelo costume do que pela verdade, fazei o que podeis; sabeis, porém, que os governantes que colocam a opinião acima da verdade só podem fazer o que fazem os bandidos em lugar despovoado. ⁷Que isso, porém, não vos será de bom augúrio, o Verbo o demonstra, ele que é o rei mais alto, o governante mais justo que conhecemos, depois de Deus que o gerou. ⁸Com efeito, do mesmo modo como todos recusam a pobreza, o sofrimento e a desonra paterna, assim também não haverá homem sensato que aceite aquilo que a razão ordena não aceitar. ⁹Que tudo isso aconteceria, como digo, o predisse nosso Mestre, que é ao mesmo tempo filho e legado de Deus pai e soberano do universo, Jesus Cristo, do qual também originou-se o nosso nome de cristãos. ¹⁰Disso provém nossa firmeza em aceitar seus ensinamentos, pois se manifesta realizado tudo quanto ele predisse que aconteceria. Eis a obra de Deus: dizer as coisas antes que aconteçam e depois mostrar o acontecido tal qual ele foi predito. ¹¹Poderíamos terminar aqui o nosso discurso, sem acrescentar mais nada, considerando que pedimos coisas justas e verdadeiras. Todavia, como sabemos não ser fácil mudar às pressas uma alma possuída pela ignorância, determinamos acrescentar mais alguns breves pontos, a fim de persuadir os amantes da verdade, pois sabemos que quando esta é proposta, a ignorância bate em retirada.

Profissão de fé cristã

13. ¹Que não somos ateus, quem estiver em são juízo o dirá, pois cultuamos o Criador deste universo, do qual dizemos, conforme nos ensinaram, que não tem necessidade de sangue, libações ou incenso. Em lugar de todas as ofertas, nós o louvamos conforme nossas forças, com palavras de oração e ação de graças. Aprendemos que o único louvor digno dele não é queimar no fogo o que por ele foi criado para nosso alimento, mas oferecê-lo para nós mesmos e para os necessitados. ²Depois, mostrando-nos a ele agradecidos, dirigir-lhe por nossa palavra louvores e hinos por ter-nos criado, por todos os meios de saúde, pela variedade das espécies e mudanças das estações, ao mesmo tempo que lhe suplicamos que nos conceda de novo a incorruptibilidade pela fé que nele temos. ³Em seguida, demonstramos que, com razão, honramos também Jesus Cristo, que foi nosso Mestre nessas coisas e para isso nasceu, o mesmo que foi crucificado sob Pôncio Pilatos, procurador na Judéia no tempo de Tibério César. Aprendemos que ele é o Filho do próprio Deus verdadeiro, e o colocamos em segundo lugar, assim como o Espírito profético, que pomos no terceiro. De fato, tacham-nos de loucos, dizendo que damos o segundo lugar a um homem crucificado, depois do Deus imutável, aquele que existe desde sempre e criou o universo. É que ignoram o mistério que existe nisso e, por isso, vos exortamos que prestéis atenção quando o expomos.

Homens novos pela fé em Cristo

14. ¹De antemão vos avisamos que tenhais cuidado, para não serdes enganados por esses mesmos demônios que acabamos de acusar e assim eles vos impeçam totalmente de ler e entender o que dizemos, pois eles lutam para tê-los como seus escravos e servidores. Por aparições em sonhos ou por artes de magia, eles se apoderam de todos aqueles que, de um ou outro modo, não trabalham por sua própria salvação. Depois de crer no Verbo, nós nos afastamos deles e, por meio do Filho,

seguimos o único Deus unigênito. ²Antes, nós nos comprazíamos na dissolução; agora, abraçamos apenas a temperança; antes, nos entregávamos às artes mágicas; agora, nos consagramos ao Deus bom e ingênito; antes, amávamos, acima de tudo, o dinheiro e as rendas de nossos bens; agora, colocamos em comum o que possuímos e disso damos uma parte para todo aquele que está necessitado; ³antes, nós nos odiávamos e nos matávamos mutuamente e não compartilhávamos o lar com aqueles que não pertenciam à nossa raça pela diferença de costumes; agora, depois da aparição de Cristo, vivemos todos juntos, rezamos por nossos inimigos e tratamos de persuadir os que nos aborrecem injustamente, a fim de que, vivendo conforme os belos conselhos de Cristo, tenham boas esperanças de alcançar conosco os mesmos bens que esperamos de Deus, soberano de todas as coisas.

⁴Todavia, para que não pareça que pretendemos vos enganar, acreditamos ser oportuno, antes da demonstração, recordar alguns ensinamentos do mesmo Cristo, deixando para vós, como poderosos imperadores, a tarefa de examinar se, de fato, é isso que nos ensinaram e que nós ensinamos. ⁵Seus discursos, porém, são breves e sintéticos, pois ele não era nenhum sofista, mas sua palavra era uma força de Deus.

A doutrina de Cristo

15. ¹Sobre a temperança, ele disse o seguinte: “Aquele que olhar para uma mulher para desejá-la, diante de Deus já cometeu adultério em seu coração”^a. ²E: “Se o teu olho direito te scandaliza, arranca-o, pois é melhor entrar no reino dos céus com um só olho do que ser mandado para o fogo eterno com os dois”^b. ³E: “Aquele que se casa com a divorciada de outro marido comete adultério”^c. ⁴E: “Há alguns que foram mutilados pelos homens, há também aqueles que já nasceram mutilados; mas há aqueles que se mutilaram a si mesmos por causa do reino dos céus. Mas nem todos compreendem isso”^d. ⁵De modo que, para o nosso Mestre, não só são pecadores os que contraem duplo matrimônio, conforme a lei humana, mas também os que olham para uma mulher para desejá-la. Com efeito, para ele não só se rejeita aquele que de fato comete adultério, mas também aquele que quer cometê-lo, pois diante de Deus, tanto as obras como os desejos estão manifestos. ⁶Entre nós há muitos homens e mulheres que, tornando-se discípulos de Cristo desde criança, permanecem incorruptos até os sessenta e setenta anos. E eu me glorio de mostrá-los entre toda a raça dos homens. ⁷Isso sem contar a multidão inumerável dos que se converteram de uma vida dissoluta e aprenderam esta doutrina, pois Cristo não veio chamar os justos e os temperantes para a penitência, mas os ímpios, intemperantes e injustos. ⁸De fato, ele disse: “Não vim chamar os justos, mas os pecadores para a penitência”^e. O Pai celestial prefere a penitência do pecador ao seu castigo.

⁹Sobre amar a todos, ensinou o seguinte: “Se amais os que vos amam, que novidade fazeis? Os fornicadores também não fazem isso? Eu, porém, vos digo: Orai por vossos inimigos, amai os que vos odeiam e orai pelos que vos caluniam”^f. ¹⁰Sobre repartir o que temos com os necessitados e não fazer nada por ostentação, ele disse: “Dai a todo aquele que vos pedir, e não vos afasteis daquele que quer pedir-vos um empréstimo”^g. De fato, se emprestais apenas àqueles de quem esperais receber, que novidade fazeis? Até os publicanos fazem isso”^h. ¹¹Vós, porém, não entesoureis para vós sobre a terra, onde a traça e a ferrugem destroem e os ladrões escavam, mas entesourai para vós nos céus, onde nem a traça, nem a ferrugem destroem”ⁱ. ¹²Com efeito, o que adianta ao homem ganhar o mundo inteiro, se perder a sua alma? O que dará em troca dela?”^j Entesourai, portanto, nos céus, onde nem a traça, nem a ferrugem destroem”^k. ¹³E: “Sede bons e misericordiosos, assim como vosso Pai é bom e misericordioso e faz sair o seu sol sobre pecadores, justos e maus.”^l ¹⁴Não vos preocupeis sobre o que

comer ou vestir. Não valeis mais do que os pássaros e as feras? E Deus as alimenta. ¹⁵Não vos preocupeis, portanto, sobre o que comereis ou que vestireis, pois vosso Pai celeste sabe que tendes necessidade dessas coisas. ¹⁶Buscai antes o reino dos céus, e tudo isso vos será dado em acréscimo^m. Com efeito, onde está o tesouro, aí também está o pensamento do homem”ⁿ. ¹⁷E: “Não façais essas coisas para serdes vistos pelos homens, pois nesse caso não tereis recompensa de vosso Pai que está nos céus^o”.

16. ¹Sobre sermos pacientes, prontos para servir a todos e alheios à ira, ele disse o seguinte: “Àquele que te golpeia numa face, oferece-lhe a outra, e a quem quer tirar-te a túnica ou o manto, não o impeças^p. ²Quem se irritar, será réu do fogo^q. A quem te contratar para uma milha, acompanha-o duas^r. Que as vossas obras brilhem diante dos homens, a fim de que, vendo-as, admirem vosso Pai que está nos céus^s”. ³Portanto, não devemos oferecer resistência, pois ele não quer que sejamos imitadores dos malvados, mas mandou-nos afastar a todos da vergonha e do desejo do mal pela paciência e mansidão. ⁴E isso vos podemos demonstrar através de muitos que viveram entre vós, que deixaram seus hábitos violentos e a tirania, vencidos, ora contemplando a constância de vida de seus vizinhos, ora considerando a estranha paciência dos companheiros de viagem ao ser defraudados, ora pondo à prova companheiros de negócio.

⁵Sobre não jurar nunca, mas dizer sempre a verdade, ele nos ordenou o seguinte: “Nunca jureis; todavia o vosso não seja não, e o vosso sim seja sim, pois tudo que passa disso provém do maligno”^t.

⁶Sobre adorar unicamente a Deus, ele nos persuadiu, dizendo: “O maior mandamento é este: adorarás ao Senhor teu Deus e só a ele servirás de todo o teu coração e com toda a tua força, ao Senhor Deus que te criou”^u. ⁷Certa vez que alguém se aproximou dele e lhe disse: “Bom Mestre”, ele respondeu: “Ninguém é bom a não ser Deus, que fez todas as coisas”^v.

⁸Aqueles, porém, que se vê que não vivem como ele ensinou, sejam declarados como não cristãos, por mais que repitam com a língua os ensinamentos de Cristo, pois ele disse que se salvariam não os que apenas falassem, mas que também praticassem as obras. ⁹De fato, ele disse: “Não todo aquele que me diz: ‘Senhor, Senhor, entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus’^w. ¹⁰Porque aquele que me ouve e faz o que eu digo, ouve aquele que me enviou^x.

¹¹Muitos me dirão: ‘Senhor, Senhor, não foi em teu nome que comemos, bebemos e fizemos prodígios?’ Então eu lhes responderei: — ‘Apartai-vos de mim, operadores de iniquidade’^y. —

¹²Então haverá choro e ranger de dentes, quando os justos brilharem como o sol e os injustos forem mandados para o fogo eterno^z. ¹³Porque muitos virão em meu nome, vestidos por fora com peles de ovelha, mas por dentro são lobos roubadores. Por suas obras os conhecereis. Toda árvore que não dá bom fruto é cortada e lançada ao fogo”^a. ¹⁴Aqueles que não vivem conforme os ensinamentos de Cristo e são cristãos apenas de nome, nós somos os primeiros a vos pedir que sejam castigados.

Súditos do império

17. ¹Quanto a tributos e contribuições, procuramos pagá-los antes de todos àqueles que estabeleceste para isso em todos os lugares, assim como fomos ensinados por Cristo. ²Porque naquele tempo, alguns se aproximaram dele, para perguntar-lhe se se deveria pagar tributo a César. Ele respondeu: “Dizei-me: que imagem tem a moeda?” Eles responderam: “A de César.” Então ele tornou a responder-lhes: “Então dai a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus”^b.

³Portanto, nós somente a Deus adoramos, mas em tudo o mais nós servimos a vós com gosto,

confessando que sois imperadores e governantes dos homens e rogando que, junto com o poder imperial, também se encontre que tenhais prudente raciocínio. ⁴Todavia, se não atendeis às nossas súplicas, nem esta exposição pública que vos fazemos de todo o nosso modo de viver, em nada ficaremos prejudicados, pois cremos, ou melhor, estamos persuadidos de que cada um pagará a pena, conforme mereçam as suas obras, pelo fogo eterno, e que terá que prestar contas a Deus, segundo as faculdades que recebeu do próprio Deus, conforme nos indicou Cristo, dizendo: “A quem Deus deu mais, mais será exigido por Deus”^c.

A imortalidade da alma

18. ¹Vede o fim que tiveram os imperadores que vos precederam: todos morreram de morte comum. Se a morte terminasse na inconsciência, seria uma boa sorte para todos os malvados. ²Admitindo, porém, que a consciência permanece em todos os nascidos, não sejais negligentes em convencer-vos e crer que essas coisas são verdade. ³De fato, a necromancia, o exame das entranhas de crianças inocentes, as evocações das almas humanas e os que são chamados entre os magos de espíritos dos sonhos e espíritos assistentes, os fenômenos que acontecem sob a ação dos que sabem essas coisas devem persuadir-vos de que, mesmo depois da morte, as almas conservam a consciência. ⁴Do mesmo modo, poderíamos citar os que são arrebatados e agitados pelas almas dos mortos, aos quais todos chamam de possessos ou loucos; aqueles que entre vós são chamados de oráculos de Anfíloco, de Dodona, de Piton e outros semelhantes; ⁵as doutrinas de escritores como Empédocles e Pitágoras, Platão e Sócrates, aquela caverna de Homero, a descida de Ulisses para averiguar essas coisas, e outros que disseram coisas parecidas. ⁶Recebei-nos, portanto, pelo menos de modo semelhante a esses, pois não cremos menos do que eles em Deus e sim mais do que eles: esperamos recuperar nossos próprios corpos depois de mortos e enterrados, porque dizemos que para Deus não há nada impossível.

A ressurreição não é impossível

19. ¹Para quem reflete, o que pareceria mais incrível do que se, estando fora do nosso corpo, alguém dissesse que de uma pequena gota do sêmen humano seria possível nascer ossos, tendões e carnes com a forma em que os vemos, e víssemos isso em imagem? ²Façamos uma suposição. Se não fôsseis o que sois e de quem sois e alguém vos mostrasse o sêmen humano e uma imagem pintada de um homem, afirmando que esta se forma daquele, por acaso acreditaríeis antes de vê-lo nascido? Ninguém se atreveria a contradizer isso. ³Do mesmo modo, por nunca ter visto um morto res-suscitar, a incredulidade agora vos domina. ⁴Da mesma forma, como no princípio não teríeis crido que de uma pequena gota nasceriam tais seres e, no entanto, os vêdes nascidos, assim também considerai que não é impossível que os corpos humanos, depois de dissolvidos e espalha-dos como sementes na terra, ressuscitem a seu tempo, por ordem de Deus e se revistam da incorruptibilidade^d.

⁵Na verdade, não saberíamos dizer de qual potência digna de Deus falam aqueles que afirmam que tudo voltará ao lugar de onde procede e que, fora disso, ninguém pode nada, nem mesmo Deus. Nós, porém, vemos bem isto: esses mesmos não teriam acreditado ser possível ter nascido tais e quais eles e o mundo todo se vêem ter nascido.

⁶Além disso, aprendemos que é melhor crer naquilo que está acima da nossa própria natureza e que é impossível aos homens, do que ser incrédulos como o vulgo. Sabemos que Jesus Cristo, nosso Mestre, disse: “O que é impossível para os homens, é possível para Deus”^e. ⁷E disse mais: “Não temais aqueles que vos matam e depois disso nada mais podem fazer; temei antes aquele que, depois

da morte, pode lançar alma e corpo no inferno”^f. ⁸Deve-se saber que o inferno é o lugar onde serão castigados os que tiverem vivido iniquamente e não acreditaram que acontecerão essas coisas ensinadas por Deus, através de Cristo.

Afinidades pagãs

20. ¹Também a Sibila^g e Histapes disseram que todo o corruptível deveria ser consumido pelo fogo; ²os filósofos estóicos têm por dogma que o próprio Deus se dissolverá em fogo e afirmam que novamente, por transformação, o mundo renascerá. Nós, porém, consideramos Deus, o criador de todas as coisas, superior a todas as transformações. ³Por fim, se há coisas que dizemos de maneira semelhante aos poetas e filósofos que estimaís, e outras de modo superior e divinamente, e somos os únicos que apresentamos demonstração, por que se nos odeiam injustamente mais do que a todos os outros? ⁴Assim, quando dizemos que tudo foi ordenado e feito por Deus, parecerá apenas que enunciamos um dogma de Platão; ao falar sobre conflagração, outro dogma dos estóicos; ao dizer que são castigadas as almas dos iníquos que, ainda depois da morte, conservarão a consciência, e que as dos bons, livres de todo castigo, serão felizes, parecerá que falamos como vossos poetas e filósofos; ⁵que não se deve adorar obras de mãos humanas, não é senão repetir o que disseram Me-nandro, o poeta cômico, e outros com ele, que afirmaram que o artífice é maior do que aquele que o fabrica.

21. ¹Também quando dizemos que o Verbo, primeiro rebento de Deus, nasceu sem relação carnal, isto é, Jesus Cristo, nosso Mestre, e que ele foi crucificado, morreu e, depois de ressuscitado, subiu ao céu, não apresentamos nada de novo se se levam em conta os que chamais de filhos de Zeus. ²De fato, sabeis bem a quantidade de filhos que os vossos estimados escritores atribuem a Zeus: Hermes, o Verbo intérprete e mestre de todos; Asclépio, que foi médico e que, depois de ter sido fulminado, subiu ao céu; Dioniso, depois que foi esquartejado; Hércules, depois de se atirar ao fogo para fugir dos trabalhos; os Dióscoros, filhos de Leda, Perseu de Dânae e Belerofonte, nascido de homens, sobre o cavalo Pégaso. ³Para que ainda falar de Ariadne e dos que, semelhante a ela, se diz que são colocados nas estrelas? Passo por alto também vossos imperadores mortos, aos quais tendes sempre como dignos da imortalidade e nos apresentais algum infeliz que jura ter visto César incinerado subir da pira ao céu.

⁴Também não é necessário repetir aqui as ações que se contam de cada um dos supostos filhos de Zeus, pois vós as conheceis perfeitamente. É suficiente dizer que isso foi escrito para utilidade e encorajamento dos que se educam, pois todos consideram belo ser imitadores dos deuses. ⁵Todavia, esteja longe de toda alma sensata pensar sobre os deuses, da mesma forma sobre que, segundo eles, Zeus é o principal e pai de todos os outros, pensar que ele tenha sido parricida, nascido de parricida e, vencido pelos bai-xos e vergonhosos prazeres do amor, tenha ido até Ganime-des e numerosas mulheres com as quais se uniu, e aceitar que seus filhos praticassem ações semelhantes. ⁶A verdade é que, como já dissemos, foram os demônios malvados que fizeram tais coisas. Quanto a alcançar a imortalidade, nos foi ensinado que só a alcançam aqueles que vivem santa e virtuosamente perto de Deus, assim como cremos que serão castigados com fogo eterno aqueles que viveram injustamente e não se converteram.

Jesus, Filho de Deus

22. ¹Quanto ao Filho de Deus, que se chama Jesus, ainda que parecesse homem de modo comum, por sua sabedoria mereceria chamar-se filho de Deus, pois todos os escritores chamam o Deus supremo de pai de homens e de deuses. ²Afirmamos que ele, de modo especial e fora do nascimento comum,

como já dissemos, nasceu de Deus como Verbo de Deus, embora isso coincida com o que afirmais sobre Hermes, a quem chamais de Verbo anunciador ou mensageiro de Deus. ³Se nos lançam em rosto que ele foi crucificado, também isso é comum com os antes citados filhos de Zeus, que admitis terem sofrido. ⁴Com efeito, conta-se que eles não sofreram um mesmo gênero de morte, mas diferentes, de modo que nem no fato de ter sofrido uma paixão particular fica-se atrás em relação a eles. Ao contrário, prosseguindo o discurso, demonstraremos que lhes é muito superior ou, melhor dizendo, já está demonstrado, pois aquele que é superior manifesta-se por suas obras. ⁵Nós anunciamos que ele nasceu de uma virgem, mas isso para vós pode ser semelhante a Perseu. ⁶Por fim, que ele curasse coxos, paralíticos e enfermos de nascimento e ressuscitasse dos mortos, também nisso parecerá que dizemos coisas semelhantes ao que se conta ter feito Asclépio.

^a Mt 5,28
^b Mt 5,29; 18,9.
^c Mt 5,32.
^d Mt 19,11-12.
^e Lc 5,32.
^f Mt 5,44-46.
^g Mt 5,42.
^h Lc 6,34.
ⁱ Mt 6,19-20.
^j Mt 16,26.
^k Mt 6,20.
^l Mt 5,45ss.
^m Mt 6,25ss.
ⁿ Mt 6,21ss.
^o Mt 6,1.
^p Lc 6,29.
^q Mt 5,22.
^r Mt 5,41.
^s Mt 5,16.
^t Mt 5,34.37.
^u Mt 22,37-38.
^v Mc 10,18.
^w Mt 7,21.
^x Lc 10,16.
^y Mt 7,22-23; Lc 13,26-27.
^z Mt 13,42-43.
^a Mt 7,15-16.19.
^b Mt 22,17.19-21.
^c Lc 12,48
^d ICor 15,53.
^e Mt 19,26.
^f Lc 12,4-5.
^g Sibila é a personificação da divindade e nome dado às profetizas por causa da grande reputação de uma sacerdotisa de Apolo chamada Sibylla.

23. ¹E para que se torne evidente para vós, vamos apresentar-vos a prova de que aquilo que dizemos, por tê-lo aprendido de Cristo e dos profetas que o precederam, é a única verdade e a mais antiga do que todos os escritores que existiram. Não pedimos que se aceite a nossa doutrina por coincidir com eles, mas porque dizemos a verdade. ²Demonstraremos também que Jesus Cristo é propriamente o único Filho nascido de Deus, como seu Verbo, seu Primogênito e sua Potência. Feito homem pelo seu desígnio, ele nos ensinou essas verdades para a transformação e condução do gênero humano. ³Por fim, antes de tornar-se homem entre os homens, houve alguns, digo, os demônios malvados, antes mencionados, que se adiantaram a dizer, por meio dos poetas, terem acontecido os mitos que inventaram. De modo que também foram eles que fizeram as obras vergonhosas e ímpias que disseram contra nós, sem que para isso haja qualquer testemunha ou demonstração.

Provas: a) Odeiam-se apenas aos cristãos

24. ¹A primeira prova é que, quando dizemos tais coisas aos gregos, somos os únicos a ser odiados pelo nome de Cristo e nos tiram a vida, sem termos cometido crime algum, como se fôssemos pecadores. E tendes alguns aqui e outros ali que cultuam árvores, rios, ratos, gatos, crocodilos e uma multidão de animais irracionais. O interessante é que nem todos cultuam os mesmos, mas uns são honrados num lugar, outros em outro, de modo que todos são ímpios entre si, por não ter a mesma religião. ²Esta é a única coisa que podeis nos recrutar: não veneramos os mesmos deuses que vós e não oferecemos libações e gorduras aos mortos, não colocamos coroas nos sepulcros, nem celebramos sacrifícios sobre eles. ³No entanto, sabeis perfeita-mente que os mesmos animais, por alguns são considerados deuses, por outros feras e por outros vítimas para sacrifícios.

b) A transformação por Cristo

25. ¹Em segundo lugar, porque homens de toda raça, que antes cultuávamos a Dioniso, filho de Sêmele, e Apolo, filho de Leto, deuses que por seus amores perversos fizeram coisas que, por decoro, nem se podem nomear; os que dentre nós adoravam a Perséfone e Afrodite, que foram aguilhoados de amor por Adônis e cujos mistérios ainda celebrais, ou Asclépio, ou algum outro dos chamados deuses, agora, apesar de sermos ameaçados com a morte, desprezamos a todos eles por amor a Jesus Cristo. ²Consagramo-nos ao Deus ingênito e alheio a toda paixão. O Deus em quem acreditamos não se dirigirá, aguilhado de amor, a uma Antíope, nem a outros do mesmo estilo, nem a Ganimedes, nem terá que ser desatado, com a ajuda de Tétis, por aquele famoso centímão, nem de se preocupar para apagar esse favor com Aquiles, filho de Tétis, e perder uma multidão de gregos em troca da concubina Briseida. ³O que fazemos é nos compadecer daqueles que praticam tais coisas e sabemos bem que os responsáveis por elas são os demônios.

c) Os hereges não são perseguidos

26. ¹Em terceiro lugar, porque, mesmo depois da ascensão de Cristo ao céu, os demônios levaram certos homens a dizer que eles eram deuses e estes não só não foram perseguidos por vós, mas chegastes até a decretar-lhes honras. ²Dessa forma, certo Simão, samaritano originário de uma aldeia chamada Giton, tendo feito, no tempo de Cláudio César, prodígios mágicos, por obra dos demônios que nele agiam em vossa cidade imperial de Roma, foi considerado deus e como deus foi por vós honrado com uma estátua, levantada junto ao rio Tibre, entre as duas pontes, com esta inscrição

latina: A SIMÃO, DEUS SANTO. ³E quase todos os samaritanos, embora pouco numerosos nas outras nações, o adoram, considerando-o como Deus primordial. Também uma certa Helena, que naquele tempo o acompanhou em suas peregrinações e que antes estivera no prostíbulo, é chamada de primeiro pensamento nascido dele. ⁴Sabemos também que certo Menandro, igualmente samaritano, natural da aldeia de Carapatéia, discípulo de Simão, possuído também pelos demônios, apareceu em Antioquia e enganou muitos com suas artes mágicas, chegando a persuadir seus seguidores de que jamais iriam morrer. E existem ainda alguns de sua escola que continuam crendo nele. ⁵Por fim, um tal Marcião, natural do Ponto, está agora mesmo ensinando seus seguidores a crer num Deus superior ao Criador e, com a ajuda dos demônios, fez com que muitos, pertencentes a todo tipo de homens, proferissem blasfêmias e negassem o Deus Criador do universo, admitindo, em troca, não sabemos que outro Deus, ao qual, supondo maior, se atribuem obras maiores do que àquele. ⁶Todos os que procedem destes, como dissemos, são chamados cristãos, da mesma forma que aqueles que não participam das mesmas doutrinas entre os filósofos recebem da filosofia o nome comum com que são conhecidos. ⁷Ora, se também eles praticam todas essas vergonhosas obras que se propalam contra nós, isto é, jogar por terra o castiçal, unirmo-nos promiscuamente e alimentarmo-nos de carnes humanas, não o sabemos. Todavia, estamos certos de que não são perseguidos, nem condenados por vós, ao menos por causa de suas doutrinas. ⁸Além disso, nós mesmos compusemos uma obra contra todas as heresias que existiram até o presente. Se quiserdes lê-la, nós a colocaremos em vossas mãos.

A pureza da vida cristã

27. ¹Nós, por outro lado, a fim de não cometer pecado ou impiedade, professamos a doutrina de que expor os recém-nascidos é obra de perversos. Primeiro, porque vemos que quase todos vão acabar na dissolução, não só as meninas, mas também os meninos. Do mesmo modo como se conta que os antigos mantinham rebanhos de bois, cabras, ovelhas ou cavalos de pasto, assim se reúnem agora rebanhos de crianças com a única finalidade de usar torpemente delas, e toda uma multidão, tanto de mulheres como de andróginos e perversos, está preparada em cada província para semelhante abominação. ²Para isso recolheis taxas, contribuições e tributos, ao passo que o vosso dever seria o de arrancá-las pela raiz do vosso império. ³Quando se abusa de tais seres, além de tratar de uma união própria de pessoas sem Deus, ímpia e torpe, não faltará quem se una, conforme a circunstância, com um filho, um parente ou um irmão. ⁴Há também aqueles que prostituem seus próprios filhos e mulheres; outros mutilam-se publicamente para a torpeza e referem esses mistérios à mãe dos deuses. Finalmente, em todos aqueles que considerais como deuses, a serpente se pinta como símbolo e grande mistério. ⁵E aquilo mesmo que vós praticais e honrais publicamente, vós o atribuíis a nós, como se tivéssemos decaído e a luz divina não nos assistisse. Todavia, como estamos livres por não praticar nada disso, vossas calúnias não nos causam nenhum dano; ao contrário, danificam aqueles que cometem essas torpezas e ainda levantam falso testemunho contra nós.

O homem é racional e livre

28. ¹Entre nós, o príncipe dos maus demônios se chama serpente, satanás, diabo ou caluniador, como podeis ver, caso desejardes averiguar isso, através de nossas Escrituras. Ele e todo o seu exército, juntamente com os homens que o seguem, será enviado ao fogo para ser castigado pela eternidade sem fim, coisa que foi de antemão anunciada por Cristo. ²Na verdade, a paciência que Deus mostra em não fazê-lo imediatamente, tem como causa o seu amor pelo gênero humano, pois ele prevê que

alguns se salvarão pela penitência, entre os quais alguns que talvez ainda não tenham nascido. ³No princípio, ele criou o gênero humano racional, capaz de escolher a verdade e praticar o bem, de modo que não existe homem que tenha desculpa diante de Deus, pois todos foram criados racionais e capazes de contemplar a verdade. ⁴Se alguém não crê que Deus se preocupe com essas coisas, ou terá que confessar com sofismas que não existe, ou existindo, se compraza com a maldade ou permaneça insensível como uma pedra. Virtude e vício seriam puros nomes e os homens considerariam as coisas como boas ou más unicamente por sua opinião, o que é a maior impiedade e iniquidade.

A castidade cristã

29. ¹Também evitamos a exposição das crianças, pois tememos que algumas delas, não sendo recolhidas, venham a morrer e sejamos réus de homicídio. Nós, ou nos casamos desde o princípio para a única finalidade de gerar filhos, ou renunciemos ao matrimônio, permanecendo absolutamente castos. ²Para vos mostrar que a união pro-míscua não é um mistério que celebramos, houve o caso que um dos nossos apresentou um memorial ao prefeito Félix em Alexandria, pedindo-lhe que autorizasse seu médi-co para cortar-lhe os testículos, pois os médicos daquele lugar diziam que tal operação não podia ser feita sem permissão do governador. ³Félix negou-se absolutamente a assinar o pedido e o jovem permaneceu solteiro, contentan-do-se com o testemunho de sua consciência e o de seus companheiros na fê. ⁴Cremos que não estaria fora de lugar recordar aqui Antínoo, que viveu nesses tempos, a quem todos, por medo, se prostraram para honrar como deus, apesar de saber muito bem quem ele era e de onde vinha.

A profecia é a prova máxima

30. ¹Poderiam nos objetar: “Que inconveniente há em que esse que nós chamamos Cristo seja um homem que vem de outros homens e que, por arte mágica, fez os prodígios que dizemos e, por isso, pareceu ser filho de Deus?” Apresentaremos, pois, a demonstração, não dando fê àqueles que nos contam os fatos, mas crendo por necessidade naqueles que os profetizaram antes de acontecer, da forma que os vemos cumpridos ou que estão se cumprindo diante dos nossos olhos, tal como foram profetizados — demonstração que acreditamos parecerá, a vós mesmos, a mais forte e a mais verdadeira.

A versão dos Setenta

31. ¹Entre os judeus, houve profetas de Deus, através dos quais o Espírito profético anunciou antecipadamente os acontecimentos futuros, e os reis, que segundo os tempos se sucederam entre os judeus, apropriando-se de tais profecias, guardaram-nas cuidadosamente tal como foram ditas e tal como os próprios profetas as consignaram em seus livros, escritos em sua própria língua hebraica. ²Quando Ptolomeu, rei do Egito, se preocupou em formar uma biblioteca e nela reunir os escritos de todo o mundo, tendo tido notícia dessas profecias, mandou uma embaixada a Herodes, que então era rei dos judeus, pedindo-lhe que mandasse os livros deles. ³O rei Herodes mandou os livros, como dissemos, em sua língua hebraica. ⁴Todavia, como seu conteúdo não podia ser entendido pelos egípcios, Ptolomeu pediu, por meio de uma nova embaixada, que Herodes enviasse homens para os verter para a língua grega^h. ⁵Depois disso, os livros permaneceram entre os egípcios até o presente e os judeus os usam no mundo inteiro. Estes, porém, ao lê-los, não entendem o que está escrito, mas considerando-nos inimigos e adversários, matam-nos, como vós o fazeis, e atormentam-nos sempre

que podem fazê-lo, como podeis facilmente verificar. ⁶Com efeito, na guerra dos judeus agora terminada, Bar Kókeba, o cabeça da rebelião, mandava submeter a terríveis torturas somente os cristãos, caso estes não negassem e blasfemassem Jesus Cristo.

Profecias sobre Jesus

⁷Nos livros dos profetas já encontramos anunciado que Jesus, nosso Cristo, deveria vir nascido de uma virgem; que ele chegaria à idade adulta, curaria toda doença, toda fraqueza e ressuscitaria dos mortos; que seria invejado, desconhecido e crucificado; que morreria, ressuscitaria e subiria aos céus; que ele é e se chama Filho de Deus; que ele enviaria alguns para proclamar essas coisas a todo o gênero humano e seriam os homens das nações aqueles que mais creriam nele. ⁸E essas profecias foram feitas umas cinco, outras três, outras dois mil e outras mil e oitocentos anos antes que ele aparecesse no mundo. Com efeito, é sabido que os profetas se sucederam uns aos outros, de geração em geração.

32. ¹Moisés, que foi o primeiro dos profetas, disse literalmente: “Não faltará príncipe de Judá, nem chefe saído de seus músculos, até que venha aquele a quem está reservado. Ele será a esperança das nações, amarrando seu jumentinho à vinha e lavando sua roupa no sangue da uva”ⁱ. ²Portanto, é vosso dever averiguar com todo o rigor e inteirar-vos até quando os judeus tiveram príncipe e rei saído deles, até à aparição de Jesus Cristo, nosso Mestre e intérprete das profecias desconhecidas, tal como foi de antemão dito pelo Espírito Santo profético, por meio de Moisés, que não faltaria príncipe dos judeus até aquele para o qual está reservada a realeza. ³Judá foi o antepassado dos judeus, e dele os judeus receberam esse nome, e vós, depois da aparição de Cristo, imperastes sobre os judeus e vos apoderastes de toda a sua terra. ⁴As palavras: “Ele será a esperança das nações” queria dizer que gente de todas as nações esperará novamente a sua vinda, coisa que podeis ver com os vossos próprios olhos e comprovar na realidade, pois gente de todas as raças de homens espera aquele que foi crucificado na Judéia, depois de cuja morte imediatamente a terra dos judeus foi tomada ao poder de lanças e entregue a vós. ⁵A expressão: “Amarrando seu jumentinho à vinha e lavando sua roupa no sangue da uva” era símbolo do que havia de acontecer a Cristo e do que seria feito por ele. ⁶Com efeito, foi assim que, na entrada de certa aldeia, estava um jumentinho amarrado a uma parreira, e ele mandou que seus discípulos lho levassem e, depois que o jumentinho foi levado, montou sobre ele e assim entrou em Jerusalém, onde estava o maior templo dos judeus, o mesmo que mais tarde foi destruído por vós. Depois da entrada em Jerusalém, ele foi crucificado, a fim de que se cumprisse o resto da profecia. ⁷De fato, a passagem de que lavaria sua roupa no sangue da uva, era anúncio antecipado de sua paixão, significando que sofreria para lavar, com seu sangue, aqueles que acreditariam nele. ⁸Com efeito, o que o Espírito divino chama pelo profeta “sua roupa”, são os homens que crêem nele, nos quais habita a semente que procede de Deus, e que é o Verbo. ⁹E fala-se também do “sangue da uva”, para dar a entender que aquele que havia de aparecer teria certamente sangue, mas não de sêmen humano, e sim de virtude divina. ¹⁰O Verbo é a primeira virtude ou potência depois de Deus, Pai e soberano de todas as coisas, e Filho seu. Como esse se tornou carne e nasceu homem, nós o diremos mais adiante. ¹¹De fato, do mesmo modo que o sangue da uva não é feito pelo homem, mas por Deus, da mesma forma dava-se a entender nessas palavras que o sangue de Cristo não procederia de sêmen humano, mas de virtude de Deus, como já dissemos. ¹²E Isaías, outro profeta, diz a mesma coisa com outras palavras: “Levantar-se-á uma estrela de Jacó e uma flor subirá da raiz de Isai; e as nações esperarão sobre o seu braço”ⁱ. Com efeito, uma estrela brilhante se

levantou e uma flor subiu da raiz de Isaí, que é Cristo. ¹³De fato, ele foi concebido com a força de Deus, por uma vir-gem descendente de Jacó, que foi pai de Judá, antepassado dos judeus, de quem eu já falei; segundo o oráculo, Isaí foi o seu avô e Cristo, segundo a sucessão das gerações, é filho de Jacó e de Judá.

A concepção virginal

33. ¹Escutai agora como foi literalmente profetizado por Isaías que Cristo seria concebido por uma virgem. Ele diz o seguinte: “Eis que uma virgem conceberá e dará à luz um filho e lhe porão o nome ‘Deus conosco’ ”^k. ²O que os homens poderiam considerar incrível e impossível de acontecer, Deus o indicou antecipadamente por meio do Espírito profético, para que quando acontecesse, não lhe fosse negada a fé, e sim, justamente por ter sido predito, fosse acreditado. ³Esclareçamos agora as palavras da profecia para que, por não entendê-la, objetem o mesmo que nós dizemos contra os poetas, quando nos falam de Zeus que, para satisfazer sua paixão libidinosa, uniu-se com diversas mulheres. ⁴Portanto, “Eis que uma virgem conceberá” significa que a concepção seria sem relação carnal, pois, se esta houvesse, ela não mais seria virgem; mas foi a força de Deus que veio sobre a virgem e a cobriu com a sua sombra e fez com que ela concebesse permanecendo virgem. ⁵Foi assim que naquele tempo, o mensageiro, enviado da parte de Deus à mesma virgem, deu-lhe a boa notícia, dizendo: “Eis que conceberás do Espírito Santo em teu ventre e darás à luz um filho, que se chamará Filho do Altíssimo, e lhe porás o nome de Jesus, pois ele salvará o seu povo de seus pecados”^l. Assim nos ensinaram os que consignaram todas as lembranças referentes ao nosso Salvador Jesus Cristo, e nós lhes demos fé, pois o Espírito Santo profético, como já indicamos, disse pelo citado Isaías que o geraria. ⁶Portanto, por Espírito e força que procede de Deus não é lícito entender a não ser o Verbo, que é o primogênito de Deus, como Moisés, profeta antes mencionado, o deu a entender. Vindo ele sobre a virgem e cobrindo-a com sua sombra, não por meio de relação carnal, mas por sua força, fez com que ela concebesse. ⁷Quanto a Jesus, é nome da língua hebraica, que significa em grego *Sotér*, isto é, Salvador. ⁸Daí que o mensageiro disse à virgem: “Tu lhe porás o nome de Jesus, pois ele salvará o seu povo de seus pecados”. ⁹Que aqueles que profetizam não são inspirados por nenhum outro, mas pelo Verbo divino, suponho que mesmo vós o admitis.

Lugar de nascimento

34. ¹Escutai agora como Miquéias, outro profeta, predisse o lugar da terra em que ele nasceria. Assim diz: “E tu, Belém, terra de Judá, de modo algum és a menor entre os príncipes de Judá, pois de ti sairá o chefe que apascentará o meu povo”^m. ²Sabe-se que há no país dos judeus uma aldeia que dista de Jerusalém trinta e cinco estádios e que nela nasceu Jesus Cristo, como podeis comprovar pelas listas do recenseamento, feitas sob Quirino, que foi o vosso primeiro procurador na Judéia.

Várias profecias

35. ¹Também foi predito que Cristo, depois de nascer, viveria oculto aos outros homens, até a idade adulta. Escutai o que foi dito antecipadamente a esse respeito. ²É o seguinte: “Um menino nasceu, um pequenino nos foi dado, cujo império está sobre os ombros”ⁿ, aludindo essas palavras à força da cruz, à qual, ao ser crucificado, juntou os ombros, como a seqüência do discurso mostrará mais claramente. ³E, de novo, o mesmo profeta Isaías, inspirado pelo Espírito profético, disse: “Eu estendi as minhas mãos para um povo que não crê e contradiz, aos que andam por um caminho que não é bom. ⁴E agora me vêm pedir julgamento e têm a ousadia de aproximar-se de Deus”^o. ⁵E outra vez, por

meio de outro profeta, diz com outras palavras: “Eles transpassaram meus pés e minhas mãos, e lançaram sorte sobre a minha roupa”^p. ⁶Na verdade, Davi, rei e profeta, que disse isso, não sofreu nada disso, mas Jesus Cristo estendeu as suas mãos quando foi crucificado pelos judeus que o contradiziam e falavam que ele não era o Messias. Com efeito, como disse o profeta, levaram-no arrastando e, fazendo-o sentar-se numa cadeira de juiz, disseram-lhe: “julga-nos”. ⁷“Transpassaram as minhas mãos e os meus pés” significava os cravos que na cruz transpassaram seus pés e mãos. ⁸E depois de crucificá-lo, aqueles que o crucificaram lançaram sorte sobre as suas roupas e as repartiram entre si. ⁹Que tudo isso aconteceu assim, podeis comprová-lo pelas Atas redigidas no tempo de Pôncio Pilatos. ¹⁰Citamos também a profecia de outro profeta, Zacarias, que literalmente profetizou que ele montaria sobre um jumentinho e desse modo entraria em Jerusalém. ¹¹São estas as suas palavras: “Alegra-te muito, filha de Sião; dá gritos, filha de Jerusalém. Eis que o teu rei vem a ti manso, montado sobre um jumento, sobre um jumentinho, filho de um animal de jugo”^q.

Regras de interpretação

36. ¹Percebamos que quando ouvis que os profetas falam como em própria pessoa, não deveis pensar que assim falam os próprios homens inspirados, mas é o Verbo divino que os move. ²Algumas vezes ele fala como que anunciando de antemão o que vai acontecer, outras como se estivesse no lugar de Deus, Soberano e Pai do universo, outras na pessoa de Cristo, e outras ainda, das pessoas que respondem ao seu Pai e Senhor. Algo semelhante acontece com vossos próprios escritores, em que um é aquele que escreveu tudo, mas são várias as pessoas que entram no diálogo. ³Não entendendo isso, os judeus, que são aqueles que possuem os livros dos profetas, não só não reconheceram a Cristo já vindo, mas também odeiam a nós, que dizemos que ele de fato veio, e mostramos que, como fora profetizado, foi por eles crucificado.

37. ¹Para que também isso fique claro para vós, eis aqui algumas palavras que foram ditas pelo profeta Isaías, antes mencionado, na pessoa do Pai: “O boi conhece o seu dono e o jumento a manjedoura de seu senhor; mas Israel não me conheceu e o meu povo não me entendeu. ²Ai da nação pecadora, do povo cheio de pecados; descendência má, filhos iníquos: abandonastes o Senhor”^r. ³De novo, em outra passagem em que o mesmo profeta fala igualmente na pessoa do Pai: “Que casa me edificareis? — diz o Senhor. ⁴O céu é o meu trono, e a terra o escabelo dos meus pés”^s. ⁵E outra vez, em outra passagem: “As vossas luas novas e os vossos sábados, a minha alma os detesta; o vosso dia de grande jejum e a vossa ociosidade, eu não os suporto. Nem mesmo quando vos apresentais diante de mim eu vos escutarei. ⁶Vossas mãos estão cheias de sangue. ⁷Até quando me trazeis flor de farinha ou incenso, isso é abominação para mim; não quero a gordura de carneiros ou sangue de novilhos. ⁸Com efeito, quem pediu essas coisas de vossas mãos? Desata antes toda atadura de injustiça, rompe as cordas dos contratos injustos, cobre aquele que está nu e aquele que não tem teto, reparte o teu pão com o faminto”^t. ⁹Portanto, com essas passagens podeis entender que tais são os ensinamentos que os profetas dão na pessoa de Deus.

38. ¹Quando o Espírito profético fala na pessoa de Cristo, ele se expressa assim: “Eu estendi as minhas mãos a um povo que não crê e contradiz, aos que andam por um caminho que não é bom”^u. ²E, novamente: “Entreguei minhas costas aos açoites e minhas faces às bofetadas, e não afastei o meu rosto da vergonha das cuspidas. ³E o Senhor se tornou o meu auxílio; por isso eu não fui confundido, mas transformei o meu rosto em rocha dura, e soube que não seria confundido, pois está perto aquele que me justifica”^v. ⁴E o mesmo quando diz: “Eles lançaram sorte sobre as minhas roupas, e

transpassaram as minhas mãos e os meus pés; ⁵mas eu adormeci e me entreguei ao sono e ressuscitei, porque o Senhor me protegeu”^w. ⁶E outra vez quando diz: “Cochichavam com os seus lábios e balançavam a cabeça, dizendo: Salve-se a si mesmo”^x. ⁷Podeis comprovar que tudo isso cumpriu-se através dos judeus em Cristo. ⁸Com efeito, estando já na cruz, eles retorciam os lábios e balançavam a cabeça, dizendo: “Quem ressuscitou mortos livre-se a si mesmo”^z.

Profecia cumprida

39. ¹Quando o Espírito profético fala, profetizando sobre o futuro, ele diz assim: “Porque de Sião sairá a lei, e de Jerusalém a palavra do Senhor de Jerusalém; ele julgará no meio das nações e argüirá um povo numeroso. Quebrarão suas espadas e farão arados, e transformarão suas lanças em foices; uma nação não pegará a espada contra outra nação, nem saberão mais o que é a guerra”^a. ²Que assim tenha acontecido, podeis comprová-lo. ³Com efeito, de Jerusalém saíram doze homens pelo mundo, e estes ignorantes e incapazes de eloquência; todavia, pela força de Deus, persuadiram todo o gênero humano de que haviam sido enviados por Cristo para ensinar a todos a palavra de Deus. Nós, que antes nos matávamos mutuamente, agora não só não fazemos guerra contra os nossos inimigos, mas também, por não mentir nem enganar os juizes que nos interrogam, morremos felizes de confessar a Cristo. ⁴Pudéssemos nós aplicar ao nosso caso o dito: “A língua jurou, mas a alma não jurou”. ⁵Seria ridículo que os soldados que se contratam convosco e se alistam em vossas bandeiras pusessem a lealdade para convosco acima de sua própria vida, acima dos pais, pátria e tudo o que lhes pertence, embora nada de imperecível lhes pudessem oferecer, e nós, que amamos a incorrupção, não suportemos tudo a troco de receber o que esperamos da-quele que tem poder para no-lo dar.

Profecia sobre os apóstolos

40. ¹Escutai agora o que foi predito sobre os que pregaram a sua doutrina e anunciaram a sua vinda. O já mencionado profeta e rei diz assim por obra do Espírito profético: “O dia transmite a palavra a outro dia, e a noite anuncia o conhecimento a outra noite. ²Não há discursos nem palavras, cuja voz não se ouça. ³Sobre toda a terra se espalhou o som deles, e até aos confins do orbe da terra chegaram as suas palavras. ⁴No sol colocou a sua tenda, e este, como esposo que sai do seu quarto, se regozijará como gigante para percorrer o seu caminho”^b. ⁵Além disso, acreditamos ser oportuno e apropriado ao nosso intento mencionar outras palavras profetizadas pelo mesmo Davi, através das quais podeis inteirar-vos de como o Espírito profético exorta os homens a viver ⁶e como mostra a conspiração que Herodes, rei dos judeus, os próprios judeus, Pilatos, que foi vosso procurador na Judéia, e seus soldados tramaram juntos contra Cristo. ⁷Notai também como se profetiza que pessoas de todas raças deveriam crer nele, que Deus o chama de seu Filho e promete submeter-lhe todos os seus inimigos; ainda como os demônios, enquanto podem, procuram escapar do poder de Deus Pai e soberano de tudo e de Cristo; por fim, como Deus chama todos à penitência antes de chegar o dia do julgamento. ⁸As profecias dizem o seguinte: “Bem-aventurado o homem que não anda no desígnio dos ímpios, não pára no caminho dos pecadores, nem se assenta no assento da perdição, mas se compraz na lei do Senhor e que dia e noite medita em sua lei. ⁹Será como árvore plantada junto às correntes das águas, que dará seu fruto no devido tempo e suas folhas não cairão, e em tudo o que fizer será bem sucedido. ¹⁰Não são assim os ímpios, não são assim, mas como o pó que o vento espalha sobre a face da terra. Por isso, os ímpios não se levantarão no dia do julgamento, nem os pecadores no conselho dos justos. De fato, o Senhor conhece o caminho dos justos e o caminho dos ímpios perecerá”^c. ¹¹Por

que as nações fremiram e os povos meditaram novidades? Os reis da terra apresentaram-se e os príncipes se juntaram contra o Senhor e contra o seu ungido, dizendo: ‘Rompamos suas amarras e arranquemos de nós o seu jugo’. ¹²Aquele que habita nos céus rir-se-á deles, e o Senhor os fará objeto de sua zombaria. Então, falar-lhes-á com ira e com sua indignação os perturbará. ¹³Eu, porém, fui constituído por ele como rei sobre Sião, seu monte santo, para anunciar o seu decreto. ¹⁴O Senhor me disse: Tu és o meu Filho, eu hoje te gerei. ¹⁵Pede-me e te darei as nações como tua herança e os confins da terra como tua propriedade. Apascentá-los-ás com cetro de ferro, como vaso de oleiro as farás em pedaços. ¹⁶E agora, reis, entendei; instruí-vos, vós que julgais a terra. ¹⁷Servi ao Senhor no temor, e no tremor regozijai-vos nele. ¹⁸Aprendei a disciplina; não aconteça que, em certo momento, o Senhor se irrite e pereçais saindo do caminho justo, quando de repente sua ira se acender. ¹⁹Felizes todos os que nele confiam.”

Profecia sobre o Reino de Cristo

41. ¹Em outra profecia, o Espírito profético, dando a entender, através de Davi, que Cristo haveria de reinar depois de crucificado, diz assim: “Louvai o Senhor, terra inteira, e anunciai dia a dia a sua salvação, porque o Senhor é grande e digno do maior louvor, temível sobre todos os deuses. Com efeito, todos os deuses das nações são imagens de demônios, mas Deus fez os céus. ²Glória e louvor em sua presença, força e orgulho no lugar de sua santificação. Glorificai ao Senhor, aquele que é Pai dos séculos. ³Tomai graça e entrai em sua presença, adorando-o em seus santos átrios. Toda a terra trema diante de sua face, endireite seu caminho e não se perturbe. ⁴Que as nações se alegrem: o Senhor reinou pelo madeiro”.

Cristo, nossa alegria

42. ¹Esclarecemos também o caso no qual o Espírito profético fala do futuro como já realizado, como já se pode conjecturar na passagem antes mencionada, a fim de que também nisso os que lêem não tenham desculpa. ²O que é absolutamente conhecido como algo que acontecerá, é predito pelo Espírito profético como já acontecido. Que as coisas devam ser assim, ponde toda atenção de vossa mente ao que vamos dizer. ³Davi fez a profecia citada, mil e quinhentos anos antes que Cristo feito homem fosse crucificado, e nenhum dos antes nascidos ofereceu, ao ser crucificado, alegria para as nações, e ninguém também depois dele. ⁴Em troca, Cristo, que foi crucificado, morreu e ressuscitou em nosso tempo, não só reinou ao subir ao céu, mas pela sua doutrina, pregada pelos apóstolos em todas as nações, é a alegria de todos os que esperam a imortalidade que ele nos prometeu.

Profecia e livre-arbítrio

43. ¹Do que dissemos anteriormente, ninguém deve tirar a conclusão de que afirmamos que tudo o que acontece, acontece por necessidade do destino, pelo fato de que dizemos que os acontecimentos foram conhecidos de antemão. Por isso, resolveremos também essa dificuldade. ²Nós aprendemos dos profetas e afirmamos que esta é a verdade: os castigos e tormentos, assim como as boas recompensas, são dadas a cada um conforme as suas obras. Se não fosse assim, mas tudo acontecesse por destino, não haveria absolutamente livre-arbítrio. Com efeito, se já está determinado que um seja bom e outro mau, nem aquele merece elogio, nem este, vitupério. ³Se o gênero humano não tem poder de fugir, por livre determinação, do que é vergonhoso e escolher o belo, ele não é irresponsável de nenhuma ação que faça. ⁴Mas que o homem é virtuoso e peca por livre escolha, podemos demonstrar

pelo seguinte argumento: ⁵vemos que o mesmo sujeito passa de um contrário a outro. ⁶Ora, se estivesse determinado ser mau ou bom, não seria capaz de coisas contrárias, nem mudaria com tanta freqüência. Na realidade, nem se poderia dizer que uns são bons e outros maus, desde o momento que afirmamos que o destino é a causa de bons e maus, e que realiza coisas contrárias a si mesmo, ou que se deveria tomar como verdade o que já anteriormente insinuamos, isto é, que virtude e maldade são puras palavras, e que só por opinião se tem algo como bom ou mau. Isso, como demonstra a verdadeira razão, é o cúmulo da impiedade e da iniquidade. ⁷Afirmamos ser destino ineludível que aqueles que escolheram o bem terão digna recompensa e os que escolheram o contrário, terão igualmente digno castigo. ⁸Com efeito, Deus não fez o homem como as outras criaturas. Por exemplo: árvores ou quadrúpedes, que nada podem fazer por livre determinação. Nesse caso, não seria digno de recompensa e elogio, pois não teria escolhido o bem por si mesmo, mas nascido já bom; nem, por ter sido mau, seria castigado justamente, pois não o seria livremente, mas por não ter podido ser algo diferente do que foi.

Platão depende de Moisés

44. ¹Esta doutrina foi ensinada a nós pelo Espírito profético que, por meio de Moisés, nos testemunha que falou ao primeiro homem que havia criado do seguinte modo: “Olha que diante de tua face está o bem e o mal: escolhe o bem”^d. ²E, de novo, através de Isaías, outro profeta, sabemos que, na pessoa de Deus, Pai e soberano do universo, foi dito o seguinte sobre esse mesmo assunto: ³“Lavai-vos e purificai-vos, tirai a maldade de vossas almas. Aprendei a fazer o bem, julgai o órfão, fazei justiça à viúva; então, vinde e conversaremos, diz o Senhor. Mesmo que vossos pecados sejam como a púrpura, eu os deixarei brancos como a lã; mesmo que sejam como escarlata, eu os tornarei brancos como a neve. ⁴Se quiserdes e me escutardes, comereis os bens da terra; mas se não me escutardes, a espada vos devorará, porque assim falou a boca do Senhor”^e. ⁵A expressão anterior “A espada vos devorará”, não quer dizer que os que desobedecerem serão passados a fio de espada, mas por “espada” deve-se entender o fogo, cujas presas são os que escolheram praticar o mal. ⁶Por isso, diz: “A espada vos devorará, porque assim falou a boca do Senhor.” ⁷Se tivesse falado da espada que corta e se separa imediatamente, não teria dito “devorará”. ⁸De modo que o próprio Platão, ao dizer: “A culpa é de quem escolhe. Deus não tem culpa”, falou isso por tê-lo tomado do profeta Moisés, pois sabe-se que este é mais antigo do que todos os escritores gregos. ⁹Em geral, tudo o que os filósofos e poetas disseram sobre a imortalidade da alma e da contemplação das coisas celestes, aproveitaram-se dos profetas, não só para poder entender, mas também para expressar isso. ¹⁰Daí que parece haver em todos algo como germes de verdade. Todavia, demonstra-se que não o entenderam exatamente, pelo fato de que se contradizem uns aos outros. ¹¹Concluindo: se dizemos que os acontecimentos futuros foram profetizados, nem por isso afirmamos que aconteçam por necessidade do destino; afirmamos sim que Deus conhece de antemão tudo o que será feito por todos os homens e é decreto seu recompensar cada um segundo o mérito de suas obras e, por isso, justamente prediz, por meio do Espírito profético, o que para cada um virá da parte dele, conforme o que suas obras mereçam. Com isso, ele constantemente conduz o gênero humano à reflexão e à lembrança, demonstrando-lhe que cuida e usa de providência para com os homens.

¹²Todavia, pela ação dos maus demônios, decretou-se pena de morte contra aqueles que lerem os livros de Histaspes, da Sibila e dos profetas, a fim de impedir, por meio do terror, que os homens consigam, lendo-os, o conhecimento do bem, e retê-los como seus escravos; coisa que definitivamente os demônios não puderam conseguir. ¹³Com efeito, não só os lemos intrepidamente,

mas também, como vedes, nós vô-los oferecemos, para que os examineis, pois estamos seguros de que agradarão a todos. Mesmo que consigamos persuadir algumas poucas pessoas, nosso ganho será muito grande, pois, como bons agricultores, receberemos do amo a nossa recompensa.

Ascensão e glória de Jesus

45. ¹Agora escutai o que disse o profeta Davi sobre o fato de que Deus, Pai do universo, levaria Cristo ao céu, depois de sua ressurreição dos mortos, e retê-lo-ia consigo até ferir os demônios, seus inimigos, e até se completar o número dos que por ele, de antemão conhecidos como bons e virtuosos, em respeito dos quais justamente ainda não foi levada a cabo a conflagração universal. ²As palavras do profeta são estas: “Disse o Senhor ao meu Senhor: Senta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos como escabelo de teus pés. ³O Senhor te enviará o cetro de poder de Jerusalém, e tu dominarás em meio aos esplendores de teus inimigos. ⁴Contigo o império no dia de tua potência, em meio aos esplendores de teus santos. Do meu seio, antes do astro da manhã, eu te gerei”^f. ⁵Portanto, o que ele diz, “Enviar-te-á de Jerusalém o cetro de poder”, era anúncio antecipado da palavra poderosa que, saindo de Jerusalém, os apóstolos pregaram por toda parte e que nós, a despeito da morte decretada dos que ensinam ou absolutamente confessam o nome de Cristo, em todo lugar também a abraçamos e ensinamos. ⁶E se também vós ledes como inimigos estas nossas palavras, além de matar-nos, como já dissemos antes, nada podeis fazer. A nós, isso nenhum dano causará; a vós, porém, e a todos os que in-justamente nos odeiam e não se convertem, trazer-vos-á castigo de fogo eterno.

Cristãos antes de Cristo

46. ¹Alguns, sem motivo, para rejeitar o nosso ensinamento, poderiam nos objetar que, ao dizermos que Cristo nasceu somente há cento e cinquenta anos sob Quirino e ensinou sua doutrina mais tarde, no tempo de Pôncio Pilatos, os homens que o precederam não têm nenhuma responsabilidade. Tratem-se de resolver essa dificuldade. ²Nós recebemos o ensinamento de que Cristo é o primogênito de Deus e indicamos antes que ele é o Verbo, do qual todo o gênero humano participou. ³Portanto, aqueles que viveram conforme o Verbo são cristãos, quando foram considerados ateus, como sucedeu entre os gregos com Sócrates, Heráclito e outros semelhantes; e entre os bárbaros com Abraão, Ananias, Azarias e Misael, e muitos outros, cujos fatos e nomes omitimos agora, pois seria longo enumerar. ⁴De modo que também os que antes viveram sem razão, se tornaram inúteis e inimigos de Cristo e assassinos daqueles que vivem com razão; mas os que viveram e continuam vivendo de acordo com ela, são cristãos e não experimentam medo ou perturbação. ⁵O motivo pelo qual ele nasceu homem de uma virgem, pela virtude do Verbo conforme o desígnio de Deus, Pai e soberano do universo, e foi chamado Jesus e, depois de crucificado e morto, ressuscitou e subiu ao céu, o leitor inteligente poderá perfeitamente compreendê-lo pelas longas explicações que foram dadas até aqui. ⁶De nossa parte, como não é necessário demonstrar esse ponto agora, passaremos às demonstrações mais urgentes.

Sobre a ruína de Jerusalém

47. ¹Escutai o que foi predito pelo Espírito profético sobre a devastação futura da terra dos judeus. As palavras foram ditas como que na pessoa daqueles que se maravilham com o acontecido. ²São as seguintes: “Sião ficou deserta, Jerusalém ficou solitária, e a casa, nosso santuário, foi profanada; a glória que nossos pais bendisseram tornou-se presa do fogo e todas as suas maravilhas se fundiram.

³A esse respeito, tu suportaste, te calaste e nos humilhaste muito”^g. ⁴Que Jerusalém tenha ficado deserta, tal como fora predito, é coisa de que estais bem convencidos. ⁵E não só se predisse a sua devastação, mas também, pelo profeta Isaías, que a nenhum deles seria permitido habitar nela, com estas palavras: “A terra deles está deserta, e os próprios inimigos a devoram diante deles; e deles não haverá ninguém que nela se encontrasse e decretastes pena de morte contra o judeu que nela habite”^h. Que vós mesmos montastes guarda para que ninguém nela fosse encontrado, é coisa que sabeis perfeitamente.

Os milagres de Cristo

48. ¹Que nosso Cristo curaria todas as enfermidades e ressuscitaria mortos, escutai as palavras com que isso foi profetizado. ²São estas: “Diante dele, o coxo saltará como cervo e a língua dos mudos se soltará, os cegos recobrarão a vista, os leprosos ficarão limpos e os mortos ressuscitarão e começarão a andar”ⁱ. ³Que tudo isso foi feito por Cristo, vós o podeis comprovar pelas Atas redigidas no tempo de Pôncio Pilatos. ⁴Sobre como foi de antemão indicado que ele haveria de ser morto, juntamente com os homens que nele esperam, escutai as palavras do profeta Isaías: ⁵“Eis como pereceu o justo, e ninguém reflete em seu coração; varões justos são tirados do meio, e ninguém considera. O justo é tirado da vista da iniquidade, e ficará em paz: seu sepulcro é tirado do meio”^j.

A gentildade

49. ¹Novamente olhai o que o profeta Isaías diz: os povos das nações que não o esperavam, iriam adorá-lo; ao contrário, os judeus que o esperavam, o desconhecaram quando ele veio. As palavras são ditas na pessoa de Cristo. ²Ei-las: “Manifestei-me aos que não perguntavam por mim, fui encontrado por aqueles que não me buscavam. Eu disse: ‘Eis-me aqui’ a uma nação que não invocava o meu nome. ³Estendi minhas mãos a um povo que não crê e contradiz, aos que andam por caminho não bom, mas atrás de seus pecados. ⁴O povo que me exaspera está diante de mim”^k. ⁵Foi assim que os judeus, que possuíam as profecias e esperavam continuamente Cristo, quando este veio não o reconheceram; e não apenas isso, pois inclusive o maltrataram. Ao contrário, os gentios, que nunca tinham ouvido falar dele até que os apóstolos, tendo saído de Jerusalém, lhes contaram sua vida e lhes entregaram as profecias, cheios de alegria e de fé, renunciaram aos ídolos e se consagraram ao Deus ingênito, por meio de Cristo. ⁶Que de antemão foram conhecidas essas ignomínias que se propagariam contra os que confessam a Cristo e como são miseráveis aqueles que o blasfemam, dizendo que é bom preservar os antigos costumes, escutai como o profeta Isaías o diz brevemente. ⁷São suas as palavras: “Ai daqueles que chamam amargo ao doce e doce ao amargo!”^l.

A paixão e glória de Cristo

50. ¹Escutai agora as profecias relativas à paixão e desonras que, feito homem, ele sofreria por nós, e a glória com que voltará. ²São estas: “Porque entregaram sua alma à morte e foi contado entre os iníquos, ele tomou os pecados de muitos e se reconciliará com os iníquos”^m. ³Eis que meu servo entenderá, será levantado e glorificado muito. ⁴Do mesmo modo como muitos ficarão atônitos à tua vista — tão desonrada está a tua figura diante dos homens e tua glória tão longe dos homens — assim muitas nações ficarão maravilhadas e reis permanecerão silencio-sos, porque aqueles para os quais não foi anunciado verão, e os que não ouviram, entenderão. ⁵Senhor, quem creu naquilo que ouviu de nós? Para quem foi revelado o braço do Senhor? Anunciamos diante dele como menino,

como raiz em terra sedenta. ⁶Ele não tem beleza nem glória; nós o vimos e não tinha beleza nem formosura, mas o seu aspecto estava desonrado e debilitado em comparação com os homens. ⁷Homem sujeito ao açoite e que sabe suportar a enfermidade, seu rosto está escondido, foi desonrado e desprezado. ⁸Leva sobre si nossos pecados e padece por nós, e nós consideramos que ele estava em fadiga, em açoite e desgraça. ⁹Ele foi ferido por causa de nossas iniqüidades e debilitado por causa de nossos pecados. A disciplina da paz estava sobre ele, fomos curados por sua chaga. ¹⁰Todos nós andávamos errantes como ovelhas, cada um se desviou pelo próprio caminho. Entregou-se por nossos pecados e, ao ser maltratado, não abre a boca. Foi levado como ovelha ao matadouro; como cordeiro que fica mudo diante daquele que o tosquia, ele também não abre a boca. ¹¹Em sua humilhação, o seu julgamento foi tirado”^u.

¹²Depois de ser crucificado, até seus discípulos o abandonaram e negaram. Depois, porém, quando res-suscitou dentre os mortos e foi visto por eles, depois que lhes ensinou a ler as profecias nas quais estava predito que isso deveria acontecer, e o viram subir ao céu e creram, depois que receberam a força que de lá lhes foi enviada por ele, espalharam-se entre todo tipo de homens, ensinaram-lhes todas essas coisas e foram chamados apóstolos.

51. ¹O Espírito profético, a fim de fazer-nos entender que quem padece essas coisas é de origem inexplicável e reina sobre seus inimigos, assim disse: “Quem explicará a sua geração? De fato, sua vida é arrebatada da terra, pelas iniquidades deles caminha para a morte. ²Em lugar de sua sepultura darei os mares e por sua morte os rios, porque ele não cometeu iniquidade e nem se achou engano em sua boca e o Senhor quer purificá-lo do açoite. ³Se oferecerdes pelo pecado, vossa alma verá descendência duradoura. ⁴O Senhor quer afastar a alma dele da fadiga, mostrar-lhe luz, formá-lo na inteligência, justificar o justo que serviu bem a muitos, e ele mesmo carregará os nossos pecados. ⁵Por isso, herdará a muitos e repartirá os despojos dos fortes, porque sua alma foi entregue à morte por ter sido contado entre os iníquos, por ter carregado os pecados e ter-se entregue pelas iniquidades deles”^u.

⁶Escutai como foi profetizado que ele deveria subir ao céu. ⁷Diz o seguinte: “Levantai as portas dos céus; abri-vos, portas, para que entre o rei da glória. Quem é esse rei da glória? O Senhor forte e o Senhor poderoso”^u. ⁸Que ele também há de vir dos céus com glória, escutai o que sobre isso foi dito pelo profeta Jeremias. ⁹Ele diz assim: “Eis como um filho de homem vem sobre as nuvens do céu, e seus anjos com ele.”^q

A dupla vinda de Cristo

52. ¹Como demonstramos que tudo o que aconteceu até agora foi previamente anunciado pelos profetas, agora, como em tudo, é necessário também que creiamos no que foi igualmente profetizado, mas que ainda vai acontecer. ²Com efeito, do mesmo modo que o acontecido, antecipadamente anunciado, por mais que não tivesse sido compreendido, aconteceu; assim também o que ainda falta para ser cumprido, acontecerá, por mais que não se compreenda nem se creia.

³Assim é que os profetas anunciaram duas vindas de Cristo: uma, já cumprida, como homem desonrado e passível; a segunda, quando virá dos céus acompanhado de seu exército de anjos, quando ressuscitará também os corpos de todos os homens que existiram; revestirá de incorruptibilidade os que forem dignos, e enviará os iníquos, com percepção eterna, ao fogo eterno, junto com os perversos demônios. ⁴Vamos mostrar como foi profetizado que isso deverá acontecer.

⁵Foi o profeta Ezequiel quem disse assim: “Unir-se-á juntura com juntura, osso com osso, e as carnes

voltarão a brotar. ⁶E todo joelho se dobrará diante do Senhor e toda língua o confessará”^{[r](#)}. ⁷Escutai o que foi dito sobre a percepção e o tormento em que se encontrarão os injustos. ⁸É o seguinte: “Seu verme não descansará e seu fogo não se extinguirá”^{[s](#)}. ⁹Então eles se arrependerão, quando de nada mais lhes valerá. ¹⁰Sobre o que dirão e farão os povos dos judeus, quando o virem vir em glória, o profeta Zacarias disse esta profecia: “Mandarei que os quatro ventos reúnam meus filhos dispersos, ordenarei ao vento norte que os traga e ao vento sul que não se oponha. ¹¹Então haverá grande choro em Jerusalém, não pranto de bocas e lábios, mas pranto de coração; não rasgarão suas roupas, mas suas almas. ¹²Cada tribo baterá no peito, olharão aquele que transpassaram e dirão: Por que, Senhor, nos desviaste de teu caminho? A glória que nossos pais bendisseram converteu-se em opróbrio para nós.”^{[t](#)}

Profecia sobre a gentilidade

53. ¹Poderíamos mostrar muitas outras profecias. Entretanto, terminamos essa prova por aqui, considerando que as citadas são suficientes para convencer aqueles que têm ouvidos para ouvir e entender, e podem assim precaver-se que não somos como os que inventam suas fábulas sobre os supostos filhos de Zeus, que nos contentamos apenas com afirmar, sem termos provas para alegar. ²De fato, por que motivo haveríamos de crer que um homem crucificado é o primogênito do Deus ingênito e que julgará todo o gênero humano, se não encontrássemos testemunhos sobre ele, publicados antes de ele ter nascido como homem e não os víssemos literalmente cumpridos: ³a devastação da terra dos judeus, homens de todas as raças que crêem através do ensinamento dos apóstolos e recusam seus antigos costumes, em cujos erros se criaram e ainda ao vermos que nós mesmos, procedentes das nações, somos mais numerosos e mais sinceros cristãos do que os judeus e os samaritanos? ⁴Deve-se saber que o restante de todas as raças humanas são chamadas de nações pelo Espírito profético; a casta dos judeus e samaritanos, porém, chama-se Israel e Casa de Jacó. ⁵Citarei para vós a profecia que prediz que os crentes serão em maior número entre aqueles que procedem da gentilidade do que entre os judeus e samaritanos. Diz assim: “Alegra-te, estéril, tu que não concebes; rompe e grita de júbilo, tu que não sofres dores de parto, porque são mais numerosos os filhos da abandonada do que daquela que tem marido”^{[u](#)}. ⁶De fato, todas as nações que cultuavam obras manufaturadas estavam abandonadas pelo verdadeiro Deus; mas os judeus e samaritanos, que tinham a palavra de Deus transmitida pelos profetas e estavam constantemente esperando Cristo, vindo este, o desconhecaram, exceto alguns poucos, dos quais o Espírito profético havia predito, através de Isaías, que se salvariam. ⁷Disse pessoalmente sobre eles mesmos: “Se o Senhor não nos tivesse deixado semente, nos teríamos tornado como Sodoma e Gomorra”^{[v](#)}. ⁸Moisés conta que Sodoma e Gomorra foram cidades de homens ímpios que Deus destruiu, queimando-as com fogo e enxofre, sem que nelas alguém se salvasse, a não ser um estrangeiro, de origem caldéia, chamado Ló, juntamente com suas filhas. ⁹Ainda hoje, quem quiser, pode ver toda essa terra que continua deserta, calcinada e estéril.

¹⁰Que os cristãos da gentilidade seriam mais sinceros e fiéis, ¹¹eis o que disse o profeta Isaías: “Israel é incircunciso de coração, as nações o são de prepúcio”^{[w](#)}. ¹²A contemplação de tantos fatos pode bem levar razoavelmente à persuasão e à fé os que amam a verdade, que não seguem a opinião, nem se deixam dominar por suas paixões.

As fábulas pagãs

54. ¹Ao contrário, os que ensinam os mitos inventados pelos poetas não podem oferecer nenhuma

prova aos jovens que os aprendem de cor. E nós demonstramos que foram ditos por obra dos demônios perversos, para enganar e extraviar o gênero humano. ²Com efeito, ouvindo os profetas anunciarem que Cristo viria e que os homens ímpios seriam castigados através do fogo, colocaram na frente muitos que se disseram filhos de Zeus, crendo que assim conseguiriam que os homens considerassem as coisas a respeito de Cristo como um conto de fada, semelhante aos contados pelos poetas. ³Tudo se propagou principalmente entre os gregos e outras nações, onde mais os demônios tinham ouvido, pelo anúncio dos profetas, que se deveria crer em Cristo. ⁴Nós colocaremos às claras que, embora ouvindo o que dizem os profetas, não o entenderam exatamente, mas parodiaram como charlatães aquilo que se refere a Cristo. ⁵Como já dissemos, o profeta Moisés é mais antigo do que todos os escritores e por ele, como já indicamos, foi feita esta profecia: “Não faltará príncipe de Judá, nem chefe de seus músculos, até que venha aquele a quem está reservado, e ele será a esperança das nações, amarrando seu jumentinho na sua videira e lavando sua roupa no sangue da uva”^x. ⁶Ouvindo essas palavras proféticas, os demônios disseram que Dioniso tinha sido filho de Zeus, ensinaram que ele tinha inventado a vinha, introduziram o asno em seus mistérios e propagaram que ele, depois de ter sido esquartejado, subiu ao céu. ⁷Acontece, porém, que na profecia de Moisés não aparecia com clareza se aquele que devia nascer seria Filho de Deus, nem se aquele que deveria montar o jumentinho permaneceria na terra ou subiria ao céu. Por outro lado, o nome de jumentinho, originariamente pode tanto significar a cria do asno como do cavalo. Assim, não sabendo se a profecia deveria ser tomada como símbolo de sua vinda montado num jumentinho de asno ou num potro de cavalo, nem se seria filho de Deus, como dissemos, ou de homem, os demônios inventaram que, Belerofonte, homem nascido de homens, subiu ao céu montado no cavalo Pégaso. ⁸Como também ouviram por outro profeta, Isaías, que haveria de nascer de uma virgem e que por sua própria virtude subiria ao céu, adiantaram-se com a lenda de Perseu. ⁹Pela mesma razão, conhecendo o que fora dito dele nas profecias anteriormente citadas: “Forte como um gigante para percorrer seu caminho”, inventaram um Hércules forte, que andava peregrinando por toda a terra. ¹⁰Por fim, ao inteirarem-se que estava profetizado que ele curaria todas as enfermidades e ressuscitaria mortos, nos trouxeram a fábula de Asclépio.

A cruz desconhecida pelos demônios

55. ¹Todavia, em nenhum lugar e em nenhum dos supostos filhos de Zeus arremedaram a crucificação, por não tê-la entendido, pois, conforme dissemos antes, tudo o que se refere à cruz foi dito de forma simbólica. ²Ela é justamente, como predisse o profeta, o maior símbolo de sua força e de seu império, como se manifesta ainda pelas mesmas coisas que caem sob os nossos olhos. Com efeito, considerai se tudo o que existe no mundo pode ser administrado ou ter comunicação entre si sem essa figura. ³De fato, não é possível sulcar o mar se esse troféu de vitória, que aqui se chama vela, não se mantém de pé no navio; sem ela não se ara a terra; também os cavadores e artesãos não realizam o seu trabalho sem instrumentos que têm essa figura. ⁴A própria figura humana não se distingue em qualquer outra coisa dos animais irracionais, senão por ser reta, poder abrir os braços e levar, partindo de frente, proeminente, o chamado nariz, pelo qual se verifica a respiração do animal, e que não mostra outra coisa que a forma da cruz. ⁵E o profeta falou desta maneira: “A respiração diante do nosso rosto, Cristo Senhor”. ⁶E ainda as vossas próprias insígnias deixam manifesta a força dessa figura, isto é, vossos estandartes e troféus de vitória, com os quais em todo lugar realizais as vossas marchas, mostrando os sinais do império e do poder, até quando o fazeis sem vos dar conta deles. ⁷As próprias imagens de vossos imperadores, quando morrem, são

consagradas por vós com essa figura, e vós os chamais deuses em vossas inscrições.

⁸Uma vez que os exortamos pelo raciocínio e por uma figura patente, na medida de nossas forças, daqui por diante nós não nos sentiremos irresponsáveis, mesmo que continueis incrédulos, pois o que dependia de nós já foi feito e chegou ao fim.

Outra vez Simão mago

56. ¹Os maus demônios, porém, não se contentaram em inventar, antes da aparição de Cristo, as fábulas dos supostos filhos de Zeus. Pelo contrário, tendo aparecido e conversado com os homens, ficaram sabendo que fora predito pelos profetas que todos nele creriam e que seria esperado em todas as nações e, por isso, como dissemos, lançaram outros, como Simão e Menandro, ambos de Samaria, os quais, realizando prodígios mágicos, enganaram a muitos e ainda os mantêm enganados.

²E, com efeito, como já dissemos, estando Simão em Roma, a vossa cidade imperial, no tempo de Cláudio César, de tal modo ele impressionou o sacro Senado e o povo romano, que foi tido como deus e honrado com uma estátua como a dos outros que vós considerais como deuses. ³Por isso nós vos suplicamos que o sacro Senado e o povo romano conheçam este nosso escrito, a fim de que, se houver alguém que ainda esteja enganado pelos ensinamentos dele, conheça a verdade e fuja do erro.

⁴Quanto à estátua, se quiserdes, derrubai-a.

Não tememos a morte

57. ¹Os demônios não conseguem convencer que não haverá a conflagração para castigar os ímpios, do mesmo modo que não conseguiram esconder a Cristo depois que ele nasceu. A única coisa que conseguem é fazer que aqueles que vivem irracionalmente e se desenvolvem em meio aos maus costumes, entregues às suas paixões e seguindo a opinião vã, nos tirem a vida e nos odeiem. Nós, porém, não só não os odiamos, mas, como é evidente, queremos, por pura compaixão que temos por eles, persua-di-los a que se convertam. ²Com efeito, não tememos a morte quando reconhecemos que se deve absolutamente morrer e nada de novo acontece nessa ordem de coisas, mas o mesmo de sempre. Se estas produzem fartura aos que delas usufruem, ainda que só por um ano, que prestem atenção ao nosso ensinamento, para que estejam isentos de dor e de necessidades. ³Contudo, se acreditam que não existe nada depois da morte, afirmando que os que morrem terminam em uma absoluta inconsciência, nesse caso fazem-nos um benefício ao livrar-nos dos sofrimentos e necessidades daqui. Mas eles se mostram maus, inimigos dos homens e seguidores de opinião, pois não nos tiram a vida para nos libertar, mas nos matam para privar-nos da vida e do prazer.

Marcião, inspirado pelo demônio

58. ¹Como dissemos antes, os maus demônios também lançaram à frente Marcião do Ponto, que agora ensina a negar o Deus criador de tudo o que é celeste e terrestre, assim como a Cristo, Filho de Deus, que foi anunciado pelos profetas, e prega não sabemos qual outro deus fora do criador de todas as coisas, assim como outro filho seu. ²Muitos lhe deram fê, como se ele fosse o único que conhece a verdade, e zombam de nós, apesar de não terem nenhuma prova do que dizem, mas, sem qualquer razão, são presas de doutrinas ímpias e dos demônios, como cordeiros arrebatados pelo lobo. ³De fato, os chamados demônios em nada dispendem tanto empenho como em afastar os homens de Deus Criador e de Cristo, seu primogênito. Para isso, àqueles que são capazes de levantar da terra, eles os prenderam e continuam prendendo ao terreno e às obras de mãos dos homens, e aos que se lançam à contemplação do divino, se não possuem uma fala discreta e limpa e uma vida isenta de paixão,

preparam-lhes a armadilha para lançá-los à impiedade.

Platão, discípulo de Moisés

59. ¹De nossos mestres também, isto é, do Verbo que falou pelos profetas, Platão tomou o que disse sobre Deus ter criado o mundo, transformando uma matéria informe. Para convencer-nos disso, escutai o que disse literalmente Moisés, o primeiro dos profetas, anteriormente já citado, mais antigo do que os escritores gregos. Por meio dele, dando-nos a entender de que maneira e com quais elementos Deus fez o mundo no princípio, o Espírito profético assim disse: ²“No princípio, Deus fez o céu e a terra. ³A terra era invisível e informe, as trevas ficavam por cima do abismo e o Espírito de Deus pairava sobre as águas. ⁴E Deus disse: ‘Faça-se a luz’. E a luz foi feita”^u. ⁵Conseqüentemente, todo o mundo foi feito pela palavra de Deus a partir de elemento preexistente, antes indicado por Moisés, coisa que tanto Platão como os que seguem as suas doutrinas aprenderam, e também nós a aprendemos, e vós podeis persuadir-vos disso. ⁶E mesmo aquilo que entre os poetas se chama “Érebo” ou abismo, sabemos que já fora dito antes por Moisés.

60. ¹O que Platão, explicando a criação, diz no Timeu sobre o Filho de Deus: “Deu-lhe a forma de X no universo”, ele o tomou igualmente de Moisés. ²De fato, nos escritos de Moisés conta-se que, no tempo em que os israelitas tinham saído do Egito e se encontravam no deserto, foram atacados por feras venenosas, víboras, áspides e todo tipo de serpentes, que causavam a morte do povo. ³Então, por inspiração e impulso de Deus, Moisés pegou bronze, fez uma figura de cruz e a colocou sobre o tabernáculo santo, dizendo ao povo: “Se olhardes para esta figura e crerdes, sereis salvos por meio dela.” ⁴Feito isso, ele conta que as serpentes morreram e que o povo então escapou da morte. ⁵Platão deve ter lido isso e, não compreendendo exatamente, nem entendendo que se tratava da figura da cruz, tomou-a pela letra X grega, e disse que o poder que acompanha a Deus estava primeiro estendido pelo universo em forma de X. ⁶Ao falar de terceiro princípio, deve-se também ao fato de ter lido, como dissemos, em Moisés que o Espírito de Deus pairava sobre as águas. ⁷Com efeito, Platão dá o segundo lugar ao Verbo, que vem de Deus e que ele disse estar espalhado em forma de X no universo; e dá o terceiro lugar ao Espírito que se disse pairar sobre as águas, e assim fala: “E o terceiro sobre o terceiro”.

⁸Que haverá uma conflagração universal, escutai como o Espírito profético o anunciou de antemão. ⁹Ele diz o seguinte: “Descerá um fogo sempre vivo e devorará o abismo até embaixo”^z. ¹⁰Portanto, não somos nós que professamos opiniões iguais aos outros, e sim todos, por imitação, repetem as nossas doutrinas. ¹¹Entre nós tudo isso pode-se ouvir e aprender até daqueles que ignoram as formas das letras, pessoas ignorantes e bárbaras de língua, mas sábias e fiéis de inteligência, e até pessoas mutiladas e privadas de visão. De onde se pode entender que isso não acontece pela sabedoria humana, mas se diz que é pela força de Deus.

O batismo: iluminação e regeneração

61. ¹Explicaremos agora de que modo, depois de renovados por Jesus Cristo, nos consagramos a Deus, para que não aconteça que, omitindo este ponto, demos a impressão de proceder um pouco maliciosamente em nossa exposição. ²Todos os que se convencem e acreditam que são verdadeiras essas coisas que nós ensinamos e dizemos, e prometem que poderão viver de acordo com elas, são instruídos, em primeiro lugar, para que com jejum orem e peçam perdão a Deus por seus pecados anteriormente cometidos, e nós oramos e jejuamos juntamente com eles. ³Depois os conduzimos a um lugar onde haja água e pelo mesmo banho de regeneração, com que também nós fomos regenerados,

eles são regenerados, pois então tomam na água o banho em nome de Deus, Pai soberano do universo, e de nosso Salvador Jesus Cristo e do Espírito Santo. ⁴É assim que Cristo disse: “Se não nascerdes de novo, não entrareis no Reino dos Céus”^a. ⁵É evidente para todos que, uma vez nascidos, não é possível entrar de novo no seio de nossas mães. ⁶Também o profeta Isaías, como citamos anteriormente, disse como fugiriam dos pecados aqueles que antes pecaram e agora se arrependem. ⁷Eis o que ele disse: “Lavai-vos, purificai-vos, tirai as maldades de vossas almas e aprendei a fazer o bem, julgai o órfão e fazei justiça à viúva; então vinde e conversemos, diz o Senhor. Se vossos pecados forem como a púrpura, eu os tornarei brancos como a lã; se forem como o escarlata, eu os alvejarei como a neve. ⁸Se não me escutardes, a espada vos devorará, porque assim falou a boca do Senhor”^b. ⁹A explicação que aprendemos dos apóstolos sobre isso é a seguinte: ¹⁰uma vez que não tivemos consciência de nosso primeiro nascimento, pois fomos gerados por necessidade de um germe úmido, através da união mútua de nossos pais, e nos criamos em costumes maus e em conduta perversa, agora, para que não continuemos sendo filhos da necessidade e da ignorância, mas da liberdade e do conhecimento e, ao mesmo tempo, alcancemos o perdão de nossos pecados anteriores, pronuncia-se na água, sobre aquele que decidiu regenerar-se e se arrepende de seus pecados, o nome de Deus, Pai e soberano do universo; e aquele que conduz ao banho pronuncia este único nome sobre aquele que vai ser lavado. ¹¹Com efeito, ninguém é capaz de dar um nome ao Deus inefável; se alguém se atrevesse a dizer que esse nome existe, sofreria a mais vergonhosa loucura. ¹²Esse banho chama-se iluminação, para dar a entender que são iluminados os que aprendem estas coisas. ¹³O iluminado se lava também em nome de Jesus Cristo, que foi crucificado sob Pôncio Pilatos, e no nome do Espírito Santo, que, por meio dos profetas, nos anunciou previamente tudo o que se refere a Jesus.

O arremedo diabólico do batismo

62. ¹Os demônios também ouviram que esse banho tinha sido anunciado pelo profeta, e então também se fizeram aspergir aqueles que entram em seus templos e vão aproximar-se deles para lhes oferecer libações e gorduras, e chegam até a obrigar a um banho completo, antes de entrar nos templos, onde eles se assentam. ²Também o fato de que os sacerdotes mandem que se descalcem aqueles que entram nos templos e cultuam os demônios, estes conceberam e imitaram aquilo que aconteceu a Moisés, o profeta de que antes falamos. ³De fato, deve-se saber que, no tempo em que se mandou Moisés descer ao Egito para daí tirar o povo de Israel, quando ele estava apascentando as ovelhas do seu tio materno na terra da Arábia, nosso Cristo falou com ele de dentro de uma sarça em forma de fogo, e lhe disse: “Desata as sandálias de teus pés, apro-xima-te e ouve”^{bb}. ⁴Ele, descalço, aproximou-se e ouviu que o mandavam descer ao Egito e daí tirar o povo de Israel. Foi aí que recebeu uma força tão grande do mesmo Cristo que lhe falara em forma de fogo. E, de fato, desceu ao Egito e tirou o povo, depois de realizar grandes prodígios que, se desejardes, podeis conhecer fielmente através dos livros do próprio Moisés.

O Verbo na sarça e Moisés

63. ¹Todos os judeus, porém, ainda hoje, ensinam que foi o Deus inominado que falou a Moisés. ²Por isso, o já mencionado profeta Isaías, repreendendo-os no texto anteriormente citado, disse: “O boi conheceu o seu dono e o asno a manjedoura de seu senhor, mas Israel não me conheceu e meu povo não me compreendeu”^c. ³E o próprio Jesus Cristo, repreendendo os judeus por não saberem distinguir o que era o Pai e o que era o Filho, também disse: “Ninguém conhece o Pai, a não ser o Filho;

ninguém conhece o Filho, a não ser o Pai e aqueles aos quais o Filho o revelar”^d. ⁴O Verbo de Deus é seu Filho, como dissemos antes. ⁵E também se chama mensageiro e embaixador, porque ele anuncia o que se deve conhecer e é enviado para nos manifestar tudo o que o Pai nos comunica. O próprio nosso Senhor o deu a entender, quando disse: “Quem ouve a mim, ouve aquele que me enviou”^e. ⁶O mesmo aparece claramente pelos escritos de Moisés. ⁷Com efeito, nestes se diz assim: “O anjo do Senhor falou com Moisés da chama de fogo na sarça e lhe disse: Eu sou Aquele que é, o Deus de Abraão, o Deus de Isaac, o Deus de Jacó, o Deus de teus pais. ⁸Desce ao Egito e tira dali o meu povo”^f. ⁹O que segue podereis, se quiserdes, sabê-lo através dos próprios escritos, pois não é possível transcrever tudo aqui. ¹⁰As palavras citadas são suficientes para demonstrar que Jesus Cristo é Filho e embaixador de Deus, e antes era Verbo, que apareceu algumas vezes em forma de fogo, outras em imagem incorpórea e agora, feito homem por vontade de Deus, por causa do gênero humano submeteu-se a sofrer tudo o que os demônios quiseram que os insensatos judeus fizessem com ele. ¹¹Estes, tendo expressamente dito nos escritos de Moisés: “E o anjo de Deus falou a Moisés em fogo de chama desde a sarça e lhe disse: Eu sou Aquele que sou; o Deus de Abraão, o Deus de Isaac, o Deus de Jacó”, insistem que foi o Pai e artífice do universo quem disse essas palavras. ¹²Então, repreendendo-os, o Espírito profético disse: “Mas Israel não me conheceu, nem meu povo me compreendeu.” ¹³Por sua vez, Jesus, como já indicamos, estando entre eles, disse: “Ninguém conhece o Pai, a não ser o Filho; ninguém conhece o Filho, a não ser o Pai e aqueles aos quais o Filho o revelar”^g. ¹⁴Portanto, os judeus que pensam ter sido sempre o Pai do universo quem falou a Moisés, quando na realidade falou-lhe o Filho de Deus, que se chama também mensageiro e embaixador dele, com razão são repreendidos pelo Espírito profético e pelo próprio Cristo, por não terem conhecido nem o Pai, nem o Filho. ¹⁵Porque os que dizem que o Filho é o Pai dão prova de que não sabem nem quem é o Pai, nem tomaram conhecimento de que o Pai do universo tenha um Filho que, sendo Verbo e primogênito de Deus, também é Deus. ¹⁶Foi este que primeiramente apareceu a Moisés e aos outros profetas em forma de fogo ou por imagem incorpórea e aquele que agora, nos tempos de vosso império, como já dissemos, nasceu homem de uma virgem, conforme o desígnio do Pai. E pela salvação dos que nele crêem, quis ser desprezado e sofrer para, com sua morte e ressurreição, vencer a própria morte. ¹⁷O que da sarça foi dito a Moisés: “Eu sou Aquele que é, o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó”, significa que, mesmo depois de mortos, aqueles homens continuavam sendo de Cristo, assim como foram os primeiros de todos os homens que se ocuparam na busca de Deus, pois Abraão foi pai de Isaac, e este pai de Jacó, como o próprio Moisés deixou escrito.

Outras lembranças pagãs

64. ¹Do que foi dito até aqui, podeis entender que também foram os demônios que introduziram o uso de instalar a imagem da chamada Coré sobre as fontes das águas, dizendo que ela era filha de Zeus, querendo assim imitar o que disse Moisés. ²Este, com efeito, como citamos antes, disse: “No princípio Deus criou o céu e a terra. ³A terra era invisível e informe, e o Espírito de Deus pairava sobre as águas”^h. ⁴À imitação desse Espírito de Deus que se dizia pairar sobre as águas, disseram eles que Coré era filha de Zeus. ⁵Com igual malícia, disseram também que Atena era filha de Zeus, mas não nascida de união carnal; de fato, ao tomarem conhecimento de que Deus, depois de pensar, criou o mundo por meio de seu Verbo, disseram que Atena era como que o primeiro pensamento; coisa que consideramos absolutamente ridícula, apresentar uma mulher como imagem do pensamento.

⁶De modo seme-lhante, suas ações argüem os outros chamados filhos de Zeus.

Fraternidade e eucaristia

65. ¹De nossa parte, depois que assim foi lavado aquele que creu e aderiu a nós, nós o levamos aos que se chamam irmãos, no lugar em que estão reunidos, a fim de elevar fervorosamente orações em comum por nós mesmos, por aquele que acaba de ser iluminado e por todos os outros espalhados pelo mundo inteiro, suplicando que nos conceda, já que conhecemos a verdade, ser encontrados por nossas obras como homens de boa conduta e observantes do que nos mandaram, e assim consigamos a salvação eterna. ²Terminadas as orações, nos damos mutuamente o ósculo da paz. ³Depois àquele que preside aos irmãos é oferecido pão e uma vasilha com água e vinho; pegando-os, ele louva e glorifica ao Pai do universo através do nome de seu Filho e do Espírito Santo, e pronuncia uma longa ação de graças, por ter-nos concedido esses dons que dele provêm. Quando o presidente termina as orações e a ação de graças, todo o povo presente aclama, dizendo: “Amém”. ⁴Amém, em hebraico, significa “assim seja”. ⁵Depois que o presidente deu ação de graças e todo o povo aclamou, os que entre nós se chamam ministros ou diáconos dão a cada um dos presentes parte do pão, do vinho e da água sobre os quais se pronunciou a ação de graças e os levam aos ausentes.

Teologia da eucaristia

66. ¹Este alimento se chama entre nós Eucaristia, da qual ninguém pode participar, a não ser que creia serem verdadeiros nossos ensinamentos e se lavou no banho que traz a remissão dos pecados e a regeneração e vive conforme o que Cristo nos ensinou. ²De fato, não tomamos essas coisas como pão comum ou bebida ordinária, mas da maneira como Jesus Cristo, nosso Salvador, feito carne por força do Verbo de Deus, teve carne e sangue por nossa salvação, assim nos ensinou que, por virtude da oração ao Verbo que procede de Deus, o alimento sobre o qual foi dita a ação de graças — alimento com o qual, por transformação, se nutrem nosso sangue e nossa carne — é a carne e o sangue daquele mesmo Jesus encarnado. ³Foi isso que os Apóstolos nas memórias por eles escritas, que se chamam Evangelhos, nos transmitiram que assim foi mandado a eles, quando Jesus, tomando o pão e dando graças, disse: “Fazei isto em memória de mim, este é o meu corpo”ⁱ. E igualmente, tomando o cálice e dando graças, disse: “Este é o meu sangue”, e só participou disso a eles. ⁴É certo que isso também, por arremedo, foi ensinado pelos demônios perversos para ser feito nos mistérios de Mitra^j; com efeito, nos ritos de um novo iniciado, apresenta-se pão e uma vasilha de água com certas orações, como sabeis ou podeis informar-vos.

Liturgia dominical

67. ¹Depois dessa primeira iniciação, recordamos constantemente entre nós essas coisas e aqueles de nós que possuem alguma coisa socorrem todos os necessitados e sempre nos ajudamos mutuamente. ²Por tudo o que comemos, bendizemos sempre ao Criador de todas as coisas, por meio de seu Filho Jesus Cristo e do Espírito Santo. ³No dia que se chama do sol, celebra-se uma reunião de todos os que moram nas cidades ou nos campos, e aí se lêem, enquanto o tempo o permite, as memórias dos apóstolos ou os escritos dos profetas. ⁴Quando o leitor termina, o presidente faz uma exortação e convite para imitarmos esses belos exemplos. ⁵Em seguida, levantamo-nos todos juntos e elevamos nossas preces. Depois de terminadas, como já dissemos, oferece-se pão, vinho e água, e o presidente, conforme suas forças, faz igualmente subir a Deus suas preces e ações de graças e todo o povo exclama, dizendo: “Amém”. Vem depois a distribuição e participação feita a cada um dos

alimentos consagrados pela ação de graças e seu envio aos ausentes pelos diáconos. ⁶Os que possuem alguma coisa e queiram, cada um conforme sua livre vontade, dá o que bem lhe parece, e o que foi recolhido se entrega ao presidente. Ele o distribui a órfãos e viúvas, aos que por necessidade ou outra causa estão necessitados, aos que estão nas prisões, aos forasteiros de passagem, numa palavra, ele se torna o provisor de todos os que se encontram em necessidade. ⁷Celebramos essa reunião geral no dia do sol, porque foi o primeiro dia em que Deus, transformando as trevas e a matéria, fez o mundo, e também o dia em que Jesus Cristo, nosso Salvador, ressuscitou dos mortos. Com efeito, sabe-se que o crucificaram um dia antes do dia de Saturno e no dia seguinte ao de Saturno, que é o dia do Sol, ele apareceu a seus apóstolos e discípulos, e nos ensinou essas mesmas doutrinas que estamos expondo para vosso exame.

Petição final

68. ¹Portanto, se vos parece que tais doutrinas provêm da razão e da verdade, respeitai-as; mas se as considerais co- mo charlatanice ou coisa de charlatães, desprezai-as. Não decreteis, porém, pena de morte, como contra inimigos, contra aqueles que nenhum crime cometem. ²De fato, vos avisamos de antemão, que, se vos obstinais em vossa iniqui-dade, não escapareis do futuro julgamento de Deus. De nossa parte, exclamaremos: “Aconteça o que Deus quiser”.

³Poderíamos também exigir que mandeis celebrar os julgamentos dos cristãos conforme nossa petição, apoiando-nos na carta do máximo e gloriosíssimo César Adriano, vosso pai. Todavia, não vos fizemos nossa súplica, nem dirigimos nossa exposição, porque Adriano o julgasse assim, mas porque estamos persuadidos da justiça de nossas petições. ⁴Contudo, anexamos para vós uma cópia da carta de Adriano, para que vejais, segundo o seu teor, que dizemos a verdade. ⁵A cópia é a seguinte:

“A Mimício Fundano.

⁶Recebi uma carta que me foi escrita por Serênio Graniano, homem distinto, a quem sucedeste. ⁷Não me parece que o assunto deva ficar sem esclarecimento, a fim de que os homens não se perturbem, nem se facilitem as malfetorias dos delatores. ⁸Dessa forma, se os provincianos são capazes de sustentar abertamente a sua demanda contra os cristãos, de modo que respondam a ela diante do tribunal, deverão ater-se a esse procedimento e não a meras petições e gritarias. ⁹Com efeito, é muito mais conveniente que, se alguém pretende fazer uma acusação, examines tu o assunto. ¹⁰Em conclusão, se alguém acusa os cristãos e demonstra que realizam alguma coisa con-tra as leis, determina a pena, conforme a gravidade do delito. Mas, por Hércules, se a acusação é caluniosa, castiga-o com maior severidade e cuida para que não fique impune”.

^h Justino alude ao que conhecemos como “versão dos Setenta”. Isso ocorreu no reinado de Ptolomeu Filadelfo, entre os anos 285-247 a.C. Há, portanto, aqui, um engano de Justino.

ⁱ Gn 49,10-11.

^j Is 11,1.10; Nm 24,17.

^k Is 7,14.

^l Lc 1,31-32.

^m Mq 5,1.

ⁿ Is 9,5.

^o Is 65,2; 58,2.

^p Sl 22,17.19.

^q Mt 21,4-5.

^r Is 1,3-4.

^s Is 66,1.

^t Is 1,11-15; 58,6-7.

[u](#) Is 65,2.

[v](#) Is 50,6-8.

[w](#) Sl 22,19.17; Sl 3,6.

[x](#) Sl 22,8-9.

[z](#) Mt 27,39-40.

[a](#) Is 2,3-4.

[b](#) Sl 19,3-6.

[c](#) Sl 1.

[d](#) Dt 30,15.

[e](#) Is 1,16-20.

[f](#) Sl 110,1-3.

[g](#) Is 64,10.

[h](#) Jr 50,3.

[i](#) Is 35,5-6; Mt 11,5.

[l](#) Is 57,1-2

[k](#) Is 65,1-3.

[l](#) Is 5,20.

[m](#) Is 53,12.

[n](#) Is 52,13-53,8.

[o](#) Is 53,8-12.

[p](#) Sl 24,7-8.

[q](#) Não se trata de Jr, mas de Dn 7,13.

[r](#) Ez 37,7; Is 45,23; cf Rm 14,11.

[s](#) Is 66,24.

[t](#) Zc 2,6; 12,10-12; Jl 2,13.

[u](#) Is 54,1.

[v](#) Is 1,9.

[w](#) Jr 9,25.

[x](#) Gn 49,10-11.

[y](#) Gn 1,1-3.

[z](#) Dt 32,22.

[a](#) Jo 3,3-4.

[b](#) Is 1,16-20.

[bb](#) Não conhecemos outro texto, além de Ex 3,1-6, que mencione este fato. Jetro, sacerdote de Madiã, era sogro de Moisés. Que fosse também seu tio materno, não temos notícias. Contudo, há duas versões que não se conciliam sobre o nome do sogro de Moisés. Em Ex 3,1; 4,18; 18,1 ele se chama Jetro. Em Ex 2,18, Ragüel.

[c](#) Is 1,3.

[d](#) Mt 11,27.

[e](#) Mt 10,40; Lc 10,16.

[f](#) Ex 3,2-3.6.

[g](#) Mt 11,27.

[h](#) Gn 1,1-2.

[i](#) Lc 22,19-20.

[i](#) Deus do antigo Irã. Seu nome significa “contrato”. Mestre dos rebanhos bovinos. É um deus solar e salvador escatológico. Seu culto se difundiu pelo mundo helenístico e romano. Para participar de seu culto “de mistérios”, passava-se por uma iniciação de sete graus. Sua festa era celebrada aos 25 de dezembro e está na origem da festa do Natal cristão.

Não há nenhum indício convincente de que se trata, de fato, de uma segunda Apologia. Ao contrário, tudo indica que há uma única Apologia em duas partes. Repare-se que a II Ap. começa diretamente sem cabeçalho, sem destinatário, aludindo ao fato relativamente recente que deve ter impressionado seu autor. Não é, portanto, escrito independente da I Ap. Prescindindo da menção de Eusébio de Cesaréia sobre as duas Apologias, os críticos consideram com unanimidade que a chamada “II Apologia” é mero apêndice ou complemento da primeira. Por seu conteúdo, mais se evidencia que não representa senão ampliação de temas tratados já na I Ap.

Quanto à data de composição, detém-se na menção de Lólio Úrbico, prefeito de Roma de 144 a 160. Mais exatamente os peritos a datam de 155 a 160.

A ocasião que motivou a II Ap. seria praticamente a mesma da I Ap.: cristãos iam à morte, procuravam o martírio. Daí o dito comum: “Matai-vos uns aos outros, e ide de uma vez para o vosso Deus, e não nos incomodeis mais”. O que intriga, particularmente, Justino é o que está na II Ap. 2,16, isto é, um julgamento tão contra a razão: “Por que motivo condenaste à morte um homem que ninguém provou ser adúltero, ou fornicador, ou assassino, ou ladrão, ou salteador, ou, por fim, réu de algum crime, mas que apenas confessou levar o nome de cristão? Úrbico, não estás julgando de modo conveniente ao imperador Pio, nem ao filho de César, amigo do saber, nem ao sacro Senado”.

À objeção: “Se confessam a Deus porque não os socorre e os livra da morte?”, Justino não é feliz na resposta. “Deus entregou o mundo à administração dos anjos. Estes se uniram às mulheres e geraram filhos que são os demônios, causa de todos os males da humanidade” (II Ap. 4).

Repete idéia sobre: a) o nome de Deus; b) a encarnação do Filho de Deus, cuja finalidade é a salvação dos crentes e a destruição dos demônios; c) delação da conflagração universal por causa dos cristãos (6,1). Se os demônios procuram prejudicar os homens bons estóicos, mais ainda aos cristãos que possuem o Verbo por inteiro (7,1-9).

No cap. 8, menciona o filósofo Crescente que será seu acusador perante a autoridade romana. No cap. 9, recolhe a objeção vinda dos filósofos: “E os que se consideram filósofos não aleguem que são apenas ruídos e espantalhos o que afirmamos sobre o castigo que os iníquos sofrerão no fogo eterno, e que nós exigimos que os homens vivam retamente por medo e não porque a virtude é bela e gratificante” (9,1). Mas a grande objeção da II Ap., que é também a da I, está no cap. 10: reafirmar a superioridade da religião cristã sobre toda filosofia e sobre todo ensinamento humano, pois só os cristãos possuem o Lógos inteiro, que é Cristo.

No cap. 13, Justino esclarece que os filósofos expressaram, graças à participação do Lógos seminal, o que era conforme a esse mesmo Verbo parcial que possuíam, porém o fato de se contradizerem em pontos importantes é prova de que não possuíam, como os cristãos, a ciência infalível e o conhecimento irrefutável. Conclusão: tudo de bom pertence aos cristãos (13,4).

Embora o apóstolo João fale do “Verbo que ilumina todo homem que vem ao mundo”, foi no estoicismo que Justino aprendeu que o Lógos é a razão imanente do mundo, a lei que o rege e a força que o anima. Neste aspecto, o Lógos é chamado *Lógos spermatikós* ou razão seminal. Cada homem tem seu lógos particular, participa do Lógos total, animado, dirigido por ele. Assim, em Cristo-Lógos, os cristãos têm a plenitude do conhecimento e da revelação (10,1); “A nossa doutrina supera todo ensinamento humano porque temos o Lógos em toda a sua inteireza em Cristo, que foi manifestado por nós, corpo, razão e alma. O Lógos é criador de sua própria humanidade. Cristo, Filho de Deus é a Lei eterna e a nossa aliança para o mundo inteiro”.

O tema central de Justino é o plano criador e salvífico de Deus (a economia), manifestado e realizado por Cristo-Lógos. No interior deste plano divino, encontra seu lugar a sabedoria dos antigos filósofos. Sua premissa básica é que a razão humana (lógos) é uma participação do Lógos divino: em cada homem há “uma semente”, esperma do Lógos, resultante da ação do “Verbo que dá a semente” (7,3; 13,3).

II APOLOGIA

1. ¹Romanos, o que aconteceu ultimamente em vossa cidade sob Urbico e o que os governadores estão fazendo, sem razão, em todo o império, forçou-me a compor o presente discurso em vosso favor. Com efeito, sois da nossa mesma natureza e irmãos nossos, por mais que, por causa da vaidade de vossas supostas dignidades, não o reconheçais, nem o desejeis. ²O fato é que em todas as partes há gente disposta a nos levar à morte. Exceto os que estão persuadidos de que os iníquos e intemperantes serão castigados com o fogo eterno e que os virtuosos e que viveram de modo semelhante a Cristo, viverão impassíveis com Deus, isto é, exceto os que são cristãos, todo aquele que é repreendido pelo pai, vizinho, filho, amigo, marido ou mulher por causa de uma falta, se volta contra nós, por sua obstinação no mal, por seu amor ao prazer e por sua impotência para seguir o que é bom; com estes, os malvados demônios, por causa do ódio que nos professam e porque têm a seu serviço tais juízes, como se, de fato, os governantes fossem endemoninhados. ³E para que vos fique clara a causa de tudo o que aconteceu sob Urbico, contarei o caso em pormenores.

Um drama doméstico

2. ¹Certa mulher vivia com o seu marido, homem dissoluto, e antes de se tornar cristã, se entregara à vida licenciosa. ²Todavia, logo que conheceu os ensinamentos de Cristo, não só se tornou casta, como procurava também persuadir seu marido à castidade, referindo-lhe os mesmos ensinamentos e anunciando-lhe o castigo do fogo eterno, preparado para os que não vivem castamente e conforme a reta razão. ³Ele, porém, obstinado na dissolução, com a sua conduta desanimou a sua mulher. ⁴Com efeito, esta considerava uma coisa ímpia continuar partilhando o leito com um homem que só procurava meios de prazer a todo custo, contra a lei da natureza e contra o que é justo, e decidiu divorciar-se. ⁵Seus parentes, todavia, a dissuadiam e a aconselhavam que tivesse ainda um pouco de paciência, com a esperança de que, algum dia, pudesse mudar o homem. Então, ela violentou-se a si mesma e esperou. ⁶O marido teve que fazer uma viagem para Alexandria e logo a mulher ficou sabendo que ele cometia lá maiores excessos ainda. Depois disso, para não se tornar cúmplice de tais iniquidades e impiedades, permanecendo no matrimônio e partilhando o leito e a mesa com tal homem, ela apresentou o que entre vós se chama “libelo de repúdio”, e separou-se. ⁷Então, aquele excelente marido, que deveria ter-se alegrado pelo fato de sua mulher, antes entregue à vida fácil com escravos e diaristas, entre bebedeiras e todo tipo de maldade, ter agora deixado tudo isso e só desejar que ele também, dado às mesmas farras, pusesse fim a tudo isso, ficou, pelo contrário, despeitado por ela ter-se divorciado contra a sua vontade e a acusou diante dos tribunais, dizendo que ela era cristã. ⁸A mulher, contudo, apresentou a ti, imperador, um memorial, solicitando autorização para dispor antes de sua propriedade, e responder diante dos tribunais à acusação que lhe era feita, depois que estivesse resolvida a questão dos seus bens. Tu concedeste o que ela solicitou. ⁹O que antes fora marido, não podendo, na ocasião, fazer nada contra a mulher, voltou-se contra certo Ptolomeu, que Urbico chamara do seu tribunal, por ter sido mestre dela nos ensinamentos de Cristo. Eis o ardil que ele usou. ¹⁰O centurião que prendera Ptolomeu era seu amigo, e ele o persuadiu para que o detivesse e lhe perguntasse apenas se era cristão. ¹¹Ptolomeu, que era por caráter amante da verdade, incapaz de enganar ou dizer uma coisa por outra, confessou que era de fato cristão. E isso bastou para que o centurião o acorrentasse e o atormentasse por muito tempo no cárcere. ¹²Finalmente, quando Ptolomeu foi levado diante do tribunal de Urbico, a única pergunta que lhe fizeram foi igualmente se era cristão. ¹³De novo, consciente dos bens que devia à doutrina de

Cristo, confessou o que é ensinamento da divina virtude. ¹⁴Com efeito, quem nega alguma coisa, seja o que for, ou a nega porque a condena ou recusa confessá-la por saber que é indigno ou alheio a ela; nada disso convém ao verdadeiro cristão. ¹⁵Urbico ordenou que ele fosse condenado ao suplício; mas certo Lúcio, que também era cristão, vendo um julgamento realizado tão contra toda a razão, disse a Urbico: ¹⁶“Por que motivo condenaste à morte um homem que ninguém provou ser adúltero, ou fornicador, ou assassino, ou ladrão, ou salteador, ou, por fim, réu de algum crime, mas que apenas confessou levar o nome de cristão? Urbico, não estás julgando de modo conveniente ao imperador Pio, nem ao filho de César, amigo do saber, nem ao sacro Senado”.

¹⁷Urbico não respondeu nada. Dirigiui-se a Lúcio, e lhe disse: “Parece-me que também tu és cristão!” ¹⁸Lúcio respondeu: “Com muita honra.” E sem mais, o prefeito deu ordem para que ele também fosse conduzido ao suplício. ¹⁹Lúcio declarou-lhe que até agradecia por isso, pois sabia que ia se livrar de tão perversos tiranos e que iria ao Pai e rei dos céus. ²⁰Por fim, um terceiro, que sobreveio, também foi condenado à morte.

O suicídio não é lícito

3(4). ¹Contudo, para que não se diga: “Matai-vos uns aos outros, e ide de uma vez para o vosso Deus, e não nos incomodeis mais”, quero dizer porquê não fazemos isso e também porquê, ao ser interrogados, confessamos corajosamente a nossa fé. ²Nós aprendemos que Deus não fez o mundo por acaso, mas por causa do gênero humano, e já dissemos que ele se compraz com aqueles que imitam as suas qualidades e, em troca, se desagrada com aqueles que, por palavras ou obras, se entregam ao mal. ³Portanto, se todos nos matássemos a nós mesmos, seríamos culpados de que nascesse alguém que seria instruído nos ensinamentos divinos e, no que dependeria de nós, seríamos responsáveis pelo desaparecimento do gênero humano e, fazendo isso, também nós agiríamos de modo contrário ao desígnio de Deus. ⁴Quanto a não negar ao sermos in-terrogados, isso se deve ao fato de nós não termos cons-ciência de ter cometido nenhum mal e, ao contrário, consi-deramos como impiedade não sermos em tudo verazes. Sabemos que isso é agradável a Deus, e nos apressamos em vos livrar agora da injusta preocupação contra nós.

A obra dos demônios

4(5). ¹Caso ocorresse a alguém a idéia de que, se confessamos a Deus como protetor, não estaríamos, como dizemos, sob o poder dos iníquos, sofrendo seus castigos, resolverei também essa dificuldade. ²Tendo Deus feito o mundo inteiro, submetido as coisas terrestres aos homens e ordenado os elementos do céu, impondo-lhes também uma lei divina para o crescimento dos frutos e variação das estações — os quais também claramente ele fez para os homens —, entregou-o, assim como as coisas sob o céu, aos cuidados dos anjos que para isso designou. ³Mas os anjos, violando essa ordem, deixaram-se vencer por seu amor pelas mulheres e geraram filhos, que são os chamados demônios^a. ⁴Além disso, mais adiante, escravizaram o gênero humano, algumas vezes por meio de sinais mágicos; outras por terrores e castigos que infligiam; outras ensinando-lhes a sacrificar e oferecer para eles incensos e libações de que necessitam, depois que se submeteram às paixões de seus desejos. Finalmente, foram eles que semearam entre os homens assassínios, guerras, adultérios, vícios e maldades de todo tipo. ⁵Daí, os poetas e narradores de mitos, não tendo idéia do que os anjos e os demônios, que deles nasceram, cometeram com homens e mulheres e fizeram em cidades e nações tudo o que escreveram, depois o atribuíram ao próprio Deus e aos filhos carnalmente nascidos dele e aos chamados seus irmãos, Posêidon e Plutão, e igualmente aos filhos destes. ⁶Com

efeito, os poetas chamaram os seus deuses com o nome que cada demônio tinha posto em si mesmo e em seus filhos.

Deus não tem nome

5(6). ¹O Pai do universo, sendo ingênito, não tem nome imposto, pois todo aquele que tem nome supõe outro mais antigo que o tenha imposto. ²Pai, Deus, Criador, Senhor, Soberano não são propriamente nomes, mas denominações tiradas de seus benefícios e de suas obras. ³Quanto a seu Filho, o único que propriamente se diz Filho, o Verbo, que está com ele antes das criaturas e é gerado, quando no princípio criou e ordenou por seu meio todas as coisas, chama-se Cristo por sua unção e porque Deus ordenou por seu meio todas as coisas. Nome que também compreende um sentido incognoscível, da mesma maneira que a denominação “deus” não é nome, mas uma concepção ingênita da natureza humana de uma realidade inexplicável. ⁴“Jesus”, em troca, é nome de homem que tem a sua própria significação de “salvador”. Sim, com efeito, como já dissemos, o Verbo se fez homem por desígnio de Deus Pai e nasceu para a salvação dos que crêem e destruição dos demônios. Podeis comprová-lo por aquilo que, agora mesmo, está acontecendo diante de vossos olhos. De fato, em todo o mundo e em vossa própria cidade imperial, muitos dos nossos, isto é, cristãos, conjurando pelo nome de Jesus Cristo, que foi crucificado sob Pôncio Pilatos, curaram e ainda agora continuam curando muitos ende-moninhados que não puderam sê-lo por todos os outros exorcistas, encantadores e feiticeiros. E assim destroem e expulsam os demônios que possuem os homens.

Os cristãos conservam o mundo

6(7). ¹Assim, Deus também adia pôr um fim à confusão e destruição do universo, por causa da semente dos cristãos, recém-espalhada pelo mundo, que ele sabe ser a causa da conservação da natureza. ²De fato, se assim não fosse, vós não teríeis poder para fazer nada daquilo que fazeis conosco, nem seríeis manejados pelos demônios, como instrumentos de sua ação; mas, descendo o fogo de julgamento, já teria separado tudo sem exceção, do mesmo modo como não deixou vivo ninguém depois do dilúvio, a não ser aquele que nós chamamos Noé, juntamente com os seus, e que vós chamais Deucalião, do qual nasceu de no-vo numerosa multidão de homens, uns maus, outros bons. ³Com efeito, nós dizemos que acontecerá a conflação universal, mas não, como dizem os estóicos, por causa da transformação de umas coisas em outras, pois isso nos parece muito torpe. Também não dizemos que os homens agem ou sofrem por necessidade do destino, mas que cada um age bem ou peca por sua livre determinação^b. Acrescentamos ainda que, por obra dos perversos demônios, homens bons, como Sócrates e outros semelhantes, foram perseguidos e aprisionados, e, ao contrário, Sardanapalo, Epicuro e outros de sua laia viveram, ao que parece, na abundância, glória e felicidade. ⁴Não entendendo isso, os estóicos disseram que tudo acontece por necessidade do destino. ⁵Mas não é assim. No princípio, Deus criou livres tanto os anjos como o gênero humano e, por isso, receberam com justiça o castigo de seus pecados no fogo eterno. ⁶A natureza de tudo o que tem princípio é esta: ser capaz de vício e de virtude, pois ninguém seria digno de louvor se não pudesse também voltar-se para um desses extremos. ⁷Demonstram isso aqueles homens que, em todas as partes, legislaram e filosofaram conforme a reta razão, ao mandarem que se façam algumas coisas e se evitem outras. ⁸Os próprios filósofos estóicos, em sua doutrina sobre costumes, têm em alta estima esses mesmos princípios. Isso prova que eles não estão no caminho certo na sua metafísica sobre os princípios e o incorpóreo. ⁹De fato, ao dizer que tudo o que os homens fazem acontece por

necessidade do destino ou que Deus não é outra coisa senão isso que constantemente se muda, se transforma e se dissolve nos mesmos elementos, torna-se patente que têm idéia apenas do corruptível e que Deus, em suas partes e como um todo, se produz em meio a toda maldade ou, por fim, que a virtude e a maldade nada são. Isso choca-se contra toda idéia prudente, contra toda razão e inteligência.

A semente do Verbo

7(8). ¹Sabemos que alguns que professaram a doutrina estóica foram odiados e mortos. Pelo menos na ética eles se mostram moderados, assim como os poetas em determinados pontos, por causa da semente do Verbo, que se encontra ingênita em todo o gênero humano. Assim foi Heráclito, como antes dissemos, e entre os do nosso tempo, Musônio e outros que conhecemos. ²Com efeito, como já anotamos, os demônios sempre se empenharam em tornar odiosos aqueles que, de algum modo, quiseram viver conforme o Verbo e fugir da maldade. ³Portanto, não é de se admirar se eles, desmascarados, procuram também tornar odiosos, e com mais empenho ainda, àqueles que vivem não apenas de acordo com uma parte do Verbo seminal, mas conforme o conhecimento e contemplação do Verbo total, que é Cristo. Eles receberam merecido tormento e castigo, aprisionados no fogo eterno. ⁴Se eles agora são vencidos pelos homens em nome de Jesus Cristo, isso é aviso do futuro castigo no fogo eterno que os espera, juntamente com aqueles que os servem. ⁵Todos os profetas anunciaram isso de antemão e isso também nos ensinou o nosso mestre Jesus.

Pressentimento do martírio

8(9). ¹Eu mesmo espero ser vítima das ciladas de algum desses demônios aludidos e ser cravado no cepo, ou pelo menos das ciladas de Crescente, esse amigo da desordem e da ostentação. ²Não merece o nome de filósofo um homem que, sem saber uma palavra sobre nós, nos calunia publicamente, como se nós, cristãos, fôssemos ateus e ímpios, espalhando essas calúnias para congratular-se e agradar a multidão transviada. ³De fato, se ele nos persegue sem ter encontrado a doutrina de Cristo, é homem absolutamente mau e que se coloca muito abaixo do próprio vulgo dos ignorantes, os quais com frequência se preservam de falar do que não entendem e, principalmente, de levantar falsos testemunhos; se leu, não entendeu a sua sublimidade; se a entendeu e age assim para ninguém suspeitar que ele é cristão, então é ainda mais miserável e mau, pois se deixa vencer pela opinião vulgar e irracional e pelo medo. ⁴Quero que saibais que, ao propor-lhe e fazer-lhe certas perguntas sobre o caso, lhe fiz ver e o convenci de que não sabe absolutamente nada. ⁵Para provar que digo a verdade, se não vos foram comunicadas as notas de nossas discussões, estou disposto a repetir minhas perguntas e respostas e isso também seria uma façanha digna de imperadores. ⁶Mas se as minhas perguntas e respostas já tivessem chegado ao vosso conhecimento, por elas ficaria claro para vós que ele não entende nada sobre nossa religião. Se ele sabe e, a exemplo de Sócrates, como eu disse antes, não se atreve a falar por medo daqueles que o escutam, não é homem que ama o saber, mas a opinião, como quem não aprecia o dito socrático tão digno de ser apreciado: “Não se deve estimar nenhum homem, acima da verdade.” ⁷Contudo, é impossível que um cínico, pondo o fim supremo na indiferença, conheça bem alguma coisa fora dessa indiferença.

Existe uma justiça eterna

9. ¹E os que se consideram filósofos não aleguem que são apenas ruídos e espantalhos o que afirmamos sobre o castigo que os iníquos sofrerão no fogo eterno, e que nós exigimos que os homens

vivam retamente por medo e não porque a virtude é bela e gratificante. A eles responderemos brevemente: se a coisa não é como dizemos, então não existe Deus ou, se existe, não se importa em nada com os homens; a virtude e o vício nada seriam, como já dissemos, nem os legisladores castigariam com justiça os que transgridem as boas ordenações. ²Todavia, como os legisladores não são injustos e o Pai deles ensina, através do Verbo, a fazer o que ele mesmo faz, não são injustos os que a eles aderem. ³E se nos objetam que existe diversidade de leis entre os homens e que aquilo que uns consideram bom, outros o consideram mau, e o que é belo para estes é vergonhoso para aqueles, respondemos da maneira que segue. ⁴Em primeiro lugar, sabemos que os anjos maus estabelecem leis semelhantes à sua própria maldade, nas quais se comprazem os homens que estão com eles; por outro lado, ao chegar depois a reta razão, ela demonstra que nem todas as opiniões, nem todas as leis são boas, mas umas são boas e outras más. Assim ou algo semelhante responderemos a eles. E, se houver necessidade, o diremos mais em pormenores. ⁵Por enquanto, volto ao que me propus.

Possuímos o Verbo inteiro

10. ¹Portanto, a nossa religião mostra-se mais sublime do que todo o ensinamento humano, pela simples razão de que possuímos o Verbo inteiro^e, que é Cristo, manifestado por nós, tornando-se corpo, razão e alma.

²Com efeito, tudo o que os filósofos e legisladores disseram e encontraram de bom, foi elaborado por eles pela investigação e intuição, conforme a parte do Verbo que lhes coube. ³Todavia, como eles não conheceram o Verbo inteiro, que é Cristo, eles freqüentemente se contradisseram uns aos outros.

⁴Aqueles que antes de Cristo tentaram investigar e demonstrar as coisas pela razão, conforme as forças humanas, foram levados aos tribunais como ímpios e amigos de novidades. ⁵Sócrates, que mais se empenhou nisso, foi acusado dos mesmos crimes que nós, pois diziam que ele introduzia novos demônios e que não reconhecia aqueles que a cidade considerava como deuses. ⁶O fato é que, expulsando da república Homero e outros poetas, ele ensinou os homens a rejeitar os maus demônios, que cometeram as abominações de que falam os poetas, e ao mesmo tempo os exortava ao conhecimento de Deus, para eles desconhecido, por meio de investigação racional, dizendo: “Não é fácil encontrar o Pai e artífice do universo, nem, quando o tivermos encontrado, é seguro dizê-lo a todos.” ⁷Foi justamente o que o nosso Cristo fez por sua própria virtude. ⁸Com efeito, ninguém acreditou em Sócrates, até que ele deu a sua vida por essa doutrina; em Cristo, porém, que em parte foi conhecido por Sócrates, — pois ele era e é o Verbo que está em tudo, e foi quem predisse o futuro através dos profetas e, feito de nossa natureza, por si mesmo nos ensinou essas coisas — em Cristo acreditaram não só filósofos e homens cultos, mas também artesãos e pessoas totalmente ignorantes, que souberam desprezar a opinião, o medo e a morte; porque ele é a virtude do Pai inefável e não um vaso de humana razão.

O mito de Héracles

11. ¹Contudo, os homens iníquos e os demônios não nos tirariam a vida, nem teriam poder sobre nós, se todo homem que nasce não tivesse também que morrer. Por isso, nós vos agradecemos porque pagais uma dívida que temos.

²Todavia, cremos que é bom e oportuno mencionar aqui o conhecido relato de Xenofonte para que Crescente e os que são tão insensatos como ele o recordem. ³Xenofonte conta que, ao chegar a uma encruzilhada, vieram ao encontro de Héracles a virtude e a maldade, na forma de mulheres. ⁴A maldade estava vestida com roupas finas, tinha rosto atraente e adornado com enfeites, e disse a

Héracles que, se ele a seguisse, ela o faria viver sempre no prazer e enfeitado com o mais belo ornamento, semelhante ao que ela usava. ⁵Ao contrário, a virtude, com rosto e veste severos, lhe disse: “Se seguires a mim, não te enfeitarei com beleza ou adorno passageiro e corruptível, mas com enfeites eternos e belos.” ⁶Nós estamos persuadidos de que alcançam a felicidade todos aqueles que se desfazem dos bens aparentes e seguem o que parece duro e contra a razão. ⁷Porque a maldade veste as suas ações com as qualidades da virtude e do que é de fato bem, remedando o incorruptível, pois ela em si não tem nada de incorruptível e nem é capaz de produzi-lo, e torna escravos seus os homens que se arrastam pelo chão, atribuindo à virtude os males próprios da maldade. ⁸Contudo, os que compreendem os bens verdadeiros, próprios da virtude, também se tornam incorruptíveis pela virtude. Que sejam assim os cristãos, os atletas e os heróis que fizeram aquelas façanhas atribuídas pelos poetas aos supostos deuses, qualquer pessoa inteligente o pode deduzir, se souber tirar consequência do fato de que nós desprezamos a morte, da qual todos fogem.

O platônico se faz cristão

12. ¹Eu mesmo, quando seguia a doutrina de Platão, ouvia as calúnias contra os cristãos. Contudo, ao ver como caminhavam intrepidamente para a morte e para tudo o que é considerado espantoso, comecei a refletir que era impossível que tais homens vivessem na maldade e no amor aos prazeres. ²Com efeito, que homem amante do prazer, intemperante e que considere coisa boa devorar carnes humanas, poderia abraçar alegremente a morte, que vai privá-lo de seus bens, e que não procuraria antes, de todos os modos, prolongar indefinidamente a sua vida presente e esconder-se dos governantes, e menos ainda sonharia em delatar a si mesmo para ser morto? ³Por obra de homens perversos, os malvados demônios também já conseguiram isso. ⁴De fato, buscando condenar à morte alguns cristãos, fundados nas calúnias contra nós, arrastaram também escravos, meninos e mulheres e, por meio de incríveis tormentos, os forçaram a repetir contra nós o que o povo inventa, os mesmos crimes que eles cometem publicamente. Todavia, nada disso nos diz respeito e nada nos preocupa, pois temos o Deus eterno e inefável como testemunha de nossos pensamentos e ações. ⁵Com efeito, por qual motivo não haveríamos de proclamar publicamente que tudo isso é bom e demonstrar que se trata de uma divina filosofia, se bastasse dizer que ao matar um homem nós nos iniciamos nos mistérios de Saturno e que, ao faltar-nos de sangue, fazemos o mesmo que esse ídolo que tanto apreciáis, ao qual se asperge não só com sangue de animais irracionais, mas também com sangue humano? E para semelhante rito de aspergir com o sangue dos executados, destinais o homem mais ilustre e mais nobre dentre vós. Por fim, quando dizem que abusamos dos varões e nos unimos sem temor com as mulheres, por que não dizer que, fazendo isso, estamos imitando a Zeus e aos outros deuses, alegando em nossa defesa os escritos de Epicuro e dos poetas? ⁶A verdade é que nos fazemos guerra de mil modos, exatamente porque ensinamos a fugir de semelhantes doutrinas e daqueles que praticam tais coisas ou imitam tais exemplos, como, mesmo nestes discursos que vos dirigimos, nos esforçamos por fazer. Contudo, a vossa guerra em nada nos importa, pois sabemos que o Deus que tudo vê é justo. ⁷Oxalá, agora mesmo subisse alguém à tribuna elevada e, com voz de ator, dali vos gritasse: “Envergonhai-vos, envergonhai-vos de imputar à pessoas inocentes a mesma coisa que praticais publicamente e atribuir aquilo que é próprio de vós e de vossos deuses àqueles que absolutamente nada têm a ver com isso. ⁸Convertei-vos, arrependei-vos!”

Sou cristão

13. ¹Eu também, ao perceber que os malvados demônios tinham lançado um véu sobre os divinos

ensinamentos de Cristo, a fim de afastar deles os outros homens, desprezei da mesma forma aqueles que propagavam tais calúnias como o véu dos demônios e a opinião do vulgo. ²Confesso que todas as minhas orações e esforços tem por finalidade mostrar-me cristão, não porque as doutrinas de Platão sejam alheias a Cristo, mas porque elas não são totalmente semelhantes, como também as dos outros filósofos, os estóicos, por exemplo, poetas e historiadores. ³De fato, cada um falou bem, vendo o que tinha afinidade com ele, pela parte que lhe coube do Verbo seminal divino. Todavia, é evidente que aqueles que em pontos muito fundamentais se contradisseram uns aos outros, não alcançaram uma ciência infalível, nem um conhecimento irrefutável. ⁴Portanto, tudo o que de bom foi dito por eles, pertence a nós, cristãos, porque nós adoramos e amamos, depois de Deus, o Verbo, que procede do mesmo Deus ingênito e inefável. Ele, por amor a nós, se tornou homem para partilhar de nossos sofrimentos e curá-los. ⁵Todos os escritores só puderam obscuramente ver a realidade, graças à semente do Verbo neles ingênita. ⁶Com efeito, uma coisa é o germe e a imitação de algo, que é feita conforme a capacidade; e outra, aquele mesmo do qual se participa e imita, conforme a graça que também dele procede.

Que todos conheçam a verdade

14. ¹Portanto, nós vos suplicamos que, subscrevendo como vos pareça, deis publicidade a este livro, a fim de que também os outros conheçam a nossa religião e se vejam livres da vã opinião e da ignorância em relação ao bem. Por sua própria culpa, eles se tornam responsáveis pelo castigo, ²pois na natureza humana existe a faculdade de conhecer o bem e o mal, e eles, que nos condenam sem saber se praticamos as coisas vergonhosas de que nos acusam, comprazem-se com deuses que as fizeram e ainda exigem dos homens coisas semelhantes. De modo que, pelo fato de nos condenar à morte, ao cárcere e a outra pena semelhante, como se tivéssemos feito tais coisas, eles dão a sentença contra si próprios, sem que sejam necessários outros juízes.

15. ¹[Eu desprezei o ensinamento ímpio e enganoso da minha nação.]

²Se consentis em publicar este livro, nós gostaríamos de levá-lo ao conhecimento de todos, a fim de que, se possível, se convertam, porque foi só para esse fim que escrevi estes discursos. ³Com efeito, segundo julgamento prudente, as nossas doutrinas não são vergonhosas, mas superiores a toda filosofia humana. Se não são tais, ao menos não se parecem com as de Sotades, Filênida, Arquétrato, Epicuro e outros, nem são semelhantes às de poetas que, oralmente ou por escrito, vós permitis que sejam conhecidas por todo mundo.

⁴Feito o que dependia de nós, aqui pomos ponto final. Acrescentamos nossas súplicas a Deus, para que a todos os homens de todo o mundo seja concedido conhecer a verdade. ⁵Oxalá também vós, em vosso interesse, julgueis com justiça, de acordo com vossa piedade e filosofia.

^a Justino se mostra aqui devedor de seu meio e de seu tempo. Mostra-se ingênuo, embora filósofo, sobre a origem e ação dos demônios. Não se deve esquecer que esta é a “época de ouro da demonologia”.

^b Os estóicos criam num destino-providência, num fatum. Para uma compreensão melhor desta questão, cf. leitura acessível em R., Frangioti, *A Doutrina tradicional da Providência: implicações sociopolítica*, Paulus, 1986, especialmente a I parte, onde se estudam o campo semântico, as origens e as relações dos termos: destino, fortuna, fatum, lógos e providência.

^c Deve-se distinguir entre o “Verbo inteiro”, ingênito, inefável, o próprio Cristo, e o “Verbo seminal” que habita nos homens, especialmente nos sábios.

Esta obra representa a controvérsia mais antiga entre o cristianismo e o judaísmo. Constitui-se, portanto, no primeiro documento de valor, fora do Novo Testamento, sobre as relações controvertidas do cristianismo com o judaísmo. Trata-se, para a Igreja do século II, de um problema real e de grande interesse, ou seja, o da relação entre o Antigo e o Novo Testamento. Para Justino, especificamente, a questão seria mostrar o universalismo do cristianismo, suplantando o judaísmo, realizando plenamente as profecias do Antigo Testamento. Dessa forma, ele se põe na esteira de Paulo de Tarso, de Santo Inácio, mártir, e da Epístola de Barnabé, para os quais o AT é mera projeção para o NT.

O tema central do Diálogo é a derrogação da Lei antiga e o advento da nova; messianidade e divindade de Jesus: nele se cumprem as Escrituras e as figuras do AT. Para isso, cita abundantemente textos do AT. O método de abordagem para a explicação dos textos é o alegórico.

Trata-se de uma disputa com um sábio judeu, Trifão, que se prolonga por dois dias. Alguns identificam este judeu com o célebre rabino Tarfão, morto em 155. Trifão seria a forma grega do hebraico Tarfão.

O estilo literário é imperfeito, difuso, lento e, por vezes, confuso e repetitivo. Há divagações, excessivas re-petições. Falta a Justino certo rigor de composição, de ordem lógica, de seqüência, de método. Há intermináveis citações das Escrituras. Pouco diálogo. Muito monólogo com pequenas e esporádicas objeções de Trifão. Contudo, é um escrito cheio de ardor, de vida, de entusiasmo.

A data de composição é incerta. Segundo B. Altaner, sua composição é “paralela à da I Apologia, sendo esta citada no cap. 120”.

Estrutura e conteúdo do diálogo

Na Introdução, caps. 2-8, Justino descreve sua evolução intelectual. O corpo da obra é dividido em três partes.

Os capítulos 9-47 constituem uma primeira parte. Nela se explica o conceito que os cristãos têm do Antigo Testamento. Mostra a caducidade da Antiga Aliança que é substituída pela Lei nova de Cristo. Esta se estende sobre todos os povos. Aponta para a preexistência de Cristo, a identidade do Lógos com Deus que se revelou aos patricarcas no AT, falou aos profetas e se encarnou no seio da Virgem Maria.

Numa segunda parte, caps. 48-108, Justino justifica a adoração de Cristo como Deus: este culto não repugna ao monoteísmo. Com isto os ritos judaicos estão superados.

Na terceira parte, caps. 109-142, Justino prova que as nações que crêem em Cristo e seguem sua lei representam o Novo Israel e o verdadeiro povo eleito de Deus.

Nesta obra, Justino dá muita importância ao Antigo Testamento como fonte insuspeita para provar a verdade da religião cristã, a messianidade e a divindade de Jesus Cristo. Contudo, um exame cuidadoso das citações do AT nos revela que ele seleciona aquelas passagens que falam do repúdio de Israel e da eleição dos gentios.

Além do tema central já mencionado, poderiam ainda ser indicados outros temas de grande importância, embora alguns estejam no texto como “digressões”. Entre eles, apontamos a interpretação teológica e da natureza sacrificial da eucaristia; a oposição entre Maria e Eva no plano divino da salvação; a diferenciação do Lógos e da Alma do mundo e o milenarismo.

DIÁLOGO DE JUSTINO, FILÓSOFO E MÁRTIR, COM O JUDEU TRIFÃO

Prólogo. Encontro com Trifão e seus companheiros

1. ¹Eu andava de manhã sob os pórticos do ginásio, quando certo homem, acompanhado de outros, encontrou-se comigo. Ele me disse:

— Saudações, filósofo.

Ao mesmo tempo que me saudava, virou-se e começou a andar ao meu lado. Seus amigos também vieram com ele. De minha parte, retribuí a saudação, dizendo:

— O que há?

²Ele respondeu:

— Em Argos, o socrático Corinto ensinou-me que não se deve desprezar, nem deixar de lado os que vestem uma roupa como essa, mas de todos os modos demonstrar-lhes estima e conversar com eles, a fim de tirar algum proveito para ele ou para mim. Mesmo no caso de um só dos dois tirar proveito, já é um bem para ambos. Por isso, sempre que vejo alguém com essa roupa, eu me aproximo dele com prazer, e foi por esse motivo que agora te saudei de boa vontade. Estes homens me acompanham e também esperam ouvir de ti algo proveitoso.

³Eu repliquei, gracejando um pouco:

— E quem és tu, melhor dos mortais?

Com simplicidade, ele me falou o seu nome e sua raça:

— Eu me chamo Trifão e sou um hebreu circuncidado que, fugindo da guerra há pouco terminada, ^avivo na Grécia, e passo a maior parte do tempo em Corinto.

Eu perguntei:

— Como poderias tirar tanto proveito da filosofia, quanto do teu legislador e dos profetas?

Ele me respondeu:

— Como assim? Os filósofos não falam de Deus em todos os seus discursos, e suas disputas não tratam sempre sobre a sua unicidade e providência? Ou não é objeto da filosofia a investigação a respeito de Deus?

⁴Eu lhe disse:

— Sim. Sou da mesma opinião. Mas a maioria dos filósofos nem sequer se propõem o problema, se existe um só Deus ou muitos, nem se cuidam de cada um de nós, pois acham que tal conhecimento em nada contribui para a nossa felicidade. Além disso, procuram persuadir-nos de que, se Deus cuida do universo em geral e dos gêneros e espécies, ele não cuida de mim, nem de ti, nem das coisas particulares; se cuidasse não estaríamos dia e noite suplicando a ele. ⁵Todavia, não é difícil perceber o objetivo de suas teorias. Os que assim pensam, procuram a impunidade, a liberdade de falar, de agir, de fazer e dizer o que quiserem, sem temer nenhum castigo ou esperar nenhuma recompensa da parte de Deus. Com efeito, como poderiam esperar aqueles que afirmam que eu e tu temos que voltar a viver vida igual a esta presente, sem que tenhamos feito coisas melhores ou piores? Outros, supondo que a alma é imortal e incorpórea, acham que nem mesmo praticando o mal, sofrerão algum castigo, pois o incorpóreo é impassível e, sendo a alma imortal, não precisam de Deus para nada.

⁶Então ele sorriu e perguntou gentilmente:

— E o que tu pensas sobre isso? Qual a idéia que tens sobre Deus, e qual é a tua filosofia? Dize-nos.

A filosofia: caminho para Deus

2. ¹Eu respondi:

— Vou te dizer o que é claro para mim. De fato, a filosofia é o maior e o mais precioso bem diante de Deus,^b para o qual somente ela nos conduz e nos associa. Na verdade, santos são aqueles que consagram à filosofia a própria inteligência. No entanto, o que seja a filosofia e o motivo pelo qual ela foi enviada aos homens muitos o ignoram, pois do contrário não existiriam platônicos, nem estóicos, nem teóricos, nem pitagóricos, sendo ela uma única ciência.²Quero explicar porque ela passou a ter muitas cabeças. A questão é que aos primeiros que a ela se dedicaram e se tornaram famosos em sua profissão, seguiram outros que não fizeram mais nenhuma investigação sobre a verdade. Ao contrário, levados pela admiração da constância, do domínio de si e da raridade das doutrinas de seus mestres, só aceitaram como verdade o que cada um tinha deles aprendido. Então, transmitindo a seus sucessores doutrinas semelhantes às primitivas, cada escola tomou o nome daquele que foi o pai da doutrina.

Itinerário intelectual de Justino

³Eu mesmo, no início, desejando também reunir-me com algum deles, coloquei-me nas mãos de um estóico e passei bastante tempo com ele. Todavia, percebi que nada me adiantava para o conhecimento de Deus, pois nem sequer ele sabia nada, nem dizia que esse conhecimento era necessário. Então separei-me dele e dirigi-me a outro, um peripatético, que se acreditava ser homem perspicaz. Este me suportou bem nos primeiros dias, mas logo deu-me a entender que devíamos fixar honorários, a fim de que a nossa convivência não ficasse sem proveito. Eu o deixei por esse motivo, pois ele absolutamente não parecia filósofo.⁴Minha alma, porém, continuava ardendo para ouvir o que é próprio e excelente na filosofia. Então me dirigi a um pitagórico, muito conceituado, homem que se orgulhava muito de sua própria sabedoria. Logo que comecei a conversar com ele, desejando tornar-me seu ouvinte e discípulo, ele me disse:

— Como assim? Estudaste música, astronomia e geometria? Ou pensas que poderás contemplar algumas dessas realidades que contribuem para a felicidade, sem aprender primeiro essas ciências que desprendem a alma do sensível e a preparam para o inteligível, de modo que possas ver o que é belo e bom em si mesmo?

Então fez-me um grande panegírico sobre essas ciências, apresentando-as como necessárias e, quando confessei que as ignorava, mandou-me embora. É claro que fiquei incomodado por ter malgrado em minha esperança, mais ainda porque eu acreditava que aquele homem sabia alguma coisa. Por outro lado, considerando o tempo que eu deveria gastar naquelas disciplinas, não sofri em deixá-lo por causa de tão grande prazo.

⁶Fiquei perplexo. Por fim, decidi conversar também com os platônicos, pois também eles tinham muita fama. Justamente nesses dias, chegara à nossa cidade um homem inteligente, proeminente entre os platônicos; mantinha com eles longas conversas e a cada dia eu me adiantava e fazia progressos notáveis. Eu me exaltava principalmente com a consideração do incorpóreo. A contemplação das idéias dava asas à minha inteligência. Eu imaginava ter-me tornado sábio num átimo, e minha estupidez fazia-me esperar que, de um momento para outro, contemplaria o próprio Deus. Com efeito, esta é a meta da filosofia de Platão.

O encontro decisivo

3. ¹Com essa disposição de alma, decidi encher-me de grande solidão e evitar o caminho dos homens. Por isso, dirigi-me a certo lugar não distante do mar. Perto já do local em que eu iria ficar sozinho, seguia-me, a pouca distância, um ancião de aspecto não desprezível, dando sinais de possuir

caráter brando e venerável.¹ Voltei-me, parei e fixei nele o meu olhar. ²Então ele me perguntou:

— Tu me conheces?

Respondi que não. Ele continuou:

— Então por que me olhas desse jeito?

Eu lhe respondi:

— Estou admirado de que tenhas vindo onde me encontro, pois eu não esperava encontrar aqui homem algum.

Ele me disse:

— Estou preocupado com alguns familiares meus, que estão viajando. Vim então pessoalmente ver se eles aparecem em algum lugar. E tu, o que fazes aqui?

Eu lhe respondi:

— Gosto de ficar aqui um pouco, pois posso conversar comigo mesmo sem que ninguém me atrapalhe. Para quem gosta de meditar não há lugares mais apropriados que estes.

³Então ele me disse:

— És, portanto, um amigo da idéia e não da ação e da verdade? Por que não ser prático ao invés de sofista?

Eu lhe respondi:

— Que obra maior devemos realizar senão a de mostrar como a idéia dirige todas as coisas? Concebida em nós, e deixando-nos conduzir por ela, podemos contemplar o engano dos outros e ver que em suas ocupações não há nada de são, nem de agradável a Deus. De fato, sem a filosofia e a reta razão, não é possível existir prudência. É preciso, portanto, que todos os homens se dediquem à filosofia e a considerem a maior e mais honrosa, deixando o restante em segundo ou terceiro lugar. Se essas estiverem unidas à filosofia, ainda poderão passar por coisas de moderado valor e dignas de aceitação. Contudo, se estiverem separadas dela e não a acompanharem, serão pesadas e vis para aqueles que as realizam.

O que é a filosofia e a felicidade que ela traz

⁴Então ele me disse:

— Quer dizer que a filosofia traz felicidade?

Eu respondi:

— Sem dúvida, e somente ela.

Ele continuou:

— Se não houver inconveniente, diga-me o que é filosofia e qual a felicidade que ela produz.

Eu respondi:

— Filosofia é a ciência do ser e do conhecimento da verdade, e felicidade é a recompensa dessa ciência e desse conhecimento.

⁵Ele me perguntou:

— A quem chamas de Deus?

— Deus é aquele que é sempre encontrado do mesmo modo. Ele é invariável e também a causa do ser de todos os outros seres.

Essa foi a minha resposta, e como se ele gostasse de me ouvir, continuou a perguntar-me:

— O nome de ciência não é comum a diferentes coisas? Em todas as artes, a pessoa que as conhece é chamada de sábio nelas. Por exemplo: a estratégia, a navegação, a medicina. O mesmo não acontece com o que se refere a Deus e ao homem. Existe alguma ciência que nos forneça conhecimento das coisas divinas e humanas, fazendo-nos conhecer o que nelas existe de divindade e

justiça?

Eu respondi:

— Claro que sim.

⁶— Então conhecer o homem e a Deus é a mesma coisa que saber música, aritmética, astronomia ou qualquer outra coisa?

Eu repliquei:

— De modo nenhum.

Ele acrescentou:

— Então tu não me respondeste corretamente antes. Com efeito, há conhecimentos que adquirimos através da aprendizagem ou de algum treinamento; outros, pela visão direta. Por exemplo: se alguém te disser que na Índia existe um animal de tipo diferente de todos os outros, que é assim ou assim, multiforme e multicolorido, não saberias o que ele é nem poderias dizer sobre ele antes de vê-lo ou de ouvir quem o viu.

⁷Eu respondi:

— Claro que não.

Ele replicou:

— Então como os filósofos entendem ou falam corretamente sobre Deus se não têm ciência dele, pois não o viram, nem jamais o ouviram?

Eu contestei:

— Mas a divindade, pai, não é visível como os outros seres vivos. Ela é apenas compreensível à inteligência, como disse Platão, e eu acredito nele.

Pode o homem ver a Deus?

4. ¹Ele me disse:

— Então a nossa inteligência tem uma força tão grande ou compreende a coisa por meio da sensação? Será que a inteligência humana é capaz de ver a Deus se não estiver adornada com o Espírito Santo?^d

Eu respondi:

— Platão, de fato, afirma que assim é o olho da inteligência, e que ela nos foi dada exatamente para contemplar com ele, por ser olho puro e simples, aquele mesmo que é causa de tudo o que é inteligível, sem ar, sem forma, sem tamanho, sem nada daquilo que o olho vê, mas que é o próprio ser, indizível e inexplicável, além de toda a essência, o único belo e bom que aparece imediatamente nas almas de excelente natureza, por aquilo que tem de semelhante a ele e por seu desejo de contemplá-lo.

²Ele me perguntou:

— Qual é a nossa semelhança com Deus? Será que a alma é divina e imortal, uma partícula daquela soberana inteligência, e como aquela vê a Deus, também é possível para a nossa compreender a divindade e gozar a felicidade que dela provém?

Eu respondi:

— Sem dúvida nenhuma.

Ele continuou:

— E todas as almas dos seres vivos têm a mesma capacidade? Ou a alma dos homens é diferente da alma de um cavalo ou de um jumento?

Eu respondi:

— Não há nenhuma diferença. Elas são as mesmas em todos.

³Então ele concluiu:

— Logo, os cavalos e os asnos também vêem a Deus ou já o terão visto!

Repliquei:

— Não. Nem mesmo muitos homens o vêem. Para isso, é preciso que se viva com retidão, depois de se purificar com a justiça e todas as outras virtudes.

Ele continuou:

— Então o homem não vê a Deus por causa de sua semelhança com ele, nem porque tem inteligência, mas porque é sensato e justo.

Eu respondi:

— Exatamente. E porque tem capacidade para entender a Deus.

Então ele perguntou:

— Muito bem. Será que as cabras e ovelhas cometem injustiça contra alguém?

Eu contestei:

— De modo nenhum.

⁴Ele replicou:

— Então, segundo o teu raciocínio, também esses animais verão a Deus.

Eu respondi:

— Não. Porque o corpo deles, segundo a sua natureza, os impede.

Ele me interrompeu:

— Se esses animais recebessem voz, talvez com muito maior razão prorromperiam em injúrias contra o nosso corpo. Todavia, deixemos esse assunto e aceitemos o que dizes. Dize-me apenas uma coisa: a alma vê a Deus enquanto está no corpo ou quando está separada dele?

⁵Eu respondi:

— É possível para ela, mesmo estando na forma humana, chegar a isso por meio da inteligência. Contudo, desligada do corpo e tornada ela mesma, é aí então que ela alcança tudo aquilo que almejou durante todo o tempo.

Ele perguntou:

— E ela se lembra disso quando volta outra vez ao homem?

— Penso que não.

Ele continuou:

— Então, que proveito ela tira de vê-lo, ou que vantagem tem aquele que viu sobre aquele que não viu, uma vez que disso não permanece nenhuma lembrança?

⁶Eu disse:

— Não sei o que te responder.

Ele perguntou:

— E que castigo sofrem aquelas julgadas indignas dessa visão?

Respondi:

— Vivem acorrentadas no corpo de feras, e esse é o castigo delas.

Ele replicou:

— E elas sabem que vivem nesses corpos por essa causa, como castigo de algum pecado?

— Penso que não.

⁷Ele concluiu:

— Portanto, nem essas tiram proveito algum de seu castigo. E eu diria ainda que nem castigo sofrem, uma vez que não têm consciência do castigo.

Eu concordei:

— Sim, de fato.

Ele continuou:

— Portanto, nem as almas vêem a Deus, nem transmigram para outros corpos, pois dessa forma elas saberiam que esse é o seu castigo e temeriam cometer o mais leve pecado no corpo sucessivo. Contudo, também concordo que elas sejam capazes de entender que Deus existe e que a justiça e a piedade são um bem.

Eu concordei:

— Falaste corretamente.

Discussão sobre a natureza da alma

5. ¹— Portanto, esses filósofos nada sabem sobre essas questões, pois não são capazes de dizer sequer o que é a alma.

— Parece que não sabem.

— Tampouco, se pode dizer que ela seja imortal, porque, se é imortal, é claro que deva ser incriada.

Eu lhe disse:

— De fato alguns, chamados platônicos, a consideram incriada e imortal.

Ele perguntou:

— Tu também consideras o mundo incriado?

— Alguns dizem isso, mas eu não tenho a mesma opinião.

²— Fazes muito bem. Com efeito, por qual motivo um corpo tão sólido, resistente, composto e variável e que a cada dia morre e nasce, procederia de algum princípio? Todavia, se o mundo é criado, forçosamente as almas também o serão e haverá um momento em que elas não existirão. De fato, foram feitas por causa dos homens e dos outros seres vivos, ainda que digas que elas foram criadas completamente separadas e não junto com seus próprios corpos.

— Parece que é exatamente assim.

— Então são imortais.

— Não, uma vez que o mundo se manifesta como criado.

³— Contudo, eu não afirmo que todas as almas morram. Isso seria uma verdadeira sorte para os maus. Digo, então, que as almas dos justos permanecem num lugar melhor e as injustas e más ficam em outro lugar, esperando o tempo do julgamento. Desse modo, as que se manifestaram dignas de Deus não morrem; as outras são castigadas enquanto Deus quiser que existam e sejam castigadas.

⁴— Por acaso, estás dizendo o mesmo que Platão sugere no *Timeu* a respeito do mundo, isto é, que em si mesmo, enquanto foi criado, ele também é corruptível, mas não se dissolverá, nem terá parte na morte por vontade de Deus? Pensas o mesmo também a respeito da alma e, em geral, a respeito de todo o resto?

— Com efeito, além de Deus, tudo o que existe ou há de existir possui natureza corruptível e sujeita a desaparecer e deixar de existir. Apenas Deus é incriado e incorruptível e, por isso, ele é Deus; mas, além dele, todo o resto é criado e corruptível. ⁵Por esse motivo, as almas morrem e são castigadas. De fato, se fossem incriadas, elas não pecariam, nem estariam cheias de insensatez, nem seriam covardes ou temerárias, nem passariam voluntariamente para os corpos de porcos, serpentes ou cães, nem seria lícito obrigá-las a isso, caso fossem incriadas. De fato, o incriado é semelhante ao incriado e não apenas semelhante, mas igual e idêntico, sem que seja possível um ultrapassar o outro em poder ou em honra. ⁶Daí se conclui que não é possível existir dois seres incriados. De fato, se neles houvesse alguma diferença, jamais poderíamos encontrar a causa dela, por mais que a

procurássemos; pelo contrário, remontando com o pensamento até o infinito, teríamos que parar, vencidos, num só inciado, e dizer que ele é a causa de tudo o mais.

Eu perguntei:

— Por acaso, tudo isso passou distraído a Platão e Pitágoras, homens sábios, que se tornaram para nós co-mo a muralha e fortaleza da filosofia?

A alma não é imortal

6. ¹Ele me respondeu:

— Não me importo com Platão ou Pitágoras ou qualquer outra pessoa que tenha sustentado essas opiniões. De fato, a verdade é esta e podes compreendê-la com o seguinte raciocínio: a alma ou é vida ou tem vida. Se ela é vida, terá que fazer viver outra coisa e não a si mesma, da mesma forma que o movimento move outra coisa mais do que a si mesmo. Ninguém poderá contradizer o fato de que a alma viva. Portanto, se ela vive, ela não vive por ser vida, mas porque participa da vida. Uma coisa é aquilo que participa e outra aquilo do qual participa. Se a alma participa da vida é porque Deus quer que ela viva. ²Portanto, da mesma forma, um dia ela deixará de participar, quando Deus quiser que ela não viva. De fato, o viver não é próprio dela como o é de Deus. Como o homem não subsiste sempre e a alma não está sempre unida ao corpo, mas, quando chega o momento de se desfazer essa harmonia, a alma abandona o corpo e o homem deixa de existir. De modo semelhante, chegando o momento em que a alma tenha que deixar de existir, o espírito vivificante se afasta dela e a alma deixa de existir, voltando novamente para o lugar de onde tinha sido tomada.

Verdadeiros filósofos são os profetas

7. ¹Eu perguntei:

— Então a quem vamos tomar como mestre ou de quem poderemos tirar algum proveito, se nem mesmo nestes se encontra a verdade?

O velho replicou:

— Há muito tempo, existiam alguns homens mais antigos do que todos estes considerados filósofos, homens bem-aventurados, justos e amigos de Deus, que falaram inspirados pelo espírito divino e, divinamente inspirados, predisseram o futuro que está se cumprindo exatamente agora. São os chamados profetas. Somente eles viram e anunciaram a verdade aos homens, sem temer ou adular ninguém, sem deixar-se vencer pela vanglória; pelo contrário, repletos do Espírito Santo, disseram apenas o que viram e ouviram. ²Seus escritos se conservam ainda hoje, e quem os lê e neles acredita pode tirar o maior proveito nas questões a respeito do princípio e fim das coisas e sobre aquelas coisas que o filósofo deve saber. Com efeito, eles nunca fizeram seus discursos com demonstração, pois eles são testemunhas fidedignas da verdade, acima de toda demonstração. Além disso, os acontecimentos passados e os atuais obrigam-nos a aderir às suas palavras. É justo crer neles também pelos milagres que faziam, pois mediante eles glorificavam a Deus criador e pai do universo, e anunciavam a Cristo, seu Filho, que dele procede. Em troca, os falsos profetas, cheios de espírito enganoso e impuro, não fizeram nem fazem isso, mas atrevem-se a realizar certos prodígios para espantar os homens e glorificar aos espíritos do erro e aos demônios^e. Quanto a ti, antes de tudo, roga que as portas da luz te sejam abertas, pois estas coisas nem todos as podem ver e compreender, a não ser aqueles a quem Deus e seu Cristo concedem o dom de compreender.

Qual é a verdadeira e proveitosa filosofia

8. ¹Ditas essas coisas e muitas outras, que não é o caso de referir agora, o velho foi embora, depois

de exortar-me a seguir os seus conselhos. E eu não voltei a vê-lo mais. Contudo, senti imediatamente que se acendia um fogo em minha alma e se apoderava de mim o amor pelos profetas e por aqueles homens amigos de Cristo. Refletindo comigo mesmo sobre os raciocínios do ancião, cheguei à conclusão de que somente essa é a filosofia segura e proveitosa. ²Desse modo, portanto, e por esses motivos, sou filósofo, e desejaria que todos os homens, com o mesmo empenho que eu, seguissem as doutrinas do Salvador. Com efeito, nelas há alguma coisa de temível e são capazes de comover os que se afastam do caminho reto, ao mesmo tempo que elas se convertem em dulcíssimo descanso para aqueles que nelas meditam.

Também tu, se te preocupas com algo de ti mesmo, se aspiras por tua salvação e tens confiança em Deus, como pessoa que não está alheia a essas coisas, é possível para ti alcançar a felicidade, reconhecendo o Cristo^f de Deus e iniciando-te em seus mistérios.

³Apenas terminei de dizer essas coisas, caríssimo amigo, os companheiros de Trifão deram uma gargalhada, e ele me disse sorrindo:

— Aceito algumas das coisas que disseste e admiro o teu fervor pelas coisas divinas. Todavia, teria sido melhor que continuasses a professar a filosofia de Platão ou de algum outro, praticando a constância, o domínio de ti mesmo e a castidade, em vez de te deixares enganar por doutrinas mentirosas e seguir a homens indignos. Com efeito, enquanto permanecias naquele estilo de filosofia e levavas a vida de maneira irrepreensível, ainda te restava esperança de um destino melhor. Contudo, uma vez que abandonaste a Deus e puseste tua esperança num homem, que salvação te resta? ⁴Portanto, se queres ouvir o meu conselho, pois eu te considero meu amigo, primeiro faze-te circuncidar e depois observa, segundo o nosso costume, o sábado, as festas, as luas novas de Deus, cumprindo tudo o que está escrito na Lei. Talvez possas então alcançar misericórdia da parte de Deus. Quanto a Cristo ou Messias, se ele nasceu e está em algum lugar, é desconhecido e nem ele próprio conhece a si mesmo e não terá nenhum poder, até que venha Elias para ungi-lo e manifestá-lo a todos. Quanto a vós, porém, dando ouvidos a vozes vãs, fabricais para vós mesmos um Cristo e por sua causa estais agora perecendo sem objetivo nenhum.

Condições para o diálogo

9. ¹Eu repliquei:

— Tens desculpa, ó homem, e podes ser perdoado. Com efeito, não sabes o que estás dizendo, pois, seguindo mestres que não entendem as Escrituras, estás como que adivinhando e dizendo o que te vem à mente. Se queres ouvir o meu raciocínio sobre isso, perceberás que não estamos enganados e que jamais deixaremos de confessar a Cristo, por mais ultrajes que os homens nos inflijam e por mais que o pior dos tiranos se empenhe em fazer que apostatemos. Com efeito, vou mostrar-te imediatamente que não demos crédito a fábulas vãs, nem a doutrinas não demonstradas, mas cheias do espírito de Deus e das quais brota o poder e floresce a graça.

²Então os companheiros de Trifão deram novamente uma gargalhada e começaram a gritar de forma não educada. Eu me levantei e estava pronto para ir embora. Trifão, porém, pegando-me pelo manto, disse-me que não me deixaria até que eu tivesse cumprido a minha promessa.

Eu lhe repliquei:

— Contanto que os teus companheiros não façam barulho e não se comportem de modo tão mal-educado. Se quiserem, escutem em silêncio; caso tenham alguma tarefa mais importante que os impeça de ouvir, podem ir embora. Quanto a nós, retiremo-nos um pouco mais e sentemo-nos para terminar a nossa discussão.

³Trifão concordou que assim fizéssemos e, de acordo, dirigimo-nos para o meio do estádio de Xisto^g. Dois dos seus companheiros se separaram, caçoando do nosso empenho. Quando chegamos ao lugar onde há bancos de pedra de um e outro lado, dois companheiros de Trifão sentaram-se num dos bancos, um deles tocou no assunto da guerra que havia terminado na Judéia, e começaram a conversar sobre ela.

10. ¹Quando eles terminaram, voltei a falar-lhes:

— Há mais alguma coisa que reprovais em nós, amigos? Ou apenas o fato de não vivermos conforme a vossa Lei, nem circuncidarmos o nosso corpo como vossos antepassados, nem guardarmos os sábados como vós o fazeis? Ou nossa vida e moral também é objeto de calúnia entre vós? Quero dizer, por acaso também acreditais que devoramos os homens e que, depois do banquete, apagadas as luzes, nos entregamos a uniões ilícitas?^h Ou, finalmente, condenais em nós apenas o fato de darmos adesão a doutrinas como as que professamos e que não cremos, conforme pensais, numa opinião verdadeira?

Primeiras objeções de Trifão

²Trifão respondeu:

— Isto é o que nos surpreende. Tudo isso que o povo comenta são coisas indignas de crédito, pois afastam-se muito da natureza humana. Quanto a mim, conheço os vossos mandamentos contidos naquilo que se chama Evangelho. São tão maravilhosos e grandes que chego a pensar que ninguém é capaz de cumpri-los. Já tive a curiosidade de lê-los. ³Antes, o que nos deixa sobretudo perplexos é o fato de que vós, que dizeis praticar a religião e vos considerais superiores à plebe pagã, em nada sois melhores do que eles, nem viveis uma vida diferente dos pagãos. Não guardais as festas e sábados, nem praticais a circuncisão. Além disso, ponde vossas esperanças num homem crucificado, confiando receber de Deus algum bem sem guardar os mandamentos dele. Ou não leste que será exterminada da sua descendência toda pessoa que não for circuncidada no oitavo dia?ⁱ E Ele ordenou isso tanto para os estrangeiros como para os escravos comprados a preço de dinheiro^j. ⁴Tendo desprezado a própria aliança, vós vos descuidais de suas conseqüências, e ainda procurais convencer-nos de que conheceis a Deus, quando não fazeis nada do que fazem os que temem a Deus. Portanto, se tens algo a responder a essas coisas e nos demonstras de que modo conservais a esperança sem observar a Lei, com prazer te escutaremos e juntos examinaremos os outros pontos semelhantes.

A lei antiga superada pela nova

11. ¹Eu lhe respondi:

— Trifão, não haverá e nem houve outro Deus desde a eternidade, além daquele que criou e ordenou este universo. Também não cremos que o nosso Deus seja diferente do vosso, mas o mesmo que tirou vossos antepassados da terra do Egito, “com mão poderosa e braço excelso”^k. Também não depositamos a nossa confiança em qualquer outro, dado que não existe, mas no mesmo que vós a depositais, no Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó. Contudo, nós não a depositamos por meio de Moisés ou da Lei, pois nesse caso estaríamos fazendo o mesmo que vós^l. ²Com efeito, ó Trifão, eu li que deveria vir uma lei perfeita e uma aliança soberana em relação às outras, que agora devem ser guardadas por todos os homens que desejam a herança de Deus. A Lei dada sobre o monte Horeb já está velha e pertence apenas a vós. A outra, porém, pertence a todos. Uma lei colocada contra outra lei anula a primeira; uma aliança feita posteriormente também deixa sem efeito a primeira. Cristo nos

foi dado como lei eterna e definitiva e como aliança fiel, depois da qual não há mais nem lei, nem ordem, nem mandamento. ³Ou não leste o que diz Isaías? “Escutai-me, escutai-me, povo meu; e os reis dêem-me ouvidos. Porque de mim sairá uma lei e o meu julgamento para iluminar as nações. Minha justiça se aproxima depressa, minha salvação logo sairá e em meu braço as nações esperarão”^m. E por meio de Jeremias, se refere à nova aliança, dizendo o seguinte: “Eis que vêm dias, diz o Senhor, e eu estabelecerei com a casa de Israel e com a casa de Judá uma nova aliança, não como a que estabeleci com seus pais no dia em que os tomei pela mão para tirá-los da terra do Egito”ⁿ. ⁴Deus, portanto, anunciou que estabeleceria uma nova aliança e esta para iluminar as nações. Vemos e estamos convencidos de que, por meio do nome de Jesus Cristo crucificado, as pessoas se afastam da idolatria e de toda iniquidade, para aproximar-se de Deus, suportando até a morte para confessá-lo e manter a sua religião. Todos podem compreender que esta é a lei nova e a nova Aliança, assim como a expectativa daqueles que, de todas as nações, esperam os bens de Deus. ⁵Com efeito, nós somos o povo de Israel verdadeiro e espiritual, a descendência de Judá e de Jacó, de Isaac e de Abraão, que foi atestado por Deus^o enquanto ainda era incircunciso e que foi abençoado^p e chamado pai de muitas nações^q. Nós somos aqueles que se aproximaram de Deus por meio desse Cristo crucificado, como ficará demonstrado quando continuarmos os nossos raciocínios.

12. ¹Eu continuei:

— Isaías também diz em outra passagem: “Escutai minhas palavras e vivereis, e estabelecerei convosco uma aliança eterna, as promessas fiéis de Davi. Pede o testemunho que lhe dei para as nações: nações que não te cohecem te invocarão; povos que não sabem que existes se refugiarão em ti, por causa do teu Deus, o Santo de Israel, pois ele te glorificou”^r. ²Vós desonrastes essa lei e desprezastes essa nova aliança santa, e nem mesmo agora a recebeis, nem fazeis penitência por ter praticado o mal. Tendes o ouvido fechado, vossos olhos obcecados e o coração envolvido com gordura^s. Jeremias grita, e vós não o escutais. Tendes vosso legislador diante de vós, e não o vedes. A boa-nova é anunciada aos pobres, os cegos a vêm^t, e vós não a entendeis. ³É necessária a segunda circuncisão, e vós continuais com vosso orgulho do corpo. A nova lei quer que guardéis o sábado continuamente, e vós, que passais um dia sem fazer nada, já vos considerais religiosos, sem saber o motivo por que vos foi ordenado o sábado. O Senhor nosso Deus não se compraz nisso. Se entre vós há um perjuro ou ladrão, que deixe de sê-lo; se há um adúltero, arrependa-se e assim terá observado os deliciosos e verdadeiros sábados de Deus^u. Se alguém entre vós não tem as mãos limpas, purifique-se e ficará puro.

13. ¹De fato, Isaías não vos mandou a um banho, para vos falar de vossos assassínios e outros pecados, pois toda a água do mar não seria suficiente para isso. Foi para aquele banho de salvação que o profeta indicou para os que se arrependem e se purificam. Não por meio de sangue de bodes e ovelhas, nem pela cinza dos bezerros, nem pelas oferendas de flor de farinha, mas pela fé, por meio do sangue de Cristo e da sua morte^v. Ele morreu para essa finalidade, como disse o próprio Isaías quando falou: ²“O Senhor revelará seu braço santo diante de todas as nações e todas elas e as montanhas da terra verão a salvação que vem de Deus. Retirai-vos, retirai-vos, retirai-vos, saí dali e não toqueis nada impuro, saí do meio dela. Vós que levais os vasos do Senhor separai-vos, porque não caminhareis em tumulto, porque diante de vós caminhará o Senhor, e aquele que vos congrega é o Senhor Deus, Israel. Eis que o meu servo entenderá, será exaltado e muito glorificado. ³Do mesmo modo que muitos se pasmarão a teu respeito, por mais desonrada que a tua figura e a tua glória fiquem diante dos homens, também muitas nações ficarão maravilhadas com ele e os reis conterão a própria boca, porque aqueles que não tiveram notícia dele o verão e os que não o tinham ouvido o

entenderão. Senhor, quem acreditou no que ouviu de nós? E a quem foi revelado o braço do Senhor? Anunciamos como um servo diante dele, como raiz em terra sedenta. ⁴Ele não tem figura nem glória; nós o vimos e ele não tinha figura nem beleza. Seu aspecto era sem honra e desfigurado e mais desfigurado que o dos filhos dos homens. Homem cheio de chagas e que sabe carregar a doença; que tem a face desviada; foi desonrado e não foi considerado. Carrega sobre si nossos pecados e sofre por nossa causa, e nós consideramos que ele era castigado, ferido e maltratado. ⁵Mas ele foi ferido por nossos pecados e enfraquecido por nossas iniquidades. A disciplina da vossa paz está sobre ele; por sua chagas fomos curados. Como ovelhas, todos nós nos extraviamos. Cada um andava errante por seu caminho, e o Senhor o entregou pelos nossos pecados. Ao ser maltratado, ele não abriu a boca. Como ovelha foi conduzido ao matadouro e como o cordeiro que está mudo ele não abre a boca. ⁶Sua sentença foi tirada na humilhação, mas quem explicará a sua geração? Porque a sua vida é ar-rebatada da terra. Pelas iniquidades do meu povo ele vai para a morte. Darei os maus no lugar de sua sepultura e os ricos no lugar de sua morte. Porque ele não cometeu iniquidade, nem se encontrou mentira em sua boca, e o Senhor quer purificar a sua chaga. Se derdes pelo pecado, vossa alma verá uma descendência de longa vida. ⁷O Senhor quer tirar a sua alma da fadiga, mostrar-lhe a luz, plasmar o seu entendimento e justificar o justo que serviu bem a muitos. Ele carregará sobre si nossos pecados e por isso herdará muitos e repartirá os despojos dos fortes, porque sua alma foi entregue à morte. Ele foi reputado entre os injustos, carregou os pecados de muitos e foi entregue por suas iniquidades. ⁸Alegra-te, estéril, que não dás à luz; salta e grita de alegria, tu que não sofres dores de parto, porque são mais numerosos os filhos da abandonada do que os daquela que tem marido. Porque o Senhor disse: alarga o lugar da tua tenda e das tuas moradas; fixa-as sem poupar espaço; alarga as tuas cordas e afirma bem os teus cravos; estende-te à direita e à esquerda, e tua descendência herdará nações e tu habitarás cidades abandonadas. ⁹Não temas pelo fato de ter sido envergonhada, nem te confundas por ter sido ultrajada. Com efeito, esquecerás para sempre a vergonha e não voltarás a lembrar o ultraje da tua viuvez. Pois o Senhor fez um nome para si mesmo e o que te libertou será chamado Deus de Israel em toda a terra. O Senhor te cha-mou como mulher abandonada e tímida, como mulher rejeitada desde a sua juventude”^w.

14. ¹Assim, como diz Isaías, por esse banho da penitência e do conhecimento que foi instituído por causa da iniquidade dos povos de Deus, nós alcançamos a fé e sabemos que esse, predito pelo profeta, é o único que pode purificar aqueles que fazem penitência; essa é a água da vida^x. Esses poços que cavastes para vós mesmos estão gastos^y e para nada vos servem. Com efeito, que proveito tem um banho que só limpa a carne e o corpo? ²Lavai a vossa alma da ira, da avareza, da inveja e do ódio, e o vosso corpo ficará limpo. Isso é o que significam os ázimos, ou seja, que não pratiqueis as velhas obras do mau fermento^z. Vós, porém, entendeis carnalmente e tendes tudo isso como religião, mesmo quando estais com as almas cheias de engano e, francamente, de toda maldade. ³Por isso, depois de comerdes pão ázimo por sete dias, Deus mandou que pusséseis fermento novo na massa, isto é, que pratiqueis obras novas e não volteis a repetir as antigas obras más. E para mostrar que é isso que vos pede esse novo legislador, citar-vos-ei novamente as palavras que já disse, acrescentando outras que foram omitidas. Foram ditas assim por Isaías: ⁴“Escutai-me, e a vossa alma viverá e estabelecerei convosco uma aliança eterna, as promessas fiéis de Davi. Eis que eu as dei para vós com o testemunho para as nações, como príncipe e legislador para os povos. Nações que não te conhecem te invocarão e povos que de ti não sabem se refugiarão em ti, por causa do teu Deus, o Santo de Israel. ⁵Buscai a Deus e, quando o tiverdes encontrado, invocai-o, enquanto está perto de

vós. Que o ímpio abandone os seus caminhos e o homem iníquo seus conselhos; conver-ta-se ao Senhor e encontrará misericórdia, porque ele certamente perdoará vossos pecados. Porque os meus desejos não são como os vossos desejos, nem os meus ca-minhos como os vossos caminhos. ⁶Porque assim como a neve ou a chuva cai do céu e não volta até que empape a terra e faça produzir e brotar, dando semente para aque-le que semeia e pão para comer, assim será a palavra que sair da minha boca: não voltará sem que antes cumpra o que eu queira e faça prosperar meus mandamentos. ⁷Porque saireis com alegria, e com júbilo sereis ensinados. Porque os montes e colinas saltarão ao receber-vos e to-das as árvores do campo baterão palmas com suas folha-gens, e em lugar do espinheiro crescerá o cipreste, em lugar da urtiga brotará o mirto. Isso trará renome ao Senhor e um sinal eterno, que nunca será extirpado^a.”

⁸Eu prosseguí:

— Trifão, essas palavras e outras semelhantes pronunciadas pelos profetas se referem em parte ao primeiro advento de Cristo, anunciando que ele apareceria sem glória nem beleza e sujeito à morte; e parte se refere à segunda vinda, quando ele se apresentará com glória acima das nuvens^b, e o vosso povo verá e reconhecerá aquele a quem transpassou^c, como disseram antes Oséias, um dos doze profetas, e Daniel.

15 ¹Sabei agora qual é o verdadeiro jejum de Deus que deveis fazer, como diz Isaías, para que agradeis a Deus. ²De fato, Isaías clamou assim: “Grita com força e não te contenhas, levanta a tua voz como trombeta e anuncia a meu povo suas transgressões e à casa de Jacó suas iniquidades. Eles me buscam todos os dias e desejam conhecer meus caminhos, como se fossem povo que pratica a justiça e que não abandona o direito de Deus. ³Agora pedem-me julgamento justo, mostram interesse em estar junto com Deus, dizendo: ‘Por que temos jejuado e tu não vês? Temos mortificado as nossas almas e não tomas conhecimento disso?’ Porque nos dias dos vossos jejuns fazeis vossas vontades e explorais vossos súditos. Vede que jejuais para querelas e rixas e feris os humildes a soco. Com que finalidade jejuais, para que hoje só se ouçam gritos de vossa voz? ⁴Não é esse o jejum que escolhi, nem o dia para o homem humilhar a sua alma. Nem que dobres o teu pescoço como um aro e te deites no pano de saco e na cinza, nem mesmo assim poderás dizer que é um jejum e um dia aceito pelo Senhor. Não é esse o jejum que eu escolhi, diz o Senhor. Ao contrário, desamarra toda atadura de indignidade, rompe os laços dos contratos violentos, deixa os aflitos saírem em liberdade e rasga todo documento injusto. ⁵Reparte o teu pão com o faminto e abriga em tua casa os pobres sem teto. Se vires alguém nu, veste-o, e não te afastes com soberba dos teus próprios parentes. Então a tua luz surgirá pela manhã, as tuas roupas logo resplandecerão, a tua justiça caminhará diante de ti e a glória do Senhor te cobrirá. Então gritarás, e Deus te ouvirá. Quando ainda estiveres falando, ele te dirá: ‘Eis-me aqui’. ⁶Se tirares de ti mesmo a atadura, a mão levantada e a palavra de murmuração; se deres de coração o teu pão para o faminto e saciares a alma humilhada, então a tua luz se levantará nas trevas, as tuas trevas serão como o meio-dia e o teu Deus estará contigo para sempre, e tu te fartarás conforme a tua alma desejar e teus ossos se engordarão e serão como bosque embriagado e fonte de água ou terra onde não há falta de água”^d.

⁷Circuncidai, portanto, o prepúcio do vosso coração, como o pedem as palavras de Deus em todos esses discursos.

Digressão sobre a maldade dos judeus

16. ¹O próprio Deus, por meio de Moisés, clama deste modo: “Circuncidai a dureza do vosso coração e não mais endureçais a vossa cerviz. Porque o Senhor, nosso Deus e Senhor dos senhores, é

Deus forte e terrível, que não faz acepção de pessoas, nem aceita suborno”^e. E o Levítico: “Já que transgrediram, desprezaram-me e caminharam tortuosamente diante de mim, eu também caminharei tortuosamente com eles e os aniquilarei na terra de seus inimigos. Então se confundirá o seu coração incircunciso”^f. ²Porque a circuncisão, que se iniciou com Abraão, foi dada como sinal, a fim de que sejais distinguidos dos outros homens e também de nós. E, desse modo, sofrais sozinhos o que agora estais sofrendo com justiça, e vossas terras fiquem desertas, vossas cidades sejam abrasadas e os estrangeiros comam vossos frutos diante de vós^g, e ninguém de vós possa entrar em Jerusalém^h. ³Porque não há nenhum outro sinal que vos distinga do resto dos homens, além da circuncisão da vossa carne. E ninguém de vós, penso, ousará dizer que Deus não previu ou que não prevê agora o que está para vir e que não dá a cada um o que merece. Essas coisas aconteceram a vós com razão e justiça, ⁴porque matastes o Justoⁱ e, antes dele, os seus profetas. E agora rejeitais os que esperam nele e em Deus onipotente e criador de todas as coisas, que o enviou e, no que depende de vós, o desonrais, maldizendo em vossas sinagogas aqueles que crêem em Cristo. Não tendes poder para pôr vossas mãos sobre nós, porque sois impedidos pelos que agora mandam; mas fizestes isso sempre que vos foi possível. ⁵É por isso que Deus clama contra vós por meio de Isaías: “Vede como pereceu o justo e ninguém reflete sobre isso. Porque o justo é arrebatado de diante da iniquidade. Ele estará em paz; a sua sepultura foi arrebatada do meio deles. Vós, porém, aproximai-vos daqui, filhos iníquos, descendência de adúlteros, filhos de pros-tituta. De quem caçoastes e contra quem abristes a boca e soltastes a língua?”^j

Justino acusa os judeus pelas iniquidades de todos os homens

17. ¹As outras nações não têm tanta culpa da iniquidade que se comete contra nós e contra Cristo como vós, que sois a causa do preconceito injusto que elas têm contra ele e contra nós, que viemos dele. Com efeito, depois de crucificar aquele que era o único homem irrepreensível e justo, por cujas feridas são curados os que se aproximam do Pai por meio dele, quando soubestes que havia ressuscitado e subido aos céus como as profecias haviam anunciado, não só não fizestes penitência de vossas más ações, mas escolhestes homens especiais de Jerusalém e os mandastes por todo o mundo, a fim de espalhar que havia aparecido uma ímpia seita de cristãos e espalharam as calúnias que todos aqueles que não vos conhecem repetem contra nós. De modo que não só sois culpados de vossa própria iniquidade, mas também da iniquidade de todos os homens, ²e com razão Isaías clama: “Por vossa culpa o meu nome é blasfemado entre as nações”^k. E: “Ai da alma deles! Pois tomaram um mau conselho contra si próprios, dizendo: ‘Acorrentemos o justo, pois ele nos molesta’. Por isso, eles comerão o fruto de suas obras. Ai do iníquo! Os males lhe acontecerão, conforme as obras de suas mãos”^l. E diz novamente em outra passagem: “Ai dos que arrastam seus pecados como uma longa corda e suas iniquidades como o tirante de um jugo de novilha; os que dizem: ‘Que se apresse logo e chegue já o conselho do Santo de Israel, para que o conheçamos’. Ai dos que ao mal chamam bem e ao bem chamam mal, dos que transformam a luz em trevas e as trevas em luz, dos que mudam o amargo em doce e o doce em amargo”^m.

³Vós, portanto, vos empenhastes para que se espalhasse por todo o mundo calúnias amargas, tenebrosas e iníquas contra aquele homem, o único sem culpa e justo, enviado por Deus aos homens. De fato, ele vos pareceu molesto, quando gritava entre vós: “Minha casa é casa de oração, e vós a transformastes num covil de ladrõesⁿ.” E jogou pelo chão as mesas dos cambistas que estavam no Templo^o, ⁴e gritou: “Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, que pagais o dízimo da hortelã e da arruda, e não pensais no amor de Deus e na justiça^p. Sepulcros caiados, que parecem bonitos por fora

e por dentro estão cheios de ossos de cadáveres^u.” E aos escribas: “Ai de vós, escribas, pois tendes as chaves e não entraís, nem deixais entrar os que querem^f. Guias cegos!^s”

18. ¹Uma vez que tu, Trifão, já leste os ensinamentos de nosso Salvador, como tu mesmo confessaste, não creio ter feito algo fora de lugar citar algumas breves sentenças dele junto com as dos profetas.

²Lavai-vos, portanto, tornai-vos limpos agora e tirai de vossas almas os pecados^t; mas lavai-vos no banho que Deus vos ordena e circuncidai-vos com a verdadeira circuncisão. Também nós observaríamos essa circuncisão carnal, guardaríamos os sábados e todas as vossas festas se não soubéssemos o motivo pelo qual vos foram ordenadas, isto é, por causa de vossas iniquidades e da vossa dureza de coração. ³Porque, se suportamos tudo o que nos faz sofrer por parte dos homens e dos maus demônios, de modo que até no meio do mais espantoso, a morte e os tormentos, rogamos que Deus tenha misericórdia daqueles que nos tratam assim. E em nada nos desejamos vingar deles, assim como o nosso novo Legislador nos ordenou^u. Ó Trifão, como não haveríamos de guardar o que em nada nos prejudica, isto é, a circuncisão carnal, os sábados e as festas?

A não necessidade da circuncisão

19. ¹Trifão observou:

— É exatamente isso que nos deixa perplexos. Suportais esses tormentos e não observais também os outros pontos sobre os quais estamos agora discutindo.

²Continuei:

— Não os observamos porque essa circuncisão não é necessária para todos, mas só para vós, e isso, como eu disse antes, para que sofraís o que agora com justiça estais sofrendo. Também não tomamos vosso banho, esse de vossos poços rotos, pois ele não é nada em comparação com o nosso banho da vida^v. ³Justamente por isso Deus clama que abandonastes a ele, fonte viva, e cavastes para vós poços rotos que não poderão conter água. Vós que sois circuncidados na carne necessitais da nossa circuncisão; nós, porém, que temos a espiritual, de nada nos serve a outra. Porque se aquela fosse necessária, como vós pensais, Deus não teria criado Adão com prepúcio; não lhe teriam agradado os dons de Abel^w, que lhe ofereceu sacrifícios sem ser circuncidado; não lhe teria igualmente agradado o incircunciso Henoc, o qual não foi mais encontrado porque Deus o arrebatou^x. ⁴Ló, incircunciso, escapou de Sodoma, sob a escolta dos próprios anjos e do Senhor^y. Noé é o princípio de outra linhagem humana; embora incircunciso, entrou com seus filhos na arca^z. Também era incircunciso Melquisedec, sacerdote do Altíssimo, a quem Abraão, o primeiro que foi circuncidado na sua carne, ofereceu os dízimos e por ele foi abençoado^a. E Deus anunciou, por meio de Davi, que devia estabelecer o sacerdote eterno segundo a ordem de Melquisedec. ⁵Portanto, essa circuncisão era necessária apenas para vós, a fim de que, como diz Oséias, um dos doze profetas, “o povo não seja povo e a nação não seja nação”^b.

Sem o sábado, também agradaram a Deus todos os justos anteriormente nomeados e, depois deles, Abraão e todos os filhos de Abraão até Moisés, sob cuja guia o vosso povo fabricou um bezerro no deserto, mostrando-se injusto e ingrato para com Deus^c. ⁶Então Deus acomodou-se a esse povo, mandando que lhe oferecessem sacrifícios como se fosse a seu nome, a fim de que não idolatrasseis. Mesmo assim, não observastes isso, mas chesgastes a sacrificar vossos filhos aos demônios^d. Deus, portanto, vos ordenou o sábado para que vos lembrásseis dele. Com efeito, sua palavra diz isso, quando ele fala: “Para que conheçais que eu sou o Deus que vos libertou”^e.

20. ¹Também mandou que vos abstivésseis de certos alimentos, a fim de que, até no comer e beber,

tivésseis Deus diante dos olhos, pois sempre estais inclinados e prontos a vos afastar do seu conhecimento, conforme o próprio Moisés falou: “O povo comeu e bebeu, e depois levantou-se para se divertir”^f. E em outro lugar: “Jacó comeu, fartou-se, engordou e escolheu o amado: engordou, ficou robusto, corpulento e abandonou a Deus, que o criara”^g. Noé era justo, e Deus lhe permitiu comer todo ser animado, menos a carne com o sangue^h, isto é, o sufocado, conforme relata Moisés, no livro do Gênesis.

²Ele queria objetar-me as palavras do Gênesis: “Como as ervas do campo”ⁱ. Então, eu me adiantei e disse:

— Porque não entendeis a expressão “como as ervas do campo” tal como foi dita por Deus, isto é, que assim como ele criou as ervas para alimentar o homem, da mesma forma lhe deu os animais para comer carne. Pelo fato de que não comemos algumas das ervas, vós concluíis que, desde aquele tempo, fora ordenado a Noé fazer uma diferença. ³Vossa interpretação, porém, não merece nenhum crédito. Em primeiro lugar, eu poderia dizer e afirmar que todo legume é erva que se pode comer, mas não me deterei nisso. A verdade é que se fazemos distinção entre as ervas do campo e nem de todas elas comemos, isso não se deve ao fato de serem profanas ou impuras^j, mas ao de serem amargas, venenosas ou espinhosas. Contudo, as que são doces, nutritivas e belas, tanto as nascidas no mar como na terra, essas nós as buscamos com avidez e as comemos. ⁴Da mesma forma, Deus ordenou que vos abstivésseis de alimentos impuros, injustos e ilegítimos, porque, mesmo comendo o maná no deserto e vendo todos os prodígios que Deus fazia para vós, fabricastes o bezerro de ouro e o adorastes. É por isso que, com justiça, ele não deixa de gritar: “Filhos insensatos, nos quais não há fidelidade”^k.

As leis são devidas à dureza do coração

21. ¹Por causa de vossas iniquidades e de vossos pais, Deus também vos mandou que guardásseis o sábado como sinal, conforme falei antes, e deu a vós os outros mandamentos. Por causa das nações, para que seu nome não fosse profanado entre elas, ele dá a entender que deixou alguns de vós vivos, como o demonstram as seguintes palavras, ²que disse por meio de Ezequiel: “Eu sou o Senhor vosso Deus. Caminhai em meus mandamentos, guardai as minhas sentenças, não vos contamineis com os costumes do Egito e santificai os meus sábados. Isso será sinal entre mim e vós, para que reconheçais que eu sou o vosso Deus. Vós me exacerbastes e vossos filhos não caminharam nas minhas observâncias e não guardaram as minhas sentenças para pô-las em prática, aquelas que o homem viverá se as cumprir, mas profanaram os meus sábados. ³Eu disse que derramaria minha ira sobre eles e não o fiz, para que o meu nome não ficasse completamente profanado diante das nações, das quais os tirei diante delas. Levantei a minha mão contra eles no deserto, para espalhá-los entre as nações e distribuí-los nas diversas regiões, porque rejeitaram os meus mandamentos, profanaram os meus sábados e seus olhos seguiram os pensamentos de seus pais. ⁴Então eu lhes dei mandamentos não bons e sentenças pelas quais não viveriam. E os mancharei de sangue em suas casas, quando passar para exterminar todo aquele que abriu o útero”^l.

Leis sobre os sacrifícios

22. ¹Pelos pecados de vosso povo e por suas idolatrias ele vos ordenou igualmente o que se refere aos sacrifícios, não porque ele tenha necessidade de tais oferendas. Escutai como ele fala dessas coisas por meio de Amós, um dos doze profetas, clamando: ²“Ai dos que desejam o dia do Senhor! Por que desejais o dia do Senhor? Porque ele é treva e não luz, como quando um homem foge da

frente de um leão e se encontra com um urso; e quando, indo para casa, apóia a mão na parede e é mordido por uma serpente. Porventura, o dia do Senhor não é treva e não luz, escuridão que não tem esplendor? Detesto e rejeito vossas festas e não sentirei odor em vossas reuniões. Portanto, se me trouxerdes vossos holocaustos e sacrifícios, eu não os aceitarei e não acolherei vossos sacrifícios de ação de graças. Afasta de mim a multidão dos teus cânticos e hinos; não quero ouvir os teus instrumentos. O direito correrá como água e a justiça como torrente que inunda. Acaso me ofereceste vítimas e sacrifícios no deserto, casa de Israel? — diz o Senhor. Tomaste a tenda de Moloc e a estrela de vosso deus Rafã, as imagens que fizestes para vós mesmos.⁴Eu vos transportarei para além de Damasco, diz o Senhor, cujo nome é Deus Onipotente. Ai dos que se entregam aos seus próprios prazeres em Sião, e dos que põem sua confiança no monte da Samaria! Aqueles que são nomeados diante dos príncipes colheram as primícias das nações e a casa de Israel a eles recorreu. Passai todos por Calane e vede; daí marchai a Amat, a grande, e daí descei para Gat, que pertence aos estrangeiros, os maiores de todos os reinos, e vede se suas fronteiras são maiores que as vossas fronteiras.⁵Os que caminham para um dia mau, os que se aproximam e aderem a sábados mentirosos; os que dormem em leitos de marfim e se entregam ao prazer de seus divãs; os que comem os cordeiros dos rebanhos que ainda mamam; os que aplaudem ao som dos instrumentos, pretendendo-se eternos e não passageiros; os que bebem vinho em taças e se ungem com os melhores perfumes, e não tiveram compaixão alguma do massacre de José. Por isso, agora irão cativos à frente dos príncipes que são deportados. A moradia dos malfeitores será derrubada e o relinchar dos cavalos será eliminado de Efraim”^m.

⁶E diz ainda por meio de Jeremias: “Juntai vossas carnes e sacrifícios e comei, porque não ordenei a vossos pais nem sacrifícios, nem libações no dia em que os tomei pela mão para tirá-los da terra do Egito”ⁿ. ⁷E novamente diz por meio de Davi, no salmo 49: “O Senhor, Deus dos deuses, falou e chamou à terra, desde o Oriente até o Ocidente. De Sião o esplendor de sua formosura. Deus, o nosso Deus, virá manifestamente, e não se calará. O fogo se acenderá diante dele e, ao seu redor, haverá forte tempestade. Convocará o céu em cima e a terra em baixo, para julgar o seu povo. Reuni diante dele os seus santos, os que estabeleceram a sua aliança sobre sacrifícios. E todos os céus anunciarão a sua justiça, porque Deus é juiz. ⁸Ouve, meu povo, pois vou falar a ti; Israel, quero testemunhar a ti: eu sou Deus, o teu Deus. Não te acuso a respeito dos teus sacrifícios. Os teus holocaustos a cada momento estão diante de mim. Da tua casa não aceitarei bezerras, nem bodes do teu rebanho, porque meus são todos os animais do campo, os rebanhos dos montes e os bois. Conheço todas as aves do céu e a beleza do campo está comigo. ⁹Se eu tivesse fome não diria a ti, porque minha é a terra inteira e tudo o que ela contém. Por acaso, eu comeria carne de touros e beberia sangue de bodes? Oferece a Deus um sacrifício de louvor e cumpre os teus votos ao Altíssimo; então invoca-me no dia da tribulação, eu te livrarei e tu me glorificarás. Ao pecador, porém, Deus fala: ‘Para que discorres sobre as minhas sentenças e aceitas a minha aliança com a boca, uma vez que detestaste a disciplina e rejeitaste as minhas palavras?’ ¹⁰Se vias um ladrão, corrias com ele, e com o adúltero tomavas parte; tua boca se enchia de maldade e tua língua tramava fraudes. Sentado, murmuravas contra teu irmão e colocavas tropeço ao filho de tua mãe. Fazias isso, e eu me calava; pensavas que eu era igual a ti na iniquidade. Argüir-te-ei e exporei o teu pecado diante de ti. Considerai isso, vós que vos esqueceis de Deus, para que não vos arrebate e não haja quem vos liberte. Sacrifício de louvor me glorificará, e aí está o caminho em que lhe mostrarei a minha salvação”^o.

¹¹Desse modo, ele não recebe vossos sacrifícios, nem no princípio vos mandou oferecê-los por estar necessitado deles, mas por causa de vossos pecados. O próprio templo de Jerusalém, Deus o chamou

casa ou moradia sua não porque necessitava disso, mas porque não vos entregaríeis à idolatria se os seguísseis pelo menos aí. E que isso é assim o diz Isaías: “Que casa me haveis construído? Diz o Senhor: O céu é o meu trono e a terra é o estrado dos meus pés”^p.

A circuncisão: um sinal e não justificação

23. ¹Se não admitirmos isso, cairemos em pensamentos absurdos. Por exemplo: que não é o mesmo o Deus de Henoc e de todos os outros que não observaram a circuncisão carnal, nem os sábados e demais prescrições da lei, pois foi Moisés quem ordenou que fossem observadas essas coisas; ou então, que não quis que todo o gênero humano praticasse sempre a mesma justiça. Isso evidentemente seria ridículo e insensato. ²Por outro lado, pode-se dizer que, embora sendo sempre o mesmo, por causa dos homens pecadores, mandou que se cumprissem essas e outras coisas por praxe, confirmando assim que é benigno e previsor, e não necessitado, justo e bom. Senhores, se isso não é assim, respondi-me o que pensais sobre essas questões.

³Como ninguém dissesse nada, continuei:

— Por isso, ó Trifão, para ti e para todos aqueles que querem tornar-se prosélitos vossos, anunciarei uma palavra divina, que ouvi daquele homem: Não vedes que os elementos nunca descansam, nem guardam o sábado; permaneço como nascestes. ⁴Se antes de Abraão não havia necessidade de circuncisão e antes de Moisés não havia necessidade do sábado, das festas ou dos sacrifícios, também agora ela não existe, depois de Jesus Cristo, Filho de Deus, nascido sem pecado de Maria Virgem,^q da descen-dência de Abraão. Com efeito, o próprio Abraão, ainda incircunciso, foi justificado e abençoado por sua fé em Deus, como diz a Escritura^r; todavia, ele recebeu a circuncisão como sinal, e não como justificação^s, conforme a mesma Escritura e a realidade das coisas nos obrigam a confessar. De modo que com razão se disse daquele povo que seria exterminada de sua descendência toda vida que não fosse circuncidada no oitavo dia^t. ⁵Além disso, o fato de que o sexo feminino não possa receber a circuncisão da carne prova que essa circuncisão foi dada como sinal e não como obra de justificação. No que diz respeito a todo o tipo de justiça e virtude, Deus quis que as mulheres tivessem a mesma capacidade que os homens para adquiri-las; em troca, vemos que a configuração da carne é diferente no homem e na mulher. Apesar disso, contudo, sabemos que nenhum dos sexos é justo ou injusto em si mesmo, mas por piedade e justiça.

A circuncisão em Cristo

24. ¹E continuei:

— Eu também poderia demonstrar-vos, senhores, que no oitavo dia, de preferência no sétimo, anunciava-se naquele rito um mistério realizado por Deus. Contudo, para não vos dar a impressão que estou divagando em outros assuntos, omito isso e grito para que entendais como o sangue daquela circuncisão foi eliminado, e como nós passamos a acreditar em outro sangue salvador. Agora surgiu outra aliança e outra lei saiu de Sião. ²Jesus Cristo circuncida a todos os que ele deseja, como foi anunciado desde o início, com facas de pedra, a fim de formar uma nação justa, um povo que guarda a fé, que abraça a verdade e mantém a paz. ³Vinde comigo, todos vós que temeis a Deus e que desejais ver os bens de Jerusalém. Vinde, caminharemos na luz do Senhor, porque ele perdoou o seu povo, a casa de Jacó. Vinde, nações todas, reunamo-nos na Jerusalém que já não é combatida pela iniquidade de seus povos. Isaías clama: “Tornei-me manifesto aos que não me buscavam; fui encontrado por aqueles que não perguntavam por mim. ⁴Ele diz: Eis-me aqui, para as nações que não invocavam o meu nome. Todos os dias estendi minhas mãos a um povo desobediente e rebelde, aos

que andam por um caminho que não é bom, mas atrás de seus pecados, povo que me provoca de frente”^u.

Convite à conversão

25. ¹Desejarão também ser herdeiros conosco, ainda que seja apenas uma pequena porção aqueles que justificam a si próprios e se dizem filhos de Abraão, como clama o Espírito Santo através de Isaías, falando deles pessoalmente. ²“Volta-te do céu e olha-nos desde a tua morada santa e gloriosa. Onde estão o teu zelo e a tua força? Onde está a tua grande misericórdia com que nos suportaste, Senhor? Com efeito, tu és o nosso Pai, porque Abraão não nos conheceu e Isaac não tomou conhecimento de nós. Tu, porém, Senhor, és nosso Pai, nosso redentor: tal é o teu nome desde o princípio. Senhor, por que nos desviaste do teu caminho? Por que endureceste nosso coração, para que ele não te temesse? Por amor dos teus servos, pelas tribos de tua herança, volta-te, para que herdemos uma pequena parte do teu monte santo. Voltamos a ser como no princípio, quando tu não mandavas sobre nós e o teu nome não era invocado sobre nós. Oxalá abrisses o céu: o temor de ti se apoderaria dos montes e eles se derreteriam, como se derrete a cera no fogo; o fogo abrasaria nossos inimigos e teu nome seria manifestado aos nossos adversários; à tua vista, as nações se perturbariam. ⁴Quando realizares tuas maravilhas, os montes tremerão diante de ti. Desde a eternidade, nunca ouvimos e nossos olhos nunca viram outro Deus, fora de ti, que agisse assim. Tu fazes misericórdia para com os que se arrependem. Sairás ao encontro dos que praticam a justiça e eles se lembrarão de teus caminhos. Tu te irritaste quando nós pecamos. Por isso, nos extraviámos e todos nós nos tornamos impuros. A nos-sa justiça se tornou como pano de mulher menstruada. Por causa de nossas iniquidades, caímos como folhas, assim o vento nos levará. ⁵E não haverá quem invoque o teu nome, nem quem se lembre de agarrar-se a ti, por- que afastaste de nós a tua face e nos entregaste por causa de nossos pecados. Agora, Senhor, volta-te, porque o teu povo somos todos nós. A cidade do teu santuário ficou deserta, Sião se transformou num deserto, Jerusalém para a maldição. A casa, nosso templo santo e a glória que nossos pais bendisseram, foi pasto do fogo e todas as gloriosas instituições ruíram. Sobre isso, tu te mantiveste firme, Senhor, te calaste e nos humilhaste demasiadamente.”^u

⁶Trifão perguntou:

— Estás dizendo que nenhum de nós nada herdará no monte santo de Deus?

Os herdeiros do monte Sião

26. ¹Eu respondi:

— Não é isso o que estou dizendo, mas que aqueles que perseguiram e continuam perseguindo Cristo, e não fazem penitência, não terão parte alguma na herança do monte santo. Por outro lado, as nações que creram nele e fizeram penitência de seus pecados entrarão na parte da herança, junto com os patriarcas, profetas e com os justos que procedem de Jacó, ainda que não observem o sábado, nem se circuncidem, nem guardem as festas. Esses herdarão certamente a herança santa de Deus, ²pois ele diz o seguinte mediante Isaías: “Eu, o Senhor Deus, te chamei na justiça, tomar-te-ei pela mão e te fortalecerei. Eu te coloquei como aliança de gerações e como luz para as na-ções, para abrir os olhos dos cegos, tirar da prisão os en-carcerados e da casa da guarda os que estão sentados na treva”^v. ³E de novo: “Levantai a bandeira para as nações, pois eis o que o Senhor fez ouvir até os confins da terra: dissei às filhas de Sião: eis que o teu salvador chegou, trazendo consigo a sua recompensa e a sua obra diante da sua face, e te chamará povo santo, resgatado pelo Senhor. Tu serás chamada

cidade procurada e não cidade abandonada. Quem é esse que vem de Edom, com suas roupas vermelhas de Bosor? Este, formoso em sua veste, que avança com valentia e fortaleza? Eu sou o que falo justiça e julgamento de salvação. ⁴Por que estão vermelhas as tuas vestes e as tuas roupas como de lagar pisado? Estou completamente salpicado de uva pisada. Pisei sozinho o lagar; não havia ninguém das nações comigo. Eu os pisei em minha ira e amassei como terra, fazendo seu sangue correr sobre a terra. Com efeito, chegou para eles o dia do seu pagamento e o ano de redenção está presente. Então olhei e não havia quem me ajudasse, fiquei consternado, e ninguém me socorreu. Foi o meu braço que me livrou e o meu furor que me ajudou, e eu os pisei em minha ira e derramei seu sangue sobre a terra”^w.

27. Trifão interveio:

— ¹Por que falas escolhendo o que te agrada das palavras proféticas e não mencionas aquelas passagens em que se manda expressamente guardar o sábado? Com efeito, por meio de Isaías é dito o seguinte: “Se por causa do sábado detiveres o teu pé, para não cumprir as tuas vontades no dia santo, e chamares o sábado de tuas delícias, dia santo de Deus, e não falares nada com tua boca e confiares no Senhor, ele te levará aos bens da terra e te apascentará com a herança do teu pai Jacó. Com efeito, a boca do Senhor falou isso”^x.

²Eu lhe contestei:

— Não omiti essas palavras proféticas porque iriam contradizer a minha tese, mas porque eu pensava que vós compreendestes e compreendeis que, mesmo quando Deus vos manda fazer, por meio de todos os profetas, aquilo que vos mandou por meio de Moisés, ele sempre vos grita as mesmas coisas, por causa da dureza do vosso coração e da vossa ingratidão para com ele, para ver se ao menos dessa forma vos arrependeis e lhe agradais, e se não sacrificais vossos filhos aos demônios, nem vos tornais companheiros de ladrões, nem buscais subornos, nem perseguis a recompensa, deixando de julgar os órfãos ou fazer justiça às viúvas, e que vossas mãos não estejam cheias de sangue. ³“Porque os filhos de Sião andavam com o pescoço empinado, brincavam, piscando os olhos e arrastavam as túnicas^y. E todos se desviaram — grita Deus — e, por conseguinte, todos se tornaram inúteis. Não há nenhum homem inteligente, não há um sequer. Com suas línguas enganavam e sua garganta é um sepulcro aberto; têm veneno de víboras debaixo de seus lábios, tribulação e angústia em seus caminhos, e não conheceram o caminho da paz”^z. ⁴De modo que, assim como no princípio ele vos deu esses mandamentos por causa de vossas maldades, da mesma forma, por perseverardes nelas ou, mais ainda, por agravá-las, ele se serve deles para que o recordeis e tomeis conhecimento. Vós, porém, sois um povo de coração duro e insensato, cego e coxo, filhos nos quais não há fidelidade, como ele próprio diz. Vós o honrais somente com os lábios, mas com o vosso coração estais longe dele, e ensinais vossos próprios ensinamentos e não os dele. ⁵Caso contrário, dissei-me: será que Deus quis que os sumos sacerdotes pecassem ao oferecer os sacrifícios no sába-do? O mesmo digo dos que se circuncidam e circuncidam outros em dia de sábado, ao mandar que os recém-nascidos sejam a todo custo circuncidados no oitavo dia, mesmo que seja sábado. Será que não podia mandar fazer isso um dia antes ou um dia depois do sábado, se sabia que era pecado fazê-lo no sábado? Por fim, e os que viveram antes de Abraão e de Moisés e que receberam o nome de santos e lhe agradaram sem cortar o prepúcio ou guardar os sábados — por que Deus não lhes ensinou a fazer essas coisas?

28. ¹Trifão disse:

— Já te ouvimos, quando propuseste isso e prestamos atenção. Com efeito, para dizer a verdade, ela é digna de nota, e não tenho motivo para dizer como se costuma: “Deus quis assim.” De fato, é

sempre essa a escapatória das pessoas que não sabem responder às questões.

²Eu continuei:

— Uma vez que parto das Escrituras e dos fatos para fazer minhas demonstrações e exortações, não demoreis nem vacileis em me dar crédito ainda que eu seja incircunciso. Resta-vos este breve tempo para aderir a nós; se Cristo apressar a sua vinda, em vão vos arrependereis e em vão chorareis, porque ele não mais vos escutará. Grita Jeremias ao povo: “Renovai para vós os vossos campos novos, e não semeis sobre os espinhos. Circuncidai para o Senhor e circuncidai o prepúcio do vosso coração”^a. ³Portanto, não semeis sobre espinhos e em terra que não foi lavrada, de onde não recolheríeis fruto. Reconhecei a Cristo e aí tereis um belo campo, bonito e fértil em vossos corações. “Com efeito, eis que vêm dias, diz o Senhor, e eu visitarei todos os que cortam o seu prepúcio; o Egito e Judá, Edom e os filhos de Moab. Porque todas estas nações e toda a casa de Israel são incircuncisas de coração”^b. ⁴Vedes como não é essa circuncisão, que foi dada como sinal, a que Deus quer? De fato, ela não serve para nada, nem para os egípcios, nem para os filhos de Moab e de Edom. Em troca, mesmo quando se trata de um cita ou persa, se ele conhece Deus e Jesus Cristo e guarda a lei eterna, ele está circuncidado com a boa e proveitosa circuncisão, é amado por Deus e Deus se compraz com seus dons e ofertas. ⁵Amigos, quero dizer-vos palavras do próprio Deus, quando ele falou a seu povo, por meio de Malaquias, um dos doze profetas. Ele diz o seguinte: “Minha vontade não está em vós, diz o Senhor, e eu não aceito os sacrifícios de vossas mãos, porque do Oriente ao Ocidente o meu nome é glorificado entre as nações e, em todo lugar, se oferece sacrifício ao meu nome e é sacrifício puro. Por-que o meu nome é honrado entre as nações, diz o Senhor. Vós, porém, o profanais”^c. E ele diz, por meio de Davi: “Um povo que eu não conhecia me serviu e me obedeceu por me ouvir falar”^d.

29. ¹Glorifiquemos a Deus, todas as nações juntamente reunidas, porque ele olhou também para nós. Demos-lhe glória, por meio do Rei da Glória, por meio do Senhor das potências. Porque ele aprovou também as nações e recebe os nossos sacrifícios com mais gosto do que os vossos. Para que falar de circuncisão se já tenho o testemunho de Deus? Que necessidade há daquele banho para quem foi banhado pelo Espírito Santo? ²Com esses raciocínios, creio que ficarão convencidos até aqueles que têm menos inteli-gência. De fato, essas palavras não foram inventadas por mim, nem enfeitadas pela arte humana. Ao contrário, trata-se ou de salmos que Davi cantou, ou de mensagens alegres que Isaías anunciou, ou do que Zacarias pregou e Moisés colocou por escrito. Tu os reconheces, Trifão? Eles estão escritos em vossos livros ou, melhor dizendo, não vossos, mas nossos. De fato, nós acreditamos neles. Vós, porém, por mais que os leiais, não entendeis o sentido deles. ³Não nos molesteis, portanto, nem lanceis em nosso rosto o prepúcio de nossa carne, que foi o próprio Deus quem formou. Não fiquéis espantados pelo fato de bebermos coisas quentes no sábado, pois nesse dia Deus também governa o mundo da mesma forma que nos outros dias. Além disso, vossos sumos sacerdotes tinham ordem de oferecer os sacrifícios nesse dia como nos outros. Por fim, aqueles grandes justos, que não observaram nenhuma dessas prescrições legais, são atestados pelo próprio Deus.

Digressão sobre a parusia

30. ¹Em troca, deveis acusar vossa própria maldade, pe-lo fato de que Deus fique exposto às calúnias dos que não têm inteligência e pensam que ele não ensinou sempre a mesma justiça para todos. O fato é que a muitos ho-mens pareceram sem razão e indignos de Deus tais ensi-namentos da lei, por não terem recebido a graça de reco-nhecer que, por meio deles, Deus chamou para a

conversão e a penitência o vosso povo inclinado à maldade e espi-ritualmente enfermo. A doutrina dos profetas, que veio depois da morte de Moisés, é eterna. ²Isso mesmo, senho-res, é dito no salmo;³ e que nós, que alcançamos a sabedoria por meio deles, confessamos que as sentenças de Deus são mais doces do que o mel e o favo, se manifesta no fato de que, mesmo ameaçados de morte, não negamos o seu nome. Todos sabem que nós, que nele cremos, pedimos que ele nos preserve dos estranhos, isto é, dos espíritos maus e enganadores, como diz a palavra do profeta, na pessoa de um dos que nele crêem. ³Com efeito, sempre rogamos a Deus por meio de Jesus Cristo para que seja-mos preservados dos demônios, que são estranhos à pieda- de de Deus, e que adorávamos antigamente, a fim de que, depois de nos convertermos a Deus, por meio de Jesus Cristo, sejamos irrepreensíveis. Com efeito, chamamos de auxiliador e redentor nosso aquele cujo nome faz estremecer até os demônios, os quais hoje mesmo se submetem, conjurados pelo nome de Jesus Cristo, crucificado sob Pôncio Pilatos, procurador na Judéia. De modo que assim se torna claro para todos que seu Pai lhe concedeu tal poder, que em seu nome e pela economia de sua paixão até os demônios se submetem.

31. ¹Se agora vemos que houve e continua havendo um grande poder pela economia de sua paixão, que poder não terá com a sua vinda gloriosa? De fato, ele deverá vir como Filho do Homem, sobre as nuvens, em companhia dos anjos, como disse Daniel. ²Tais são as palavras do profeta: “Eu estava olhando, até que foram colocados assentos e o Ancião dos dias se assentou. Trazia uma roupa branca como a neve e os cabelos de sua cabeça eram como lã limpa; seu assento era como chama de fogo e suas rodas como fogo ardente. Um rio de fogo corria, saindo de sua frente. Milhares de milhares o serviam e dez vezes dez mil o assistiam. Foram abertos livros e estabeleceu-se o julgamento. ³Eu então prestava atenção à voz das grandes palavras que o chifre falava. A besta foi morta a pauladas, seu corpo pereceu e foi entregue como pasto para o fogo. Também das outras bestas foi tirado o império, embora se lhes tenha deixado a vida até a ocasião e o tempo. Eu olhava na visão da noite e eis que sobre as nuvens do céu se aproximava alguém semelhante a um Filho de Homem. Ele foi até o Ancião dos dias, parou em sua frente e os assistentes o apresentaram ao Ancião. ⁴Então foi-lhe dado poder e honra régia, assim como todas as nações da terra, segundo suas descendências, e toda a glória que o serve. Seu poder é poder eterno e não lhe será tirado; o seu reino não será destruído. Meu espírito estremeceu dentro de mim e as visões de minha cabeça me perturbavam. Então me aproximei de um dos assistentes e lhe pedi a explicação exata de todas essas coisas. Em resposta, ele me disse, manifestando a mim o julgamento das palavras: ‘Essas quatro grandes bestas são quatro reinos que serão aniquilados da terra e não receberão o reino neste século, nem pelos séculos dos séculos’. ⁵Então eu quis saber exatamente sobre a quarta besta, aquela que destruíra tudo e era muito espantosa, cujos dentes eram de ferro e unhas de bronze. Era aquela que comia, despedaçava e pisava com os pés as sobras. Quis saber também sobre os dez chifres em sua cabeça e sobre aquele outro que nasceu, pelo qual caíram os outros três. Esse chifre tinha olhos e boca que falava arrogâncias; sua aparência sobrepujava a dos outros. Considerei que esse chifre fazia guerra contra os santos e os derrotava, até que veio o Ancião dos dias e deu o julgamento aos santos do Altíssimo; o tempo veio e os santos do Altíssimo mantiveram o seu reino. ⁶A respeito da quarta besta foi-me dito o seguinte: ‘Haverá um quarto reino sobre a terra, que será diferente de todos es-ses reinos; devorará toda a terra, devastando-a e despedaçando-a. Os dez chifres são dez reinos que se levantarão, e outro depois deles, que superará em maldade aos primeiros, humilhará três reis, falará mal contra o Altíssimo, destruirá os santos do Altíssimo que ficarem, pretenderá mudar os movimentos e os tempos, e serão entregues em suas mãos por tempo e tempos e metade de tempo. ⁷E estabeleceu-se o julgamento e lhe tirarão o império para destruí-lo e aniquilá-lo até o fim. E o reino,

o poder e a grandeza dos territórios dos reinos sob o céu foram dados ao povo santo do Altíssimo, para reinar como reino eterno. Todos os poderes se submeterão a ele e lhe obedecerão'. Aqui terminaram suas palavras. Eu, Daniel, fiquei muito impressionado com o êxtase, minha cor mudou e eu guardei tudo em meu coração”^f.

Objeção de Trifão

32. ¹Apenas terminei, Trifão disse:

— Homem, essas e outras passagens semelhantes das Escrituras nos obrigam a esperar como glorioso e grande aquele que recebeu do Ancião dos dias, como Filho de Homem, o reino eterno. Em troca, esse que chamais de Cristo viveu desonrado e sem glória, a ponto de cair sob a extrema maldição das leis de Deus, pois foi crucificado.

²Eu lhe respondi:

— Senhor, se as Escrituras que vos citei não dissessem que sua figura era sem glória e que sua geração é inexplicável, que por sua morte os ricos serão entregues à morte, que por suas feridas nós somos curados e que devia ser conduzido como ovelha; se, por outro lado, eu tivesse distinguido duas vindas dele: uma em que foi transpassado por vós; outra em que reconheceréis a quem transpassastes e vossas tribos baterão no peito, tribo por tribo, as mulheres de um lado e os homens de outro; então, o que digo poderia parecer obscuro e difícil. Contudo, em todos os meus raciocínios eu parto das Escrituras proféticas, que são santas para vós, e apoiado nelas eu vos apresento as minhas demonstrações, esperando que alguém de vós possa encontrar-se no número dos que foram reservados, pela graça do Senhor dos exércitos, para a eterna salvação.

Interpretação cristológica dos salmos 110 e 72

³Portanto, a fim de que fique mais claro para vós o que estamos discutindo, citarei outras palavras ditas pelo bem-aventurado Davi. Através delas entenderéis como o Espírito Santo profético chama Cristo de Senhor e como o Senhor, pai do universo, o levanta da terra e o faz sentar-se à sua direita, até que ponha seus inimigos como escabelo de seus pés. Isso se cumpriu desde o momento em que nosso Senhor Jesus Cristo foi arrebatado ao céu, depois de ressuscitar dos mortos, quando os tempos já estão cumpridos e já está à porta aquele que vai proferir arrogâncias e blasfêmias contra o Altíssimo, aquele mesmo que Daniel indica que irá dominar tempo e tempos e metade de tempo.

⁴Ignorando quanto tempo ele deverá dominar, vós o interpretais de outro modo, pois entendeis tempo como cem anos. Nesse caso, o homem da iniquidade deveria reinar pelo menos trezentos e cinquenta anos, se contamos como dois o que o santo Daniel chamou “tempos”.

⁵Tudo o que vos falava, eu vos falava como digressão, para ver se finalmente acreditais no que Deus diz contra vós, que “sois filhos insensatos”^g, e aquela outra passagem: “Por isso, vede que continuarei a perseguir este povo, e os perseguirei e tirarei de seus sábios a sabedoria e dos inteligentes esconderei a inteligência”^h. Assim, aprenderéis de nós, que fomos ensinados pela graça de Cristo e deixareis de enganar a vós mesmos e aos que vos ouvem. ⁶As palavras ditas por Davi são as seguintes: “Disse o Senhor ao meu Senhor: Senta-se à minha direita até que eu ponha os teus inimigos como escabelo de teus pés. O Senhor te enviará de Sião o cetro do poder e dominas em meio aos teus inimigos. Contigo estará o império, no dia do teu poder: nos esplendores dos teus santos, do meu ventre, antes do luzeiro da manhã, eu te gerei. O Senhor jurou e não se arrependerá: tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedec. O Senhor está à tua direita; desbaratou os reis no dia de sua ira, julgará as nações, amontoará cadáveres. No caminho beberá da torrente e,

por isso, levantará a cabeça”¹.

33. ¹Continuei:

— Não ignoro que tendes a ousadia de interpretar esse salmo como se fosse dito para Ezequias. Todavia, pelas próprias palavras do salmo, eu vos quero logo demonstrar que estais enganados. Nele se diz: “O Senhor jurou e não se arrependerá.” E: “tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedec.” E o que vem depois e o que antecede. Ora, Ezequias não foi sacerdote, nem continua sendo sacerdote eterno de Deus. Vós não ousaríeis contradizê-lo. Em troca, que isso seja dito a respeito do nosso Jesus, as próprias palavras o dão a entender. Os vossos ouvidos, porém, estão entupidos e os vossos corações estão endurecidos. ²Com efeito, pelas palavras: “O Senhor jurou e não se arrependerá: tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedec”, deixou claro que, por causa de vossa incredulidade, Deus o constituiu sacerdote com juramento, segundo a ordem de Melquisedec. Isto é: assim como Moisés descreve que Melquisedec foi sacerdote do Altíssimo e sacerdote dos incircuncisos e que ele abençoou Abraão na circuncisão, quando este lhe ofereceu os dízimos, da mesma forma deu a entender que constituirá Jesus como seu sacerdote eterno, a quem o Espírito Santo e sacerdote dos incircuncisos chama Senhor, e que ele receberá e abençoará os da circuncisão que dele se aproximarem, isto é, que creiam nele e busquem as suas bênçãos. ³Finalmente, as últimas palavras do salmo mostram que ele primeiro devia aparecer humilde como homem e depois seria exaltado: “No caminho beberá da torrente”; e ao mesmo tempo: “Por isso, levantará a cabeça”.

34. ¹Citar-vos-ei outro salmo, ditado pelo Espírito Santo a Davi, para mostrar que não entendeis nada das Escrituras, pois dizeis que se refere a Salomão, que foi também vosso rei, quando foi dito para o nosso Cristo. Vós vos deixais enganar pela semelhança das expressões. E assim, onde se fala da “lei irrepreensível do Senhor”, vós a interpretais como sendo a lei de Moisés e não daquela que deveria vir depois dele, visto que o próprio Deus grita que será estabelecida uma nova lei e uma nova aliança. ²E onde se diz: “Ó Deus, concede ao rei o teu julgamento”, como Salomão foi rei, imediatamente aplicais o salmo a ele, quando suas próprias palavras estão anunciando que se refere a um rei eterno, isto é, a Cristo. Com efeito, Cristo, como eu vos demonstro por todas as Escrituras, é chamado rei e sacerdote, Deus, Senhor, anjo, homem, supremo general¹, pedra, menino recém-nascido; dele se anunciou que, primeiro nascido passível, devia depois subir ao céu e daí há de vir novamente com glória e possuir um reino eterno. ³E para que entendais o que estou dizendo, repetir-vos-ei as palavras do salmo, que diz o seguinte:

“Ó Deus! Concede ao rei o teu julgamento e a tua justiça ao filho do rei, para que ele julgue o Teu povo com justiça e os necessitados com direito. Que os montes germi-nem paz para o povo e as colinas justiça. Ele fará justiça para os necessitados do povo, salvará os filhos dos pobres e humilhará o caluniador. Ele permanecerá com o sol e antes da lua, por gerações e gerações. Descerá como chuva sobre a lã e como gota que goteja sobre a terra. ⁴Em seus dias florescerá a justiça e muita paz, até que a lua seja tirada de seu lugar. Dominará de mar a mar, dos rios aos confins da terra. Diante dele se prosternarão os etíopes e seus inimigos comerão o pó. Os reis de Társis e das ilhas lhe apresentarão oferendas; os reis dos árabes e de Sabá lhe trarão presentes, todos os reis da terra o adorarão e todas as nações o servirão. Porque ele libertará o necessitado de seu opressor e o pobre que não tem quem o ajude. ⁵Perdoará o pobre e o necessitado, e salvará as vidas dos pobres, redimindo-os da usura e da iniquidade. E seu nome será precioso diante deles. Ele viverá e lhe será entregue ouro da Arábia. Continuamente elevarão preces para ele e o bendirão todo o dia. Haverá

firmeza na terra; ele será levantado sobre os cumes dos montes. Seu fruto estará sobre o Líbano e da cidade florescerão como pó da terra. ⁶Seu nome será bendito pelos séculos. Seu nome permanece antes do sol. Nele serão abençoadas todas as tribos da terra e todas as nações o proclamarão bem-aventurado. Bendito seja o Senhor Deus Israel, o único que faz maravilhas, e bendito o seu nome glorioso pelos séculos e pelos séculos dos séculos. E toda a terra ficará repleta de sua glória. Assim seja. Assim seja”. E no final do salmo, que acabo de citar, está escrito: “Fim dos hinos de Davi, filho de Jessé”^k.

⁷Sei que Salomão, sob cujo reinado se construiu o chamado templo de Jerusalém, foi rei ilustre e grande. Contudo, é evidente que nada do que se diz no salmo aconteceu com ele. De fato, nem todos os reis se prosternavam diante dele, nem reinou até os confins da terra, nem seus inimigos, caindo a seus pés, comeram o pó. ⁸Além do mais, atrevo-me a recordar aquilo que sobre ele está escrito nos livros dos Reis: por amor de uma mulher, cometeu idolatria em Sidônia. A isso não se submetem aqueles que, vindos das nações, conheceram a Deus, criador do universo, por meio de Jesus Cristo crucificado. Esses suportam todo tormento e castigo, até o extremo da morte, para não cometer idolatria, nem comer nada oferecido aos ídolos.

Digressão sobre os falsos cristãos

35. ¹Trifão replicou:

— Fiquei sabendo que muitos que dizem confessar a Jesus e que se chamam cristãos, comem do que é sacrificado aos ídolos e afirmam que nenhum mal lhes acontece por causa disso.

²Eu respondi:

— De fato, existem pessoas que se dizem cristãos e confessam a Jesus crucificado como Senhor e Cristo; por outro lado, porém, não ensinam a doutrina dele, mas dos espíritos do erro. Nós, os discípulos da verdadeira e pura doutrina de Jesus Cristo, nos tornamos mais fiéis e mais firmes na esperança por ele anunciada. Com efeito, o que ele antecipadamente disse que aconteceria em seu nome, nós o vemos cumprido nos fatos com os próprios olhos. ³De fato, ele disse: “Virão muitos em meu nome vestidos por fora com peles de ovelhas, mas por dentro são lobos vorazes”. E: “Haverá cisões e seitas”. E ainda: “Cuidado com os falsos profetas que virão até vós vestidos de peles de ovelha por fora, mas por dentro são lobos vorazes”. E: “Surgirão muitos falsos cristos e muitos apóstolos que extraviarão muitos fiéis”¹. ⁴Portanto, amigos, existem e existiram muitos que ensinaram doutrinas e moral atéias e blasfemas, embora se apresentassem em nome de Jesus. Esses são chamados por nós com o nome de quem deu origem a cada doutrina ou opinião. ⁵Com efeito, uns de um modo, outros de outro, ensinam a blasfemar ao Criador do universo e a Cristo, que por ele foi profetizado que deveria vir, assim como ao Deus de Abraão, Isaac e Jacó. Nós não temos nenhuma comunhão com eles, pois sabemos que são ateus, ímpios, injustos e iníquos e que, em lugar de cultuar a Jesus, só o confessam de nome. ⁶E se chamam cristãos, do mesmo modo que os das nações atribuem o nome de Deus às obras de suas mãos e tomam parte em iníquas e sacrílegas iniciações. Quanto a eles, uns se chamam marcionistas, outros valentinianos, outros basilidianos, outros saturnilianos^m e com outros nomes, trazendo cada um o nome do fundador da seita, do mesmo modo como aqueles que, pretendendo professar uma filosofia, como notei no início, acreditavam ser um dever trazer o nome do pai ou da doutrina que professa.

⁷Concluindo: também através desses hereges chegamos a conhecer que Jesus sabia antecipadamente o que aconteceria depois dele, do mesmo modo que sabemos também que, como ele predisse, deveríamos passar por muitas coisas nós que nele cremos e o confessamos como Cristo. De fato,

tudo o que sofremos, ao sermos levados à morte pelos nossos próprios familiares, ele predisse que aconteceria. Assim, nada de reprovável aparece em suas palavras e ações. ⁸Portanto, rogamos por vós e por todos os que nos atacam para que, convertendo-vos juntamente conosco, não blasfemeis Jesus Cristo que, por suas obras e milagres que ainda hoje se realizam em seu nome, pela excelência de sua doutrina e das profecias que a respeito dele foram feitas, não merece nenhuma reprovação ou acusação. Pelo contrário, crendo nele, possais salvar-vos em sua segunda vinda gloriosa e não sejais por ele condenados ao fogo.

Cristo é o Rei das potências

36. ¹Trifão me respondeu:

— Que tudo isso seja como dizes. Concedo também que esteja profetizado que Cristo devia sofrer e que é chamado pedra. Concedo também que, depois de sua primeira vinda, na qual estava anunciado que deveria sofrer, ele virá glorioso e como juiz de todos os homens e que, por fim, deveria ser rei e sacerdote eterno. Demonstra-nos agora que tudo isso estava profetizado exatamente a respeito desse Jesus.

²Eu lhe disse:

— Se o desejas, Trifão, no momento conveniente eu farei as demonstrações que queres. Agora, permite-me que antes de tudo eu cite algumas profecias, que acho interessante vos recordar, para demonstrar que Cristo é figuradamente chamado, pelo Espírito Santo, Deus, Senhor das potências e Jacó. Vossos exegetas, como o próprio Deus clama, são insensatos quando afirmam que isso não foi dito a respeito de Cristo, mas de Salomão, quando ele introduziu a Tenda do Testemunho no templo que havia construído^u. ³O salmo de Davi diz o seguinte: “Do Senhor é a terra e tudo o que ela contém, a redondeza da terra e todos os que a habitam. Ele assentou seus alicerces sobre os mares e a preparou sobre os rios. Quem subirá à montanha do Senhor? Quem se manterá em seu lugar santo? Aquele que tem as mãos inocentes e é puro de coração, aquele que não se entregou à falsidade, nem jurou para enganar o seu próximo. ⁴Esse receberá bênção do Senhor e misericórdia de Deus, seu salvador. Essa é a geração dos que buscam ao Senhor, dos que buscam a face do Deus de Jacó. Levantai, ó príncipes, vossas portas; levantai-vos, ó portas eternas, para que entre o rei da glória. Quem é esse rei da glória? É o Senhor forte e valente na guerra. Levantai, ó príncipes, vossas portas; levantai-vos, ó portas eternas, para que entre o rei da glória. Quem é esse rei da glória? É o Senhor das potências, ele é o rei da glória!”^o

⁵Portanto, está demonstrado que Salomão não foi o rei das potências, mas quando nosso Cristo ressuscitou dos mortos e subiu ao céu, os príncipes ordenados por Deus nos céus recebem ordem de abrir as portas para que entre esse, que é o rei da glória. E, tendo subido aí, sentou-se à direita do Pai, até que este ponha seus inimigos como escabelo de seus pés, como nos diz claramente em outro salmo. ⁶Todavia, os príncipes do céu o viram com o rosto disforme, desonrado e sem glória e, não o reconhecendo, perguntam: “Quem é esse rei da glória?” E o Espírito Santo, na pessoa do Pai ou em seu próprio nome, lhes responde: “É o Senhor das potências, ele é o rei da glória.” Qualquer pessoa confessará que nem sobre Salomão, por mais glorioso rei que tenha sido, nem sobre a Tenda do Testemunho, teria alguém dos que vigiavam as portas do Templo de Jerusalém se atrevido a perguntar: “Quem é esse rei da glória?”

37. ¹Continuei:

— Na pausa do salmo 46 se diz com relação a Cristo: “Deus subiu entre gritos de júbilo, o Senhor ao som de trombetas. Cantai ao nosso rei, cantai. Porque Deus é rei de toda a terra; cantai com mestria.

Deus reinou sobre as nações, Deus se assenta sobre o seu trono santo. Os príncipes dos povos se reuniram com o Deus de Abraão, porque a Deus pertencem os poderosos da terra. Eles foram grandemente exaltados”.

²No salmo 99, o Espírito Santo vos vitupera e nos manifesta que este que vocês não aceitam como rei é rei e Senhor de Samuel, de Moisés e de Aarão, como também de todos os outros. Suas palavras são estas: ³“O Senhor rei-na; que os povos se irrite. Ele se assenta sobre os que-rubins; que a terra estremeça. O Senhor é grande em Sião, exaltado sobre todos os povos. Que eles confessem o teu nome grande, porque ele é temível e santo, e a majestade do rei ama o direito. Tu estabeleceste as normas da reti-dão; tu fizeste direito e justiça em Jacó. Exaltai o Senhor nosso Deus e prostrai-vos diante do escabelo de seus pés, porque ele é santo. ⁴Moisés e Aarão estão entre os seus sa-cerdotes, e Samuel entre os que invocam o seu nome. Eles invocaram, o Senhor — diz a Escritura — e ele os ouvia. Falava-lhes numa coluna de nuvem, porque guardavam os seus testemunhos e o mandamento que lhes dera. Senhor nosso Deus, tu os escutavas. Ó Deus, tu lhes foste propício, embora tenhas castigado todos os seus pecados. Exaltai o Senhor nosso Deus e prostrai-vos diante do seu monte santo, porque o Senhor nosso Deus é santo”.

38. ¹Trifão disse:

— Amigo, seria bom que tivéssemos obedecido a nossos mestres que nos mandaram por lei não conversar com nenhum de vós, e não nos teríamos comprometido a participar dos teus discursos. Com efeito, estás dizendo muitas blasfêmias, pretendendo nos convencer de que esse crucificado existiu no tempo de Moisés e Aarão e que lhes falou na coluna de nuvem; que depois se fez homem, foi crucificado, subiu ao céu e há de vir outra vez à terra e que deve ser adorado.

²Eu então lhe respondi:

— Sei muito bem que, como diz a palavra de Deus, essa grande sabedoria do Criador do universo e Deus onipotente está oculta para vós. É por isso que, por compaixão de vós, coloco todas as minhas forças para que compreendais esses nossos paradoxos. Assim ao menos eu serei inocente no dia do julgamento. Escutai agora palavras que vos parecem ainda mais paradoxais. Não vos alvoroceis, mas, reanimados, continuai ouvindo-as e examinando-as, e desprezai a tradição de vossos mestres, pois o espírito profético os acusa de incapacidade para compreender os ensinamentos de Deus e de estarem voltados apenas para suas próprias doutrinas. ³Assim, pois, no salmo 45 se diz igualmente, referindo-se a Cristo:

“Do meu coração brota um belo hino e eu digo: minhas obras são para o rei. Minha língua é pena de escriba rápido. És belo por tua formosura sobre os filhos dos homens. A graça está derramada sobre os teus lábios. Por isso, Deus te abençoou para sempre. Cinge a tua espada ao flanco, ó poderoso; com beleza e formosura põe-te em marcha, caminha prosperamente e sê rei, por causa da realeza, da mansidão e da justiça, e a tua direita te guiará maravilhosamente. Tuas flechas são afiadas, ó poderoso; os povos cairão a teus pés, e elas irão diretas ao coração dos inimigos do rei. ⁴Ó Deus, o teu trono é para o século dos séculos e o cetro do teu reino é cetro de retidão. Por isso, Deus, o teu Deus, te ungiu com óleo de regozijo, mais que os teus companheiros. Tuas roupas recendem mirra, aloés e cássia nos palácios de marfim, das que te alegraram. Filhas de reis estão em teu cortejo, a rainha postou-se à tua direita, vestida com manto de ouro e grande variedade de cores. Escuta, filha, olha e inclina o teu ouvido: esquece o teu povo e a casa do teu pai, e o rei cobiçará a tua formosura. Porque ele é o teu Senhor e a ele adorarão. ⁵A filha de Tiro vem com presentes: os ricos do povo suplicarão a teu rosto. Toda a glória da filha do rei vem de dentro; ela está vestida com franjas de ouro em variedade de cores. As donzelas que a seguem serão conduzidas ao rei; suas companheiras

serão a ti conduzidas. Conduzidas com regozijo e alegria, elas serão introduzidas no palácio real. Em lugar de teus pais nascerão filhos para ti e tu os constituirás príncipes sobre toda a terra. Eu me lembrarei do teu nome de geração em geração, e os povos te confessarão pelos séculos e pelos séculos dos séculos”.

39. ¹Acrescentei:

— Não é de admirar que vós vos irriteis com essas coisas que entendemos e que vos interroguemos a partir da dureza de vosso coração. De fato, orando a Deus, Elias disse a vosso respeito: “Senhor, mataram teus profetas e derrubaram teus altares; fiquei só e eles me buscam. E Deus responde: Ainda me restam sete mil homens que não dobraram seus joelhos diante de Baal”^p. ²Do mesmo modo que, por amor desses sete mil homens, naquela época Deus não executou a sua ira, assim também agora ele não desencadeou, nem desencadeia o julgamento universal, pois ele sabe que diariamente existem aqueles que se fazem discípulos do nome de Cristo e abandonam o caminho do erro.^q Estes, iluminados pelo nome desse Cristo, recebem dons conforme cada um o merece; um recebe o espírito de inteligência, outro de conselho, outro de fortaleza, outro de cura, de presciência, de ensinamento e de temor de Deus.

³Trifão contestou:

— Quero que saibas que estás delirando ao falar essas coisas.

⁴Eu respondi:

— Amigo, escuta e verás que não estou louco nem delirando. De fato, foi profetizado que após sua ascensão ao céu, Cristo nos tiraria do cativeiro do erro e nos daria dons. É o que dizem as seguintes palavras: “Subiu às alturas, levou cativo o cativeiro, deu dons aos homens”^r. ⁵Portanto, nós que recebemos dons de Cristo, que subiu às alturas, vos demonstramos pelas palavras dos profetas que sois insensatos, vós que vos considerais sábios e entendidos diante de vós mesmos. Vós não honrais a Deus e a seu Cristo senão com os lábios; nós, porém, o honramos também com nossas obras, com o conhecimento e de coração, até a morte. ⁶O motivo por que vacilais em confessar a Jesus como Cristo, como as Escrituras o demonstram, os fatos evidentes e os prodígios que acontecem em seu nome, talvez seja porque não sois perseguidos pelos governantes. Estes, sob a ação do espírito mau e enganador, da serpente, não cessarão de matar e perseguir aqueles que confessarem o nome de Cristo, até que ele retorne, destrua a todos e dê a cada um o que merece.

⁷Trifão insistiu:

— Dá-nos agora a razão de que esse que dizes ter sido crucificado e ter subido ao céu é o Cristo de Deus. De fato, que o Cristo é anunciado nas Escrituras como sofredor, que virá novamente com glória para receber o reino eterno de todas as nações e que todo reino lhe será submetido, está suficiente demonstrado pelas Escrituras que citaste. Contudo, que ele seja Jesus, isso terás agora que nos demonstrar.

⁸Eu contestei:

— Senhores, isso está já demonstrado aos que têm ouvidos e pelo que vós confessastes. Entretanto, para que não penseis que estou embaraçado e que não posso trazer-vos as provas que pedis e que eu prometi, no momento oportuno eu as apresentarei. Por enquanto, quero voltar ao que pede a ilação dos meus raciocínios.

As figuras do verdadeiro sacrifício

40. ¹De fato, o mistério do cordeiro que Deus mandou sacrificar como Páscoa era figura de Cristo, com cujo sangue os que nele crêem, segundo a fé nele, ungem suas casas, isto é, a si mesmos. Com

efeito, todos vós podeis compreender que a figura que Deus plasmou, isto é, Adão, converteu-se em casa do espírito que ele lhe insuflara. E que esse mandamento foi temporário vos posso demonstrar do seguinte modo. ²Deus não vos permite sacrificar o cordeiro pascal a não ser no lugar em que seu nome é invocado. E isso ele sabia que iria acontecer um dia depois da paixão de Cristo, em que o mesmo lugar de Jerusalém seria entregue aos vossos inimigos e todas as oferendas terminariam por completo. ³Por outro lado, o cordeiro que era mandado assar completamente era símbolo da paixão da cruz que Cristo devia sofrer. Com efeito, assa-se o cordeiro colocado em forma de cruz, pois uma ponta do espeto o atravessa dos pés à cabeça, e a outra atravessa-lhe as costas e nela se apóiam as partes dianteiras do cordeiro.

⁴Também os dois bodes que se mandava sacrificar no jejum eram iguais; um deles era feito emissário e o outro se destinava ao sacrifício^s. Anunciavam as duas vindas de Cristo: numa delas, os vossos anciãos do povo e sacerdotes o enviavam como emissário, lançando suas mãos sobre ele e matando-o; na outra, no mesmo lugar de Jerusalém, reconheceréis aquele que foi desonrado por vós e que era a vítima de todos os pecadores que queiram fazer penitência e jejuar, conforme aquele jejum a que se refere Isaías, rompendo os laços dos contratos violentos e observando tudo o que o profeta enumera e que nós citamos antes, e é justamente o que fazem aqueles que crêem em Jesus.

⁵Vós sabeis que o sacrifício dos bodes que se mandava oferecer no dia do jejum também não era permitido fazer-se em nenhuma parte fora de Jerusalém.

A eucaristia: verdadeiro sacrifício

41. ¹Continuei:

— A oferta de flor de farinha, senhores, que os que se purificavam da lepra^l deviam oferecer, era figura do pão da Eucaristia que nosso Senhor Jesus Cristo mandou oferecer em memória da paixão que ele padeceu por todos os homens que purificam suas almas de toda maldade, para que juntos demos graças a Deus por ter criado o mundo e por todo o amor que há nele pelo homem, por nos ter livrado da maldade na qual nascemos e por ter destruído completamente os principados e potestades através daquele que, segundo seu desígnio, nasceu passível. ²Portanto, quanto aos sacrifícios que vós antes oferecíeis, como já mostrei, diz Deus pela boca de Malaquias, um dos doze profetas: “Minha vontade não está convosco — diz o Senhor — e não quero receber sacrifícios de vossas mãos. De fato, desde onde o sol nasce até onde ele se põe, meu nome é glorificado entre as nações e em todo lugar se oferece ao meu nome incenso e sacrifício puro. Grande é o meu nome entre as nações — diz o Senhor — e vós o profanais”^u. ³Assim, antecipadamente fala dos sacrifícios que nós, as nações, lhe oferecemos em todo lugar, isto é, o pão da Eucaristia e o cálice da própria Eucaristia e ao mesmo tempo diz que nós glorificamos o seu nome e vós o profanais.

⁴Quanto ao mandamento da circuncisão, exigindo que todos os nascidos deveriam ser circuncidados absolutamente no oitavo dia^v, isso também era figura da verdadeira circuncisão, com a qual Jesus Cristo nosso Senhor, ressuscitado no primeiro dia da semana, nos circuncidou do erro e da maldade. Com efeito, o primeiro dia da semana, embora sendo o primeiro de todos os dias, se forem contados novamente todos os dias, ele se torna o oitavo da série, sem deixar de ser o primeiro.

42. ¹Assim também as doze campainhas que se mandava pendurar na veste talar do sumo sacerdote se referia aos doze apóstolos que estavam ligados ao poder de Cristo, sacerdote eterno, por meio dos quais toda a terra se encheu da glória e da graça de Deus e de seu Cristo. Por isso, Davi também diz: “A voz deles chegou a toda a terra e a palavra deles aos confins do orbe terrestre”^w. ²Como na pessoa dos apóstolos, que dizem não terem acreditado em Cristo porque lhe disseram, mas pelo

poder de Cristo que os enviou, Isaías disse: “Quem creu naquilo que ouvimos e a quem se revelou o braço do Senhor? Anunciamos diante dele como criança, como raiz em terra sedenta”^x, e o resto da profecia, que já citamos anteriormente. ³Dizendo em pessoa de muitos: “Anunciamos diante dele”, e acrescentando em seguida: “Como criança”, a Escritura dava a entender que os malvados, submetidos a ele, lhe obedeceriam e se tornariam todos como criança. Pode-se perceber isso no corpo: embora possuindo muitos membros, todos eles em conjunto são chamados e são de fato um só corpo. Do mesmo modo, um povo, uma igreja, embora com-posto numericamente de muitos, são chamados e denominados com um só nome, como se fossem uma coisa única.

⁴Senhores, eu poderia recorrer a todas as outras ordens dadas por Moisés e demonstrar-vos que são figuras, símbolos e anúncios do que aconteceria com Cristo e com aqueles que nele crêem, conhecidos de antemão, assim como também o que o próprio Cristo haveria de fazer. Creio, porém, que é suficiente o que até aqui foi citado. Por isso, passo ao raciocínio que a ordem do meu discurso exige.

Mistério do nascimento virginal^y

43. ¹Assim como a circuncisão iniciou-se em Abraão e o sábado, sacrifícios, oferendas e festas com Moisés, e já foi demonstrado que tudo isso foi ordenado por causa da dureza do vosso coração, do mesmo modo, por vontade do Pai, tudo teria que terminar em Cristo, Filho de Deus, nascido da virgem da descendência de Abrãao, da tribo de Judá e de Davi.

E foi anunciado que ele, lei eterna e nova aliança para o mundo todo, deveria vir, como indicam todas as profecias por mim citadas. ²E nós, que por meio dele nos aproximamos de Deus, não recebemos essa circuncisão carnal, mas a espiritual, aquela que Henoc e outros observaram. Como éramos pecadores, a recebemos no batismo pela misericórdia de Deus. E a todos é igualmente permitido recebê-la.

³Como chegou o momento oportuno, falar-lhes-ei agora do mistério de seu nascimento. Que a descendência de Cristo não admite explicação humana, Isaías, como já foi aludido, disse o seguinte: “Quem cantará a sua geração? Porque a sua vida é tirada da terra. Pelas iniquidades do meu povo ele foi conduzido à morte”^z. O Espírito profético disse isso por ser inexplicável a descendência daquele que morreria para curar a todos nós, homens pecadores, com as suas chagas.

⁴Além disso, para que nós, que acre-ditamos nele, soubéssemos de que modo ele nasceria ao vir ao mundo, pelo mesmo Isaías o Espírito profético as-sim falou: “Pede para ti um sinal da parte do Senhor teu Deus, no abismo ou na altura”. E Acáz disse: “Não o pedi-rei, nem tentarei ao Senhor”. Isaías disse: “Ouvi agora, casa de Davi! É pouco para vós combater os homens, de modo que o fazeis também contra o Senhor? Por isso, o próprio Senhor vos dará um sinal: vede que a virgem conceberá e dará à luz um filho, e ele será chamado com o nome de Emanuel. Ele comerá manteiga e mel. Antes que saiba escolher o mal, escolherá o bem. Por isso, antes que o menino saiba distinguir o bem ou o mal, rejeitará o mal para escolher o bem. ⁶Porque antes que o menino saiba dizer pai e mãe, receberá o poder de Damasco e os despojos de Samaria, diante do rei dos assírios. E pela presença dos reis será tomada a terra que será para ti dura carga. Mas o Senhor trará sobre ti, sobre o teu povo e sobre a casa do teu pai dias como ainda não houve sobre ti desde o dia em que Efraim se separou de Judá para o rei dos assírios”^a.

⁷Todavia, é claro para todos que, fora o nosso Cristo, ninguém nasceu de uma virgem na descendência carnal de Abraão, nem de ninguém se afirmou tal coisa. ⁸Contudo, como vós e vossos

mestres vos atreveis a dizer, pri-meiro que o texto da profecia de Isaías não diz “Vede que uma virgem conceberá”, mas: “Vede que uma mulher jovem conceberá e dará à luz”, e depois a interpretais co-mo referida ao vosso rei Ezequias. Também tentarei discutir esse breve ponto contra vós e demonstrar-vos que a profecia se refere a esse que nós confessamos como Cristo.

44. ¹Desse modo, colocando todo o meu empenho em vos convencer com as minhas demonstrações, ficarei inteiramente sem culpa em relação a vós. Todavia, se vós, permanecendo na dureza de coração ou fracos na convicção por medo da morte decretada contra os cristãos, não quiserdes abraçar a verdade, toda a culpa será vossa e vos enganareis a vós mesmos, imaginando que, por ser descendência de Abraão segundo a carne, estais seguros de alcançar os bens que Deus prometeu conceder por meio de Cristo. ²Porque ninguém receberá nenhum desses bens de parte alguma, a não ser os que pela fé se assemelharem em sentimentos a Abraão e reconhecerem os mistérios todos, isto é, reconhecerem que alguns mandamentos foram dados a vós para cultuar a Deus e praticar a justiça, outros para anunciar misteriosamente a Cristo, ou por causa da dureza de coração do vosso povo. Que isso seja assim, o próprio Deus o disse em Ezequiel, falando deste modo: “Ainda que Jacó e Noé peçam por seus filhos ou suas filhas, não lhe serão dados”^b. ³Com relação ao mesmo assunto, em Isaías ele diz assim: “Disse o Senhor Deus: Sairão e verão os membros dos homens que pecaram. Porque o verme deles não morrerá e seu fogo não se extinguirá, se tornarão espetáculo para o mundo todo”^c. ⁴De modo que, cortada de vossas almas essa esperança, vós deveis esforçar-vos para conhecer através de qual caminho virá até vós o perdão dos pecados e a esperança de herdar os bens prometidos. Esse caminho não é outro senão o de reconhecer a Jesus como Cristo, lavar-vos no banho que o profeta Isaías anunciou para a remissão dos pecados e, doravante, viver sem pecar.

Quem ressuscitará?

45. ¹Trifão me disse:

— Pode parecer que corto esses raciocínios, que afirmas ser necessário examinar. Todavia, tenho uma pergunta que quero investigar e primeiro debes supor-tar-me.

Eu respondi:

— Pergunta o que quiseres, conforme te ocorra. Procurarei voltar aos meus raciocínios e completá-los, quando tiveres perguntado e eu respondido.

²Ele continuou:

— Dize-me: os que tiverem vivido conforme a lei de Moisés viverão na ressurreição dos mortos como Jacó, Henoc e Noé, ou não?

³Eu respondi:

— Amigo, ao citar-te as palavras de Ezequiel: “Ainda que Noé, Daniel e Jacó peçam por seus filhos e suas filhas, não lhe serão dados”, mas que evidentemente cada um se salvará por sua própria justiça, eu disse também que igualmente se salvarão os que tiverem vivido conforme a lei de Moisés. Com efeito, na lei de Moisés ordenam-se algumas coisas por natureza boas, piedosas e justas, que devem ser praticadas pelos que nelas crêem; outras, praticadas sob os que estavam sob a lei, estão escritas em vista da dureza de coração do povo. ⁴Dessa forma, portanto, os que cumpriram o que é universal, natural e eternamente bom, tornaram-se agradáveis a Deus e se salvarão por meio de Cristo na ressurreição, do mesmo modo que os justos que os precederam: Noé, Henoc, Jacó e todos os que existiram, juntamente com os que reconhecem este Cristo como Filho de Deus. Este é aquele que existia antes do luzeiro da manhã e da lua. Todavia, ele se dignou nascer feito homem daquela virgem da descendência de Davi, para, por meio desta sua economia, destruir a serpente perversa

desde o princípio, assim como os anjos a ela semelhantes e fazer-nos desprezar a morte. Na segunda vinda de Cristo ela cessará totalmente nos que acreditaram nele e viveram de modo agradável a ele, e não existirá mais, quando alguns forem mandados ao fogo para serem sem cessar castigados, e outros gozarem de impassibilidade e incorruptibilidade, livres da dor e da morte.

Quem se salvará?

46. ¹Ele continuou me perguntando:

— E se alguns quiserem ainda agora viver fiéis ao que foi estabelecido por Moisés, embora crendo nesse Jesus crucificado e reconhecendo que ele é o Cristo de Deus e que a ele foi dado julgar absolutamente a todos e que a ele pertence o reino eterno — também esses podem salvar-se?

²Eu respondi:

— Vamos examinar juntos se agora é possível guardar tudo o que foi ordenado por Moisés.

Trifão replicou:

— Não. Como dissestes, reconhecemos que não é possível sacrificar o cordeiro pascal, nem os dois bodes que se mandava oferecer no jejum, nem absolutamente fazer as outras ofertas.

Perguntei então:

— Portanto, eu te peço: dize-me tu mesmo o que é possível observar. Porque debes te convencer que sem guardar as justificações eternas, isto é, sem praticá-las, ninguém pode absolutamente salvar-se.

Ele respondeu:

— Refiro-me a guardar o sábado, a circuncisão, a observância dos meses e os banhos dos que tiverem tocado alguma coisa do que Moisés proibiu ou que tiverem tido relação sexual.

³Eu lhe disse:

— Parece-vos que se salvarão Abraão, Isaac, Jacó, Noé, Jó e os outros justos que existiram antes ou depois deles, como Sara, a mulher de Abraão, Rebeca de Isaac, Raquel e Lia de Jacó, e como essas todas as outras, até a mãe de Moisés, o servo fiel de Deus, que não observaram nada dessas coisas?

Trifão replicou:

— Abraão não se circuncidou, assim como os que vieram depois dele?

⁴Eu respondi:

— Sei muito bem que Abraão e seus descendentes se circuncidaram, mas já lhes disse antes e longamente o motivo pelo qual lhes foi dada a circuncisão. E se o que eu disse não vos convence, vamos examinar novamente esse tema. Contudo, já sabeis que nenhum justo guardou absolutamente nenhuma dessas coisas que discutimos, nem recebeu ordem de guardá-las, se excetuarmos a circuncisão, que se iniciou com Abraão.

Trifão disse:

— Sabemos e confessamos que se salvam.

⁵Eu continuei:

— Pela dureza de coração do vosso povo, deveis compreender que Deus vos deu todos esses mandamentos por meio de Moisés, a fim de que por tantas lembranças tivésseis a Deus sempre diante dos olhos em todas as vossas ações e não vos entregásseis à iniquidade nem à impiedade. Por exemplo: ele mandou que vos cingísseis com fitas de púrpura, a fim de que por meio dela não vos esquecésseis de Deus, e as fitas com certas letras escritas em finíssimas membranas, o que nós consideramos como absolutamente santo. Desse modo, Deus queria estimular-vos para que vos lembrásseis dele em todo momento, a cada vez que vos acusava em vossos corações. ⁶Não tendes sequer uma pequena lembrança da piedade para com Deus e nem mesmo assim lhe obedecestes não

praticando a idolatria, pois no seu tempo Elias contou o número dos que não tinham dobrado os joelhos diante de Baal e disse que eram apenas sete mil. Isaías vos atira no rosto que até vossos filhos oferecestes em sacrifício aos ídolos. ⁷Nós, porém, para não sacrificar àqueles que sacrificamos em outros tempos, sofremos os últimos tormentos e nos alegramos de morrer, pois cremos que Deus nos ressuscitará por meio de seu Cristo e nos tornará incorruptíveis, impassíveis e imortais. Por fim, sabemos que tudo o que vos foi ordenado por causa da dureza de coração do vosso povo, nada tem a ver com a prática da justiça e da piedade.

47. ¹Trifão perguntou:

— E se alguém quiser observar essas coisas, sabendo que é certo o que dizes, embora reconhecendo que Jesus é o Cristo, crendo nele e obedecendo-lhe, esse se salvaria?

Eu lhe respondi:

— Trifão, segundo o meu parecer, afirmo que essa pessoa se salvaria, contanto que não pretenda que os outros homens, isto é, os que vêm das nações, estejam circuncidados do erro por Jesus Cristo e tenham a todo custo que observar o mesmo que ele observa, afirmando que se não observarem não poderão salvar-se. É o que fizeste no começo de nosso diálogo, afirmando que eu não me salvaria se não observasse a vossa lei.

²Ele me replicou:

— Então por que disseste: “Segundo o meu parecer”? Há quem diga que tais pessoas não se salvarão?

Eu respondi:

— Sim, Trifão. E há pessoas que não se atrevem a dirigir a palavra, nem a oferecer seu lar a elas. Mas eu não concordo com essas pessoas. Se pela fraqueza de sua inteligência continuam ainda observando o que lhes é possível da lei de Moisés, o que sabemos ter sido ordenado por causa da dureza de coração do povo, e juntamente com isso esperem em Cristo e queiram guardar o que eterna e naturalmente é justo e piedoso, e se decidam a conviver com os cristãos e fiéis, e não procurem, como já disse, persuadir os outros a se circuncidarem como eles, a guardar os sábados e outras prescrições da lei, estou de acordo com os que afirmam que se deve recebê-los e manter completa comunhão com eles, como homens que têm os mesmos sentimentos que nós e são irmãos na fé.

³Em troca, Trifão, aqueles de vossa raça que dizem crer em Cristo, mas a todo custo pretendem obrigar aqueles de todas as nações que acreditaram nele a viver conforme a lei de Moisés, ou que não se decidem a conviver com estes, também eu não aceito esses como cristãos. ⁴Todavia, aqueles que foram persuadidos por estes a viver conforme a lei, su-ponho que talvez se salvem, contanto que conservem a fé no Cristo de Deus. Os que digo que não podem absolutamente se salvar são os que, depois de confessar e reconhecer que Jesus é o Cristo, por uma causa qualquer passam a observar a lei, negando a Cristo e não se arrependem antes de morrer. Da mesma forma, afirmo que não se salva-rão, por mais que sejam descendência de Abraão, os que vivem segundo a lei, mas não crêem em Cristo antes de morrer, e principalmente aqueles que nas sinagogas anate-matizaram e anatematizam os que crêem nesse mesmo Cristo para alcançar a salvação e livrar-se do castigo do fogo. ⁵Com efeito, a bondade, a amizade de Deus e a imen-sidão de sua riqueza fazem com que aquele que se arrepen-de dos próprios pecados, como ele deixou claro através de Ezequiel, se torne justo e sem pecado. Em troca, aquele que passa da piedade e da justiça para a iniquidade e a impiedade, ele o considera pecador, iníquo e ímpio. Por isso, nosso Senhor Jesus Cristo também diz: “No estado em que eu vos surpreender, aí também vos julgarei”^d.

Preexistência e divindade de Cristo

48. ¹Trifão continuou:

— Já ouvimos o que pensas sobre isso. Retoma o teu discurso onde havias parado e termina-o. Com efeito, ele me parece contraditório e absolutamente impossível de demonstrar, pois dizer que esse vosso Cristo preexiste como Deus antes dos séculos e que depois dignou-se nascer como homem e não é homem que venha dos homens, não só me parece absurdo como também insensato.

²Ao que respondi:

— Sei que meu discurso parece absurdo, principalmente para os de vossa raça, pois jamais quisestes entender nem praticar as coisas de Deus, mas as de vossos mestres, como o próprio Deus clama. Todavia, Trifão, mesmo que eu não pudesse demonstrar que o Filho do Criador do universo preexiste como Deus e que nasceu como homem de uma virgem, nem por isso deixa de ser provado que Jesus é o Cristo de Deus. Pelo contrário, já está totalmente demonstrado que ele é o Cristo de Deus, seja qual for a sua natureza. Se eu não conseguir demonstrar a sua preexistência e que, conforme o desígnio do Pai, ele se dignou nascer com as nossas mesmas paixões, revestido de carne, o justo seria dizer que eu errei em minha demonstração e não negar que ele é o Cristo, mesmo que se tivesse feito homem nascido de homens e se demonstrasse que somente por eleição se tivesse tornado Cristo.

⁴Com efeito, amigos, há alguns de vossa descendência que confessam Jesus como o Cristo, mas afirmam que ele é homem nascido de homem. Não estou de acordo com eles, mesmo que a maioria dos que pensam como eu dissessem isso. De fato, o próprio Cristo não nos mandou seguir ensinamentos humanos, mas aquilo que os bem-aventurados profetas pregaram e ele próprio ensinou.

Discussão em torno do precursor

49. ¹Trifão replicou:

— Parece-me que os que afirmam que Jesus foi apenas homem e que por eleição foi ungido e tornado Cristo dizem coisas mais críveis do que vós, ao dizer o que dizes. Todos nós, com efeito, esperamos o Cristo, que nascerá como homem, de homens, e a quem Elias virá ungir. E este se apresenta como o Cristo, deve-se pensar absolutamente que é homem, nascido de homens. Contudo, pelo fato de Elias não ter vindo, afirmo que esse não é o Cristo.

²Eu então perguntei-lhe novamente:

— A palavra de Deus, por meio de Zacarias, não diz que Elias virá antes do grande e terrível dia do Senhor?

Ele me respondeu:

— Certamente.

Eu continuei:

— Portanto, a palavra de Deus leva-nos a admitir que foram profetizadas duas vindas: uma, em que havia de aparecer passível, desonrado e disforme; outra, em que viria glorioso e como juiz universal, como se demonstra pelos muitos testemunhos já alegados. Isso não nos leva a entender que a palavra de Deus anunciou que Elias seria precursor de Cristo na segunda vinda, isto é, do dia temível e grande?

Ele me respondeu:

— Certamente.

³Eu continuei:

— Isso também nosso Senhor nos deixou em seus ensinamentos, quando disse que Elias devia vir, e nós sabemos que isso acontecerá quando nosso Senhor Jesus Cristo voltar do céu com glória. Na sua manifestação, o Espírito de Deus o precedeu como arauto, que esteve em Elias, também esteve em João, profeta do vosso povo, depois do qual nenhum outro profeta tornou a aparecer entre vós.

Sentado junto ao rio Jordão, João gritava: “Eu vos batizo com água para a penitência; mas virá outro mais forte do que eu, cujas sandálias não mereço carregar. Ele vos batizará com Espírito Santo e com fogo. Sua pá já está em sua mão, e ele limpa a sua eira, e reunirá o trigo no celeiro e queimará a palha com fogo inextinguível”^e.

⁴Vosso rei Herodes mandou prender no cárcere esse mesmo profeta e, durante a festa do seu aniversário, uma sobrinha sua o agradou muito com sua dança, e ele falou que ela lhe pedisse o que desejasse. A mãe da jovem lhe sugeriu que pedisse a cabeça de João, que estava no cárcere; ela fez o pedido, e o rei mandou um carrasco e deu ordem que trouxesse a cabeça do profeta sobre uma bandeja. ⁵Foi por isso que o nosso Cristo, estando ainda sobre a terra, ao lhe dizerem alguns que antes do Cristo deveria vir Elias, respondeu: “Sim, Elias virá e restabelecerá tudo, mas eu vos asseguro que Elias já veio e não o reconheceram, mas fizeram com ele o que quiseram”. E está escrito que “então seus discípulos perceberam que ele lhes havia falado de João Batista”^f.

⁶Trifão retrucou:

— Também me parece absurdo o fato de que digas que o Espírito profético de Deus, que esteve com Elias, também esteve em João.

Eu lhe respondi:

— Não te parece que o mesmo aconteceu com Josué, filho de Nave, que sucedeu a Moisés na direção do povo? Deus mandou que Moisés lhe impusesse as mãos, dizendo: “Transferirei sobre ele parte do Espírito que há em ti”^g.

⁷Trifão disse:

— Certamente.

Eu continuei:

— Portanto, da mesma forma que, estando Moisés ainda entre os homens, Deus transferiu sobre Josué parte do Espírito que nele estava, assim também pode fazer que de Elias o Espírito passasse para João. Assim como a primeira vinda de Cristo foi sem glória, também a primeira vinda do Espírito, apesar de permanecer sempre puro em Elias, foi sem glória, como a de Cristo. ⁸Com efeito, dizem que o Senhor guerreava contra Amalec com mão oculta. Entretanto, não podes negar que Amalec caiu. Se apenas com a vinda gloriosa de Cristo se dissesse que Amalec deveria ser combatido, que sentido teria a Escritura que diz: “Deus guerreia contra Amalec com mão oculta?”^h Portanto, podeis compreender que o Cristo crucificado teve alguma força oculta de Deus, pois diante dele os demônios e todos os principados e potestades da terra estremecem.

João Batista: o precursor

50. ¹Trifão observou:

— Parece-me que estás bem treinado no trato com muitos em todas as questões e, por isso, preparado para responder a tudo o que te perguntam. Responde-me, portanto, antes de tudo, como podes demonstrar que existe outro Deus além do Criador do universo, e então me demonstrarás que ele se dignou nascer de uma virgem.

²Eu então lhe disse:

— Permite-me antes citar algumas palavras do profeta Isaías sobre como João, que foi batizador e profeta, deveria preceder nosso Senhor Jesus Cristo.

Trifão respondeu:

— De acordo.

³Eu continuei:

— Isaías predisse que João deveria preceder a Cristo, dizendo: “Ezequias disse a Isaías: ‘A palavra que o Se-nhor disse é boa. Haja paz e justiça em meus dias’ ”. E: “Consolai o povo, sacerdotes. Falai ao coração de Jerusalém e consolai-a, porque está cumprida a sua humilhação. Está desatado o seu pecado, porque recebeu da mão do Senhor o dobro dos seus pecados. Voz de quem grita no deserto: ‘Preparai os caminhos do Senhor, tornai retas as veredas do vosso Deus. Todo barranco será nivelado e todo monte e colina será aplainado. Tudo o que é torto será endireitado e tudo o que é áspero se transformará em caminho liso. Será vista a glória do Senhor, e todo homem verá a salvação de Deus. Porque o Senhor falou’. ⁴Voz do que diz: ‘Grita’. Eu disse: ‘Que gritarei?’ Toda carne é feno e toda a glória do homem como flor de feno. O feno secou e sua flor caiu, mas a palavra do Senhor permanece para sempre. Sobe a um monte elevado, tu que dás a boa nova a Sião. Levanta com força a tua voz, tu que levas a boa notícia a Jerusalém. Levantai-vos; não temais. Dize às cidades de Judá: ‘Eis que o vosso Deus, eis que o Senhor vem com força e seu braço chega com poder. Eis que o seu prêmio está com ele e sua obra está diante dele. Como pastor apascentará seu rebanho e com seu braço recolherá os cordeiros e consolará as ovelhas prenhes. ⁵Quem mediu a água com a sua mão, o céu com a palma da mão e a terra inteira com o punho? Quem pesou os montes na balança e o vale em seus pratos? Quem conheceu a mente do Senhor? Quem foi o seu conselheiro para que o ensinasse? Ou em quem ele deliberou, para dele receber instruções? Quem mostrou a ele a justiça ou lhe ensinou o caminho da inteligência? Todas as nações são como gota num balde, foram consideradas como um nada nos pratos da balança e serão tidas como cuspida. O Líbano não é suficiente para queimar e os quadrúpedes não bastam para o holocausto, e todas as nações são nada e são avaliadas como um nada”^{[i](#)}.

51. ¹Ao terminar a minha citação, Trifão disse-me:

— Amigo, todas as palavras da profecia que estás falando são ambíguas e não contêm nada de decisivo para a demonstração que procuras fazer.

Eu lhe respondi:

— Trifão, se em vosso povo não tivessem terminado as profecias, que não se verificaram mais depois de João Batista, talvez tivésseis razão em considerar como obscuras as coisas ditas. ²É certo, porém, que João o precedeu, gritando aos homens que fizessem penitência, e o próprio Cristo, quando João ainda estava no rio Jordão, apresentou-se a ele para pôr fim à sua missão profética e ao seu batismo. E foi ele quem então começou a dar a boa nova, dizendo: “O reino dos Céus está próximo”ⁱⁱ. Depois disse que ele devia sofrer muito por causa dos escribas e fariseus, ser crucificado, ressuscitar ao terceiro dia e voltar outra vez a Jerusalém, e então comer e beber novamente com os seus discípulos. Também predisse que, no intervalo de sua vinda, como já indiquei, em seu nome se levantariam seitas e falsos profetas. E é o que vemos acontecer. Visto que tudo isso é certo, como podeis ainda duvidar, quando é fácil vos convencer pelos próprios fatos? ³No que diz respeito ao fato de que em vosso povo não haveria mais nenhum profeta e que a nova aliança que Deus anunciou deveria estabelecer, estava já determinado, por ser ele o Cristo. Assim disse: “A Lei e os profetas até João Batista; daí por diante o reino dos Céus sofre violência, e são os violentos que o arrebatam. Se quereis aceitar, este é Elias que devia vir. Quem tiver ouvidos para ouvir, ouça”ⁱⁱⁱ.

Outras profecias e figuras do AT

52. Eu acrescentei:

— ¹Também pelo patriarca Jacó foi profetizado que haveria duas vindas de Cristo: que na primeira ele seria mortal, que, depois de ele vir, não haveria mais na vossa descendência nem rei nem profeta e que as nações que cresceriam nesse Cristo passível esperariam mais uma vez por sua vinda. Todavia, por isso mesmo o Espírito Santo falou por comparação e misteriosamente. ²De qualquer modo, ele assim anuncia: “Judá, os teus irmãos te louvaram, tuas mãos sobre o dorso dos teus inimigos e os filhos de teu pai se prostrarão diante de ti. Judá é filhote de leão. Desde o teu nascimento, meu filho, subiste. Deitou-se como um leão e como filhote de leão. Quem o despertará? Não faltará um príncipe de Judá, nem um chefe saído de seus músculos, até que chegue o que está reservado para ele. Ele será a esperança das nações, amarrando o jumentinho à videira e à parreira o filhote de sua jumenta. Lavará no vinho a sua veste e no sangue da uva as suas roupas. Seus olhos estão vermelhos do vinho e seus dentes brancos como o leite”ⁱ.

³Já que nunca faltou em vossa descendência nem profeta nem príncipe, desde que ela se iniciou até que Jesus Cristo nasceu e sofreu, não teríeis a insensatez e ousadia de negá-lo, nem poderíeis demonstrar a vossa negação. Com efeito, Herodes, sob o qual Cristo sofreu, embora afirmeis que ele era natural de Ascalon, todavia dizeis que foi sumo sacerdote na vossa descendência. De modo que desde então tivestes quem fizesse as ofertas conforme a lei de Moisés e observasse as outras prescrições legais, e também profetas que se sucederam até João — o mesmo que aconteceu quando o povo foi transportado para a Babilônia, depois que a terra foi tomada pelas armas e os vasos sagrados foram saqueados — e, por conseguinte, não faltou profeta entre vós para ser Senhor, guia e príncipe do vosso povo. De fato, sabe-se que o Espírito que habitava nos profetas também os ungia e estabelecia os reis. ⁴Por outro lado, depois da aparição e morte de Jesus, nosso Cristo, na vossa descendência de nenhum lado surgiu nem surge profeta algum. Deixastes até de estar submetidos a um

rei próprio e, por fim, vossa terra foi devastada e abandonada como guarita no meio da plantação. E a Escritura diz por meio de Jacó: “Ele será a esperança das nações”, dando a entender simbolicamente as duas vindas de Cristo e que as nações creriam, fato que podeis comprovar com os próprios olhos. Com efeito, nós, que viemos de todas as nações, nos tornamos religiosos e justos pela fé em Jesus Cristo e esperamos novamente a sua vinda.

53. ¹As palavras: “Amarrará o jumentinho à videira e à parreira o filhote de sua jumenta” antecipavam a manifestação das obras que ele realizaria em sua primeira vinda e também da fé que as nações nele teriam. Estas eram, com efeito, como jumentinhos sem sela e que não gostam de jugo sobre seu pescoço, até que, chegando Cristo e enviando-as aos seus discípulos, ensinou-lhes sua doutrina e, carregando o jugo de sua palavra, submeteram suas costas a suportar tudo pelos bens que esperam e lhes foram por ele prometidos. ²E quando nosso Senhor Jesus Cristo estava para entrar em Jerusalém, mandou que seus discípulos lhe levassem uma jumenta que estava realmente amarrada com seu jumentinho à entrada de certa aldeia, chamada Betfagé, e sentado sobre ele entrou em Jerusalém. Visto que estava expressamente profetizado que este fato cumprir-se-ia no Cristo, cumprido e dado a conhecer por meio dele, tornou manifesto que ele era o Cristo. Todavia, apesar de todos esses fatos e de todas as demonstrações das Escrituras, vós permaneceis obstinados em vossa dureza de coração.

³O fato foi profetizado por Zacarias, um dos doze. Isso aconteceria assim: “Alegra-te muito, filha de Sião; grita de júbilo e anuncia, filha de Jerusalém. Eis que o teu rei vem a ti, justo e salvador, manso e pobre, montado sobre um animal de carga, sobre um filhote de jumenta”^k. ⁴E o fato de que o Espírito profético mencione a jumenta, animal de carga, junto com seu jumentinho, e que ambos sejam posse de Cristo, segundo o patriarca Jacó, e que, por outro lado, como já referi, ele tenha mandado que seus discípulos lhe levassem os dois animais, era uma profecia sobre aqueles que, junto com os que procedem das nações, haveriam de crer também de vossa Sinagoga. Com efeito, assim como o jumentinho sem sela era símbolo dos que vinham da gentilidade, a jumenta com sua sela era símbolo daqueles que vinham de vosso povo, pois vós carregais a lei pregada pelos profetas. ⁵Mas também por meio do profeta Zacarias foi profetizado que Cristo seria ferido e que os seus discípulos seriam dispersos, e isso de fato se cumpriu. Com efeito, depois que ele foi crucificado, os discípulos, que tinham vivido com ele, se dispersaram até que ele ressuscitou dos mortos e os convenceu de que fora profetizado que ele tinha que sofrer. Persuadidos, eles então saíram por todo o orbe da terra e ensinaram essas coisas. ⁶Por isso, também nós nos sentimos firmes na sua fé e doutrina, pois nossa convicção fundamenta-se nos testemunhos dos profetas e no fato de que, por toda a extensão da terra, vemos os que se converteram em homens religiosos no nome daquele crucificado. As palavras da profecia de Zacarias são estas: “Espada, desperta-te contra o meu pastor e contra o homem do meu povo, diz o Senhor dos exércitos. Fere o pastor, e suas ovelhas se dispersarão”^l.

54. ¹“Segundo Moisés conta, o patriarca Jacó profetizou: “Lavará no vinho a sua veste e no sangue da uva as suas roupas”. Ele dava a entender que Cristo lavaria em seu sangue aqueles que nele cressem. Com efeito, ele disse que o Espírito Santo é a veste dele para os que, por meio dele, receberam a remissão de seus pecados. Ele estará sempre presente a eles com sua força e lhes estará manifestamente presente na sua segunda vinda. ²Quando a Escritura diz “o sangue da uva”, ela quer significar figurativamente que Cristo tem de fato sangue, porém não por sua descendência humana, e sim pela força de Deus. Porque do mesmo modo que o sangue da uva não foi gerado pelo homem, mas por Deus, da mesma forma a Escritura indicou antecipadamente que o sangue de Cristo não viria

da descendência humana, mas da força de Deus. Portanto, senhores, essa profecia que vos citei demonstra que Cristo não é homem nascido de homens, segundo a maneira comum dos homens.

Existe outro Deus?

55. ¹A isso Trifão respondeu:

— Se conseguires confirmar essa tua tese com outros argumentos, levaremos em conta essa interpretação que aqui nos dás. Por enquanto, retoma o fio do teu discurso e demonstra-nos que o Espírito profético afirma existir outro Deus além do Criador do universo, evitando, porém, falar-nos do sol e da lua, a respeito dos quais está escrito que Deus permitiu que os pagãos adorassem como deuses. Usando exatamente essa passagem, os profetas dizem com frequência: “O teu Deus é o Deus dos deuses e o Senhor dos senhores”, acrescentando muitas vezes: “O grande, forte e temível”^m.

²Com efeito, não se diz isso como se eles realmente fossem deuses. A Escritura quer nos ensinar que somente o Deus verdadeiro, que fez o universo, é o Senhor dos supostos deuses e senhores. De fato, para convencer-nos disso, o Espírito Santo diz por meio do santo Davi: “Os deuses das nações” — considerados como deuses — “são imagens de demônios e não deuses”, e acrescenta uma maldição contra aqueles que os fazem e os adoramⁿ.

³Eu interrompi:

— Trifão, não são essas as provas que eu vos queria apresentar, pois sei que com esses textos condenam-se os que adoram isso e outras coisas semelhantes, mas outras provas que ninguém conseguirá contradizer. Parecerão estranhas a ti, por mais que as leiais todos os dias. Então podereis compreender que, por causa de vossa maldade, Deus vos ocultou a sabedoria contida em suas palavras, com exceção de alguns, aos quais, pela graça de sua grande misericórdia, como disse Isaías^o, deixou como semente para a salvação, como Sodoma e Gomorra. Prestai, portanto, atenção às citações que farei das santas Escrituras. Elas não necessitarão de interpretação, mas apenas de serem ouvidas.

Não é Deus Pai que apareceu a Abraão

56 ¹Moisés, o bem-aventurado e fiel servo de Deus, declara que Deus é aquele que apareceu a Abraão junto ao carvalho de Mambré, enviado, juntamente com outros dois anjos, para julgar Sodoma, por outro que mora sempre nas regiões supracelestes, que em si mesmo nunca apareceu, nem jamais conversou com ninguém, aquele a quem conhecemos como Criador e Pai do universo^p.

²Com efeito, ele diz assim: “Deus lhe apareceu junto ao carvalho de Mambré, quando ele estava sentado diante da porta de sua tenda, ao meio-dia. Levantou os olhos, olhou, e eis que três homens pararam diante dele. Logo que os viu, correu ao encontro deles, desde a porta de sua tenda, prostrou-se no chão e disse”, e o resto até: “Abraão levantou-se de madrugada, foi para o lugar em que havia estado diante do Senhor, olhou para Sodoma e Gomorra e para os arredores, e viu: eis que uma chama subia da terra como a fumaça de um forno”^q.

Terminando a citação, perguntei-lhes se conheciam essa passagem. ³Eles me responderam afirmativamente, mas disseram que as palavras citadas nada tinham a ver com a demonstração de que existe outro Deus ou Senhor, ou que o Espírito Santo fale dele, além do Criador do universo.

⁴Eu repliquei:

— Uma vez que conheceis essas Escrituras, tentarei persuadir-vos que, de fato, aqui se chama Deus e Senhor a outro que está submetido ao Criador do universo, e que ele é também chamado anjo ou mensageiro, pelo fato de ser ele quem anuncia aos homens tudo o que o Criador do Universo, acima

do qual não existe outro Deus, quer que se lhes anuncie.

Tornei a citar a passagem anterior e depois perguntei a Trifão:

— Achas que foi Deus quem apareceu a Abraão sob o carvalho de Mambré, como diz a Escritura?

Ele respondeu:

— Exatamente.

⁵Eu continuei:

— Era um dos três que o Espírito Santo profético diz que Abraão viu como homens.

Ele respondeu:

— Não. Ele viu Deus antes da aparição dos três. Por isso, os três eram anjos, os quais a Escritura chama de homens, dois deles enviados para a destruição de Sodoma e o outro para dar a Sara a boa notícia de que ela teria um filho; este, cumprida a sua missão, retirou-se.

⁶Eu repliquei:

— Então, como é que um dos três que esteve na tenda disse: “No tempo certo, voltarei a ti e Sara terá um filho”? Será que de fato voltou, quando Sara teve o filho, e que também nessa passagem a palavra profética indica que ele é Deus? Para que vos fique claro o que digo, escutai as palavras que Moisés diz literalmente. ⁷São as seguintes: “Quando Sara viu o filho de Agar, a escrava egípcia, o qual tinha nascido para Abraão, brincando com Isaac, filho dela, disse a Abraão: ‘Expulsa de casa essa escrava e seu filho, pois o filho dessa escrava não será herdeiro junto com meu filho Isaac’. Essas palavras sobre o seu filho pareceram extremamente duras para Abraão. Deus, porém, disse a Abraão: ‘Não te pareça dura a palavra sobre o teu filho que tiveste com a escrava. Obedece a tudo o que Sara te disser, porque a tua descendência será chamada através de Isaac’ ”. ⁸Compreendeste, portanto, como aquele que, sob o carvalho, disse que voltaria, pois previa que seria preciso aconselhar Abraão sobre o que Sa-ra lhe pedia, de fato voltou, e que é Deus, como o dão a entender as palavras da Escritura: “Deus disse a Abraão: ‘Não te apareça dura a palavra sobre o teu filho e a escrava’ ”.

⁹Trifão replicou:

— Exato. Contudo, com isso não demonstraste que existe outro Deus, além daquele que apareceu a Abraão e aos outros patriarcas e profetas, mas somente que nós não compreendemos bem a passagem, pensando que os três que estiveram junto com Abraão na sua tenda eram todos anjos.

¹⁰Eu continuei:

— Ainda que não me fosse possível demonstrar-vos pelas Escrituras que um daqueles três é Deus e é chamado mensageiro — pois, como já disse, ele anuncia o que o Deus criador do universo ordena para alguém — todavia, seria razoável que a este que apareceu a Abraão sobre a terra em forma de homem, como os outros dois anjos que o acompanhavam, dizer que este é Deus antes da criação do mundo, e vós o conheceis da mesma forma que o vosso povo o conhece.

Ele respondeu:

— Exatamente. Nós assim o consideramos até hoje. ¹¹Eu disse novamente:

— Voltando às Escrituras, tentarei convencer-vos de que este Deus, do qual se diz e escreve que apareceu a Abraão, a Jacó e a Moisés, é outro além do Deus criador do universo. Numericamente outro, e não no conhecimento e pensamento. Com efeito, afirmo que nunca fez, nem falou nada senão o que o Deus Criador do mundo, acima do qual não existe outro Deus, quer que ele faça e fale.

¹²Trifão replicou:

— Demonstra-nos, então, que esse Deus existe, para que também nisso estejamos de acordo. Com efeito, não supomos que dirás que ele não fez, nem falou nada contra o pensamento do Criador do universo.

Eu respondi:

— A Escritura que eu citei esclarecerá a questão. Ela diz assim: “O sol saiu sobre a terra e Ló entrou em Segor. Então o Senhor fez chover sobre Sodoma enxofre e fogo do céu de junto do Senhor, e destruiu essas cidades e todos os seus arredores”^s.

¹³Então, o quarto dos que tinham ficado com Trifão exclamou:

— Portanto, além do próprio Deus que apareceu a Abraão, deve-se dizer que este dos anjos que desceram até Sodoma também é Deus, pois mediante Moisés a Escritura o chama Senhor.

¹⁴Eu respondi:

— Não é somente através dessa passagem que devemos confessar a todo custo o que existe, isto é: fora daquele que entendemos ser o Criador de todas as coisas, existe outro, chamado Senhor pelo Espírito Santo, e não só por meio de Moisés, mas também de Davi. Com efeito, por meio dele também foi dito: “Disse o Senhor ao meu Senhor: Senta-te à minha direita, até que eu ponha teus inimigos como escabelo de teus pés”^t, como foi citado antes. E de novo, em outras passagens: “O teu, trono, ó Deus, é para os séculos dos séculos. O cetro do teu reino é cetro de retidão. Amaste a justiça e odiaste a iniquidade. Por isso, ó Deus, o teu Deus te ungiu com óleo de alegria mais do que aos teus companheiros”^u.

¹⁵Respondei-me agora se admitis que o Espírito Santo chama Deus e Senhor a outro além do Pai do universo e seu Cristo, e eu prometo demonstrar-vos pelas mesmas Escrituras que não foi a um dos anjos que desceram a Sodoma que a Escritura chama Senhor, mas ao que ia com eles e se chama Deus, que apareceu a Abraão.

¹⁶Trifão replicou:

— Demonstra-o, pois, como vês, o dia está no fim e não estamos preparados para respostas tão perigosas, pois nunca ouvimos ninguém investigar, discutir ou demonstrar essas questões. Além disso, nem a ti suportaríamos, caso não referisses tudo às Escrituras. De fato, tu te esforças para colher delas teus argumentos e afirmas que não há ninguém acima do Deus Criador do universo.

¹⁷Eu continuei:

— Sabeis, portanto, que a Escritura diz: “O Senhor disse a Abraão: Por que razão Sara começou a rir, dizendo: será que, de fato, eu darei à luz? Já estou velha. Haverá coisa impossível para Deus? Por este tempo voltarei a ti na hora certa e Sara terá um filho.” E pouco depois continua: “Levantando-se dali, os homens olharam para Sodoma e Gomorra. Abraão caminhava com eles, acompanhando-os. E o Senhor disse: Não quero esconder do meu servo Abraão o que estou para fazer”^v. ¹⁸Pouco depois continua: “Disse o Senhor: ‘O clamor de Sodoma e Gomorra aumenta e seus pecados são muitíssimo grandes. Portanto, descerei para ver se acontece conforme o clamor que chega até mim. Caso contrário, ficarei sabendo’. E partindo dali, os homens chegaram a Sodoma. Abraão, porém, ficou diante do Senhor e, aproximando-se dele, disse: ‘Aniquilarás o justo com o ímpio’ ”^w, e assim por diante. Como transcrevi antes toda a passagem, creio escrever novamente a mesma coisa, mas somente aquilo que me serviu de argumento com Trifão e seus companheiros.

¹⁹Então, continuando a citação, cheguei ao lugar onde se diz: “E tendo terminado de falar com Abraão, o Senhor se retirou. E Abraão voltou para o seu lugar. Os dois anjos chegaram a Sodoma à tarde. Ló estava sentado junto à porta de Sodoma”. E o restante até: “E estendendo as mãos, os homens pegaram Ló, puxaram-no até eles, puseram-no em casa, fecharam a porta.” E o que segue até: “E os anjos o tomaram pela mão, pela mão de sua mulher e seus filhos, pois o Senhor o perdoava.

²⁰Aconteceu que, quando os fizeram sair, disseram-lhe: ‘Salva, salva a tua vida. Não olhes para trás, nem pares nas redondezas. Salva-te na montanha, para que não pereças junto’. Ló, porém, lhes

respondeu: ‘Peço-te, Senhor, pois o teu servo encontrou misericórdia diante de ti e engrandeceste a tua justiça, fazendo que minha alma continue viva. Eu não posso salvar-me na montanha, pois temo que o mal me alcance e eu morra.’²¹Olha essa cidade próxima, onde posso me refugiar, embora ela seja pequena. Por ser pequena, eu aí estarei a salvo e minha alma viverá’. O Senhor lhe disse: ‘Olha que admirei a tua face e esse pedido para não destruir a cidade de que nos falaste. Apressa-te e põe-te a salvo aí, pois não poderei fazer nada até que entres nela’. Por isso, ele deu à cidade o nome de Segor. O sol saiu sobre a terra e Ló entrou em Segor. Então o Senhor fez chover sobre Sodoma e Gomorra enxofre e fogo do céu, da parte do Senhor, e destruiu aquelas cidades e toda a sua redondeza”^x.

²²Depois de uma pausa, acrescentei:

— Amigos, não compreendeis agora que um dos três, aquele que é Deus e Senhor e serve àquele que está nos céus é Senhor dos anjos? De fato, depois que estes vão para Sodoma, ele fica para trás e conversa com Abraão, assim como escreveu Moisés; depois da conversa, quando ele próprio se retira, Abraão também volta para o seu lugar. ²³Quando ele chega, já não são os dois anjos que falam com Ló, mas ele próprio, como a Escritura deixa claro; e ele é o Senhor, e do Senhor que está no céu, isto é, do Criador do universo, ele recebe o que derramará sobre Sodoma e Gomorra, a mesma coisa que a Escritura refere, quando diz: “O Senhor fez chover sobre Sodoma e Gomorra enxofre e fogo do céu da parte do Senhor.”

57. ¹Quando me calei, Trifão disse:

— De fato, a Escritura nos obriga a admitir o que nos dizes. Contudo, também concordarás que apresenta uma verdadeira dificuldade o que se diz sobre o fato de ele comer o que Abraão lhe preparou e apresentou.

²Eu lhe respondi:

— De fato, está escrito que comeram. E se entendemos que refere isso aos três e não só aos dois, que eram realmente anjos e, como é claro para nós, se alimentam no céu, embora não comam os mesmos alimentos que nós, homens, usamos (com efeito, sobre o maná, com o qual vossos pais se alimentaram no deserto, a Escritura diz que comeram pão dos anjos). Portanto, fala-se dos três, e eu diria que a passagem em que se diz ter comido, deve ser entendida como quando dizemos do fogo que o devorou ou o consumiu inteiramente, mas de modo algum como se estivessem mastigando com a boca e os dentes. De modo que, com um pouco de prática da linguagem figurada, não há necessidade de ver nenhuma dificuldade aqui.

³Trifão replicou:

— Talvez a solução da dificuldade esteja no modo de comer, segundo o qual, pelo fato de ter sido consumido o que Abraão lhes preparou, está escrito que comeram. Agora comece a nos dar a razão de como esse que apareceu como Deus a Abraão e é ministro do Deus do universo, gerado de uma virgem, nasceu, como disseste antes, na forma de homem, sujeito aos sofrimentos dos outros homens.

⁴Eu respondi:

— Trifão, permite que eu antes reúna algumas outras provas sobre este assunto, a fim de que também se-jais persuadidos disso, e logo te darei essa prova que me pedes.

Ele disse:

— Faze como quiseres. Com efeito, farás para mim coisa muito desejável.

Jacó e Moisés encontram outro Deus que o Deus Pai

58. ¹Eu lhe disse:

— Citar-vos-ei passagens das Escrituras e não pretendo oferecer-vos discursos retoricamente preparados, pois não tenho talento para tal coisa. Deus apenas me deu graça para entender as Escrituras e, sem recompensa ou inveja, convido a que todos participem dessa graça, para que eu não tenha de prestar contas disso no julgamento em que Deus, Criador do universo, nos julgará por meio do meu Senhor Jesus Cristo.

²Trifão replicou:

— Também quanto a isso tu te comportas conforme a piedade. Todavia, parece que falas com ironia ao dizer que não possuis a arte dos discursos.

Eu lhe respondi novamente:

— Se assim te parece, assim seja. Todavia, creio que eu disse a verdade. Seja como for, compreendi as novas provas que vos quero dar.

Trifão respondeu:

— Apresenta-as.

³Eu continuei:

— Irmãos, Moisés também escreve que este que apareceu aos patriarcas e que se chama Deus, também se chama anjo e Senhor, a fim de que por meio desses nomes percebais como ele serve ao Pai do universo, como já concordastes, e, confirmados por novas provas, o sustenteis firmemente.

⁴Portanto, contando a palavra de Deus, por meio de Moisés, a história de Jacó, neto de Abraão, ele assim diz: “Aconteceu que, quando as ovelhas se juntavam e concebiam, eu as vi com os meus olhos em sonhos. Os bodes e os carneiros cobriam as ovelhas e as cabras, os esbranquiçados e manchados e os salpicados de cor cinzenta. E o anjo de Deus disse-me em sonhos: ‘Jacó! Jacó!’” ⁵Eu lhe respondi: ‘Que foi, Senhor?’ Ele me disse: ‘Levanta os teus olhos e olha os bodes e os carneiros que cobrem as ovelhas e as cabras, os esbranquiçados e manchados e os salpicados de cor cinzenta. Porque vi tudo o que Labão faz contigo. Eu sou o Deus que apareceu a ti no lugar de Deus, onde me ungiste uma pedra e me fizeste um voto. Agora, portanto, levanta-te, sai desta terra e vai para a terra onde nasceste, e eu estarei contigo’” ^u.

⁶Novamente, em outra passagem, falando do mesmo Jacó, ele assim diz: “Levantando-se naquela noite, Jacó tomou suas duas mulheres, as duas servas, os seus onze filhos, e atravessou o vau do Jaboc. Tomou-os, atravessou a torrente e fez passar todas as suas coisas. Jacó ficou sozinho, e um anjo lutou com ele até o amanhecer. Vendo que não conseguia vencê-lo, tocou-lhe o músculo da coxa e o músculo da coxa de Jacó ficou entorpecido, enquanto lutava com o anjo. Este lhe disse: ‘Deixa-me, pois a manhã já está chegando’.

⁷Jacó replicou: ‘Não te soltarei até que me abençoes’. O anjo lhe perguntou: ‘Qual é o teu nome?’ Ele respondeu: ‘Jacó’. O anjo lhe disse: ‘Daqui por diante não te chamarás Jacó, mas o teu nome será Israel. Já que mediste forças com Deus, também serás poderoso com os homens’. Jacó lhe perguntou: ‘Dize-me qual é o teu nome’. Ele respondeu: ‘Para que perguntas o meu nome?’ E o abençoou. E Jacó deu àquele lugar o nome de Face de Deus. Com efeito vi Deus face a face e a minha alma se alegrou” ^z.

⁸Novamente, em outra passagem, falando sobre o mesmo Jacó, diz o seguinte: “Jacó chegou a Luza, que está na terra de Canaã — Luza é Betel — , e todo o povo que estava com ele. Edificou aí um altar e deu a esse lugar o nome de Betel, porque aí Deus lhe havia aparecido, quando fugia da presença de seu irmão Esaú. Então morreu Débora, a ama de Rebeca, e foi sepultada na parte inferior de Betel, sob o carvalho. E Jacó lhe deu o nome de Carvalho-do-Pranto. Deus apareceu ainda a Jacó

em Luza, quando voltou da Mesopotâmia da Síria, e o abençoou. Deus lhe disse: Teu nome não será mais Jacó, mas teu nome será Israel”^a. ⁹É chamado Deus; é e será Deus.

¹⁰Como todos consentissem com acenos de cabeça, eu prossegui:

— Porque julgo-as necessárias, citar-vos-ei as palavras que nos narra como, ao fugir de seu irmão Esaú, lhe apareceu esse que é anjo, Deus e Senhor, o mesmo que em forma de varão apareceu a Abraão e em forma de homem lutou com o próprio Jacó. ¹¹Ei-las: “Jacó partiu do poço do juramento e foi para Harã e depois a um lugar onde dormiu, pois o sol já se havia posto. Tomou uma pedra daquele lugar, a fez de travesseiro, dormiu naquele lugar e sonhou. Viu uma escada fixada na terra e cujo cimo chegava ao céu, e os anjos de Deus subiam e desciam por ela. E o Senhor estava em cima dela. ¹²E lhe disse: ‘Eu sou o Senhor, o Deus de Abraão, teu pai, e de Isaac. Não temas. Darei a ti e à tua descendência a terra sobre a qual dormes. E tua descendência será como o pó da terra e se expandirá até o mar, ao meio-dia, ao norte e a oriente. E em tua descendência serão benditas todas as famílias da terra. Vê: eu estou contigo, guardando-te em todo caminho por onde andares. Farei com que voltes a esta terra e não tenhas medo que eu te abandone até que se cumpra o que te disse’. ¹³Jacó despertou de seu sonho e disse: ‘O Senhor está neste lugar e eu não sabia’. Teve medo e disse: ‘Este lugar é terrível! É a casa de Deus e a porta do céu.’ Jacó então se levantou, tomou a pedra que fizera de travesseiro, a dispôs em coluna e derramou óleo na sua ponta. E Jacó deu àquele lugar o nome de Casa de Deus. Antes a cidade se chamava Ulamarús”^b.

59. ¹Dito isso, acrescentei:

— Permiti que vos demonstre também através do livro do Êxodo como o mesmo que apareceu a Abraão e Jacó como anjo Deus, Senhor, varão e homem, foi visto por Moisés e falou com ele na chama de fogo na sarça.

Eles responderam que me ouviriam com prazer, sem cansar-se e fervorosamente. Por isso, eu continuei:

— ²Eis o que está escrito no livro do Êxodo: “Depois desses muitos dias, morreu o rei do Egito e os filhos de Israel gemeram por causa dos trabalhos”, e o restante até: “Vai e reúne os anciãos de Israel e lhes dirá. ‘O Senhor Deus de vossos pais apareceu a mim, o Deus de Abraão, o Deus de Isaac, e o Deus de Jacó, dizendo-me: Com visita visito a vós e a tudo o que acontece no Egito”^c.

³Em seguida, acrescentei:

— Senhores, compreendeis que aquele que Moisés disse ter-lhe falado como anjo na chama de fogo, esse mesmo, por ser Deus, manifestou a Moisés que ele é o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó?

60. ¹Trifão disse:

— Não é essa a conclusão que tiramos das palavras citadas, e sim que foi um anjo quem apareceu na chama de fogo e foi Deus quem falou com Moisés. Desse modo, na visão de outrora houve juntamente um anjo e Deus.

²Eu respondi novamente:

— Amigos, ainda que isso tenha acontecido outrora, isto é, que na visão concedida a Moisés tenha havido um anjo e Deus, como foi demonstrado pelas palavras antes transcritas, não pode ter sido o Criador do universo o Deus que disse a Moisés que era o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó, mas aquele que já vos demonstrei que apareceu a Abraão e a Jacó, aquele que serve à vontade do Criador do universo e que, de fato, cumpriu os de-sígnios dele no julgamento de Sodoma. De modo que ainda que fosse como dizeis, que ali houve dois, um anjo e Deus, certamente ninguém, por pouca inteligência que tenha, se atreveria a dizer que foi o Criador e Pai do universo que, deixando todas as suas moradas supra-celestes, apareceu em uma pequena porção da terra.

³Trifão disse:

— Como nos demonstraste que aquele que apareceu a Abraão, e se chama Deus e Senhor, infligiu a Sodoma o castigo que o Senhor que está no céu mandou-lhe infligir, agora entendemos, mesmo supondo que tenha havido um anjo com o Deus que apareceu a Moisés, que o Deus que lhe falou da sarça não foi o Deus criador de todas as coisas, mas aquele que se nos demonstrou ter aparecido a Abraão, Isaac e Jacó. Ele se chama mensageiro do Deus criador do universo, e se compreende que o seja, por ser ele que anuncia aos homens as mensagens do Pai criador de todas as coisas.

⁴Eu continuei:

— Trifão, agora vou demonstrar-vos que na visão de Moisés, esse mesmo que se chama anjo e é Deus, foi o único que apareceu a Moisés e conversou com ele. Com efeito, a Palavra diz assim: “O Senhor apareceu-lhe em chama de fogo na sarça. Ele via que a sarça ardia, mas não se queimava. Então Moisés disse: ‘Aproximar-me-ei para ver esta grande visão: a sarça não se queima’. Então o Senhor, quando viu que Moisés se aproximava para ver, chamou-o da sarça”^d.

⁵Pois bem. O modo com que ele apareceu a Jacó em sonhos, a Palavra o chama de anjo. Contudo, esse anjo que lhe aparece em sonhos nos diz a mesma palavra que ele disse: “Eu sou o Deus que te apareceu, quando fugias da presença de Esaú, teu irmão”^e. A respeito de Abraão, nos narrou que o castigo de Sodoma foi infligido pelo Senhor por parte do Senhor que está nos céus. Assim aqui, ao dizer que o anjo do Senhor apareceu a Moisés e dando-nos imediatamente a entender que esse mesmo é Deus e Senhor, a Palavra nos fala do mesmo Deus sobre o qual nos dá a entender, por tantos testemunhos antes citados, ser ele que serve ao Deus que está acima do mundo e acima do qual não há nenhum outro.

O Verbo-Sabedoria é gerado pelo Pai

61. ¹Eu prossegui:

— Amigos, apresentar-vos-ei outro testemunho das Escrituras sobre um princípio anterior a todas as criaturas que Deus gerou,^f certa potência racional de si mesmo, que é chamada pelo Espírito Santo Glória do Senhor, às vezes Filho, outras Sabedoria, ou ainda Anjo ou Deus, Senhor, Palavra. Ela mesma se autodenomina Chefe do exército, ao aparecer em forma de homem a Josué, filho de Nave. Todas essas denominações lhe são atribuídas por estar a serviço da vontade do Pai e por ter sido gerada pela vontade do Pai. ²Não percebemos que algo semelhante se dá conosco? De fato, ao emitir uma palavra, geramos a palavra não por corte, diminuindo a razão que existe em nós ao emití-la. Vemos coisa parecida também no fogo que acende outro, sem que diminua aquele da qual a chama foi tomada, mas permanecendo o mesmo. O fogo aceso também aparece com o seu próprio ser, sem ter diminuído em nada aquele no qual foi aceso. ³Entretanto, será a palavra da sabedoria que me dará testemunho, pois ela é esse mesmo Deus gerado pelo Pai do universo e que subsiste como palavra, sabedoria, poder e glória daquele que a gerou. Ela diz o seguinte, pela boca de Salomão: “Depois de anunciar-vos o que acontece cada dia, ater-me-ei a enumerar-vos as coisas que existem desde a eternidade. O Senhor me gerou como princípio de seus caminhos para as suas obras. Alicerçou-me antes do tempo, no princípio, antes de fazer a terra, antes de criar os abismos, antes de fazer brotar as fontes das águas, antes de assentar as montanhas, antes de todas as colinas, ele me gerou. O Senhor fez as regiões, a terra inabitada e os montes que se habitam debaixo do céu. Quando ele preparava o céu, eu lhe fazia companhia; quando colocava seu trono acima dos ventos, quando dava solidez às nuvens do alto, quando solidificava as fontes do abismo, quando firmava os alicerces da terra, junto a ele estava eu, harmonizando. Era comigo que ele se alegrava; em todo o tempo, dia a dia, eu me regozijava em sua presença, porque ele se regozijava terminando a terra e se regozijava nos filhos

dos homens. ⁵Agora, filho, escuta-me. Bem-aventurado o varão que me escutar e o homem que guardar meus caminhos, vigiando diariamente as minhas portas e observando os umbrais de minhas entradas. Porque minhas saídas são saídas de vida e a complacência está preparada pelo Senhor. Contudo, os que pecam contra mim são ímpios contra a própria alma; os que me odeiam amam a morte”^g.

62. ¹Amigos, foi do mesmo modo que a palavra de Deus se expressou pela boca de Moisés ao indicar-nos que o Deus que se manifestou a nós falou a mesma coisa na criação do homem, dizendo estas palavras: “Façamos o homem à nossa imagem e semelhança. Que ele domine sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre as feras, sobre toda a terra e sobre todos os répteis que rastejam sobre a terra. E Deus fez o homem; à imagem de Deus o fez; macho e fêmea os fez. E Deus os abençoou, dizendo: Crescei e multiplicai-vos, enchei a terra e dominai sobre ela”^h.

²Para que não deturpeis as palavras citadas e digais o que dizem os vossos mestres, que Deus se dirigiu a si mesmo ao dizer “façamos”, como nós, ao fazer algo, dizemos “façamos”, ou que falou com os elementos, isto é, com a terra e outras coisas de que sabemos que o homem é composto, e a eles disse “façamos”, citar-vos-ei agora outras palavras do mesmo Moisés. Através delas, sem nenhuma discussão possível, temos de reconhecer que Deus conversou com alguém que era numericamente distinto e igualmente racional. ³Ei-las: “Eis que Adão se tornou como um de nós para conhecer o bem e o mal”ⁱ. Portanto, ao dizer “como um de nós”, indica o número dos que entre si conversam e que, no mínimo, são dois. Não posso aceitar como verdadeiro o que dogmatiza aquela que entre vós se chama heresia, nem os seus mestres são capazes de provar que Deus fala com anjos ou que o corpo humano é obra de anjos. ⁴Mas esse gerado, emitido realmente pelo Pai, estava com ele antes de todas as criaturas e com ele o Pai conversa, como nos manifestou a palavra por meio de Salomão, ao dizer-nos que, antes de todas as criaturas, foi gerado por Deus como princípio e progênie esse mesmo que é chamado sabedoria por Salomão.

Eu continuei:

— A mesma coisa se diz pela revelação feita a Josué, filho de Nave. E para que, por esta passagem, vejais com clareza o que vos digo, escutai o que se narra no livro de Josué. ⁵É o seguinte: “Quando Josué estava em Jericó, aconteceu que, levantando os olhos, ele viu um homem de pé diante de si. Adiantando-se, Josué perguntou: ‘És um dos nossos ou dos inimigos?’ Ele replicou: ‘Eu sou o chefe do exército do Senhor e acabei de chegar’. Então Josué se prostrou com o rosto por terra e lhe disse: ‘Senhor, o que ordenas ao teu servo?’ O chefe do exército do Senhor disse a Josué: ‘Desata as sandálias de teus pés, porque o lugar em que estás é terra santa’. Jericó estava fechada e fortificada e ninguém saía dela. O Senhor disse a Josué: ‘Vê. Entrego-te Jericó submissa, juntamente com o rei que nela reside, por mais poderosos que sejam por sua força’ ”ⁱ.

Este Verbo é o Cristo

63. ¹Trifão disse:

— Amigo, esse ponto tu demonstraste com firmeza e abundantemente. Agora demonstra o fato de que esse se dignou nascer homem de uma virgem, segundo a vontade de seu Pai, ser crucificado e morrer. Por fim, prova-nos que, depois disso, ele ressuscitou e subiu ao céu.

²Eu respondi:

— Isso também já foi demonstrado pelas passagens por mim citadas e que, por consideração a vós, citarei e as comentarei novamente para ver se consigo que cheguemos a acordo também sobre isso. Pelo menos a palavra de Isaías disse: “Quem contará a sua geração? Porque sua vida é arrebatada da

terra” não te parece ter sido dita no sentido de que aquele que Deus falou ter sido entregue à morte pelas iniquidades do seu povo não descende de homens? E de seu sangue, como falei antes, disse Moisés, falando misteriosamente, que lavaria sua veste no sangue da uva, dando a entender que o seu sangue não viria de germe humano, mas da vontade de Deus.³E as palavras de Davi: “Nos esplendores dos teus santos, do ventre, antes do astro da manhã, eu te gerei. O Senhor jurou e não se arrependerá: tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedec”^k não significam para vós que, desde a antiguidade e num ventre humano, haveria de gerá-lo aquele que é Deus e Pai do universo? ⁴Em outra passagem, também citada antes, ele diz: “Teu trono, ó Deus, é para os séculos dos séculos. O cetro do teu reino é cetro de retidão. Amaste a justiça e odiaste a iniquidade. Por isso, ó Deus, o teu Deus te ungiu com óleo de alegria mais do que aos teus companheiros. Mirra, aloés e cássia exalam das tuas vestes e das moradas de marfim, pelas quais te festejam. Em teu cortejo há filhas de reis. A rainha se apresentou à tua direita, vestida com roupa recamada de ouro e de várias cores. Escuta, filha, vê e inclina o teu ouvido. Esquece o teu povo e a casa do teu pai, e o rei cobiçará a tua beleza. Porque ele é o teu Senhor, e tu o adorarás”^l. ⁵Essas palavras dão a entender claramente que se deve adorar a ele, que é Deus e Cristo, testemunhado pelo Criador deste mundo. E, de modo não menos claro, nos anunciam que o Verbo de Deus fala, como se fosse com sua filha, com aqueles que nele crêem, como se fossem uma só alma, uma só congregação, uma só Igreja — a Igreja que nasce de seu nome e dele participa, pois todos nós nos chamamos cristãos —, ao mesmo tempo que nos ensinam a esquecer-nos dos nossos antigos costumes, que vieram de nossos pais, no lugar onde se diz: “Ouve, filha, vê e inclina o teu ouvido. Esquece o teu povo e a casa do teu pai, e o rei cobiçará a tua beleza. Porque ele é o teu Senhor, e tu o adorarás”^m.

64. ¹Trifão replicou:

— Vós, que procedeis das nações, podeis reconhecê-lo como Senhor, como Cristo e como Deus, conforme o indicam as Escrituras. Vós que, a partir do seu nome, viestes a ser chamados de cristãos. Nós, porém, que servimos ao próprio Deus que fez este mundo, não temos nenhuma necessidade de confessá-lo ou de adorá-lo.

²A isso eu respondi:

— Trifão, se eu fosse como vós, homem amigo de disputas e vazio, não continuaria a discutir convosco, pois não estais dispostos a entender o que se diz. Pensais apenas em aguçar a mente para responder. Todavia, como temo o julgamento de Deus, não me apresso a afirmar, a respeito de ninguém de vossa raça, que não pertença ao número dos que, pela graça do Deus dos exércitos, podem salvar-se. Por isso, por mais malícia que demonstreis, continuarei respondendo a tudo o que objetardes e contradizerdes. É o que faço absolutamente com todos, de qualquer nação que sejam e que queiram discutir comigo ou informar-se sobre essas questões.

³Agora, porém, que os que se salvam de vossa raça, se salvam por Cristo e estão ao seu lado, é algo que já deveríeis ter compreendido se tivésseis prestado atenção às passagens da Escritura anteriormente citadas por mim e, é claro, não me teríeis perguntado sobre isso. Vou, então, novamente citar as palavras de Davi, e peço-vos que vos esforceis por entendê-las e não só para mostrar vossa maldade e contradizê-las. ⁴As palavras que Davi disse são as seguintes: “O Senhor reina; que os povos se irrite. Ele se assenta sobre os querubins; que a terra estremeça. O Senhor é grande em Sião e excelso sobre todos os povos. Que eles confessem o teu grande nome, porque é terrível e santo, e a majestade do rei ama o julgamento. Tu preparaste retidões, realizaste em Jacó julgamento e justiça. Exaltai o Senhor, nosso Deus, e prostrai-vos diante do escabelo de seus pés, porque ele é santo. Moisés e Aarão entre os seus sacerdotes; Samuel entre os que invocam o seu

nome. Invocavam o Senhor, e ele os escutava. Falava-lhes da coluna de nuvem, porque guardavam os seus testemunhos e as ordens que ele lhes dera”ⁿ.

⁵Há também outras palavras de Davi, também já citadas antes, que vós insensatamente aplicais a Salomão, por levarem o título “A Salomão”. Todavia, já demonstrei que não se referem a Salomão. Por meio delas, prova-se que este Jesus existia antes do sol e que todos os do vosso povo que se salvarem, se salvarão por meio dele. ⁶São estas: “Ó Deus, concede o teu julgamento ao rei e a tua justiça ao filho do rei. Ele julgará o teu povo com justiça e os teus necessitados com equidade. Que os montes façam brotar paz para o povo e as colinas, a justiça. Ele julgará os necessitados do povo e salvará os filhos dos pobres, e abaterá o caluniador. Ele permanecerá tanto como o sol e antes que a lua, por geração de gerações”, até a seguinte passagem: “O seu nome permanece antes que o sol e nele todas as nações serão abençoadas. Todas as nações o proclamarão feliz. Bendito seja o Senhor Deus de Israel, o único que realiza maravilhas, e bendito o seu nome glorioso pelos séculos dos séculos. Toda a terra ficará re-pleta de sua glória. Assim seja. Assim seja”^o.

⁷Por outras palavras, que vos citei anteriormente como ditas também por Davi, deveis recordar que Jesus tinha de sair das alturas dos céus e voltar novamente para os mesmos lugares, a fim de que o reconheçais como Deus que vem de cima e como homem nascido entre homens, e que novamente devia vir aquele ao qual deviam ver e, por causa dele, bater no peito os mesmos que o transpassaram. ⁸São estas: “Os céus contam a glória de Deus e o firmamento anuncia a criação de suas mãos. O dia anuncia a palavra ao dia e a noite anuncia o conhecimento à noite. Não há falas nem discursos, onde não se ouçam as vozes deles. Para toda a terra saiu o seu som e até os confins do orbe da terra chegaram as suas palavras. No sol ele colocou a sua tenda e ele, como esposo que sai de seu quarto nupcial, se alegrará forte como gigante, para percorrer o seu caminho: de uma extremidade do céu é a sua saída, e até a outra extremidade do céu vai o seu percurso e não há quem se esconda do seu calor”^p.

65. ¹Trifão disse:

— Impressionado com tantas passagens da Escritura, não sei o que me dirá sobre aquela outra passagem de Isaías, na qual Deus diz que não dará a sua glória a nenhum outro. É a seguinte: “Eu sou o Senhor Deus: este é o meu nome. Não darei a minha glória a nenhum outro, nem as minhas virtudes”^q.

²Eu respondi:

— Trifão, se te calaste com simplicidade e não com malícia, ao citar essas palavras sem dizer o que as precede, nem acrescentar o que as segue, merecerias desculpa. Todavia, se fizeste isso, pensando em colocar o meu raciocínio num beco sem saída e obrigar-me a dizer que as Escrituras se contradizem entre si, tu te enganaste. Eu jamais terei a ousadia de pensar ou dizer tal coisa. Caso me objetem com alguma Escritura que pareça contradizer outra e que pudesse dar azo a pensar isso, convencido como estou de que nenhuma pode ser contrária à outra, de minha parte prefiro confessar antes que não as entendo. E aos que pensam que elas podem contradizer-se entre si, usarei todas as minhas forças para convencê-los a pensar do mesmo modo que eu. ³Com qual intenção propuseste o teu problema, Deus sabe. De minha parte, lembro-vos como se disse essa palavra e, por meio dela, podereis saber que Deus não dá a sua glória a ninguém mais além do seu Cristo. Amigos, tomarei algumas breves palavras que formam contexto com as que foram citadas por Trifão, e também outras que continuam num mesmo contexto. Não vou citá-las de outra passagem, mas de uma só, em seu próprio contexto. Prestai-me atenção. ⁴São estas: “Assim diz o Senhor, o Deus que fez o céu e o fixou, que firmou a terra e tudo o que nela existe, que dá respiração ao povo que nela habita e

espírito a todos os que pisam. Eu, o Senhor Deus, te chamei na justiça, te tomarei pela mão e te fortalecerei. Eu te dei como testemunho da descendência, como luz das nações, para abrir os olhos aos cegos, para tirar de sua prisão os cativos e da casa da guarda os que se sentam nas sombras. ⁵Eu sou o Senhor Deus. Este é o meu nome. Não darei a minha glória a outro, nem as minhas virtudes às figuras esculpidas. Eis que vem aquele que existe desde o princípio. As coisas que vos anuncio são novas e, antes de anunciá-las, elas já vos foram manifestadas. Entoai a Deus um cântico novo: seu princípio desde os confins da terra. Vós que desceis ao mar e navegais; as ilhas e vós que nelas habitais. ⁶Alegra-te, deserto, as aldeias e seus acampamentos, e os que habitam Cedar se alegrarão, e os que habitam o rochedo, desde o extremo dos montes gritarão. Darão glória a Deus, anunciarão nas ilhas as suas virtudes. O Senhor Deus dos exércitos sairá, esmagará a guerra, despertará seu ardor e gritará com força entre os inimigos”^{[1](#)}.

⁷Terminada a citação, eu lhes disse:

— Amigos, entendeis como Deus diz que dará sua glória a este, a quem o estabeleceu como luz das nações e não a nenhum outro? E não, como disse Trifão, que Deus reserva sua glória para si mesmo? Trifão respondeu:

— Também isso fica compreendido. Termina, portanto, o que resta do teu discurso.

Retoma o assunto do cap. 43, o nascimento virginal

66. ¹Eu recomecei meu raciocínio onde havia interrompido minha demonstração de que Cristo nascera de uma virgem e que isso havia sido profetizado por Isaías. Repeti a profecia. ²É esta: “O Senhor continuou falando com Acáz e lhe disse: ‘Pede para ti um sinal do Senhor teu Deus, seja nas profundezas, seja nas alturas’. Acáz respondeu: ‘Não pedirei e não tentarei ao Senhor’. Isaías então disse: ‘Escuta, casa de Davi! Por acaso vos parece pouco enfrentar aos homens, de tal maneira que enfrentais também ao Senhor? Por isso, o próprio Senhor vos dará um sinal: eis que uma virgem conceberá e dará à luz um filho, e lhe darão o nome de Emanuel. Comerá manteiga e mel. ³Antes que conheça e escolha o mal, escolherá o bem. Por isso, antes que o menino conheça o bem e o mal, rechaçará o mal para escolher o bem. Por isso, antes que o menino saiba dizer pai e mãe, receberá o poder de Damasco e os despojos de Samaria, diante do rei dos assírios. E a terra, que suportas duramente, será tomada por causa dos dois reis. Contudo, Deus trará sobre ti, sobre teu povo e sobre a casa do teu pai dias tais como não existiram desde o dia em que Efraim separou de Judá o rei dos assírios’ ”.^{[4](#)}

⁴E acrescentei:

— Pois bem. É evidente para todos que, além do nosso Cristo, ninguém jamais nasceu de uma virgem na descendência carnal de Abraão, nem se disse tal coisa de alguém.

Discussão em torno da encarnação

67. ¹Trifão contestou:

— A Escritura não diz: “Eis que uma virgem conceberá e dará à luz um filho”, mas: “Eis que uma jovem conceberá e dará à luz um filho”. O resto segue como disseste. Toda a profecia está relacionada com Ezequias, no qual consta ter-se cumprido tudo, conforme a profecia. ²Por outro lado, nos mitos dos chamados gregos conta-se que Perseu nasceu de Dânae, sendo esta virgem, pois fluiu até ela, em forma de chuva de ouro, aquele que entre eles é chamado Zeus. É vergonhoso para vós dizerdes coisas semelhantes a eles. Seria melhor dizer que esse Jesus nasceu homem dos homens e que se demonstra pela Escrituras que ele é o Cristo. Deveríeis crer que ele me-receu ser escolhido

para Cristo por ter vivido de maneira perfeita conforme a lei. Contudo, não venhais com monstrosidades, a não ser que queirais provar ser tão estúpidos como os gregos.

³Então eu respondi:

— Trifão, quero que tu te convenças, e todos os homens em geral, de uma coisa: mesmo quando me dirigirdes as maiores chacotas e sarcasmos, não conseguireis afastar-me do meu propósito. Ao contrário: das mesmas razões e fatos que me propondes para refutar-me, continuarei tirando, juntamente com o testemunho das Escrituras, as provas do que digo. ⁴Certamente não ages corretamente, nem amas a verdade, ao pretender voltar atrás naquilo que já tínhamos chegado a um acordo, isto é, que alguns dos mandamentos dados por Moisés se devem à dureza de coração do vosso povo. De fato, dizes que Jesus foi escolhido e feito Cristo por causa de sua conduta conforme a lei e que isso é prova de que ele é o Cristo.

⁵Trifão disse:

— Tu mesmo nos confessaste que ele foi até circuncidado¹ e que guardou todas as observâncias legais instituídas por Moisés.

⁶Eu respondi:

— Confessei e confesso. Não confessei, porém, que ele se submeteu a isso para que, por sua observância, devesse ser justificado, e sim para cumprir a economia que desejava o Pai seu e de todas as coisas, Senhor e Deus. Confesso também que ele se dignou morrer crucificado, fazer-se homem e sofrer tudo o que os de vossa descendência quiseram fazer com ele. ⁷Contudo, Trifão, já que negas de novo admitir o que antes havias admitido, responde-me: os justos e patriarcas que viveram antes de Moisés sem ter guardado nada do que consta pela palavra que teve em Moisés seu princípio de ordenação, salvar-se-ão na herança dos bem-aventurados, ou não?

⁸Trifão replicou:

— As Escrituras obrigam-me a concordar contigo.

Eu continuei:

— Da mesma forma, eu te pergunto novamente: quanto a vossas ofertas e sacrifícios, Deus ordenou a vossos pais que os realizassem por ter ele necessidade delas, ou por causa da dureza do coração deles e inclinação para a idolatria?

Trifão respondeu:

— As Escrituras nos obrigam a confessar também isso.

⁹Eu continuei:

— As Escrituras também não anunciaram de antemão que Deus promete estabelecer uma aliança nova, distinta da aliança do monte Horeb?

Trifão respondeu:

— Anunciaram também isso.

Eu retomei:

— A antiga aliança não foi ordenada a vossos pais por temor e tremor, até o ponto de vossos pais não poderem ouvir a Deus?

Também com isso ele concordou.

¹⁰Eu disse:

— O que se conclui então daí? Que Deus prometeu que haverá outra aliança não estabelecida como foi estabelecida a primeira, sem temor, nem tremor, nem raios. Ele disse que ela seria estabelecida e que Deus mostraria qual mandamento e obra entende como eternos e apropriados a todo o gênero humano e que é o que ele ordenou, como os profetas proclamam, atendendo à dureza de coração do

vosso povo.

¹¹Trifão disse:

— Quem ama a verdade e não a disputa, forçosamente deverá admitir também isso.

Eu continuei:

— Não sei como podes acusar alguém de ser amigo de disputas, quando tu mesmo te mostrastes muitas vezes assim, contradizendo freqüentemente as mesmas coisas que antes havias admitido.

A encarnação só é compreendida a partir das Escrituras

68. ¹Trifão replicou:

— Estás tentando demonstrar algo incrível e pouco menos que impossível, isto é, que Deus poderia suportar nascer e tornar-se homem.

Eu respondi:

— Se eu tivesse me proposto demonstrar-vos isso, apoiando-me em ensinamentos ou argumentos humanos, é certo que não me agüentáreis. O caso, porém, é que enquanto eu vos peço que reconheçais as Escrituras que falam abundantemente a esse respeito, citando-as na maioria das vezes literalmente, vós vos tornais duros de coração para compreender o pensamento e a vontade de Deus. Se estais decididos a permanecer sempre assim, de modo nenhum vou me prejudicar com isso. Todavia, tendo da mesma forma de tratar convosco como antes, eu me separarei de vós.

²Trifão disse:

— Amigo, considera que chegaste a possuir o que tens com muito trabalho e esforço. Nós também, somente depois de examinar cuidadosamente as questões que ocorrem, devemos admitir aquilo a que as Escrituras nos obrigam.

Eu respondi:

— Não estou pedindo que não luteis de todas as formas no exame do que discutimos. Peço que, não tendo nada a objetar, não contradigais o que antes dissestes admitir.

³Trifão me respondeu:

— Vamos tentar fazer assim.

Eu continuei:

— Ao que já vos perguntei, quero acrescentar outras perguntas, pois com estas tentarei terminar rapidamente o meu raciocínio.

Trifão disse:

— Pode perguntar.

Eu prossegui:

— Por acaso vos parece que existe outro a quem se deva adorar e a quem nas Escrituras se chama Senhor e Deus, além do Criador do universo, deste universo inteiro e além do seu Cristo, que, graças a tantos testemunhos das Escrituras, vos foi demonstrado que se fez homem?

⁴Trifão respondeu:

— Como podemos confessar que exista, quando fizemos tão grande discussão sobre se absolutamente existe outro, além do único Pai?

Eu repliquei:

— Preciso fazer-vos esta pergunta para ver se agora não pensais de maneira diferente daquilo que antes aceitastes.

Trifão disse:

— Não, homem.

Eu continuei:

— Se, de fato, o admitis realmente, como diz a palavra: “Quem contará a sua geração?” Não deveréis já compreender que Cristo não é de descendência humana?

⁵Trifão replicou:

— Então, como diz a palavra a Davi que Deus tomará de seu flanco um filho para si e que ele erguerá o reino e se sentará no trono da sua glória?

⁶Eu respondi:

— Trifão, se a profecia dita por Isaías não se dirigisse à casa de Davi: “Eis que uma virgem conceberá”, mas a outra casa das doze tribos, talvez a questão apresentasse alguma dificuldade. Contudo, como esta profecia se refere à casa de Davi, Isaías explicou como aconteceria o que misteriosamente foi dito por Deus a Davi.

Eu continuei:

— Amigos, a não ser que ignoreis que muitas palavras ditas de modo obscuro, em parábolas, em mistérios ou em símbolos de ações foram explicadas pelos profetas que sucederam aos que as disseram ou realizaram.

⁷Trifão confirmou:

— Certamente.

Eu prossegui:

— Portanto, se vos demonstro que esta profecia se refere a nosso Cristo e não, como vós dizeis, a Ezequias, não será bom que eu também vos exorte a não crer em vossos mestres, que se atrevem a afirmar que, em alguns pontos, não é exata a tradução feita pelos vossos setenta anciãos que se hospedaram junto a Ptolomeu, rei do Egito? ⁸Desse modo, quando uma passagem da Escritura os argúi fortemente de opinião insensata e pessoal, eles se atrevem a dizer que no texto original não está assim. E os que pensam poder forçar e aplicar às ações humanas que imaginam convenientes, dizem que isso não foi por causa de nosso Jesus Cristo, mas por quem eles pretendem interpretá-lo. É o que acontece com a presente Escritura, a respeito da qual estamos conversando e que vos ensinaram que foi dita com referência a Ezequias. ⁹Por outro lado, se lhes citamos Escrituras que demonstram expressamente que o Cristo há de ser ao mesmo tempo passível e adorável e Deus — são essas que citei a vós —, concordam forçosamente que se referem a Cristo, mas têm a ousadia de dizer que Jesus não é o Cristo, apesar de confessar que há de vir um Deus para sofrer, reinar e ser adorado. Eu me encarreguei de demonstrar que tal modo de pensar é, ao mesmo tempo, ridículo e insensato. Contudo, como tenho pressa de responder ao que me objetaste de modo ridículo, responderei a isso primeiro e, mais adiante, apresentarei as provas sobre o restante.

Contradições diabólicas

69. ¹Eu continuei:

— Saibas, pois, Trifão, que aquilo que esse, que se chama diabo, fez dizer, de modo alterado, entre os gregos, assim como tudo o que realizou por meio dos magos do Egito ou dos falsos profetas no tempo de Elias^u, tudo isso não é mais do que uma confirmação do meu conhecimento e da minha fé nas Escrituras. ²Desse modo, quando dizem que Dioniso é filho de Zeus, nascido da união dele com Sêmele, e o tornam inventor da videira e contam que, depois de morrer despedaçado, ressuscitou e subiu ao céu, e introduzem o asno em seus mistérios, não tenho o direito de ver aí alterada a profecia do patriarca Jacó, antes citada e escrita por Moisés? ³De Héracles nos dizem que foi forte e percorreu toda a terra, que também foi filho de Zeus, que nasceu de Alcmena e que, depois de morto, subiu ao céu. Tudo isso não é igualmente um arremedo da Escritura, referida a Cristo: “Forte como

um gigante para percorrer o seu caminho”? Finalmente, quando nos apresenta Asclépio^y ressuscitando mortos e curando as outras doenças, não direi que também nisso o diabo quer imitar as profecias sobre Cristo? ⁴Mas como não vos citei nenhuma Escritura que indique que Cristo devia realizar essas curas, terei forçosamente que relembrar ao menos uma. Por meio dela, vos será fácil compreender como para os que eram um deserto no que se refere ao conhecimento de Deus, isto é, aos pagãos, que tendo olhos não viam e tendo coração não entendiam, pois adoravam objetos de matéria, a Palavra lhes predisse que renegariam a estes e poriam a sua confiança nesse Cristo. ⁵A profecia diz o seguinte: “Alegra-te, deserto, que estás sedento; regozija-te, deserto, e floresce como lírio. Os desertos do Jordão regozijaram-se e florescerão. Foi-lhe dada a glória do Líbano e a magnificência do Carmelo. E meu povo verá a altura do Senhor e a glória de Deus. Fortalecei-vos, mãos enfraquecidas e joelhos debilitados. Consolai-vos, pusilânimes de coração; fortalecei-vos e não temais. Vede que o nosso Deus paga em julgamento, e ele pagará. Ele virá e nos salvará. Então os olhos dos cegos se abrirão e os ouvidos dos surdos ouvirão; então o coxo saltará como cervo e a língua dos mudos falará com clareza. Porque a água irrompeu no deserto, e uma torrente na terra sedenta; e a que não tinha água se transformará em terra encharcada, e na terra sedenta saltará uma fonte de água”^w.

⁶Como fonte de água viva da parte de Deus, este Cristo brotou no deserto do conhecimento de Deus, isto é, na terra das nações. Ele apareceu no meio do vosso povo, curou os cegos de nascimento segundo a carne, os surdos e coxos, fazendo, apenas com a sua palavra, que uns saltassem, outros ouvissem, outros recobrassem a vista; ressuscitando os mortos e dando-lhes a vida, por suas obras estimulava os homens para que o reconhecessem. Eles, porém, mesmo vendo tais prodígios, os consideraram como coisa mágica e, de fato, tiveram a ousadia de dizer que Jesus era um mago e sedutor do povo. Mas ele fazia isso para persuadir aos que iriam acreditar naquele que, mesmo quando alguém tivesse algum defeito corporal, como guardião dos ensinamentos que por meio dele nos foram dados, o ressuscitará íntegro em sua segunda vinda e, ao mesmo tempo, o tornará imortal, incorruptível e impassível.

Profecias sobre a eucaristia

70. ¹Quando os que ensinam os mistérios de Mitra^x afirmam que ele nasceu de uma pedra, e chamam “gruta” o lugar onde se iniciam os seus crentes, como não reconhecer aqui o que disse Daniel: “Uma pedra foi cortada da grande montanha sem mão nenhuma”^y, e da mesma forma o que disse Isaías, cujas palavras todas tentaram arremedar? Com efeito, tiveram a arte de introduzir entre eles até palavras sobre a prática da justiça. ²Sou obrigado a citar-vos as palavras ditas por Isaías, a fim de que, por meio delas, percebais que é assim. São as seguintes: “Vós que estais distantes, escutai o que eu fiz; os que se aproximam conhecerão a minha força. Afastaram-se os que em Sião eram iníquos. O tremor surpreenderá os ímpios. Quem vos anunciará o lugar eterno? Aquele que caminha na justiça, aquele que anda no caminho reto, aquele que odeia a iniquidade e a injustiça, aquele que guarda as mãos limpas de subornos e tapa seus ouvidos para não ouvir o julgamento injusto de sangue; fecha seus olhos para não ver a injustiça: esse habitará na caverna elevada de um forte rochedo. ³Ser-lhe-á dado pão e a sua água lhe será assegurada. Vereis o rei com glória e vossos olhos verão longe. Vossa alma meditará o temor do Senhor. Onde está aquele que enumera os que são alimentados, o povo pequeno e grande? Não se aconselharam com ele, não reconheceram a profundidade das vozes, de modo que não ouviram. Povo envilecido e que não tem inteligência quando ouve”^z.

⁴Portanto, é evidente que nesta profecia ele também fala sobre o pão que nosso Cristo nos mandou

celebrar como memória dele se ter feito homem por amor dos que nele crêem — pelos quais também se tornou passível —, e do cálice que, como lembrança do seu sangue, nos mandou igualmente consagrar com ação de graças. A mesma profecia deixa claro que veremos este mesmo como rei glorioso, ⁵e suas próprias palavras estão dizendo aos gritos que o povo que foi de antemão conhecido como seu crente, também foi conhecido como meditante do temor do Senhor. Essas Escrituras também clamam que aqueles que imaginam conhecer a letra das Escrituras, ao ouvirem as profecias, não atingem a compreensão delas. Portanto, Trifão, quando ouço falar que Perseu nasceu de uma virgem, compreendo que a serpente enganadora também quis arremedar isso.

As presumidas mutilações das Escrituras

71. ¹Não me deixo persuadir por vossos mestres, que não admitem estar bem feita a tradução de vossos setenta anciãos que estiveram com Ptolomeu, rei do Egito, mas colocaram-se eles mesmos a traduzir. ²Além disso, quero que saibais que eles eliminaram completamente muitas passagens da versão dos setenta anciãos que estiveram com o rei Ptolomeu, nas quais se demonstra que esse mesmo Jesus crucificado foi claramente anunciado como Deus e homem, e que havia de ser crucificado e morrer. Como sei que todos os de vossa raça os rejeitam, não me detenho em discuti-los, mas passo às provas tomadas dos que ainda admitis. ³Com efeito, todos vós reconheceis todos os textos que até agora vos citei, exceto o seguinte: “Eis que uma virgem conceberá”, que vós dizeis que se deve ler: “Eis que uma jovem conceberá”. Eu vos prometi demonstrar que esta profecia não se refere a Ezequias, como vos ensinaram, mas a este meu Cristo. Agora vos apresentarei a minha demonstração.

⁴Trifão disse:

— Antes, pedimos que nos digas algumas das Escrituras que tu dizes terem sido completamente eliminadas.

72. ¹Eu lhe respondi:

— Farei como desejardes. Dos comentários que Esdras fez à lei da Páscoa, tiraram a seguinte passagem:^a “E Esdras disse ao povo: Esta Páscoa é nosso salvador e nosso refúgio. Se refletirdes e subir ao vosso coração que iremos humilhá-lo na cruz e, depois disso, esperardes nele, este lugar jamais ficará desolado, diz o Senhor das virtudes. Porém, se não crerdes nele, nem ouvirdes a sua pregação, sereis a zombaria das nações.” ²Das profecias de Jeremias tiraram também esta passagem: “Eu sou como cordeiro que é levado para o sacrifício. Contra mim cogitaram pensamentos, dizendo: Vinde, atiremos um pedaço de madeira em seu pão, arranquemo-lo da terra dos vivos e o nome dele nunca mais será lembrado”^b. ³Esta passagem de Jeremias ainda se encontra em alguns exemplares das sinagogas dos judeus, pois a eliminação foi feita recentemente. Pois bem. Quando por essas palavras se procura demonstrar que os judeus conspiraram contra o próprio Cristo, decidindo tirar-lhe a vida pelo suplício da cruz, e que ele é indicado, conforme foi profetizado por Isaías, como o cordeiro que é levado ao matadouro e aí se nos apresenta como cordeiro inocente, por não terem o que responder, eles se refugiam na blasfêmia. ⁴Das palavras de Jeremias também eliminaram esta passagem: “O Senhor, o Deus Santo de Israel, lembrou-se de seus mortos, dos que dormiram na terra amontoada, e desceu até eles para anunciar-lhes a sua salvação”^c.

^a Trata-se da guerra judaica encabeçada por Bar Kochba dos anos 132-135 d.C., vencida pelos romanos, quando a Palestina foi totalmente arrasada e Jerusalém destruída.

^b Não se trata da filosofia simplesmente, ou de qualquer filosofia, mas conforme 8,1-2, só a Sagrada Escritura contém e oferece a “filosofia segura e proveitosa”.

^c Não se deve ter este encontro como “realidade histórica”. Percebe-se que é uma “montagem”, uma “construção literária”. O ancião representa a filosofia originária frente a filosofia grega corrompida ou a sabedoria primeira redescoberta agora no cristianismo ou ainda a própria tradição cristã.

^d Não se trata aqui da terceira pessoa da Trindade, mas da moção sobrenatural, da iluminação divina que impulsiona a alma na direção de Deus.

^e Cf. 1Tm 4,1.

^f Para Justino, “Cristo” é tomado, ao longo do Diálogo, não como nome próprio nem como a segunda pessoa da Trindade, mas no sentido de “ungido”, isto é, de Messias.

^g Conforme 1,1, trata-se dos “pórticos do ginásio”, isto é, de uma galeria, um colonato coberto anexo ao ginásio que servia aos atletas no inverno. Mas pode indicar também o próprio ginásio, freqüentemente utilizado como lugar para as discussões filosóficas.

^h Acusações que se tornaram comuns na época. Da parte dos judeus, por não serem circuncisos e não guardarem o sábado. Da parte dos pagãos, de antropofagia (comerem a carne de Cristo na eucaristia), de incesto, por trocarem o beijo da paz na celebração. Leia-se com atenção o parágrafo seguinte, a resposta de Trifão.

ⁱ Cf. Gn 17,14.

^j Cf. Gn 17,12.

^k Cf. Dt 5,15; Sl 136,11-12.

^l No fundo, cristãos e judeus divergem só pela mediação. Para os judeus, a mediação que garante o verdadeiro acesso a Deus passa por Moisés e a Lei, para os cristãos, necessariamente por Cristo (Novo Moisés e nova Lei).

^m Is 51,4-5.

ⁿ Jr 31,31-32; cf. Hb 8,8-9.

^o Cf. Gn 15,6; Rm 4,9-10.

^p Cf. Gn 24,1.

^q Cf. Gn 17,5.

^r Is 55,3-5.

^s Cf. Is 6,10; Mt 13,13-15.

^t Cf. Is 29,18-19; 35,5; Mt 11,5.

^u Cf. Is 58,13.

^v Cf. Hb 9,13-14.

^w No centro desta citação de Isaías, está o texto fundamental da apologética cristã em defesa da messianidade de Jesus, o quarto cântico do Servo de Javé (Is 52,13-53,12).

^x Cf. Jr 2,13; Ap 21,6; Jo 4,10.

^y Cf. Jr 2,13.

^z Cf. 1Cor 5,8.

^a Is 55,3-13.

^b Cf. Dn 7,13; Mt 24,30.

^c Cf. Zc 12,10; Jo 19,37.

^d Is 58,1-11.

^e Dt 10,16-17.

^f Lv 26,40-41.

^g Cf. Is 1,7.

^h Alusão aos sofrimentos dos judeus por ocasião da guerra contra os romanos, em 132-135 d.C. Justino interpreta os flagelos sofridos pelos judeus como o punição divina devido à sua infidelidade e rejeição de Cristo. (Cf., especialmente Diál. 108).

ⁱ Tg 5,6; cf. Is 57,1

^j Is 57,1-4.

^k Is 52,5; cf. Rm 2,24.

^l Is 3,9-11.

^m Is 5,18-20.

ⁿ Mt 21,13; Lc 19,46.

^o Cf. Mt 21,12

^p Mt 23,23; Lc 11,42.

^q Mt 23,27.

^r Cf. Lc 11,52.

^s Mt 23,16.24

^t Cf. Is 1,16.

^u Cf. Lc 6,17-28.35.

^v Cf. Jr 2,13.

^w Cf. Gn 4,4.

^x Gn 5,24; cf. Hb 11,5.

^y Cf. Gn 19,16-20.

^z Cf. Gn 7,13.

^a Cf. Gn 14,18-24; cf. Hb 7,1-2; Sl 110,4.

^b Cf. Os 1,9-10.

^c Cf. Ex 32,1-5.

^d Referência ao culto cananeu no qual se imolavam crianças ao deus Moloc. Em Jerusalém, esse culto era praticado no vale da Geena. A Lei proibia esta prática, cf. Lv 18,21; 20,2-5; 2Rs 16,3; 17,17.

^e Cf. Ez 20,12-20; cf. Ex 31,13.

^f Ex 32,6; cf. 1Cor 10,7.

^g Dt 32,15.

^h Cf. Gn 9,3-4.

ⁱ Gn 9,3.

^j Cf. At 10,14.

[k](#)
Jr 4,22; Dt 32,20.

[l](#)
Ez 20,19.7.20-26.

[m](#)
Am 5,18-6,7.

[n](#)
Jr 7,21-22.

[o](#)
Sl 50.

[p](#)
Is 66,1.

[q](#)
A expressão “de Maria Virgem”, ocorre 19 vezes no Diálogo. De fato, este se constitui na primeira obra que dá grande importância à questão do nascimento virginal.

[r](#)
Cf. Gn 15,6; Rm 4,3.16.

[s](#)
Cf. Gn 17,11; Rm 4,11.

[t](#)
Gn 17,14.

[u](#)
Is 65,1-3.

[u](#)
Is 63,15-64.

[v](#)
Is 42,6-7.

[w](#)
Is 62,10-63,6.

[x](#)
Is 58,13-14.

[y](#)
Is 3,16.

[z](#)
Sl 14,2-3; Rm 3,11-17.

[a](#)
Jr 4,3-4.

[b](#)
Jr 9,25-26.

[c](#)
Ml 1,10-12.

[d](#)
Sl 18,44-45.

[e](#)
Justino se refere ao Sl 19.

[f](#)
Dn 7,9-28.

[g](#)
Jr 4,22.

[h](#)
Is 29,14.

[i](#)
Sl 110.

[j](#)
Justino aplica uma série de títulos a Cristo que foram, posteriormente, abandonados pela dogmática. Aqui, dois títulos chamam a atenção: anjo e supremo general das milícias celestes. A origem destes títulos está em que Justino interpreta as teofanias do AT como sendo não de Deus, mas do seu Verbo (cf. Diál. 56,4; 61,1;76,3).

[k](#)
Sl 72.

[l](#)
São seitas gnósticas que floresciam no século II. Para Justino, a que mais o instigava era a dos marcionistas. Marcião, de fato, negava o Deus criador e guerreiro, vingador do AT em benefício do Deus bondoso, misericordioso de Jesus. A tradição atribui a Justino um tratado Contra Marcião que se perdeu. Uma exposição completa das seitas gnósticas do tempo de Justino se encontra em Ireneu de Lião: Contra as heresias.

[m](#)
Mt 24,5; 7,15; 1Cor 11,18-19; Mc 13,22.

[n](#)
Cf. 1Rs 8,1-9. A “Tenda do Testamento” foi construída por Davi para guardar a arca da aliança.

[o](#)
Sl 24.

[p](#)
1Rs 19,10-18.

[q](#)
Cf. I Apologia 28,2 e II Apol. 7,1. O retardo da parusia é motivado pelas conversões que se operam a cada dia. Esta motivação tornou-se clássica na apologética cristã.

[r](#)
Sl 68,19; Ef 4,8.

[s](#)
cf. Lv 16,5-10.

[t](#)
Cf. Lv 14,10.

[u](#)
Ml 1,10-12.

[v](#)
Gn 17,12-14.

[w](#)
Sl 19,5.

[x](#)
Is 53,1-2.

[y](#)
Justino aborda, com este capítulo, o ponto nevrálgico da polêmica com o judaísmo: demonstrar a messianidade e a divindade de Jesus. Alguns judeus, os ebionitas, por exemplo, crêem que Jesus é o Messias, mas não crêem que seja Deus.

[z](#)
Is 53,8.

[a](#)
Is 7,10-16; 8,4; 7,16-17.

[b](#)
Ez 14,20.

[c](#)
Is 66,23-24.

[d](#)
Cf. Mt 24,40-42; 25,13.

[e](#)
Mt 3,11-12; Lc 3,16

[f](#)
Mt 17,11-13

[g](#)
Nm 11,17.

[h](#)
Ex 17,8-16.

[i](#)
Is 40,1-17.

[ii](#)
Mt 4,17 e paralelos.

[iii](#)
Mt 11,12-15 e paralelo

[i](#)
Gn 49,8-12

[k](#)
Zc 9,9.

[l](#)
Zc 13,7.

[m](#)
Dt 10,17.

[n](#)
Sl 96,5; 114,16.

^oIs 1,9; 10,22; Rm 9,27-28.

^pJustino tem uma idéia de absoluta transcendência de Deus influenciada pelo médio-platonismo. Ele não pode, por isso, manifestar-se, mas sua Lei, sua vontade, seu plano, seu amor são manifestos pelo Filho preexistente. Este é, por excelência, um anunciador, um executor da vontade do Deus-Pai. Isso obriga Trifão a reconhecer que há outro Deus além de Javé-Pai. Por aí, Justino tenta demonstrar a divindade de Jesus Cristo.

^gGn 18,1-3; 19,27-28.

^rGn 21,9-12.

^sGn 19,23-25.

^tSl 110,1.

^uSl 45,8.

^vGn 18,16-17.

^wGn 18,20-23.

^xGn 18,33-19,1.10.16-25.

^yGn 31,10-13.

^zGn 32,23-30.

^aGn 35,6-10.

^bGn 28,10-19.

^cEx 3,16.

^dEx 3,2-4.

^eGn 31,13; 35,1.7.

^fSobre um princípio anterior a todas as criaturas que Deus gerou”, Pr 8,22, tornou-se, a partir dos apologistas, uma referência fundamental para demonstrar a preexistência do Verbo-Sabedoria e seu papel na criação.

^gPr 8,21-36.

^hGn 1,26-28.

ⁱGn 3,22.

^jJs 6,2.

^kSl 110,3-4.

^lSl 45,7-13.

^mSl 45,11-13.

ⁿSl 99,1-7.

^oSl 72,1-5 e 17-19.

^pSl 19,1-7.

^qIs 42,8.

^rIs 42,6-13.

^sIs 7,10-16; 8,4; 7,16-17.

^tNão consta em nenhum lugar do Diálogo que Justino tenha feito esta afirmação.

^uPara Justino, a mitologia pagã é obra dos demônios. A grande variedade dos mitos é reflexo da multiforme atividade dos demônios. Esta polêmica está presente de maneira mais volumosa na I Apologia , caps. 5,2-3; 9,1-5; 21,1-6; 22,2-6; 54,1-10; 64,4-6.

^vAsclépio era o deus grego da medicina, filho de Apolo e da ninfa Coronis, adotado pelos romanos sob o nome de Esculápio. Além de curar os doentes, Asclépio ressuscitava os mortos. Incomodado por este poder de reverter a natureza, Zeus o fulmina. Sua filha Hígia era a deusa da saúde.

^wIs 35,1-7.

^xDeus do antigo Irã, cuja origem é, sem dúvida, a antiga divindade menor da Índia védica. Seu nome significa “contrato”, originalmente, depois, “amigo”. Simbolizava a perfeição, a harmonia, a luz solar. No mundo greco-romano, é um deus solar e um salvador escatológico. Seu culto se expandiu no mundo helenístico e, em seguida, no mundo romano. Aí se transformou num objeto de culto de mistérios (sete graus de iniciação). Sua festa, celebrada em 25 de dezembro, está na origem da celebração do natal cristão.

^yDn 2,34.

^zIs 33,13-19.

^aOs caps. 72 e 73 mostram como Justino, na sequência da tradição da Igreja primitiva, colhia, compreendia e organizava os textos do AT, em relação à própria fé. Os textos que ele aponta como eliminados pelos judeus, na verdade não o são. O primeiro e terceiro são midraxes cristãos (parágrafos independentes que se desenvolviam a partir de um ou mais textos bíblicos). O segundo não foi supresso, enquanto o quarto pertence antes ao gênero targum in (traduções que se aplicam sobre o texto para explicar o sentido que se lhe atribui). O argumento de Justino, na verdade, volta-se contra ele mesmo: na realidade, são os cristãos que “manipulam” as Escrituras do AT, por uma leitura de mão única, de convergência exclusivamente cristológica. Um exemplo dos mais notáveis de “cristologização” de um texto veja-se em 73,1.

^bJr 11,19. Na verdade, este texto não foi eliminado.

^cTexto desconhecido. Talvez fosse um midrax sobre Jeremias.

73. ¹Do salmo 96, das palavras de Davi, eliminaram estas curtas expressões: “Do alto do madeiro”. Porque dizendo a palavra: Dizei entre as nações: o Senhor reina do alto do madeiro, deixaram apenas: “Dizei entre as nações: o Senhor reina”. ²Entre as nações, nunca se referiu a homem nenhum de vossa descendência como Deus e Senhor, que tenha reinado, exceto desse que foi crucificado, do qual, no mesmo salmo, o Espírito Santo nos diz que se salvou e ressuscitou, dando-nos a entender que não é semelhante aos deuses das nações; estes, de fato, são apenas imagens de demônios. ³E para que compreendais o que estou dizendo, vou recitar-vos todo o salmo, que assim diz: “Cantai ao Senhor um cântico novo; cantai ao Senhor, terra inteira; cantai ao Senhor e bendizei o seu nome. Levai dia a dia a boa nova da sua salvação. Anunciai entre as nações a sua glória, em todos os povos as suas maravilhas. Porque o Senhor é grande e muito digno de louvor. Ele é terrível sobre todos os deuses. Porque todos os deuses das nações são demônios, mas o Senhor fez os céus. Louvor e beleza estão diante dele, santidade e magnificência estão em seu santuário. Levai ao Senhor, famílias das nações, levai ao Senhor glória e honra. Levai ao Senhor glória em seu nome. ⁴Tomai sacrifícios e entrai em seus átrios, adorai ao Senhor em seu átrio santo. Que a terra inteira estremeça em sua presença. Dizei entre as nações: O Senhor reina do alto do madeiro. Porque ele endireitou a terra, que não se abalará. Julgará os povos com retidão. Alegrem-se os céus e regozije-se a terra; estremeça o mar e tudo o que ele contém. Todas as árvores do bosque se alegrarão na presença do Senhor, porque ele vem, porque vem para julgar a terra. Julgará o orbe da terra com justiça e os povos com a sua verdade”^d.

⁵Trifão disse:

— Se, de fato, nossos chefes do povo suprimiram algo das Escrituras, como tu dizes, é coisa que só Deus sabe; contudo, parece incrível.

Eu repliquei:

— Sim, parece incrível, porque isso é mais terrível do que ter fabricado o bezerro de ouro, depois de terem sido saciados na terra com o maná celestial; é mais terrível do que sacrificar os filhos aos demônios e matar os próprios profetas. Entretanto, agis como se não tivésseis ouvido as Escrituras que eu vos disse que eles suprimiram. De fato, para demonstrar as questões que discutimos, são suficientes e até sobram as que foram citadas e as que vos citarei daquelas que são conservadas por vós.

74. ¹Trifão disse:

— Sabemos que as citaste porque nós pedimos. Quanto ao último salmo que tomaste das palavras de Davi, não me parece que se refira a um outro além do Pai, aquele que fez o céu e a terra. Tu, porém, dizes que se refere a esse Jesus passível, que te esforças por demonstrar-nos ser o Cristo.

²Eu repondi:

— Eu vos peço: enquanto eu vos recito este salmo, refleti sobre a expressão que o Espírito Santo emprega, e sabereis que não falo mal e que nem vós estais realmente sendo enganados. Desse modo, atendo-vos a vós mesmos, poderíeis compreender muitas outras coisas ditas pelo Espírito Santo: “Cantai ao Senhor, terra inteira; cantai ao Senhor e bendizei o seu nome; cantai ao Senhor um cântico novo. Levai dia a dia a boa nova da sua salvação e anunciai a todos os povos as suas maravilhas”^e.

³O que o Espírito Santo ordena aqui é que cantem sem interrupção e celebrem com instrumentos o Deus e Pai do universo todos aqueles que em toda a terra conheceram esse mistério salvador, isto é, a paixão de Cristo, pela qual ele os salvou, reconhecendo que é digno de louvor e terrível e criador do céu e da terra aquele que por amor ao gênero humano realizou essa salvação, e também aquele

que morreu crucificado e a quem ele concedeu ser rei sobre toda a terra, assim como também por...^{f4}“... a terra, em que este entrará, e me abandonarão e desfarão a minha aliança que eu estabeleci com eles naquele dia. Eu os abandonarei e afastarei deles o meu rosto. Haverá aniquilação e muitos males e tribulações o alcançarão; e dirá, naquele dia: Estes males me aconteceram, porque o Senhor meu Deus não está entre nós; mas eu com afastamento afastarei deles o meu rosto, naquele dia, por causa de todas as maldades que fizeram, pois voltaram-se para deuses estrangeiros”^g.

75. ¹Além disso, de modo misterioso, Moisés deu a entender, no livro do Êxodo, que o próprio nome de Deus era Jesus, dizendo que não foi manifestado a Abraão, nem a Jacó, e nós o compreendemos. Porque ele diz assim: “O Senhor disse a Moisés: ‘Dize a este povo: Eis que eu envio o meu anjo diante de ti, para que te guarde no caminho e te introduza na terra que preparei para ti. Atende a ele, escuta-o, e não lhe desobedeças, porque ele não te abandonará, pois o meu nome está nele’”^h. ²Portanto, quem introduziu vossos pais na terra, compreendei-o de uma vez por todas, foi aquele que, chamando-se antes Ausés, recebeu o nome de Jesus. Com efeito, se compreendeis isso, reconheceréis que o nome do mesmo que disse a Moisés: “Meu nome está nele”, era Jesus. De fato, ele também se chamava Israel e, do mesmo modo, mudou o nome de Jacó para esse nome. ³Além disso, mediante Isaías, os profetas são claramente chamados de anjos e enviados de Deus. Com efeito, eles são enviados para anunciar o que ele quer. Isaías assim diz: “Envia-me”ⁱ. É algo manifesto a todos que aquele que recebeu o nome de Jesus foi profeta poderoso e grande. ⁴Pois bem. Se sabemos que esse Deus se manifestou em várias formas a Abraão, Jacó e Moisés, como duvidamos e não cremos que ele poderia, conforme o desígnio do Pai do universo, nascer homem da virgem, tendo tantas Escrituras pelas quais literalmente é fácil entender que assim de fato aconteceu, conforme o desígnio do Pai?

76. ¹De fato, ao dizer “como filho do homem” àquele que recebe o reino eterno, Daniel nos dá a entender justamente isso. Com efeito, dizer “como filho do homem” significa que ele apareceu e nasceu como homem e deixa claro ao mesmo tempo que não é de germen humano. E, ao chamá-lo de “pedra desprendida sem mão humana”, está gritando misteriosamente a mesma coisa. De fato, dizer que foi cortado sem ajuda de mão alguma dá a entender que Cristo não é obra dos homens, mas do desígnio de quem o produziu, de Deus, Pai do universo. ²E quando Isaías diz: “Quem contará a sua geração?” deixa claro que sua origem é inexplicável, porque ninguém, que seja homem, nascido de homens, tem origem inexplicável. E quando Moisés diz que “ele lavaria sua roupa no sangue da uva”, não é o que já vos disse muitas vezes ele ter profetizado misteriosamente? De fato, Moisés deu a entender antecipadamente que Cristo teria sangue sim, mas não de homens, do mesmo modo como não é o homem quem dá origem ao sangue da uva, e sim Deus. ³E Isaías, ao chamá-lo de anjo do grande conselho, não manifestou antecipadamente que Cristo, uma vez vindo, haveria de ser mestre daquilo que ensinou? De fato, os grandes conselhos do Pai a respeito de todos os homens, que lhe foram agradáveis ou o serão, assim como sobre os anjos ou homens que se afastaram de sua vontade, somente Cristo os ensinou sem qualquer véu, dizendo: ⁴“Virão do oriente e do ocidente e se reclinarão com Abraão, Isaac e Jacó no reino dos céus; mas os filhos do Reino serão atirados nas trevas exteriores.” ⁵E: “Muitos me dirão naquele dia: ‘Senhor, Senhor, não comemos e bebemos, profetizamos e expulsamos demônios em teu nome?’ Então eu lhes direi: ‘Apartai-vos de mim’ ”^j. Em outras passagens, também disse as palavras com as quais condenará os que não são dignos de salvar-se: “Ide para as trevas exteriores que meu Pai pre- parou para Satanás e seus anjos”^k. ⁶De novo, em

outra passagem, disse: “Eu vos dou poder para pisar sobre ser-pentes, escorpiões, centopéias e por cima de todo o poder do inimigo”¹. Nós, que cremos em nosso Senhor Jesus, que foi crucificado sob Pôncio Pilatos, exorcizando, temos sob o nosso poder os demônios e espíritos maus. Com efeito, se pelos profetas foi misteriosamente anunciado que Cristo devia vir de forma passível e depois alcançar o senhorio sobre todas as coisas, sem dúvida ninguém era capaz de entender isso, até que ele próprio persuadiu seus apóstolos que assim estava expressamente anunciado nas Escrituras. ⁷Com efeito, antes de ser crucificado, ele gritava: “É preciso que o Filho do Homem sofra muito, seja rejeitado pelos escribas e fariseus, seja crucificado e ressuscite no terceiro dia”^m. E Davi proclamou que havia de nascer do ventre antes do sol e da luaⁿ, conforme o desígnio do Pai, e manifestou que, por ser Cristo, era Deus forte^o e adorável^p.

77. ¹Trifão replicou:

— Realmente confesso que tantos argumentos assim são suficientes para me convencer. Contudo, quero que saibas que ainda estou esperando que demonstres aquela tua palavra que já pronunciaste muitas vezes. Vai até o fim para nós, para que vejamos como demonstras que a profecia de Isaías se refere a esse vosso Cristo. Nós dizemos que essa profecia foi feita sobre Ezequias.

²Eu lhe respondi:

— Como desejais, também farei isso. Antes, porém, demonstrai-me, pois que foi profetizado sobre Ezequias, como antes de ser capaz de dizer “pai” e “mãe” tomou o poder de Damasco e os despojos de Samaria diante do rei dos assírios. Com efeito, não se pode concordar convosco pelo fato de interpretardes como desejais, dizendo que Ezequias fez a guerra contra os de Damasco e os de Samaria na presença do rei dos assírios. “De fato, antes que o menino saiba dizer pai e mãe, tomará o poder de Damasco e os despojos de Samaria, diante do rei dos assírios”, disse a palavra profética.

³Com efeito, o espírito profético não teria dito isso, acrescentando “antes de o menino saber dizer pai e mãe, ele tomará o poder de Damasco e os despojos de Samaria”, mas teria dito simplesmente: “E dará à luz um filho e tomará o poder e os despojos de Samaria”. Poderíeis então dizer que como Deus previa que Ezequias iria tomar isso, ele o predisse. Todavia, é fato que a profecia disse isso, com este acréscimo: “Antes de o menino saber dizer pai e mãe, tomará o poder de Damasco e os despojos de Samaria”.

Agora, vós não podeis demonstrar que isso aconteceu alguma vez a algum judeu; nós, porém, podemos demonstrar que se realizou em nosso Cristo. ⁴Com efeito, logo que ele nasceu, alguns magos vieram da Arábia para adorá-lo, depois de se apresentarem a Herodes, que era então rei da vossa terra. Herodes, por causa de seu caráter ímpio e iníquo, é aquele a quem a palavra chama de rei dos assírios.

E continuei:

— De fato, sabeis dessas coisas. Muitas vezes o Espírito Santo fala por meio de parábolas e comparações, como fez com o povo de Jerusalém, dizendo muitas vezes: “Teu pai foi um amorreu e tua mãe uma hetéia”^q.

Relato da história dos “Reis Magos”

78. ¹Com efeito, esse rei Herodes informou-se com os anciãos de vosso povo. Os magos tinham então chegado da Arábia, dizendo terem visto aparecer uma estrela no céu e terem conhecido, por ela ter nascido em vossa terra, um rei, a quem eles vinham adorar. Os anciãos disseram que ele devia ter nascido em Belém, porque no profeta assim está escrito: “E tu, Belém, terra de Judá, de modo

nenhum és a menor entre as principais cidades de Judá, pois de ti sairá o chefe que apascentará o meu povo”¹. ²Portanto, os magos da Arábia chegaram a Belém, adoraram o menino e lhe ofereceram seus dons de ouro, incenso e mirra. Contudo, depois de adorar o menino em Belém, receberam ordem, através de uma revelação, para não voltarem a Herodes. ³José, o esposo de Maria, queria antes expulsar de casa a sua esposa, acreditando que ela estava grávida por alguma relação com um homem, isto é, por adultério. Todavia, por meio de uma visão, foi-lhe ordenado não expulsar a sua esposa; o anjo que lhe apareceu lhe explicou que o que ela levava em seu seio era obra do Espírito Santo. ⁴Temeroso, José não a expulsou de casa. Ao contrário, na ocasião do primeiro recenseamento da Judéia, no tempo de Quirino, subiu de Nazaré, onde vivia, para inscrever-se em Belém, sua terra de origem. Com efeito, José procedia por descendência da tribo de Judá, que havia povoado essa terra. Ele, juntamente com Maria, recebe a ordem de partir para o Egito e permanecer aí com o menino, até que novamente lhe seja revelado que podem voltar para a Judéia. ⁵Antes, porém, quando o menino nasceu em Belém, como José não encontrasse onde alojar-se nessa aldeia, retirou-se para uma gruta próxima. Então, estando aí os dois, Maria deu à luz a Cristo e o colocou num presépio, onde os magos da Arábia o encontraram ao chegar. ⁶Já vos citei as palavras com que Isaías profetizou sobre o símbolo da gruta. Por causa dos que vieram hoje convosco, vou recordá-las novamente.

Citei de novo a passagem de Isaías, anteriormente transcrita, repetindo-lhes que, justamente com essas palavras de Isaías, o diabo fez com que os mestres das iniciações de Mitra digam que as praticam no lugar que eles chamam de gruta.

⁷Eu continuei:

— Como os magos da Arábia não voltassem para vê-lo, conforme ele havia pedido, mas, seguindo a ordem que lhes fora dada, voltassem ao seu país por outro caminho; como José, juntamente com Maria e o menino, conforme também lhes fora revelado, houvessem já partido para o Egito; não conhecendo o menino que os magos tinham vindo adorar, Herodes mandou matar, sem exceção, todos os meninos de Belém. ⁸E isso foi profetizado por Jeremias, pois assim diz o Espírito Santo por meio dele: “Uma voz se ouviu em Ramá, pranto e muito lamento. Raquel chora seus filhos e não quer consolar-se, porque já não existem”⁹. Portanto, pela voz que deveria ouvir-se desde Ramá, isto é, desde a Arábia, pois até agora se conserva na Arábia um lugar chamado Ramá, o pranto deveria encher o lugar onde está enterrada Raquel, a mulher do santo patriarca Jacó, que foi chamado Israel; isto é: o pranto encheria Belém, com as mulheres chorando seus próprios filhos assassinados e não aceitando consolo em sua desgraça.

⁹Ademais, quando Isaías diz: “Tomará o poder de Damasco e os despojos de Samaria”, ele quis dizer que logo que Cristo nascesse, seria vencido por ele o poder do demônio mau, que mora em Damasco, coisa que vemos ter-se cumprido. De fato, os magos que antes tinham sido presa do demônio para a realização de todo tipo de más ações realizadas por influência dele, depois de irem e adorarem a Cristo, se afastaram daquele poder que os havia combatido, o qual misteriosamente a palavra nos diz que morava em Damasco. ¹⁰ E por ser pecador e iníquo, com razão a palavra chama aquele poder de “Samaria”. Que Damasco pertenceu e pertence à Arábia, ainda que atualmente esteja circunscrita à chamada Siro-Fenícia, é coisa que nem vós podereis negar.

Amigos, concluindo tudo isso, seria bom que vós aprendêsseis o que não entendeis de nós, cristãos, que recebemos a graça de Deus, e não lutar de todos os modos para sustentar as vossas próprias doutrinas, desprezando as de Deus. ¹¹Por isso, também para nós foi transferida essa graça, como diz Isaías: “Este povo se aproxima de mim. Com seus lábios me honram, mas o seu coração está longe de

mim. Em vão me reverenciam, ensinando preceitos e doutrinas de homens. Por isso, eis que vou continuar transportando este povo, e o transportarei. Tirarei a sabedoria dos seus sábios e anularei a inteligência de seus inteligentes¹”.

79. ¹Trifão, um pouco incomodado, mas conservando respeito pelas Escrituras, como se via claramente por seu semblante, disse-me:

— As palavras de Deus são santas, mas as vossas interpretações são artificiosas, como aparece pelas que acabas de fazer. Além disso, blasfemas, pois dizes que os anjos foram maus e se afastaram de Deus.

²Eu, em tom mais suave, pois desejava dispô-lo a me ouvir, respondi-lhe dizendo:

— Amigo, admiro esse teu respeito e peço a Deus que te dê a mesma disposição para com aquele sobre quem está escrito que os anjos servem, como diz Daniel que ele foi apresentado como Filho de Homem ao Ancião dos dias e lhe foi dado todo o reino pelos séculos dos séculos. Amigo, para que reconheças que não foi a ousadia que nos guiou nessa interpretação que estás censurando, eu te citarei o testemunho do próprio Isaías, o qual diz que os anjos maus habitavam e ainda habitam em Tânis, região do Egito. ³Eis as suas palavras: “Ai dos filhos desertores! Isto diz o Senhor: Formastes um conselho não por mim e fizestes alianças não por meu espírito, para acrescentar pecados a pecados. Sem me haverdes consultado, desceis ao Egito, para ser ajudados pelo faraó e protegidos sob a sombra dos egípcios; mas a proteção do faraó se transformará em vossa vergonha e a confiança nos egípcios em opróbrio. Porque em Tânis há príncipes que são anjos maus. Em vão se cansarão com um povo que não lhes servirá de ajuda, mas de vergonha e opróbrio”^u.

⁴Também Zacarias, como tu mesmo recordaste, diz que o diabo se colocou à direita do sacerdote Jesus como adversário e que o Senhor disse: “Que te acuse o Senhor que escolheu Jerusalém”^v. E em Jó também está escrito, numa passagem também citada por ti, que os anjos vieram colocar-se na presença de Deus e que com eles veio também o diabo^w. Sabemos que os magos do Egito tentaram imitar os prodígios realizados por Deus através de seu fiel servo Moisés. Por fim, não ignorais que Davi disse que os deuses das nações são demônios.

Há hereges tanto judeus quanto cristãos

80. ¹Diante disso, Trifão me respondeu:

— Amigo, já te disse que tu te esforças em tudo para te agarrares às Escrituras. Dize-me, porém: vós realmente confessais que a cidade de Jerusalém será reconstruída e esperais que aí vosso povo irá reunir-se e alegrar-se com Cristo, com os patriarcas, os profetas e os santos de nossa descendência, e até com os prosélitos que viveram antes da vinda de vosso Cristo? Ou chegaste a essa conclusão somente para dar a impressão de que ganhavas de nós a todo custo na discussão?

²Eu lhe retruquei:

— Trifão, não sou tão baixo para dizer alguma coisa diferente do que sinto. Antes já lhe confessei que eu e muitos outros sentimos dessa forma, de modo que sabemos absolutamente que assim acontecerá. Todavia, também te mostrei que há muitos cristãos, de mentalidade pura e piedosa, que não admitem essas idéias. ³Com efeito, os que se chamam cristãos, mas são realmente hereges sem Deus e sem piedade, já te expliquei, ensinam apenas blasfêmias, impiedades e insensatez. Quanto a mim, para que saibais que não digo isso apenas diante de vós, penso compor, conforme a minha possibilidade, um resumo de todos os argumentos que vos apresentei. Nele escreverei que confesso a mesma coisa que digo diante de vós. De fato, eu não me disponho a seguir homens ou ensinamentos

humanos, mas a Deus e aos ensinamentos que dele provêm. ⁴Se vós encontrastes alguns que se dizem cristãos e não confessam isso, mas atrevem-se a blasfemar contra o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó, e dizem que não há ressurreição dos mortos, mas que no momento de morrer suas almas são recebidas no céu, não os considereis como cristãos. Quando se examina atentamente a coisa, ninguém considerará como judeus os saduceus e seitas semelhantes dos genistas, meristas, galileus, helenianos, fariseus e batistas (não fiquéis incomodados ao ouvir o que penso), mas como pessoas que se chamam judeus e filhos de Abraão, porém que honram a Deus somente com os lábios, como ele próprio clama, enquanto o seu coração está muito longe dele. ⁵De minha parte, eu e alguns outros cristãos de mentalidade correta não só admitimos a futura ressurreição da carne, mas também mil anos em Jerusalém reconstruída, embelezada e aumentada, como o prometem Ezequiel, Isaías e os outros profetas.

Milenarismo^x

81 ¹Com efeito, Isaías diz a respeito desse tempo de mil anos: “Haverá céu novo e terra nova e não se recordarão dos passados, nem lhes virão à lembrança, mas encontrarão na terra alegria e regozijo que eu crio. Porque eis que eu trago a Jerusalém regozijo e a meu povo alegria, e me regozijarei em Jerusalém e me alegrarei com o meu povo. Nela não mais se ouvirá voz de pranto, nem voz de grito: Aí não nascerá mais um prematuro que vive dias, nem velho que não preencha seu tempo, porque o jovem será filho de cem anos e o pecador, quando morrer, será filho de cem anos, e será amaldiçoado. ²Construirão casas, e as habitarão; plantarão vinhas e comerão seus produtos; não construirão e outros habitarão; nem plantarão e outros comerão. Porque os dias do meu povo serão conforme os dias da árvore da vida: as obras de seus trabalhos envelhecerão. Os meus escolhidos não trabalharão em vão, nem gerarão filhos para a maldição, porque são descendência justa e abençoada pelo Senhor, e seus netos estão com eles. Acontecerá que, antes de gritarem, eu já os terei ouvido; enquanto ainda estiverem falando, eu direi: ‘O que foi?’ Então o lobo e o cordeiro pastarão juntos; o leão comerá capim como o boi, e a serpente comerá terra como pão. Não danificarão, nem destruirão nada no monte santo, diz o Senhor”^y.

³O que se diz nestas palavras: “Porque os dias do meu povo serão conforme os dias da árvore da vida: as obras de seus trabalhos envelhecerão”? Compreendemos que significa misteriosamente os mil anos. Com efeito, como foi dito a Adão que ele morreria no dia em que comesse da árvore da vida, sabemos que os mil anos não se realizaram. Compreendemos também que vem ao encontro de nosso propósito a expressão: “Um dia do Senhor é como mil anos”. ⁴Além disso, houve entre nós um homem chamado João, um dos apóstolos de Cristo, que, numa revelação que lhe foi feita, profetizou que os que tiverem credi-tado em nosso Cristo passarão mil anos em Jerusalém^z e que, depois disso, viria a ressurreição universal e, dizendo brevemente, a ressurreição eterna e o julgamento de todos juntos. A mesma coisa foi dita por nosso Senhor: “Não se casarão, nem serão dadas em matrimônio, mas serão como os anjos, pois são filhos do Deus da ressurreição”^a.

Digressão sobre os carismas proféticos

82. ¹Entre nós, com efeito, até o presente existem carismas proféticos. De onde, vós mesmos deveis compreender que os de antes que existiam em vosso povo, passaram para nós. Contudo, da mesma forma que entre os santos profetas que houve entre vós se misturaram também falsos profetas, hoje também entre nós existem muitos falsos mestres. Nosso Senhor já nos avisara de antemão que nos precavêssemos deles, de modo que nada nos pegasse de surpresa, pois sabemos que ele previu o que

havia de nos acontecer depois de sua ressurreição dos mortos e subida ao céu.

²Com efeito, ele disse que seríamos assassinados e odiados por causa do seu nome e que muitos falsos profetas e falsos cristos apareceriam em seu nome e fariam muitos se extraviarem, o que realmente acontece. ³Porque muitos, com marca falsa de verdade, ensinaram em seu nome coisas ímpias, blasfemas e iníquas; ensinaram e continuam ensinando o que o espírito impuro do diabo lhes inspirou em suas mentes. De minha parte, tanto em relação a eles como a vós, ponho todo o meu empenho em tirá-los do erro, sabendo que todo aquele que, podendo dizer a verdade, não a diz, será julgado por Deus como o próprio Deus o testemunhou por meio de Ezequiel, dizendo: “Eu te coloquei como vigia da casa de Judá. Se o pecador pecar e tu não o repreenderes, ele certamente perecerá em seu pecado. Mas eu reclamarei de ti o sangue dele. Se o repreenderes, porém, ficarás sem culpa”^b. ⁴Portanto, por temor de Deus, também nós nos esforçamos em conversar conforme as Escrituras, não por amor ao dinheiro, à honra ou ao prazer, coisas que ninguém pode nos atirar no rosto. Também não queremos viver como os príncipes do vosso povo, que Deus acusa com estas palavras: “Vossos príncipes são companheiros de ladrões, que amam os presentes e procuram a recompensa”^c. Todavia, se também entre nós encontrais alguns desse tipo, ao menos não blasfemeis contra Cristo por causa deles, nem vos esforceis para interpretar falsamente as Escrituras.

Interpretação cristológica do salmo 110

83. ¹Vossos mestres tiveram a ousadia de afirmar que se aplica a Ezequias esta frase: “O Senhor disse a meu Senhor: Senta-te à minha direita, até que eu ponha teus inimigos como escabelo para teus pés.” Tratar-se-ia da ordem que lhe foi dada para sentar-se à direita do templo, quando o rei dos assírios lhe enviou uma embaixada ameaçadora e através de Isaías lhe foi dito que não tivesse medo. Quanto a nós, sabemos e reconhecemos que se cumpriu o que foi dito por Isaías. De fato, o rei dos assírios se retirou sem ter conquistado Jerusalém nos dias de Ezequias e o anjo do Senhor exterminou uns cento e oitenta e cinco mil do acampamento dos assírios. ²Contudo, é evidente que o salmo não fala dele. Seu teor é o seguinte: “O Senhor disse a meu Senhor: Senta-te à minha direita, até que eu ponha teus inimigos como escabelo para teus pés. Enviará um cetro de poder sobre Jerusalém e dominará em meio dos teus inimigos. No esplendor dos santos, antes do astro da manhã, eu te gerei. Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedec”^d.

³Pois bem. Quem não confessa que Ezequias não é sacerdote para sempre segundo a ordem de Melquisedec? Quem não sabe que não foi ele que libertou Jerusalém? Quem não está a par de que não foi Ezequias que enviou um cetro de poder sobre Jerusalém, nem dominou em meio a seus inimigos, e sim que foi Deus quem afastou os inimigos de Ezequias, que chorava e se lamentava? ⁴Nosso Jesus, porém, sem ainda ter vindo glorioso, enviou a Jerusalém um cetro de justiça, isto é, a palavra do chamado e da conversão dirigida a todas as nações sobre as quais dominavam os demônios, como o diz Davi: “Os deuses das nações são demônios”^e. E sua poderosa palavra persuadiu muitos a abandonarem os demônios a quem serviam e a crer, por meio dele, no Deus onipotente, porque os deuses das nações são demônios. Por fim, a frase: “No esplendor dos santos, antes do astro da manhã, eu te gerei”, já dissemos antes que se refere a Cristo.

Interpretação cristológica de Is 7,14

84. ¹Quanto à frase: “Eis que uma virgem conceberá e dará à luz um filho”, foi dita em relação a Cristo. De fato, se este, de quem Isaías falava, não haveria de nascer de uma virgem, então por que o Espírito Santo clamava: “Eis que o próprio Senhor vos dará um sinal: eis que uma virgem conceberá

e dará à luz um filho”? Se também este teria que nascer de união carnal como qualquer outro primogênito, então por que Deus falava em realizar um sinal que não fosse comum a todos os primogênitos? No entanto, trata-se verdadeiramente de um sinal maravilhoso e digno de ser crido pelo gênero humano: de um ventre virginal nasceria como verdadeiro menino, feito carne, aquele que é primogênito de todas as criaturas. E esse é aquele que antecipadamente, por meio do Espírito profético, Deus anunciou de uma e outra forma, como já vos mostrei, para que, quando acontecesse, reconhecêssemos ter acontecido por poder e desígnio do Criador de todas as coisas. Do mesmo modo, Eva foi formada de uma costela de Adão e assim também pela palavra de Deus, no princípio foram criados todos os seres vivos.

³Vós, porém, inclusive nesta passagem, tendes a ousadia de mudar a interpretação dada pelos vossos anciãos que trabalharam junto a Ptolomeu, rei do Egito. E dizeis que não consta no texto original o que eles interpretaram, mas: “Eis que uma mulher jovem conceberá”, como se fosse sinal de grande obra que uma mulher conceba através de relação carnal, coisa que fazem todas as mulheres jovens, exceto as estéreis. E mesmo estas, se Deus quiser, pode fazê-las conceber. ⁴De fato, a mãe de Samuel, que não concebia, concebeu por vontade de Deus; do mesmo modo, a mulher do santo patriarca Abraão, assim como Isabel, aquela que deu à luz João Batista, e outras. De modo que não tendes motivo para supor que Deus não possa fazer o que ele quiser. Sobretudo, tendo sido profetizado que haveria de acontecer, não vos atreveis a mudar ou interpretar falsamente as Escrituras, pois com isso prejudicareis somente a vós mesmos e não a Deus.

Cristo: Senhor das Potências

85. ¹Assim também acontece com a profecia que diz: “Levantai, ó príncipes, vossas portas; abri-vos, portas eternas, para que entre o rei da glória”. Alguns de vós se atrevem a interpretá-la referindo-se a Ezequias, outros a Salomão. Contudo, de maneira alguma se pode demonstrar que tal profecia se refira a este ou àquele ou a qualquer outro dos chamados vossos reis, mas unicamente a esse nosso Cristo, que apareceu sem glória e desonrado, como disseram Isaías, Davi e todas as Escrituras. Ele, porém, por vontade do Pai, é Senhor das potências que lhes entregou; ele ressuscitou dentre os mortos e subiu ao céu, como o declaravam esse mesmo salmo e as demais Escrituras. Estas juntamente o anunciavam como Senhor das potências, como agora podeis convencer-vos, se quereis, por aquilo que está acontecendo diante da vossa vista. ²Com efeito, todo demônio se submete e é vencido, e é esconjurado no nome desse mesmo Filho de Deus e primogênito de toda a criação, que nasceu da virgem e se fez homem passível, foi crucificado por vosso povo sob Pôncio Pilatos, morreu, ressuscitou dentre os mortos e subiu ao céu. Contudo, se vós os esconjurais em nome de qualquer de vossos reis, justos, profetas ou patriarcas, nenhum desses demônios se submeterá a vós. ³Talvez se submetam, se os esconjurais em nome do Deus de Abraão, do Deus de Isaac e do Deus de Jacó.

Acrescentei ainda:

— Contudo, os vossos exorcistas se valem dos mesmos artificios que os pagãos e usam incensos e amuletos. ⁴Que são anjos e potências aqueles para os quais as palavras desta profecia de Davi manda levantar as portas para que entre o Senhor das potências, ressuscitado dentre os mortos por vontade do Pai, Jesus Cristo, a palavra do próprio Davi o demonstrou. Recordai-vos-ei essa palavra novamente, em atenção àqueles que não assistiram à nossa conversa de ontem; em atenção a eles, repito resumidamente as coisas que eu disse ontem. ⁵Se agora vos repito aquilo que já antes tinha dito muitas vezes, não me parece coisa fora de propósito. Sempre estamos vendo o sol, a lua e os outros astros percorrer o mesmo caminho, trazendo-nos mudanças de estações; não é porque se perguntou

muitas vezes a um contador quanto são dois mais dois e por sempre ter respondido quatro, que ele deixará de dizer que são quatro. Quanto mais se afirma com certeza, sempre se diz e se afirma do mesmo modo. Assim sendo, seria ridículo que alguém, tendo as Escrituras dos profetas como objeto de sua conversa, as abandonasse e não repetisse sempre as mesmas, mas pensasse em cogitar coisas melhores por conta própria. ⁶Portanto, a palavra de Davi citada, na qual Deus manifestava ter anjos e potências no céu, é esta: “Louvai o Senhor nos céus; louvai-o nas alturas. Louvai-o todos os seus anjos, louvai-o todas as suas potências”^f.

Um dos que se haviam juntado a eles no segundo dia, chamado Manaséas, disse:

— Nós também nos alegramos que repitas o que já foi dito, em atenção a nós.

⁷Eu disse:

— Amigos, escutai a qual Escritura me remeto ao fazer isso. Jesus nos mandou amar inclusive os inimigos; a mesma coisa foi anunciada por Isaías em extensa passagem, na qual ele também alude ao mistério da nossa regeneração e, em geral, de todos aqueles que esperam que Cristo aparecerá em Jerusalém e se esforcem em agradar-lhe com suas obras. ⁸As palavras de Isaías são estas: “Ouvi a palavra do Senhor, vós que temeis a sua palavra. Dizei ‘irmãos nossos’ aos que vos odeiam e que abominam que o nome do Senhor seja glorificado. Para vossa alegria, ele apareceu e eles ficaram envergonhados. Da cidade vem uma voz de alarido, voz do povo, voz do Senhor, que dá aos soberbos o que eles merecem. Antes que a parturiente desse à luz e antes que lhe chegassem as dores do parto, deu à luz um varão. Quem ouviu tal coisa ou quem viu algo semelhante? A terra ficou em parto um só dia e deu à luz de um só vez a um povo, pois Sião sentiu as dores de parto e deu à luz seus filhos. Eu dei essa expectativa também àquela que concebe, diz o Senhor. Tanto a fecunda, como a estéril, fui eu que as fiz, diz o Senhor. Alegra-te, Jerusalém, e congregai-vos todos vós que a amais. Regozijai-vos todos vós que chorais sobre ela, para que vos amamenteis e sejais saciados pelo seio de sua consolação, para que, amamentados, sejais acariciados pela entrada gloriosa dele”^g.

Conexão entre o lenho e a água ou entre a cruz e o batismo

86. ¹Dito isso, acrescentei:

— Escutai como este que, depois de ser crucificado, as Escrituras demonstram que há de vir glorioso, foi simbolizado pela árvore da vida,^h que se diz ter sido plantada no paraíso, e pelo que aconteceu a todos os justos. Moisés foi enviado com uma vara para a redenção do povo e, segurando-a na mão em direção ao povo, cortou o mar ao meio; através dela, viu brotar água da rocha e, jogando madeira na água de Marra, que era amarga, tornou-a doce. ²Jogando umas varas nos canais das águas, Jacó conseguiu que as ovelhas de seu tio materno ficassem prenhes, a fim de apossar-se das crias. Ele mesmo se gloria de ter atravessado o rio por meio da vara. Ele disse ter visto uma escada, e a Escritura nos manifestou que sobre ela estava Deus. E já demonstramos pelas Escrituras que esse Deus não era o Pai. Tendo Jacó derramado óleo no mesmo lugar, o próprio Deus que lhe aparecera dá testemunho de ter sido para ele que ungiu ali a pedra. ³Também já demonstramos, com várias passagens das Escrituras, que Cristo é chamado simbolicamente “pedra” e que também a ele se refere toda unção, seja de azeite, seja de mirra ou qualquer outro composto de bálsamo, pois assim diz a palavra: “Por isso o teu Deus te ungiu, o teu Deus, com óleo de alegria, de preferência aos teus companheiros”. É assim que dele participaram os reis e ungidos, todos os que são chamados reis e ungidos, da mesma maneira como ele próprio recebeu de seu Pai o fato de ser Rei, Cristo, Sacerdote, Mensageiro e todos os outros títulos que ele tem ou teve. ⁴A vara de Aarão, que brotou, o indicou para sumo sacerdote. Isaías profetizou que ele nasceria como rebento da raiz

de Jessé. E Davi diz que o justo é como “uma árvore plantada junto às correntes das águas, que dá fruto em seu tempo e cuja folha não caiⁱ”. Outro texto diz: “O justo floresce como palmeiraⁱ”. ⁵Deus apareceu a Abraão junto a uma árvore, como está escrito: “Junto ao carvalho de Mambré^k”. O povo encontrou setenta salgueiros e doze fontes, logo que atravessou o Jordão. Davi diz que Deus o consola com sua vara e seu bastão. ⁶Eliseu, tendo atirado um pedaço de madeira no rio Jordão, tirou fora o machado de ferro, com que os filhos dos profetas tinham saído para cortar madeira, a fim de construir a casa em que desejavam recitar e meditar a lei e os mandamentos de Deus. Da mesma forma, nós estávamos banhados pelos gravíssimos pecados que tínhamos cometido, mas nosso Cristo nos redimiou quando foi crucificado sobre o madeiro e quando nos purificou pela água, e nos converteu em casa de oração e adoração. Também foi uma vara que mostrou que Judá era o pai dos filhos que por um grande mistério tinham nascido de Tamar^l.

Cristo e a potência do Espírito

87. ¹Tendo eu falado essas coisas, Trifão disse:

— Não quero que penses que te faço minhas perguntas com a única intenção de atrapalhar o que dizes. Quero antes aprender a respeito dos pontos sobre os quais te pergunto. ²Dize-me, agora: de um lado, Isaías diz: “Sairá um rebento da raiz de Jessé e uma flor subirá da raiz de Jessé e sobre ele descansará o Espírito de Deus, Espírito de sabedoria e inteligência, Espírito de conselho e fortaleza, Espírito de ciência e piedade, e o Espírito a encherá do temor de Deus”^m, por outro lado, tu me confessaste que essa passagem se aplica a Cristo e afirmas que ele é Deus preexistente e que, por desígnio do Pai, nasceu encarnado da virgem. Como se pode demonstrar que preexiste aquele que é enchido de todas as potências do Espírito Santo, que aí a palavra enumera por meio de Isaías, como alguém que não as tivesse?

³Eu lhe respondi:

— Perguntaste com agudez e inteligência, pois realmente parece haver aqui uma dificuldade. Escuta, porém, o que vou dizer, para que entendas também porque ela existe. A palavra não diz que as potências do Espírito aqui enumeradas viriam sobre ele como se estivesse faltando delas, mas porque elas iriam descansar sobre ele, isto é, que nele teria fim o fato de que em vosso povo continuasse a haver profetas, como antigamente. Isso podeis confrontar com vossos próprios olhos. Com efeito, depois de Cristo não surgiu entre vós absolutamente nenhum profeta. ⁴Considerai que os próprios profetas que existiram entre vós, cada um deles recebeu uma ou outra potência de Deus para falar e realizar aquelas coisas que nós agora conhecemos por meio das Escrituras. Prestai atenção no que vos digo. Salomão teve espírito de sabedoria, Daniel de inteligência e conselho, Moisés de fortaleza e piedade, Elias de temor e Isaías de ciência. O mesmo se pode dizer dos outros, que tiveram cada um uma só, ou uma alternando com a outra, como Jeremias, os Doze, Davi e, em geral, todos os profetas que existiram entre vós. ⁵Descansou, portanto, quer dizer cessou, tendo vindo aquele depois do qual, cumpridos os tempos dessa sua dispensação entre os homens, haveriam de cessar em vós e, descansando nele, como foi profetizado, converter-se novamente em dons da mesma graça do poder daquele Espírito, que Cristo reparte entre os que nele crêem, a cada um conforme ele julga ser digno. ⁶Já vos disse como foi profetizado que ele deveria fazer isso depois de sua ascensão aos céus, e agora vos repito. A Escritura diz: “Subiu às alturas, levou cativo o cativo, deu dons aos filhos dos homens”ⁿ. E se diz de novo em outra profecia: “E, depois disso, acontecerá que derramarei meu Espírito sobre toda carne, sobre meus servos e minhas servas, e profetizarão”^o.

88. ¹Assim, entre nós, podem-se ver homens e mulheres que possuem carismas do Espírito de Deus. Desse modo, foi profetizado que as potências do Espírito, enumeradas por Isaías, deveriam vir sobre Cristo, não porque ele estivesse falto de seu poder, mas porque daí por diante não deveriam mais existir. Seja também de testemunho para vós o que contei sobre aquilo que fizeram os magos da Arábia, os quais, apenas nascera o menino, foram adorá-lo. ²É que desde o seu nascimento ele teve seu próprio poder. Depois foi crescendo conforme o desenvolvimento comum de todos os outros homens, usou os meios adequados de vida, deu a cada crescimento o que lhe correspondia, comeu de todo tipo de alimentos e permaneceu oculto mais ou menos trinta anos, até que apareceu João, precedendo-o como arauto de sua vinda e adiantando-se a ele no caminho do batismo, como já demonstrei antes. ³Foi então que, vindo Jesus ao rio Jordão, onde João estava batizando, desceu à água e acendeu-se um fogo no Jordão; quando subiu da água, os que foram apóstolos desse nosso Cristo escreveram que voou sobre ele o Espírito Santo em forma de pomba. ⁴Sabemos que Cristo foi ao Jordão não porque tivesse necessidade do batismo, nem de que viesse sobre ele o Espírito Santo em forma de pomba, como também não se dignou nascer e ser sacrificado porque necessitasse disso, mas por amor ao gênero humano, que desde Adão havia incorrido na morte e no erro da serpente, cada um cometendo o mal por sua própria culpa^p. ⁵Com efeito, tendo Deus criado homens e anjos dotados de livre-arbítrio e autonomia, quis que cada um fizesse aquilo para o qual foi por ele capacitado e, caso escolhessem o que lhe é agradável, iria mantê-los isentos de morte e castigo. Caso, porém, cometessem o mal, castigaria cada um como lhe aprouvesse.

⁶Nem o fato de entrar em Jerusalém, montado num jumento, conforme demonstramos que estava profetizado, lhe deu o poder de ser Cristo, mas deu ele um sinal aos homens de que era Cristo, do mesmo modo que nos dias de João teve que ser dado um sinal pelo qual os homens reconhecessem que ele era Cristo. ⁷Com efeito, quando João estava junto ao Jordão, pregando o batismo de penitência, cingido por um cinturão de pele e vestido de pêlos de camelo, comendo apenas gafanhotos e mel silvestre, as pessoas pensavam que ele era Cristo. Ele, porém, lhes gritava: “Eu não sou o Cristo, mas uma voz daquele que grita. De fato, virá outro mais forte do que eu, cujas sandálias não sou digno de carregar”^q. ⁸Quando Jesus chegou ao Jordão, ele era considerado como filho do carpinteiro José, e apareceu sem beleza, como as Escrituras haviam anunciado, e ele próprio foi considerado como carpinteiro. Foi assim que fabricou obras dessa profissão — arados e jugos — enquanto estava entre os homens, ensinando por meio deles o símbolo da justiça e o que é uma vida de trabalho. Foi então que, por causa dos homens, como já disse antes, o Espírito Santo voou sobre ele em forma de pomba e, ao mesmo tempo, veio do céu uma voz, a mesma que foi dita por meio de Davi, quando o próprio Pai disse pessoalmente o que este diria a Cristo: “Tu és o meu filho, eu hoje te gerei”^r. O Pai chama nascimento de seu filho o momento em que o conhecimento dele chegaria aos homens.

A cruz: obstáculo à fé messiânica

89. ¹Trifão replicou:

— Sabes muito bem que o nosso povo todo espera pelo Cristo. Também te concedemos que todas as passagens das Escrituras, que citaste, se referem a ele. Eu pessoalmente te declaro também que o nome de Jesus dado ao filho de Nave levou-me a ceder também nesse ponto. ²O que duvidamos é que o Cristo tivesse de morrer tão vergonhosa-mente, pois na lei se diz que é maldito aquele que morre crucificado. De modo que, por enquanto, é muito difícil para mim convencer-me disso. Que as

Escrituras tenham anun-ciado um Cristo passível é evidente. O que desejo saber, se tiveres um argumento a demonstrar, é o fato de que ele teria que sofrer um suplício que está maldito na lei.^s

³Eu respondi:

— Se Cristo não tivesse que sofrer; se os profetas não tivessem predito que, por causa das iniquidades do seu povo, teria de ser levado à morte, ser desonrado, açoitado, contado entre os malfeitores e levado como ovelha ao matadouro — ele, cuja origem o profeta disse que ninguém seria capaz de explicar —, haveria motivo para maravilhar-se. Contudo, se é isso que o distingue e o mostra para todo mundo, como nós também não creríamos nele com toda segurança? Todos os que ouvem as palavras dos profetas, logo que ouvem que ele foi crucificado, dirão que este é o Cristo e não outro.

A interpretação que supera o obstáculo

90. ¹Trifão disse:

— Instrui-nos sobre isso através das Escrituras, para que também nós nos convençamos. Com efeito, sabemos que ele haveria de sofrer e ser conduzido como ovelha ao matadouro. O que nos tens que demonstrar é que ele também deveria ser crucificado e morrer de morte tão desonrosa e amaldiçoada pela própria lei. Nós, de fato, não podemos sequer imaginar isso.

²Eu respondi:

— Tu sabes, como vós mesmos concordastes, que tudo o que os profetas disseram e fizeram foi envolvido em comparações e símbolos, de modo que a maior parte das coisas não podem ser facilmente entendidas por todos, pois eles ocultaram a verdade que existe nesses símbolos, a fim de que aqueles que a buscam a encontrem e aprendam com esforço.

Eles confirmaram:

— De fato, concordamos com isso.

³Eu continuei:

— Agora escuta o seguinte: o fato é que Moisés com os sinais que fez, foi o primeiro que manifestou essa suposta maldição da cruz.

Ele perguntou:

— A que sinais tu te referes?

⁴Eu expliquei:

— Quando o povo fazia guerra contra Amalec e o filho de Nave, a quem foi dado o nome de Jesus, comandava a batalha, Moisés orava a Deus com as mãos estendidas. Hor e Aarão as sustentaram o dia todo, para que elas não se abaixassem por causa do cansaço. Como está escrito nos próprios livros de Moisés, o povo era vencido se essa figura que imitava a cruz cedia um pouco; entretanto, enquanto permanecia nessa forma, Amalec era derrotado. E se o povo tinha forças, era por causa da cruz que as tinha. ⁵De fato, o povo levava vantagem não porque Moisés orava dessa forma, mas porque ele formava o sinal da cruz, pois era o nome de Jesus que comandava a batalha. Com efeito, quem de vós não sabe que a melhor forma de aplacar a Deus é a que se faz com gemidos e lágrimas, com o corpo prostrado e joelhos dobrados? Contudo esse modo de orar sentado numa pedra, nem Moisés nem ninguém o fizera antes nem o fez depois. Por outro lado, a própria pedra, como já demonstrei, é um símbolo de Cristo.

A cruz: instrumento de conversão e salvação

91. ¹Para dar a entender por outro sinal o poder do mistério da cruz, Deus formulou através de

Moisés a bênção com que abençoou José: “Da bênção do Senhor a terra dele, das estações do céu, dos orvalhos e das fontes do abismo subterrâneo, dos frutos conforme os giros do sol e das conjunções dos meses, do cume dos montes antigos, do cimo das colinas, dos rios perenes e da plenitude dos frutos da terra. O beneplácito daquele que apareceu na sarça sobre a cabeça de José e sobre a sua fronte. Primogênito entre seus irmãos, ele é glorificado. Sua beleza é a do touro, seus chifres são os chifres do unicórnio; com eles chifrará o conjunto das nações até as extremidades da terra^l”. ²Pois bem. Não se pode dizer que os chifres do unicórnio formem figura diferente da cruz. Com efeito, uma haste da cruz se ergue verticalmente e dela surge a parte superior, quando se ajustou a haste transversal. Seus extremos aparecem de um lado e de outro, como chifres unidos em um único chifre. Além disso, a estaca, que se ergue no meio e sobre a qual se apóia o corpo do crucificado, também é como um chifre saliente. Este também aparenta-se com um chifre, configurado e cravado com outros chifres^u. ³Quando se diz: “Com eles chifrará todas as nações em conjunto até as extremidades da terra”, manifestava-se o que agora se realizou em todas as nações. De fato, chifradas, isto é, compungidas por esse mistério da cruz, pessoas de todas as nações se converteram ao culto a Deus, abandonando seus ídolos vãos e demônios. Por outro lado, o mesmo sinal se manifesta como maldição e condenação aos incrédulos, do mesmo modo como, tendo o povo saído do Egito, Amalec era derrotado e Israel vencia por causa da figura formada pelos braços estendidos de Moisés e pelo nome de Jesus dado ao filho de Nave.

⁴Também aquela outra figura e sinal contra as serpentes que picaram Israel evidentemente foi instituído para salvação dos que crêem que, desde aquela época, foi anunciada a morte da serpente através daquele que deveria ser crucificado, e a salvação daqueles que, picados por ela, se refugiam naquele que enviou seu Filho ao mundo para ser crucificado. O Espírito profético, de fato, não pretendia ensinar-nos, através de Moisés, a depositar nossa fé numa serpente. Tanto que nos manifesta como ela foi amaldiçoada por Deus desde o princípio e, em Isaías, nos dá a entender que será morta como inimiga pela grande espada, que é Cristo^v.

A circuncisão na carne de nada serve

92. ¹Se alguém não recebeu de Deus grande graça para entender os ditos e ações dos profetas, de nada lhe servirá repetir superficialmente suas expressões ou ações, se não sabe explicá-las^w. Ao contrário, não parecerão desprezíveis ao povo, se são repetidos por gente que não as entende? ²Suponhamos que vos fosse proposta a seguinte questão: Por que, Henoc, Noé com seus filhos e outros semelhantes a eles, tendo sido gratos a Deus sem terem nascido na circuncisão e guardado os sábados teria Deus que exigir, depois de tantas gerações, que os homens se justifiquem através de outros dirigentes e de outra legislação, desde Abraão até Moisés por meio da circuncisão, e desde Moisés fora da circuncisão, por outras ordens, como os sábados, os sacrifícios, as cinzas e ofertas? A única resposta que tendes será demonstrar, como eu fiz antes, que Deus, por ser presciente, soube que o vosso povo um dia mereceria ser expulso de Jerusalém e que a ninguém seria permitido nela entrar. ³E nem mesmo a Abraão Deus lhe deu testemunho de ser justo por causa da circuncisão, mas por causa da fé, porque, antes de ser circuncidado, assim foi dito sobre ele: “Abraão creu em Deus e lhe foi reputado como justiça”^x. ⁴Também nós, portanto, que cremos em Deus, por meio de Cristo, no prepúcio da nossa carne, e possuímos uma circuncisão que é vantagem para aqueles que a possuem, isto é, a circuncisão do coração, esperamos aparecer justos e gratos a Deus, pois já recebemos o seu testemunho por meio de seus profetas. Contudo, os mandamentos que recebestes de guardar o sábado e oferecer sacrifícios, e que o Senhor se dignaria dar o seu nome a um lugar particular, tudo isso era

para evitar que, caindo na idolatria e esquecendo-vos de Deus, vos tornásseis sacrílegos e ímpios, como se pode ver que sempre o fostes. ⁵Que essa seja a causa pela qual Deus vos deu os mandamentos sobre os sábados e sacrifícios, já foi antes demonstrado por mim. Todavia, por causa dos que vieram hoje, quero repetir quase todas as razões. Com efeito, se assim não fosse, poderíamos acusar a Deus de não ter previsão e de não ensinar a todos a conhecer e praticar as mesmas normas de justiça, e a fé que muitas gerações de homens tiveram antes de Moisés. Então, não existiria a palavra que diz: “Deus é verdadeiro e justo, e todos os seus caminhos são retidão, e nele não há injustiça”^y. ⁶Mas como essa palavra é verdadeira, Deus também quer que vós não sejais sempre insensatos e amantes de vós mesmos, mas que vos salveis unidos a Cristo, aquele que agradou a Deus e foi atestado, como eu disse antes, tomando as minhas provas das santas palavras proféticas.

Em que consiste a justiça

93. ¹Com efeito, Deus proporciona ao gênero humano o que sempre e absolutamente é justo. Proporciona-lhe toda a justiça, e assim todos reconhecem que são maus o adultério, a fornicção, o assassinio e coisas semelhantes, ainda que todos cometam esses crimes. Todavia, quando os cometem, ao menos não podem deixar de reconhecer que estão cometendo uma iniquidade, caso excetuemos aquelas pessoas que, cheias de espírito impuro e cor-rompidas pela educação, costumes e leis perversas, perderam as noções naturais ou antes as apagaram e reprimiram. ²A prova está em que mesmo essas pessoas não querem sofrer a mesma coisa que elas fazem às outras e, em toda a sua má consciência, reprovam em si umas às outras aquilo que cada uma faz. Daí, parece-me que disse bem nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, quando afirmou que toda justiça e piedade se resume em dois mandamentos, que são: “Amarás ao Senhor teu Deus com todo o teu coração e com toda a tua força, e ao teu próximo como a ti mesmo”^z. Com efeito, quem ama a Deus com todo o seu coração e com toda a sua força, estando cheio de sentimento religioso, não honrará a nenhum outro deus, embora pela vontade de Deus honre aquele Anjo que é amado pelo próprio Senhor e Deus. Aquele que ama ao seu próximo como a si mesmo, desejará para ele os mesmos bens que deseja para si próprio, porque ninguém desejará males para si mesmo. ³Portanto, aquele que ama ao seu próximo pedirá em sua oração e fará por seu próximo o mesmo que faz para si; e o próximo do homem não é mais do que o animal racional, submetido às mesmas paixões, que é o homem. Visto, portanto, que a justiça se divide em duas partes, em relação a Deus e em relação aos homens, todo aquele que, segundo a palavra, ama ao Senhor Deus de todo coração e com toda a sua força e ao seu próximo como a si mesmo, pode verdadeiramente considerar-se justo.

⁴Vós, porém, jamais demonstrastes ter amizade ou amor nem para com Deus, nem para com os profetas, nem uns para com os outros, mas em todo tempo, como está provado, fostes idólatras e assassinos dos justos, até ao ponto de pôr vossas mãos sobre o próprio Cristo. E ainda agora vos obstinais na vossa maldade, amaldiçoando aqueles que demonstram que esse mesmo que foi crucificado por vós é o Cristo. Não contentes com isso, pretendeis demonstrar que foi crucificado como inimigo de Deus e amaldiçoado por ele, quando a crucifixão foi obra de vossa insensatez.

⁵Com efeito, através dos sinais feitos por Moisés, tendes motivos para compreender que Jesus é o Cristo, mas vós não quereis entender; ao contrário, pensando que nós também somos insensatos, nos propondes questões que vos vêm à cabeça, quando sois vós que ficais sem palavras ao encontrar um cristão instruído.

Contraste entre a norma sobre as imagens e o procedimento de Moisés

94. ¹Se não é assim, então dissei-me: não foi Deus, por meio de Moisés, quem mandou não fazer absolutamente nenhuma imagem ou representação de coisas lá do alto do céu, nem cá de baixo da terra? No entanto, no deserto, ele mesmo fez Moisés fabricar a serpente de bronze e a colocou como sinal, pelo qual se curavam os que eram picados pelas serpentes. Nem por isso vamos dizer que Deus seja culpável de injustiça. ²E, como eu já disse, com isso Deus anunciava um mistério, pelo qual destruiria o poder da serpente, que foi autora da transgressão de Adão; e, ao mesmo tempo, anunciava salvação para aqueles que crêem naquele que era simbolizado por esse sinal, isto é, naquele que deveria ser crucificado e os haveria de livrar das picadas da serpente, que são as más ações, as idolatrias e demais iniquidades. ³Com efeito, se não é assim que deva ser entendido, dai-me um motivo por que Moisés ergueu como sinal a serpente de bronze e mandou que os picados olhassem para ela e eles se curavam. Fez isso depois que ele próprio tinha ordenado que ninguém absolutamente fabricasse imagem.

⁴Então, outro dos que tinham vindo no segundo dia disse:

— Disseste a verdade. Não temos argumento para responder. Com efeito, eu mesmo perguntei muitas vezes aos nossos mestres sobre isso e ninguém me deu uma explicação. Continua, pois, o que estás dizendo, porque nós te esperamos como alguém que nos revela um mistério, pois até os ensinamentos dos profetas são objeto de calúnias.

⁵Eu continuei:

— Assim como Deus mandou fazer um sinal por meio da serpente de bronze e não tem culpa disso, também na lei há uma maldição contra os que morrem crucificados, mas essa maldição não recai sobre o Cristo de Deus, pelo qual Deus salva todos os que fizeram obras dignas de maldição.

O crucificado não é maldito

95. ¹ Com efeito, todo gênero humano perceberá que está sob maldição. Segundo a lei de Moisés, chama-se maldito todo aquele que não persevera no cumprimento do que está escrito na lei. E que ninguém a tenha cumprido exatamente, nem vós mesmos vos atreveis a contradizer. Uns guardaram mais os seus mandamentos e outros menos. Se os que estão submissos a essa lei carregam maldição por não tê-la observado inteiramente, quanto mais não a carregam todas as nações entregues à idolatria, à corrupção dos jovens e a outros males que praticam? ²Portanto, se foi da vontade do Pai do universo que seu Cristo carregasse por amor o gênero humano com a maldição de todos, sabendo que o ressuscitaria depois de crucificado e morto, por que falais como de um maldito daquele que se dignou sofrer tudo isso pelo desígnio do Pai? Valeria mais que chorásseis a vós mesmos. De fato, é certo que foi o seu próprio Pai quem o fez sofrer tudo o que ele sofreu por causa do gênero humano, mas vós não agistes para cumprir um desígnio de Deus, assim como ao matar os profetas não realizastes uma obra de piedade. ³E que ninguém de vós diga: “Se o Pai quis que o Cristo sofresse para que, por meio de suas chagas, viesse a cura para o gênero humano, nós não cometemos nenhum pecado.” Porque se dissésseis isso, arrependendo-vos dos vossos pecados, reconhecendo que Jesus é o Cristo e observando os seus mandamentos, vossos pecados vos seriam perdoados, como eu já disse antes; ⁴ todavia, se maldizeis não somente a ele, mas também aos que nele

crêem, e tirais a vida destes porque tendes poder para isso, como ele não requererá de vós ter posto sobre ele vossas mãos, como homens criminosos e pecadores, levando ao extremo vossa dureza de coração e insensatez?

Comportamento dos judeus e dos cristãos diante do crucificado

96. ¹Com efeito, o que está dito na lei: “É maldito todo aquele que for suspenso no madeiro”^a, fortifica ainda mais a nossa esperança que pende de Cristo crucificado, pois Deus não amaldiçoa esse crucificado, mas predisse o que vós e outros semelhantes a vós faríeis, ignorando que Jesus existe antes de tudo e é o eterno sacerdote de Deus, Rei e Ungido. ²E vedes que claramente assim acontece. Porque vós amaldiçoaís em vossas sinagogas todos aqueles que dele recebem o fato de ser cristãos, e as demais nações, tornando efetiva a vossa maldição, tirais a vida pelo simples fato de alguém se confessar cristão.

Nós, porém, dizemos a vós todos: sois nossos irmãos. Reconheceí forçosamente a verdade de Deus. Nem os gentios, nem vós fazeis de nós, mas vos empenhais em que neguemos o nome de Cristo, e nós preferimos antes morrer e, de fato, nos submetemos à morte, porque estamos seguros que Deus dará a nós todos os bens que ele nos prometeu por meio de Cristo. ³Além disso tudo, nós oramos por vós, a fim de que alcanceis misericórdia de Cristo, pois ele nos ensinou a pedir até pelos nossos inimigos, dizendo: “Amai vossos inimigos, sede benignos e misericordiosos, como o vosso Pai celeste”^b. De fato, podemos ver quão benigno e misericordioso é o Deus onipotente, pois ele faz sair o seu sol sobre ingratos e justos, e chover sobre santos e ímpios. E também ensinou a todos nós que ele haveria de julgar.

Alusão do AT à paixão de Cristo

97. ¹Também não foi por acaso que o profeta Moisés permaneceu até a tarde mantendo a figura da cruz, quando Hor e Aarão lhe sustentavam os braços, pois também o Senhor permaneceu sobre a cruz até quase o entardecer; e pelo entardecer o sepultaram, para ressuscitar no terceiro dia. Isso foi assim expresso por Davi: “Com a minha voz gritei ao Senhor, e ele me ouviu do seu monte santo. Eu adormeci e o torpor se apoderou de mim. Levantei-me, porque o Senhor me protegeu”^c. ²Da mesma forma, Isaías disse sobre o modo como Cristo deveria morrer: “Estendi as minhas mãos a um povo que não crê e que contradiz, aos que andam por um caminho que não é bom”^d. E o próprio Isaías diz que ele haveria de ressuscitar: “Sua sepultura será tirada do meio” e “darei os ricos em troca da sua morte”^e.

³Em outra passagem, no salmo 22, Davi também alude à paixão e à cruz, numa comparação misteriosa: “Perfuraram minhas mãos e meus pés, e contaram um por um todos os meus ossos. Eles me consideraram e contemplaram. Dividiram entre si as minhas roupas e sobre a minha túnica lançaram sortes.” Com efeito, quando o crucificaram, ao cravar-lhe os cravos, perfuraram-lhe as mãos e os pés. E os mesmos que o crucificaram repartiram entre si as roupas dele, cada um lançando a sorte sobre o que queria escolher.

⁴Também dizeis que este salmo não se aplica a Cristo, pois estais completamente cegos e não percebeis que a ninguém do vosso povo, que tenha tido o título de rei, perfuraram as mãos e os pés enquanto estava vivo, nem morreu por este mistério, isto é, crucificado, mas apenas esse Jesus.

O salmo 22 se aplica perfeitamente à paixão e morte de Jesus

98. ¹Recitar-vos-ei o salmo inteiro, para que escuteis sua piedade para com o Pai e como a ele refere tudo, pedindo-lhe que o salve da morte, ao mesmo tempo que mostra no salmo quais eram os que se haviam levantado contra ele, e demonstra que era verdadeiramente homem, capaz de sofrer. ²O salmo é este: “Ó Deus, ó Deus meu, atende-me. Por que me abandonaste? Longe da minha salvação estão as palavras dos meus pecados. Ó Deus meu, gritarei durante o dia a ti, e tu não me escutarás; gritarei à noite, e não é coisa que eu ignore. Mas tu habitas em teu santuário, ó glória de Israel! Em ti

esperaram os nosso país; esperaram, e tu os livraste. Clamaram a ti e se salvaram; esperaram em ti e não se envergonharam. ³Eu, porém, sou um verme, e não um homem, zombaria dos homens e desprezo do povo. Todos os que me contemplaram zombaram de mim; falaram com seus lábios e moveram a cabeça: ‘Esperou no Senhor, que ele o livre e salve, pois lhe quer bem’. Porque tu és aquele que me tiraste do ventre, a minha esperança desde os peitos de minha mãe: sobre ti fui lançado desde o seio dela. Desde o ventre da minha mãe, tu és o meu Deus. Não te afastes de mim, porque a tribulação está perto, e não há quem me socorra. ⁴Rodearam-me muitos novilhos, touros fortes me cercaram. Abriram contra mim a sua boca, como leão esperto e rugidor. Todos os meus ossos se derramaram e espalharam-se como água. O meu coração se tornou como cera, derretendo-se no meio do meu ventre. Minha força secou-se como um caco de telha e minha língua pegou-se ao meu palato, e tu me afundaste até o pó da morte. Porque me rodearam muitos cães, um bando de ímpios me cercou. Perfuraram minhas mãos e meus pés, e contaram todos os meus ossos. Eles me consideraram e contemplaram. ⁵Dividiram entre si as minhas roupas e sobre a minha túnica lançaram sortes. Tu, porém, Senhor, não afastes de mim a tua ajuda, atende à minha petição. Livra minha alma da espada e a minha unigênita da pata do cão. Salva-me das fauces do leão e dos chifres dos unicórnios, a minha humilhação. Narrarei o teu nome entre os meus irmãos e no meio da congregação entoarei hinos a ti. Louvai o Senhor, vós que o temeis; glorificai-o, toda a descendência de Jacó. Tema-o toda a descendência de Israel”^f.

Comentários aos vv. 2-3

99. ¹Dito isso, acrescentei:

— Demonstrar-vos-ei que todo esse salmo foi dito em relação a Cristo. Para isso, comentarei novamente algumas passagens. As próprias palavras com que ele começa: “Ó Deus, ó meu Deus, por que me abandonaste?”^g predisseram muito tempo atrás o que Cristo deveria dizer. Com efeito, ao ser crucificado, ele disse: “Deus, Deus meu, por que me abandonaste?” ²E as palavras seguintes também se referem à coisas que ele deveria fazer. “Longe da minha salvação as palavras dos meus pecados. Ó Deus meu, gritarei durante o dia a ti, e tu não me escutarás; gritarei à noite, e não é coisa que eu ignore”. Foi assim que na noite em que ia ser crucificado, tomando consigo três dos seus discípulos, dirigiu-se ao monte chamado das Oliveiras, situado próximo ao templo de Jerusalém, e ali orou, dizendo: “Pai, se é possível, afaste-se de mim este cálice”^h. Pouco depois, acrescenta em sua oração: “Não como eu quero, mas como tu queres”. Com isso ele manifestava que era verdadeiramente homem passível. ³E para que ninguém objetasse: “Ele ignorava que teria de padecer?” acrescenta-se imediatamente no salmo: “E não é coisa que eu ignore”. Do mesmo modo como também Deus não ignorava nada, quando perguntou a Adão onde estava e a Caim sobre o paradeiro de Abel, mas desejava interrogar cada um sobre o que era e para que até nós chegasse o conhecimento de tudo, ficando consignado por escrito, assim Jesus deu a entender que não agia por própria ignorância, mas denunciava a ignorância daqueles que acreditavam que ele não era o Cristo e imaginavam que o conduziram à morte e que, como um homem qualquer, permaneceria para sempre na região dos mortos.

Comentários ao v. 4

100. ¹A frase seguinte: “Mas tu habitas no santuário, ó glória de Israel!” significava que ele faria algo digno de glória e admiração, ressuscitando dentre os mortos ao terceiro dia, depois de ter sido crucificado. De fato, ele recebeu essa glória de seu Pai, porque já demonstrei que Cristo recebe os

nomes de Jacó e Israel. Não só se anuncia misteriosamente sobre ele na bênção de José e Judá, que eu já demonstrei, mas também no Evangelho está escrito que ele disse: “Tudo me foi entregue por meu Pai”. E: “Ninguém conhece o Pai senão o Filho, e ninguém conhece o Filho senão o Pai e aquele a quem o Filho o revelar”¹. ²Com efeito, ele nos revelou todas aquelas coisas que, por sua graça, entendemos das Escrituras, reconhecendo que ele é o primogênito de Deus, antes de todas as criaturas e, ao mesmo tempo, filho dos patriarcas, pois se dignou nascer homem, sem formosura, sem honra e passível, feito carne de uma virgem da descendência dos patriarcas. ³Por isso, em seus próprios discursos, falando de sua futura paixão, disse: “É preciso que o Filho do Homem sofra muito, seja reprovado pelos fariseus e escribas, seja crucificado e ressuscite ao terceiro dia”¹. Ele se chamava a si mesmo Filho do Homem, seja por causa do seu nas-cimento de uma virgem que era, como já disse, da descendência de Davi, Jacó, Isaac e Abraão, seja porque o próprio Adão é pai desses que acabo de enumerar, dos quais Maria tem a sua origem. De fato, sabemos que os pais das filhas são também pais dos filhos delas. ⁴A um de seus discípulos, que até então se chamava Simão, Jesus mudou-lhe o nome para Pedro, porque ele o reconheceu, por revelação do Pai, como Cristo Filho de Deus. E nós o temos descrito como Filho de Deus nas Memórias dos Apóstolos e como tal o confessamos. Por um lado, entendemos que, por poder e vontade do Pai, dele procedeu, antes de todas as criaturas, Cristo, que nos discursos dos profetas é chamado Sabedoria, Dia, Oriente, Espada, Pedra, Vara, Jacó e Israel, algumas vezes de um modo, outras de outro². Por outro lado, confessamos que ele nasceu da virgem como homem, a fim de que pelo mesmo caminho que iniciou a desobediência da serpente, por esse também ela fosse destruída. ⁵De fato, quando ainda era virgem e incorrupta, Eva, tendo concebido a palavra que a serpente lhe disse, deu à luz a desobediência e a morte. A virgem Maria¹, po-rém, concebeu fê e alegria, quando o anjo Gabriel lhe deu a boa notícia de que o Espírito do Senhor viria sobre ela e a força do Altíssimo a cobriria com sua sombra, através do que o santo que dela nasceu seria o Filho de Deus. A isso, ela respondeu: “Faça-se em mim segundo a palavra”². ⁶E da virgem nasceu Jesus, ao qual demonstramos que tan-tas Escrituras se referem, pelo qual Deus destrói a serpen-te e os anjos e homens que a ela se assemelham, e livra da morte aqueles que se arrependem de suas más ações e nele crêem.

Comentários aos vv. 5-9

101. ¹O salmo continua: “Em ti esperaram os nossos pais; esperaram, e tu os livraste. Clamaram a ti e se salvaram; esperaram em ti e não se envergonharam. Eu, porém, sou um verme, e não um homem, zombaria dos homens e desprezo do povo”. Assim foi demonstrado que ele reconhecia como pais os que esperaram em Deus e foram por ele salvos, aqueles que foram pais da virgem, da qual ele nasceu feito homem; ao mesmo tempo, dá a entender que ele próprio será salvo por Deus, mas não se gloria de fazer nada por sua própria vontade ou força. ²Foi assim que ele próprio fez quando esteve na terra. De fato, quando alguém lhe disse: “Bom Mestre”, ele respondeu: “Por que me chamas bom? Somente um é bom: o meu Pai que está nos céus”³. Quanto às palavras: “Eu, porém, sou um verme, e não um homem, zombaria dos homens e desprezo do povo”, são uma predição do que realmente está acontecendo; de fato, há zombaria em todo lugar para nós, homens que nele cremos; e chama-se desprezo do povo porque, desprezado e desonrado pelo povo, sofreu tudo o que fizestes com ele. ³A frase seguinte: “Todos os que me contemplavam zombaram de mim; falaram com seus lábios e moveram a cabeça: ‘Esperou no Senhor, que ele o livre e salve, pois lhe quer bem’ ”, é igualmente clara predição do que aconteceu. Com efeito, os que o olhavam crucificado moviam suas cabeças, retorciam os lábios, esfregavam o nariz, dizendo sarcasticamente entre si o que está escrito nas

Memórias dos Apóstolos: “Dizia-se Filho de Deus. Que desça da cruz e ande. Que Deus o salve”^o.

Comentários aos vv. 10-16

102. ¹O salmo continua: “Minha esperança desde os peitos de minha mãe: sobre ti fui lançado desde o seio dela. Desde o ventre da minha mãe, tu és o meu Deus. Não te afastes de mim, porque a tribulação está perto, e não há quem me socorra. Rodearam-me muitos novilhos, touros fortes me cercaram. Todos os meus ossos se derramaram e espalharam-se como água. O meu coração se tornou como cera, derretendo-se no meio do meu ventre. Minha força secou-se como um caco de telha e minha língua pegou-se ao meu palato”. Tudo isso é um anúncio antecipado do que realmente aconteceu. ²Quanto às palavras: “A minha esperança desde os peitos de minha mãe”: apenas nascido em Belém, como eu disse antes, já quis matá-lo o rei Herodes, que fora informado pelos magos da Arábia e, por ordem de Deus, José tomou o menino e foi para o Egito com Maria. Isso porque o Pai havia determinado que Aquele que ele próprio havia gerado não morresse, até que, chegando à idade adulta, tivesse anunciado a sua palavra.

³Talvez alguém nos pergunte: “Não poderia Deus de preferência matar Herodes?” Ao que respondo logo: Não poderia Deus no princípio ter eliminado a serpente, para não ter que dizer: “Porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua descendência e a dela?”^p Não poderia Deus criar imediatamente uma multidão de homens? ⁴Todavia, como ele sabia que era coisa boa, criou os anjos e os homens livres para realizar o bem e determinou os tempos até o momento que ele sabe que será bom eles possuírem livre-arbítrio. E porque igualmente considerou bom, estabeleceu julgamentos universais e particulares, embora sem atentar contra a liberdade. É assim que a palavra diz na construção da torre, quando houve a multiplicação e confusão das línguas: “O Senhor disse: Eis uma só raça e um só lábio. E começaram a fazer isso. Agora não desistirão de qualquer coisa que tenham empreendido”^u. ⁵Também é uma profecia do que, por vontade do Pai, deveria acontecer a Cristo, as seguintes palavras: “Minha força secou-se como um caco de telha e minha língua pegou-se ao meu palato”. Com efeito, a força de sua poderosa palavra, com a qual confundia sempre os fariseus e escribas que discutiam com ele e, em geral, os mestres do vosso povo, ficou contida, como uma fonte impetuosa de abundante água, cuja corrente fosse desviada, pois ele se calou e, diante de Pilatos, não quis responder a ninguém uma só palavra, como se conta nas Memórias dos Apóstolos. E assim cumpriu-se claramente o que foi dito por meio de Isaías: “O Senhor me deu língua para conhecer quando devo dizer uma palavra”^r.

⁶Dizer que “tu és o meu Deus, não te afastes de mim” é, ao mesmo tempo, algo de quem nos deseja ensinar que todos nós devemos colocar a nossa confiança no Deus que fez todas as coisas e somente nele procurar salvação e socorro, e não pensar, como o comum dos homens, que podemos nos salvar por nossa descendência, riqueza, força ou sabedoria. Isso é o que vós fizestes sempre, certa vez fabricando para vós um bezerro de ouro e sempre vos mostrando ingratos e assassinos dos justos, e ao mesmo tempo, vos orgulhando de vossa descendência. Com efeito, se o Filho de Deus nos diz que não pode salvar-se sem a ajuda de Deus nem por ser Filho, nem por ser forte ou sábio, mas por ser impecável, não ter pecado nem pela palavra como diz Isaías: “Não cometeu pecado, nem se encontrou engano em sua boca”^s — como não percebeis que vos estais enganando a vós mesmos, vós e os outros que esperais salvar-vos sem essa confiança?

103. ¹O que em seguida se diz no salmo: “Porque a tribulação está perto, e não há quem me socorra. Rodearam-me muitos novilhos, touros fortes me cercaram. Abriram contra mim a sua boca, como leão esperto e rugidor. Todos os meus ossos se derramaram e espalharam-se como água”, foi

igualmente uma antecipação do que realmente lhe aconteceu. Com efeito, na noite em que pessoas do vosso povo, enviadas pelos fariseus, escribas e mestres, o atacaram no monte das Oliveiras, aí o rodearam aqueles que a palavra chama de novilhos bravos e destruidores. ²Acrescentando: “Touros fortes me cercaram”, profeticamente indicou os que agiram de modo semelhante aos novilhos, quando Jesus foi conduzido diante dos vossos mestres. A palavra os chama de touros, porque sabemos que dos touros procedem os novilhos. Portanto, assim como os touros são pais dos novilhos, da mesma forma os vossos mestres foram a causa de que seus filhos saíssem para prender Jesus no monte das Oliveiras e o conduzissem diante deles. Também as palavras: “Não há quem me socorra” exprimem o que aconteceu, pois de fato ninguém, nem um só homem, saiu para defender sua inocência.

³As palavras: “Abriram contra mim a sua boca, como leão rugidor”, significam aquele que então era rei dos judeus e também se chamava Herodes, sucessor daquele outro Herodes que, quando Jesus nasceu, matou todos os meninos nascidos em Belém naquele tempo, acreditando que entre eles pegaria inevitavelmente aquele de quem lhe haviam falado, ao chegar, os magos da Arábia; ele não sabia o plano daquele que é mais forte que todos, o qual tinha mandado José e Maria tomarem a criança e partirem com ele para o Egito e aí permanecerem até que de novo lhes revelasse que poderiam voltar para a sua própria terra. Com efeito, ali permaneceram retirados até que morreu Herodes, o assassino dos meninos de Belém, e lhe sucedeu Arquelau. Este, porém, morreu antes que Cristo chegasse, conforme a vontade do Pai, segundo o plano por este disposto de morrer crucificado. ⁴Herodes sucedeu, portanto, a Arquelau, tomou o poder que lhe correspondia. ¹ E foi a ele que Pilatos, para se reconciliar, enviou Jesus amarrado. Deus sabia de antemão que isso aconteceria, e por isso falou assim: “Amarraram-no e o levaram ao assírio, como presente para o rei” ². ⁵Deu ao diabo o nome de leão que ruge contra ele, o qual Moisés chama de serpente, que em Jó e Zacarias é chamado de diabo, e que é apelidado por Jesus de Satanás, nome composto cujo significado foi tomado daquilo mesmo que o diabo fazia. De fato, *Satan*, tanto na língua dos hebreus como dos sírios, significa apóstata; *nas*, em hebraico, quer dizer serpente. Satanás é composto dessas duas palavras. ⁶Quando Jesus acabava de sair do rio Jordão e ouvia a voz que lhe dizia: “Tu és o meu Filho, eu hoje te gerei” ³, está escrito nas Memórias dos Apóstolos que o diabo, aproximando-se dele, o tentou até dizer-lhe: “Adora-me”. A isso, Cristo retrucou: “Retira-te, Satanás. Adorarás ao Senhor teu Deus e somente a ele servirás” ⁴. Do mesmo modo como ele conseguiu enganar Adão, se dizia que ele poderia lhe fazer algo.

⁷As palavras: “Todos os meus ossos se derramaram e espalharam-se como água. O meu coração se tornou como cera, derretendo-se no meio do meu ventre”, também foram uma profecia do que aconteceu naquela noite em que o foram prender no monte das Oliveiras. ⁸Com efeito, nas Memórias, que eu digo terem sido compostas pelos Apóstolos ou por aqueles que o seguiram, está escrito que ele derramou suor com gotas de sangue, quando orava e dizia: “Se for possível, afaste-se este cálice” ⁵. Isso evidentemente porque seu coração e seus ossos tremiam, como se o seu coração fosse cera derretida em seu ventre. Com isso, podemos ver como verdadeiramente o Pai quis que seu Filho, por amor a nós, passasse por esses sofrimentos. E não nos aconteça dizer que, sendo ele Filho de Deus, não era afetado por nada do que fazia ou passava.

⁹A frase: “Minha força secou-se como um caco de telha e minha língua pegou-se ao meu palato” era, como eu disse antes, profecia de seu silêncio, pois ele, que havia chamado de ignorantes os vossos mestres, não respondeu nada a ninguém.

104. ¹As palavras: “Tu me afundaste até ao pó da morte. Porque me rodearam muitos cães, um bando de ímpios me cercou. Perfuraram minhas mãos e meus pés, e contaram todos os meus ossos. Eles me consideraram e contemplaram. Dividiram entre si minhas roupas e sobre minha túnica lançaram sortes”, como eu já disse antes, anun-ciavam a morte pela qual o bando de ímpios deveria condená-lo, os quais são chamados de cães. Alude também aos caçadores, porque os mesmos que foram dar-lhe caça, reuniram-se, pois estavam apressados para condená-lo à morte. Tais acontecimentos estão escritos nas Memórias dos Apóstolos. ²Já foi dito como os verdugos, depois de crucificá-lo, repartiram entre si as roupas dele.

Comentários aos vv. 20-22

105. ¹O salmo continua: “Tu, porém, Senhor, não afastes de mim a tua ajuda, atende à minha proteção. Livra minha alma da espada e a minha unigênita da pata do cão. Salva-me das fauces do leão e dos chifres dos unicórnios, a minha humilhação”. Tudo isso é ensinamento e anúncio do que nele tem e teve de acontecer. De fato, como já indiquei, tal como aprendemos pelas Memórias, ele é o unigênito do Pai do universo, particularmente nascido deste como Verbo e Potência, e depois nascido da virgem como homem. ²Também estava predito que ele morreria crucificado. Com efeito, as palavras: “Livra minha alma da espada e a minha unigênita da pata do cão. Salva-me das fauces do leão e dos chifres dos unicórnios, a minha humilhação”, davam igualmente a entender qual era o suplício pelo qual ele deveria morrer, isto é, pela cruz. Já antes vos interpretei que os chifres do unicórnio somente podem aludir à forma da cruz. ³Ao pedir que livrasse sua alma da espada, da boca do leão e da pata do cão, estava pedindo que ninguém se apoderasse de sua alma, a fim de que nós, ao chegarmos ao fim de nossa vida, peçamos o mesmo Deus, o qual pode afastar de nós todo anjo impiedoso e mau, para que não se apodere de nossa alma. ⁴Já vos demonstrei que as almas sobrevivem através do fato de que a alma de Samuel foi evocada pela pitonisa, como Saul lhe havia pedido^y. Daí se vê que todas as almas de homens tão justos e profetas como Samuel podem cair sob o poder de potências semelhantes àquela que operava na pitonisa e pelos próprios fatos temos que confessar isso. ⁵Por isso, Deus nos ensinou por seu próprio Filho a lutar com todas as nossas forças para sermos justos e pedir, ao sair deste mundo, que nossa alma não caia em poder de nenhuma potência semelhante. Assim, no momento de entregar seu espírito sobre a cruz, ele disse: “Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito”^z, como se sabe pelas Memórias. ⁶Ele também exortava seus discípulos a superar a conduta dos fariseus, pois do contrário não se salvariam. Nas Memórias está escrito que ele disse: “Se a vossa justiça não superar a dos escribas e fariseus, não entrareis no reino dos céus”^a.

Comentários aos vv. 23-24

106. ¹Como Jesus sabia que seu Pai lhe concederia o que pedisse e o ressuscitaria dentre os mortos, exortou a todos os que temem a Deus para que o louvassem, pois tinha sido misericordioso com todo o gênero humano que crê, mediante sua morte na cruz. Ele se colocou no meio de seus irmãos, seus apóstolos, os quais, depois da ressurreição, persuadindo-se do que ele lhes havia dito antes sobre tudo aquilo que ele deveria sofrer e de que tudo estava anunciado pelos profetas, arrependeram-se de tê-lo abandonado quando foi crucificado. Estando no meio deles, entoou um hino a Deus, como consta nas Memórias dos Apóstolos. É o que declaram as palavras finais do salmo: “Narrarei o teu nome entre os meus irmãos e no meio da congregação entoarei hinos a ti. Louvai ao Senhor, vós que o temeis; glorificai-o, toda a descendência de Jacó. Tema-o, toda a descendência de Israel”^b.

²O fato de Jesus ter mudado para Pedro o nome anterior de um de seus apóstolos^c e que esteja

escrito nas Me-mórias que ele fez o mesmo com os filhos de Zebedeu, mudando-lhes o nome para Boanerges,^d isto é, filhos do trovão, significava que fora ele que dera os nomes de Jacó a Israel e o nome de Jesus a Ausés. E pelo nome de Jesus foi introduzido na terra prometida aos patriarcas aquilo que sobrou do povo que saiu do Egito. ⁴Moisés manifestou que ele se levantaria como estrela em meio à descendência de Abraão, ao dizer: “Uma estrela de Jacó se levantará e um chefe de Israel”^e. E outra Escritura diz: “Eis um homem. Seu nome é Oriente”^f. Assim, ao levantar-se no céu uma estrela, logo que Cristo nasceu, como se narra nas Memórias de seus Apóstolos, os magos da Arábia, através dela, o reconheceram, foram e o adoraram^g.

Sinal de Jonas: sinal da Ressurreição

107. ¹Como ele havia de ressuscitar ao terceiro dia após ser crucificado, está escrito nas Memórias dos Apóstolos que os do vosso povo, ao discutir com ele, lhe disseram: “Mostra-nos um sinal”. E ele replicou: “Esta geração má e adúltera busca um sinal, e não lhes será dado nenhum sinal além daquele do profeta Jonas”^h. Embora o tenha dito de alguma maneira oculta, todavia os fiéis puderam entender que, depois de ser crucificado, ressuscitaria no terceiro dia. ²Jesus pôs às claras que vossa geração era mais perversa e adúltera do que os habitantes da cidade de Nínive. De fato, quando Jonas, depois que um enorme peixe o vomitou três dias após tê-lo tragado, lhes pregou que dentro de três dias pereceriam em massa, estes anunciaram um jejum geral para todos os viventes, homens e animais, para que se vestissem de panos de saco, gemessem intensamente, se arrependessem sinceramente de coração e se afastassem da iniquidade. Eles tinham fé que Deus é misericordioso e benigno para com todos os que se afastam da maldade, de modo que até o próprio rei dessa cidade e seus oficiais permaneceram, vestidos de panos de saco, no jejum e súplicas a Deus, até que sua cidade não fosse destruída. ³Jonas, porém, aborreceu-se pelo fato de a cidade não ter sido destruída no terceiro dia, como ele havia pregado. E então a providência de Deus fez brotar uma hera, cuja sombra o profeta sentou-a para se proteger do calor. A hera tinha brotado de repente, sem que Jonas a tivesse plantado ou regado, para lhe fornecer sombra. E por outra providência, Deus fez com que ela secasse, e Jonas teve pena disso. Então, Deus o repreendeu, porque Jonas não tinha razão de estar aborrecido pelo fato de a cidade dos ninivitas não ter sido destruída, e lhe disse: “Como perdoaste a hera pela qual não te fatigaste, nem a criaste, uma hera que veio em sua noite e em sua noite mesmo desapareceu, e eu não perdoaria Nínive, a grande cidade, na qual habitam mais de cento e vinte mil homens que não sabem distinguir a direita da esquerda, e muitos animais?”

Polêmica em torno da ressurreição de Cristo

108. ¹Apesar de todo o vosso povo conhecer a história de Jonas e de que Cristo, estando entre vós, gritou que vos daria o sinal de Jonas, exortando-vos para que, ao menos com sua ressurreição dos mortos, vos arrependêsseis de vossas más ações e, como os ninivitas, clamásseis com lágrimas a Deus, para que a vossa nação e cidade não fossem tomadas e destruídas, como de fato aconteceu, ²vós logo que soubestes que ele havia ressuscitado dos mortos não só não fizestes penitência, mas, como eu disse antes, escolhestes homens especializados e os enviastes por toda a terra para que repetissem, como arautos, que uma seita sem Deus e sem lei se tinha levantado em nome de um Jesus da Galiléia, que fora impostor. Dizeis: “Nós o crucificamos, mas os discípulos dele, depois de roubá-lo do sepulcro em que fora colocado depois de ser despregado da cruz, agora enganam o povo dizendo que ele ressuscitou dos mortos e subiu aos céus.” Chegastes a caluniá-lo por ter ensinado essas doutrinas ímpias, iníquas e sacrílegas que vós espalhais por toda a humanidade contra nós, que

o confessamos como Cristo, Mestre e Filho de Deus.³Finalmente, depois que vossa cidade foi tomada e a vossa terra ficou desolada, mesmo assim não fazeis penitência, mas vos atreveis a maldizer a ele e a todos os que nele crêem. Todavia, nós não aborrecemos nem a vós, nem àqueles que, por vossa culpa, pensam todas essas abominações a nosso respeito. Ao contrário, rogamos que, pelo menos agora, façais penitência e alcanceis todos a misericórdia do Deus, que é Pai do universo, compassivo e misericordioso.

A fé em Cristo cria um povo universal

109. ¹Permiti-me que vos cite algumas breves palavras de Miquéias, um dos doze profetas. Por elas, podereis ver como os gentios fizeram penitência do mal em que antes erravam, logo que ouviram e aprenderam a doutrina que seus apóstolos, saindo de Jerusalém, lhes anunciaram. ²As palavras são as seguintes: “Nos últimos dias, o monte do Senhor será visível, preparado sobre o cume dos montes, erguido sobre as colinas. A ele afluirão os povos e para aí marcharão muitas nações, e dirão: Vinde, subamos ao monte do Senhor e à casa do Deus de Jacó, e seu caminho será iluminado para nós e andaremos em suas veredas. Porque de Sião sairá a lei e de Jerusalém a palavra do Senhor. Ele julgará em meio a muitos povos e até longe arguirá nações fortes. Quebrarão suas espadas para fazer arados e suas lanças para fazer foices. Já não haverá medo de que uma nação levante a espada contra outra nação, ou que continuem aprendendo a guerrear. ³O homem se sentará debaixo de sua figueira, e não haverá quem lhe infunda medo, porque a boca do Senhor dos exércitos falou. Com efeito, todos os povos caminharão em nome de seus deuses; nós, porém, caminharemos em nome do Senhor nosso Deus para sempre. E acontecerá naquele dia: eu congregarei a atribulada, juntarei a expulsa e aquela a quem maltratei. Farei da atribulada um resto e da oprimida um povo poderoso. E o Senhor reinará sobre eles no monte Sião, desde agora e para sempre”ⁱ.

Sobre as duas vindas de Cristo

110. ¹Terminada a citação, acrescentei:
— Senhores, sei muito bem que vossos mestres reconhecem que todas as palavras dessa passagem se referem a Cristo. Contudo, sei também, por suas afirmações, que o Cristo ainda não veio e, caso tivesse vindo, ninguém sabe quem ele é. Quando se apresentar de modo claro e glorio-so, então se reconhecerá quem ele é, dizem eles. ²E então, acrescentam, cumprir-se-á o que se diz nessa passagem da profecia, como se agora suas palavras não tivessem nenhum cumprimento. Os insensatos não compreendem o que todos os meus raciocínios demonstraram, isto é, que estão anunciadas duas vindas de Cristo: uma, em que se predisse que apareceria passível, sem glória, sem honra, e seria crucificado; outra, em que viria dos céus com glória, quando o homem da apostasia, aquele que profere insolências contra o Altíssimo, se atrever a cometer iniquidades contra nós, cristãos, contra nós que, conhecendo a religião através da lei e da palavra que saiu de Jerusalém pela obra dos apóstolos de Jesus, nos refugiamos no Deus de Jacó e no Deus de Israel. ³Nós estávamos antes cheios de guerra, de mortes mútuas e de toda maldade, mas renunciamos em toda a terra aos instrumentos guerreiros e transformamos as espadas em arados e as lanças em instrumentos para cultivar a terra, e cultivamos a piedade, a justiça, a caridade, a fé e a esperança, que nos vêm de Deus Pai por meio do seu Filho crucificado. Cada um de nós senta-se debaixo da sua parreira, isto é, cada um usa apenas de sua legítima mulher. Com efeito, vós sabeis que a palavra profética diz: “E sua mulher como vinha fértil”ⁱ. ⁴É claro que ninguém é capaz de nos intimidar ou nos submeter à servidão, nós que, em toda a terra, cremos em Jesus. Decapitam-nos, pregam-nos em cruzes, atiram-nos às feras, à prisão, ao fogo,

e nos submetem a todo tipo de torturas. Todavia, está à vista de todos que não apostatamos de nossa fé. Ao contrário, quanto maiores são os nossos sofrimentos, mais ainda se multiplicam os que abraçam a fé e a piedade pelo nome de Jesus. Da mesma forma que se faz com a vinha, à qual se podam os galhos que já deram fruto, para que brotem outros fortes e férteis, o mesmo acontece conosco. Com efeito, a vinha plantada por Deus e pelo Cristo Salvador é o seu povo. ⁵O resto da profecia, de fato, cumprir-se-á em sua segunda vinda. Falar da atribulada e expulsa é dizer que, quanto ao que depende de vós e de todos os outros homens, cada cristão é expulso não só de suas próprias posses, mas do mundo inteiro, pois não permitis o direito à vida a nenhum deles. ⁶Vós, todavia, dizeis que isso aconteceu ao vosso povo; porém, se sois expulsos, depois que fostes derrotados na guerra, com razão sofreis isso, como o testemunham todas as Escrituras. Nós, contudo, que nada de semelhante fizemos, uma vez que reconhecemos a verdade de Deus, dele recebemos o testemunho de que nos tira da terra junto com Cristo, o mais justo, o único sem mancha ou pecado. Isaías clama: “Eis como o justo pereceu e ninguém percebe em seu coração; homens justos são eliminados e ninguém considera isso”^k.

Símbolos das duas vindas de Cristo

111. ¹Explicando o símbolo dos dois bodes oferecidos no je-jum, já mostrei que, por meio deles, Moisés quis misteriosa-mente significar as duas vindas de Cristo. A mesma coisa era também simbolicamente anunciada e dita no que fizeram Moisés e Josué. Com efeito, um deles permaneceu sobre a colina, até o entardecer, com os braços estendidos, graças àqueles que os sustentavam, o que não era mais do que a figura da cruz. O outro, que teve o seu nome mudado para Jesus, dirigia a batalha e Israel vencida. ²Cumpra considerar um pormenor naqueles dois homens santos e profetas de Deus, ou seja, que um só deles não era capaz de ambos os mistérios, isto é, a figura da cruz e a figura da imposição do nome. Só há, houve e haverá um com essa força: é aquele diante de cujo nome treme toda potência, com medo de ser por ele destruída. Nosso Cristo, portanto, não foi amaldiçoado pela lei, por ter sofrido e sido crucificado. Ao contrário, sozinho ele manifestou que haveria de salvar os que não se afastam de sua fé. ³Os que se salvaram no Egito, quando pereceram os primogênitos dos egípcios, deveram a sua salvação ao sangue do cordeiro pascal, com que untavam um e outro lado dos umbrais e travessas das portas. É que o cordeiro pascal era Cristo, que devia ser sacrificado mais tarde, como disse Isaías. “Ele foi levado como ovelha ao mata-douro”^l. E está escrito que o prendestes no dia da Páscoa e no dia da Páscoa o crucificastes. Assim como os que estavam no Egito foram salvos pelo sangue do cordeiro pascal, da mesma forma o sangue de Cristo salvará da morte os que têm fé. ⁴De fato, acaso Deus iria se equivocar se não encontrasse esse sinal sobre as portas? Não sei quem possa afirmar isso, mas o fato é que antecipadamente anunciava a salvação que viria para todo o gênero humano por meio do sangue de Cristo.

O mesmo sinal da fita escarlata que os exploradores mandados por Jesus, filho de Nave, deram em Jericó à prostituta Raab, dizendo-lhe que a pendurasse na janela por onde os fizera descer para enganar os inimigos, foi também símbolo do sangue de Cristo. Por meio dele, salvar-se-ão os que antes se entregavam à fornicção e à iniquidade, pessoas de todas as nações que recebem o perdão de seus pecados e não tornam mais a pecar.

Sobre a exegese dos judeus

112. ¹Vós, porém, ao explicar essas coisas de maneira tão pobre, tendes que acusar Deus de muita fraqueza, se as ouvís simplesmente e não penetrais a força do que se diz. Se assim fosse, poder-se-ia

condenar ao próprio Moisés como transgressor da lei, pois ele que ordenara não se fizesse imagem nenhuma do que há no céu, na terra ou no mar, em seguida ele mesmo mandou fazer a serpente de bronze e, colocando-a numa cruz, mandou que os picados olhassem para ela, e os que olhavam ficavam curados. ²Dever-se-ia então entender que foi a serpente que salvou o povo, ela que, como eu já disse, foi amaldiçoada por Deus no princípio e à qual matará com sua grande espada, como diz Isaías? Será que devemos entender essas passagens da maneira tão insensata como as explicam vossos mes-tres e não como símbolos? Não referiremos o sinal à imagem de Jesus crucificado, pois que também Moisés com seus braços estendidos e o nome de Jesus dado ao filho de Nave faziam com que vosso povo vencesse? ³Desse modo, cessa toda dificuldade sobre o modo de agir do legislador. De fato, ele não abandonou a Deus ao persuadir o povo que pusesse sua confiança naquela fera, por meio da qual teve início a transgressão e a desobediência. Isso aconteceu com muita inteligência e mistério e foi dito pelo bem-aventurado profeta. E se se tem exato conhecimento deles, não há nada que se possa razoavelmente reprovar nos ditos e ações de todos os profetas em geral.

⁴Vossos mestres, porém, apenas se entretêm cavilando questões como essas. De fato, nessa passagem não se nomeiam camelos fêmeas ou o que são os chamados camelos fêmeas, ou por que se medem tantas e tantas medidas de azeite, tantas quantidades de flor de farinha para as ofertas, ainda mais que isso é interpretado pobremente e de maneira baixa. Por outro lado, as grandes questões, as que realmente merecem ser investigadas, eles não se atrevem a propô-las nem a explicá-las. Além do mais, eles vos ordenam que não nos escuteis quando as explicamos e que vós não converseis de maneira alguma conosco. Sendo assim, não é com razão que ouçam o que a eles disse nosso Senhor Jesus Cristo? “Sepulcros caiados! Por fora aparecem formosos e por dentro estão cheios de vossos cadáveres. Vós pagais o dízimo da hortelã e, em troca, engolis um camelo. Guias cegos!”^m. ⁵Portanto, se não abandonardes os ensinamentos dos que se exaltam a si mesmos e gostam de ser chamados: “Rabi! Rabi!”; se não vos aproximardes das palavras proféticas com a decisão de estardes dispostos a sofrer por parte de vossos homens o mesmo que os profetas sofreram, com certeza não tirareis nenhum proveito de seus escritos.

Relação entre Josué e Jesus

113. ¹Eu digo o seguinte: Foi Moisés quem pôs o nome de Jesus àquele que antes se chamava Ausés, como já disse muitas vezes, e que foi enviado junto com Caleb para explorar a terra de Canaã. Tu, porém, não queres averiguar por que fez isso, não é dificuldade para ti, não te interessas em perguntar. Desse modo, Cristo permanece ignorado por ti. Lendo não entendes, e nem mesmo agora, ao ouvir que Jesus é nosso Cristo, não consideras que não foi sem motivo e por acaso que lhe foi dado esse nome. ²Entretanto, só porque se acrescentou um “A” ao primeiro nome de Abraão, tu fazes disso objeto de ciência divina e, com aparato semelhante, nos explicas por que se acrescentou um “R” ao nome de Sara. Por que não investigas do mesmo modo o motivo de Ausés, filho de Nave, ter seu inteiro nome paterno sido mudado para Jesus? ³Na verdade, não só o seu nome foi mudado, como também, sendo sucessor de Moisés, foi o único, dos da sua idade que saíram do Egito, que introduziu na terra santa o restante do povo. Foi ele, e não Moisés, quem introduziu o povo na terra santa e a distribuiu por sorteio aos que com ele en-traram. Do mesmo modo, Jesus, o Cristo, fará voltar a dispersão do povo e distribuirá a cada um a terra boa, embora não como aquela. ⁴De fato, aquele lhes deu uma herança momentânea, pois não era Cristo, Deus, nem Filho de Deus. Jesus, porém, depois da santa ressurreição, nos dará uma possessão eterna. Aquele fez que o sol parasse depois que seu nome

foi mudado para Jesus e depois que recebeu força do espírito do próprio Jesus. Já demonstrei que foi Jesus quem apareceu a Moisés, a Abraão e aos outros patriarcas em geral, conversou com eles, servindo assim à vontade do Pai. Embora tenha vindo para nascer da virgem Maria como homem, ele é eterno. ⁵É nele por primeiro e em seguida por ele que o Pai renovará o céu e a terra. É ele que brilhará em Jerusalém como luz eterna. Ele é o rei de Salém e sacerdote eterno do Altíssimo, segundo a ordem de Melquisedec.

⁶Diz-se que aquele circuncidou o povo pela segunda vez com facas de pedra. Isso era anúncio da circuncisão com que Jesus Cristo nos circuncidou das pedras e demais ídolos. Aquele fez um monte com os prepúcios. Isto é: em todo lugar foram circuncidados do erro do mundo com facas de pedra, que são as palavras de nosso Senhor Jesus. De fato, já demonstrei que Cristo foi anunciado pelos profetas com as comparações de pedra e rocha. ⁷Assim, entendemos que as facas de pedra são as palavras de Cristo, pelas quais aqueles que procediam da incircuncisão receberam a circuncisão do coração, justamente aquela que, desde essa época, Deus exortou que a recebessem aqueles que já traziam a circuncisão que se iniciou com Abraão, como o prova o fato de termos contado que Jesus circuncidou pela segunda vez com facas de pedra àqueles que entraram naquela terra santa.

Só os circuncisos de coração entendem as Escrituras

114. ¹Algumas vezes, o Espírito Santo fazia realizar ações que eram figuras do futuro; outras vezes, pronunciava palavras sobre o que iria acontecer, falando como se os fatos estivessem acontecendo ou já tivessem acontecido. Se os leitores não perceberem esse procedimento, não poderão entender devidamente o que os profetas falaram. Como exemplo, vou citar algumas passagens para que compreendais o que estou dizendo. Quando o Espírito diz, por meio de Isaías: “Como ovelha fui levado ao matadouro e como cordeiro diante de quem o tosquia”, fala como se a paixão já estivesse realizada. O mesmo acontece quando diz: “Eu estendi minhas mãos para um povo que não crê e contradiz”. E ainda: “Senhor, quem acreditou naquilo que ouviu de nós?”. As palavras são ditas como se se referissem a algo já acontecido. Já demonstrei que em muitas passagens, por comparação, Cristo é chamado pedra e, por translação de sentido, Jacó e Israel. ³Se quando o profeta diz: “Contemplarei os céus, obras de teus dedos”, não o entendo como operação de seu Verbo, teria que interpretá-lo nesciamente, como vossos mestres pretendem, imaginando que o Pai do universo e Deus ingênito tenha mãos, pés, dedos e alma, como um animal composto; assim, como ensinam também, que foi o próprio Pai que apareceu a Abraão e Jacó.

⁴Portanto, felizes somos nós que recebemos a segunda circuncisão, feita com facas de pedra. Com efeito, a vossa circuncisão foi feita e continua a ser feita com facas de ferro, pois continuais duros de coração; a nossa, porém, que é a segunda circuncisão, vinda depois da vossa, é feita com pedras pontiagudas, isto é, com as palavras da pedra angular, que se desprende sem que ninguém a tocasse, pregadas pelos apóstolos, que nos circuncidam absolutamente da idolatria e de toda a maldade. E nossos corações ficaram tão circuncidados de todo o mal, que até nos alegramos de morrer pelo nome dessa magnífica Pedra, que faz brotar nos corações dos que por meio dela amam o Pai do universo, uma fonte de água viva, na qual se saciam todos os que desejam beber a água da vida.

⁵Contudo, ao dizer-vos tudo isso, vós não me entendeis, pois também não entendestes o que está profetizado que Cristo iria fazer. E quando nós vos levamos até às Escrituras, vós não nos dais crédito. Com efeito, Jeremias grita: “Ai de vós, que abandonastes a fonte viva e cavastes para vós cisternas rotas, que não podem conter a água! Por acaso o lugar onde está o monte Sião é um deserto? Por-que entreguei a Jerusalém um libelo de repúdio diante de vós”^u.

115. ¹Deveríeis crer em Zacarias que, por comparação e veladamente, mostra e anuncia o mistério de Cristo. Eis o que ele diz: “Alegra-te e regozija-te, filha de Sião, porque eis que venho e colocarei a minha tenda no meio de ti, diz o Senhor. Naquele dia, muitas nações darão sua adesão ao Senhor e serão para mim um povo, e porei a minha tenda no meio deles; então conhecerás que o Senhor das virtudes enviou-me a ti. ²O Senhor herdará Judá e sua porção na terra santa, e ainda escolherá Jerusalém. Que toda a carne trema diante do Senhor, porque ele se levanta de suas nuvens santas. Ele me mostrou Jesus, o grande sacerdote, de pé diante do anjo do Senhor, e o diabo estava à sua direita para opôr-se a ele. E o Senhor disse ao diabo: Que te repreenda o Senhor, que escolheu Jerusalém. Acaso esse não é um tição que foi tirado do fogo?”^u

³Trifão ia responder e proporia alguma objeção, mas eu lhe disse:

— Primeiro espera um pouco e escuta o que eu vou dizer. Não vou dar a interpretação que supões, partindo do fato de que não houve nenhum sacerdote com o nome de Jesus na Babilônia, onde o vosso povo estava exilado. Se eu fizesse isso, demonstraria que no vosso povo houve, de fato, um sacerdote chamado Jesus, mas que não foi esse que o profeta viu em sua revelação, pois ele não viu nem o diabo, nem o anjo do Senhor com os próprios olhos e em estado normal, mas em êxtase, por meio de uma revelação que lhe foi feita. ⁴O que digo agora é que do mesmo modo como a palavra nos conta que Deus fez, em favor do filho de Nave, prodígios e façanhas, em virtude do seu nome Jesus, anunciavam as que seriam feitas por nosso Senhor. Portanto, agora vou demonstrar que a revelação feita sobre o sacerdote Jesus, que esteve em Babilônia com o vosso povo, foi uma predição do que faria o nosso sacerdote e Deus, o Cristo, Filho do Pai do universo.

⁵Eu me admirava pelo fato de que, enquanto eu falava, vós ficastes calados, e como não me atacastes quando eu disse que o filho de Nave foi o único de sua ida-de, dos que saíram do Egito, a entrar na terra santa junto com os que são descritos como mais jovens, a geração se-guinte. Vós, de fato, correis e sobrevoais as feridas como as moscas. ⁶E aí assim que, quando se dizem mil coisas bem ditas e há um pormenor qualquer que vos desagrade ou que não entendeis ou, de fato, que não seja exato, não dais importância a tudo o que foi dito com acerto, e vos aferrais àquela palavrinha e todo vosso empenho é apresentá-la como uma impiedade ou um crime. Com isso, vós mereceis serdes julgados por Deus com o mesmo julga-mento, de modo mais severo por vossos grandes pecados, ora por vossas más ações, ora por vossas falsas inter-pretações, adulterando a Escritura. Com efeito, com a sen-tença que julgais é justo que também vós sejais julgados.

116. ¹Contudo, para falar sobre a revelação feita sobre Jesus Cristo, o Santo, tomo novamente a palavra do profeta e afirmo que essa revelação se cumpriu também em nós, que pusemos a nossa fé nesse Sumo Sacerdote crucificado. De fato, nós que vivíamos entre fornicções e simplesmente em todo tipo de ações sujas, com a ajuda da graça que nos veio de nosso Jesus, por vontade de seu Pai, nos despojamos de todas as impurezas de que estávamos vestidos. O diabo nos ataca como eterno adversário e quer arrastar a todos nós para si; mas o anjo do Senhor, isto é, a força de Deus que nos é enviada por Jesus Cristo, o repreende e ele se afasta de nós. ²Nós fomos como que tirados do fogo, primeiro purificados de nossos pecados passados e depois libertos da tribulação e incêndio em que o diabo e todos os seus ministros querem nos abrasar. Todavia, também das mãos desses nos arranca Jesus, Filho de Deus, que nos prometeu, se guardarmos os seus mandamentos, vestir-nos com as vestes que preparou para nós e também preparar-nos um reino eterno. ³Com efeito, da mesma forma que aquele Jesus, a quem o profeta chama sacerdote, apareceu com vestes sujas por ter tomado como esposa uma prostituta, como se diz, mas depois foi chamado de tição tirado do fogo por ter recebido

o perdão de seus pecados e ter sido repreendido o diabo que se lhe opunha, nós também, que cremos como um só homem no Deus criador do universo, pelo nome de seu Filho primo-gênito, nós nos despojamos de nossas vestes sujas, isto é, de nossos pecados. E abrasados pelas palavras do seu chamamento, somos a verdadeira descendência dos sumos sacerdotes de Deus, como o próprio Deus o atesta, dizendo que em todo lugar nas nações nós lhe oferecemos sacri- fícios agradáveis e puros. Ora, Deus não aceita sacrifícios de qualquer um, a não ser de seus sacerdotes.

Comentário à profecia de Ml 1,10-12: a eucaristia

117. ¹Deus, portanto, testemunha que lhe são agradáveis todos os sacrifícios que lhe são oferecidos em nome de Jesus Cristo, os sacrifícios que este nos mandou oferecer, isto é, os da Eucaristia do pão e do vinho, que os cristãos celebram em todo lugar da terra. Por outro lado, Deus rejeita os sacrifícios que vós lhe ofereceis por meio de vossos sacerdotes, pois diz: “Não receberei de vossas mãos os vossos sacrifícios, porque desde o nascer do sol até o seu ocaso, o meu nome é glorificado nas nações e vós o profanais”^p. ²Ainda hoje continuais dizendo teimosamente que Deus afirma que não receberia os sacrifícios que lhe eram oferecidos em Jerusalém pelos israelitas que naquele tempo a habitavam; mas que aceitava as orações que lhe faziam os homens daquele povo que se encontravam na dispersão. E essas orações é que são chamadas de sacrifícios^q. Concordo que as orações e ações de graças feitas por homens dignos são os únicos sacrifícios perfeitos e agradáveis a Deus. ³São justamente apenas esses que os cristãos aprenderam a oferecer na comemoração do pão e do vinho, na qual se recorda a paixão que o Filho de Deus sofreu por eles. Contudo, os vossos sacerdotes e os vossos mestres fizeram com que o nome dele fosse profanado e blasfemado por toda a terra; as vestes sujas são as blasfêmias que lançais sobre todos aqueles que recebem do nome de Jesus a sua origem de cristãos; mas Deus poderosamente as tirará de nós, quando ressuscitar a todos, tornando uns incorruptíveis, imortais, isentos de dor e colocando-os em seu reino eterno e indestrutível, e enviando outros para o suplício do fogo eterno.

⁴Vós vos enganais, vós e vossos mestres, interpretando as palavras de Malaquias como ditas sobre a gente do vosso povo que vivia na dispersão, cujas orações são chamadas de sacrifícios puros e agradáveis a Deus. Reconhecei que mentis e que procurais enganar completamente a vós mesmos. De fato, primeiramente, nem mesmo agora vosso povo se estende do oriente ao ocidente, mas existem nações onde jamais habitou alguém da vossa raça. Por outro lado, não existe nenhuma raça de homens, chamem-se eles bárbaros, gregos ou com outro nome qualquer, habitem eles em casas, chamem-se nômades sem residência, ou morem em tendas de pastores, entre os quais não se ofereçam, em nome de Jesus crucificado, orações e ações de graças ao Pai e Criador de todas as coisas. Em segundo lugar, quando o profeta Malaquias disse essas palavras, ainda não estáveis dispersos por todas as partes da terra em que estivestes depois, como se demonstra pelas próprias palavras das Escrituras.

118. ¹Seria melhor pôr fim à vossa obstinação e fazer penitência, antes que chegue o dia do julgamento, no qual todas as vossas tribos baterão no peito por terem trans-passado esse Cristo, como já demonstrei estar predito pe-la Escritura. Expliquei também que o Senhor jurou “se-gundo a ordem de Melquisedec” e o que se predizia com is-so. Já disse também como é que se referia à sepultura e ressurreição de Cristo a profecia de Isaías, ao dizer: “Sua sepultura foi tirada do vosso meio”. Afirmei igualmen- te em vários lugares que ele é juiz dos vivos e dos mor- tos. ²O próprio Natã, falando com Davi sobre Cristo, assim disse: “Serei para ele pai e ele será para mim filho, e não afastarei dele a minha misericórdia, como fiz com aqueles que vieram antes dele. Estabelecê-lo-ei em minha casa e em seu próprio reino para sempre”^r. E é a esse e não a ou-tro que Ezequiel

designa como príncipe na casa^s. Com efeito, ele é sacerdote eleito e rei eterno, o Cristo, como Filho de Deus. Em sua vinda, não penseis que Isaías ou os outros profetas digam que se deverá oferecer sobre o altar sacrifícios de sangue ou de libações, e sim louvores e ações de graças verdadeiras e espirituais.

³Nós não cremos em Cristo em vão, nem fomos enganados por aqueles que assim nos ensinaram, mas isso aconteceu por maravilhosa providência de Deus, para que, pelo chamamento da nova e eterna aliança, isto é, de Cristo, nós fôssemos mais inteligentes e religiosos que vós, que vos considerais amantes de Deus e inteligentes, mas não o sois. ⁴Maravilhado com isso, Isaías disse: “Os reis refrearão a própria boca, pois aqueles a quem ele não foi revelado, o verão; aqueles que não ouviram falar sobre ele, entenderão. Senhor, quem acreditou naquilo que ouviu de nós e a quem o braço do Senhor foi revelado?”^t. Trifão, ao dizer isso, não o faço sem repetir, como posso, as mesmas coisas, em atenção aos que hoje se juntaram a ti, embora o faça brevemente e resumindo muito.

⁵Trifão disse-me:

— Fazes muito bem, e mesmo que repetisses a mesma coisa de maneira mais ampla, sabes que eu e meus companheiros nos alegramos ao ouvir-te.

O florescimento do novo povo

119. ¹Eu então continuei:

— Amigos, por acaso pensais que poderíamos entender esses mistérios nas Escrituras se não tivéssemos recebido graça para entendê-los, por vontade daquele que assim quis? Desse modo, se cumpriria o que foi dito por Moisés: ²“Irritaram-me com seus deuses estrangeiros, exacerbaram-me com suas abominações. Sacrificaram a demônios que não conhecem; vieram novos e recentes, dos quais seus pais não tinham notícia. Abandonaste o Deus que te criou, esqueceste o Deus que te alimenta. O Senhor viu isso, teve ciúmes, exacerbou-se pela ira de seus filhos e filhas, e disse: Afastarei deles a minha face e mostrarei o que lhes acontecerá nos últimos tempos. De fato, esta é uma geração perversa, filhos nos quais não há fidelidade. Excitaram-me ciúmes com um não-deus e irritaram-me com seus ídolos; por isso, eu também lhes excitarei ciúmes com um não-povo, os irritarei com um povo insensato. Acendeu-se um fogo em minha indignação, que abrasará até o fundo do Hades, devorará a terra e seus produtos, queimará os alicerces dos montes. Amontoarei catástrofes sobre eles”^u.

³Depois que esse Justo foi crucificado, nós florescemos como povo novo e brotamos como espigas novas e férteis, da maneira como os profetas disseram: “Naquele dia, nações se refugiarão no Senhor para ser povo, e plantarão suas tendas no meio de toda a terra”^v. Nós, porém, não somos apenas povo, mas povo santo, como já demonstrei: “E o chamarão de povo santo redimido pelo Senhor”^w.

⁴Não somos, portanto, uma plebe desprezável, uma tribo bárbara, uma nação de cários ou frígios, mas Deus nos escolheu e, aos que não perguntaram por ele, se tornou manifesto ao dizer: “Eis que sou Deus para um povo que não havia invocado o meu nome”^x. De fato, esse é o povo que outrora Deus prometera a Abraão, anunciando-lhe que seria pai de muitas nações, e não se referia aos árabes, egípcios ou idumeus, pois Ismael também foi pai de um grande povo, assim como Esaú, e ainda agora os amonitas são bastante numerosos^y. Quanto a Noé, ele foi pai do próprio Abraão e, em geral, de todo o gênero humano, seja qual for a linha dos antepassados. ⁵Que vantagem Cristo concedeu aqui a Abraão? Tendo-o chamado por sua voz com o mesmo chamamento que nos fez, ao dizer-lhe que saísse da terra onde habitava, pela mesma voz também nos chamou e já deixamos

aquela maneira de viver e *malviver* dos outros moradores da terra. E com Abraão herdaremos a terra santa, tomaremos posse de uma herança eterna sem fim, porque somos filhos de Abraão, pois temos a sua mesma fé. ⁶Assim como Abraão creu na voz de Deus e isso lhe foi reputado como justiça, nós também cremos na voz de Deus, pois ele nos fala novamente pela boca dos apóstolos de Cristo, depois que ele foi anunciado pelos profetas, e por essa fé renunciamos até à morte a tudo o que pertence ao mundo. Portanto, Deus lhe promete um povo igualmente crente, religioso e justo, alegria do Pai, e não a vós, que não tendes fé.

Os herdeiros das bênçãos de Isaac e Jacó

120. ¹Vede como as mesmas coisas são prometidas a Isaac e Jacó. Com efeito, diz o seguinte para Isaac: “Em tua descendência serão abençoadas as nações da terra”^z. E para Jacó: “Em ti e em tua descendência serão abençoadas todas as tribos da terra”. Isso ele não diz a Esaú, Rubem ou a nenhum outro, mas somente para aqueles dos quais, por dispensação através de Maria virgem, haveria de nascer o Cristo. ²Se consideras a bênção de Judá, verás o que eu digo. A descendência se divide a partir de Jacó e vai baixando através de Judá, Farés, Jessé e Davi. Tudo isso era símbolo de que alguns do vosso povo se achariam entre os filhos de Abraão, por encontrar-se também na parte de Cristo; outros, porém, são filhos de Abraão, mas semelhantes à areia da praia do mar, que é infecunda e sem fruto. Certamente é numerosa e impossível de contar; porém, não produz absolutamente nada e só serve para beber a água do mar. Isso prova que uma grande parte da vossa gente bebe as doutrinas da amargura e da impiedade e vomitam a palavra de Deus. ³A bênção de Judá diz: “Não faltará príncipe de Judá, nem chefe de seus músculos, até que venha aquele a quem está reservado. E ele será a esperança das nações”^a. É evidente que isso não se disse sobre Judá, mas de Cristo. De fato, nós, gente de todas as nações, não esperamos Judá, mas Jesus, que também tirou vossos pais do Egito. A profecia anunciou o advento de Cristo: “Até que venha aquele a quem está reservado. E ele será a esperança das nações”. ⁴Jesus, portanto, veio como já demonstramos fartamente. E Jesus, cujo nome profanais e fazeis com que seja profanado por toda a terra, é esperado novamente, vindo sobre as nuvens.

Eu continuei:

— Se fosse possível, discutiria convosco sobre a expressão que interpretaís, dizendo que o original é: “Até que venha o que lhe está reservado”^b. Os setenta não interpretaram assim, mas: “Até que venha aquele a quem está reservado”. ⁵Como o que vem em seguida indica que se disse de Cristo — de fato, diz: “E ele será a esperança das nações” — eu não discuto convosco por causa de uma pequena frase, do mesmo modo como não me empenhei em fundamentar minha demonstração sobre Jesus Cristo em Escrituras que não são reconhecidas por vós, como as passagens que citei do profeta Jeremias, de Esdras e de Davi, mas naquelas que até agora vós reconheceis. Se os vossos mestres as tivessem entendido, saíam que eles as teriam feito desaparecer, como aconteceu com a morte de Isaías, que serrastes com uma serra de madeira. Isso também foi mistério de Cristo, que cortará em duas partes a gente do vosso povo, e concederá aos que merecem um reino eterno com os patriarcas e profetas, mas enviará os demais para o suplício do fogo inextinguível, juntamente com aqueles que, procedentes de todas as outras nações, são incrédulos como eles e não se arrependem. De fato, ele disse: ⁶“Porque virão do ocidente e do oriente e sentar-se-ão à mesa com Abraão, Isaac e Jacó no reino dos céus; mas os filhos do reino serão atirados nas trevas exteriores”.

Acrescentei:

— Digo-vos isso porque não me preocupo com nada além de dizer a verdade. Não temerei ninguém,

ainda que tivesse de ser imediatamente despedido por vós. A prova é que, sem me preocupar em nada com meus contrerrâneos, isto é, com os samaritanos, comuniquei por escrito ao imperador que estão enganados em seguir o mago Simão, de seu próprio povo, que eles afirmam ser deus, acima de todo princípio, poder e força.

A palavra de Cristo mais poderosa que o sol

121. ¹Como eles ficassem em silêncio, continuei:

— Quando a Escritura fala de Cristo por meio de Davi, não diz que as nações serão abençoadas em sua descendência, mas nele. Eis as palavras: “Seu nome se levantaria para sempre acima do sol, nele serão abençoadas todas as nações”^e. Portanto, se em Cristo todas as nações são abençoadas e nós, que viemos de todas as nações, nele cremos, então ele é o Cristo e nós somos aqueles que foram abençoados em Cristo. ²Como está escrito^d, outrora Deus permitiu que o sol fosse adorado. Contudo, não se vê que alguém estivesse disposto a morrer por sua fé no sol; em troca, pelo nome de Jesus, facilmente vemos como gente de todos os tipos de homens suportaram isso e suportam tudo em vez de renegá-lo. É que a palavra da sua verdade é mais abrasadora e luminosa do que o poder do sol, e penetra as profundidades do coração e da inteligência. É por isso que a palavra diz: “Acima do sol se levantará o seu nome”. E em outra passagem Zacarias diz: “O seu nome é Oriente”. Falando sobre ele, o próprio Zacarias havia dito: “Tribo por tribo se lamentará”^e. ³De fato, se em sua primeira vinda, que foi sem glória, sem formosura e desprezível, Cristo brilhou e teve tanta força que nenhuma descendência humana o desconhece e todos fazem penitência, cada um abandonando a sua antiga má conduta e até os demônios se submetem ao seu nome e este é temido por todos os impérios e reinos, mais do que todo o mundo dos mortos, não irá ele, em sua vinda em glória, destruir absolutamente todos os que o odiaram e dele iniquamente apostataram, ao mesmo tempo concedendo descanso aos seus e dando-lhes tudo o que esperam?

⁴A nós, portanto, foi-nos concedido ouvir, compreender e ser salvos por meio de Cristo e conhecer tudo o que se refere ao Pai. Por isso se lhe dizia: “Grande coisa é para ti seres chamado meu filho, levantar as tribos de Jacó e reunir as dispersões de Israel. Eu te coloquei como luz das nações, para que sejas a sua salvação, até os confins da terra”^f.

A infidelidade dos judeus

122. ¹Certamente pensais que isso se refere à *geora*^{*} e aos prosélitos; na realidade, porém, foi dito para nós, que fomos iluminados por Jesus. Em outro caso, Cristo também teria dado testemunho em favor deles. A verdade, porém, é que, como ele mesmo afirmou, vós vos tornais duplamente filhos do inferno. As palavras dos profetas, portanto, não foram ditas para eles, mas para nós, a quem se refere também a palavra: “Conduzirei os cegos por caminhos que não conheciam e eles andarão por veredas que não conheciam. Eu sou testemunha, diz o Senhor, e também o meu filho, a quem escolhi”^g. ²Por quem, portanto, Cristo dá testemunho? Claramente por aqueles que acreditaram. Os prosélitos, porém, não só não crêem, mas blasfemam duas vezes mais do que vós o nome de Jesus, e querem matar e atormentar a todos nós que nele cremos, tornando-se a todo custo semelhantes a vós. ³Em outra passagem, Deus clama outra vez: “Eu, o Senhor, te chamei na justiça. Tomar-te-ei pela mão, fortalecer-te-ei e te estabalecerei como aliança do povo, como luz das nações, para que abras os olhos dos cegos e tires do cárcere os prisioneiros”^h. Amigos, tudo isso foi dito em relação a Cristo e às nações por ele iluminadas. Ou dirás mais uma vez que se fala da lei e dos prosélitos?

⁴Nesse momento, como estavam no teatro, alguns dos que haviam chegado no segundo dia começaram

a gritar:

— Como assim? Não se fala aqui da lei e dos que são por ela iluminados? E estes são os prosélitos!

⁵Olhando para Trifão, eu contestei:

— De modo nenhum! Se a lei fosse capaz de iluminar as nações e aqueles que a possuem, para que seria neces-sária uma nova aliança? Contudo, já que Deus anunciou que enviaria uma nova aliança, uma lei e um mandamento eterno, não devemos entender a antiga lei e seus proséli-tos, mas Cristo e os seus, a nós, os gentios, a quem ele ilumi-nou, como diz em algum lugar da Escritura: “No tempo pro-pício eu te ouvi e no dia da salvação eu te ajudei. Eu te esta-beleci como aliança das nações para restabelecer a terra e herdar os desertos como herança”ⁱ. ⁶Portanto, qual é a he-rança de Cristo? Não são as nações? Qual é a aliança de Deus? Não é Cristo? Como diz em outro lugar: “Tu és meu filho, eu hoje te gerei. Pede-me, e eu te darei as nações co-mo herança e os confins da terra como tua propriedade”ⁱ.

Os incircuncisos formam o novo Israel

123. ¹Assim como todas essas coisas se referem a Cristo e aos gentios, assim também pensais ser ditas aquelas. Com efeito, para nada os prosélitos necessitam de uma nova aliança, pois já existe uma só e única lei para todos os circuncidados. De fato, sobre esses a Escritura diz: “Acrescentar-se-á a eles também a *geora*, e acrescentar-se-á à casa de Jacó”^k. Além disso, pelo fato de estar circuncidado, o prosélito juntou-se ao povo como se fosse nativo; nós, porém, mesmo que mereçamos ser chamados povo de Deus, somos, todavia, gentios por não estarmos circuncidados.

²Por outro lado, é ridículo pensar que os olhos dos prosélitos foram abertos e os vossos não; que vós sejais chamados cegos e surdos, e eles iluminados. No fim, teremos o cúmulo do ridículo, se disserdes que a lei foi dada para os prosélitos e vós não a conhecestes sequer. ³Temeríeis, então, a cólera de Deus e não teríeis que passar pela vergonha de serdes chamados filhos iníquos e errantes, quando Deus diz a cada momento: “Filhos nos quais não há fidelidade”. E: “Quem é o cego, senão os meus servos? E os surdos, senão aqueles que os governam? Os filhos de Deus se tornaram cegos. Vistes muitas vezes, mas não vos precavestes; vossos ouvidos estavam abertos, mas não ouvistes”^l.

⁴Parece-vos bom esse louvor de Deus e conveniente esse testemunho para servos de Deus? Por mais que o ouçais, não tendes vergonha e não estremeceis diante das ameaças de Deus, porque sois um povo ignorante e duro de coração. “Por isso, eis que continuarei transportando esse, diz o Senhor. Eu os transportarei, destruirei a sabedoria de seus sábios e esconderei a prudência de seus prudentes”^m. E isso com razão, pois não sois sábios, nem prudentes, mas espertos e astutos. Se sois sábios, o sois apenas para praticar o mal, mas sois impotentes para conhecer o desígnio oculto de Deus e a aliança fiel do Senhor ou encontrar os caminhos eternos. ⁵Portanto, diz a Escritura: “Levantarei contra Israel e contra Judá uma descendência de homens e uma descendência de feras”ⁿ. E por meio de Isaías, assim fala sobre o outro Israel: “Naquele dia, haverá um terceiro Israel entre os assírios e os egípcios, abençoado na terra que o Senhor dos exércitos abençoou, dizendo: Bendito será o meu povo que está no Egito e aquele que está entre os assírios, e a minha herança é Israel”^o.

⁶Portanto, se Deus abençoa esse povo, o chama de Israel e diz que ele é sua herança, por que não vos converteis, mas vos enganais a vós mesmos, como se fôsseis o único Israel, e maldizendo o povo que é bendito por Deus? Pois quando falava a Jerusalém e ao seu território, disse também o seguinte: “Gerarei para vós homens, que serão o meu povo de Israel. Eles vos herdarão, e vós sereis possessão deles e acontecerá que não ficareis sem ter filhos com eles”^p.

⁷Então Trifão replicou:

— Como vós sois Israel e a Escritura diz tudo isso de vós?

Eu respondi:

— Se já não tivéssemos tratado extensamente dessa questão, eu pensaria que estás me perguntando isso por não ter compreendido. Todavia, como a questão já ficou demonstrada, e tu concordaste, não creio que agora se trate de ignorância tua, nem que tenhas novamente vontade de discutir, mas tu me provocas para que eu repita a demonstração também para estes.

⁸ Trifão concordou, piscando os olhos, e eu continuei:

— Ouvi com os ouvidos, para ver se entendeis. Novamente em Isaías, falando sobre Cristo, Deus o chama por comparação Jacó e Israel. Assim diz: “Jacó é o meu servo, eu o protegerei; Israel é o meu escolhido, eu porei sobre ele o meu espírito, e ele trará justiça para as nações. Não discutirá, nem gritará, e ninguém ouvirá a sua voz nas praças. Não quebrará a cana rachada, nem apagará a mecha fumegante, mas trará justiça à verdade e não se cansará até que estabeleça o julgamento sobre a terra. E as nações depositarão a esperança em seu nome”⁹. Portanto, como do único Jacó, que também foi chamado de Israel, toda a vossa descendência tomou os nomes de Jacó e de Israel, igualmente nós, por Cristo, que nos gerou para Deus, nos chamamos e somos verdadeiros filhos de Jacó, de Israel, de Judá, de Davi e de Deus, nós que guardamos os mandamentos de Cristo.

Interpretação do salmo 82,1-8: todos podem ser filhos de Deus

124. ¹Como vi que ficaram alvoroçados com a afirmação de que também nós somos filhos de Deus, adiantei-me às perguntas deles e disse:

— Amigos, escutai como o Espírito Santo fala desse povo, que são todos filhos do Altíssimo e que no meio da sua assembléia estará Cristo, fazendo justiça de toda a descendência de homens. ²As palavras são ditas por Davi, conforme o vosso texto: “Deus se levantou na assembléia dos deuses e em seu meio está julgando os deuses. Até quando julgareis com injustiça e olhareis o rosto dos pecadores? Julgai o órfão e o mendigo e farei justiça ao humilde e ao pobre. Libertai o pobre e tirai o mendigo da mão do pecador. Não entenderam, nem caíram em si mesmos; caminham nas trevas e todos os fundamentos da terra se abalarão. E disse: Sois deuses e todos filhos do Altíssimo, mas morreis como um homem e caís como um dos príncipes. Levanta-te, ó Deus, e julga a terra, porque tu herdarás em todas as nações”³. ³Todavia, na versão dos Setenta, se diz: “Vede que morrereis como homens e caireis como um dos príncipes”, aludindo à desobediência dos homens, isto é, de Adão e Eva, e à queda de um dos príncipes, aquele que se chama serpente, e deu uma grande queda por ter enganado Eva. ⁴Mas não citei agora a passagem por causa dessa variante, e sim para vos demonstrar que o Espírito Santo repreende os homens, porque, tendo sido criados impassíveis e imortais, como Deus, com a condição de guardar os seus mandamentos, e tendo-lhes concedido ser chamados filhos de Deus, são eles que, por tornar-se semelhantes a Adão e Eva, produzem a morte para si mesmos. A interpretação do salmo pode ser aquela que desejardes; mesmo assim, fica demonstrado que foi concedido aos homens chegar a ser deuses e que todos podem se transformar em filhos do Altíssimo, e que é por culpa sua que, como Adão e Eva, são julgados e condenados. Além disso, que Cristo é chamado Deus é coisa que está fartamente provada.

Interpretação do nome Israel

125. ¹Amigos, gostaria que vós me instruísseis sobre a força do nome de Israel.

Como todos se calassem, continuei:

— Direi o que sei, seja porque não me parece justo que alguém que saiba não o diga, seja porque não

suspeito que vós o sabeis e que, por inveja ou imperícia, sempre quereis enganar a vós mesmos. Direi, porém, tudo com simplicidade e nobremente, como diz o meu Senhor: “Saiu o semeador a semear sua semente: uma parte caiu no caminho, outra entre espinhos, outra entre pedras e outra em terra boa”^s. ²Portanto, na esperança de que em alguma parte haverá terra boa, deve-se falar. De fato, aquele meu Senhor, sendo forte e poderoso, se o conhecêsseis bem, ao vir, exigirá de cada um o que lhe pertence, e não condenará o seu administrador que, por saber que o seu Senhor é poderoso e exigirá o que lhe pertence, colocou toda a sua parte no banco, e não a enterrou por nenhum motivo. ³O nome Israel significa o seguinte: homem que vence a força. Porque *isra* é “homem que vence”; *el* é “força”. Por isso, através do mistério da luta que Jacó enfrentou com aquele que lhe apareceu para cumprir a vontade do Pai, mas que era Deus, por ser Filho primogênito antes de todas as criaturas, foi profetizado que o Cristo, feito homem, faria. ⁴Foi assim que, quando se fez homem, aproximou-se dele o diabo, isto é, a força que se chama serpente e Satanás, para tentá-lo e lutando para derrubá-lo, pois exigiu que o adorasse. Contudo, foi ele quem o destruiu e derrubou, acusando-o de perverso, pois, contra as Escrituras, exigia ser adorado como Deus, tornando-se apóstata da sentença divina. De fato, Jesus responde-lhe: “Está escrito: Adorarás ao Senhor teu Deus e só a ele servirás”^t. Vencido e confuso, o diabo então se retirou. ⁵Todavia, como nosso Cristo deveria sentir sua força entorpecida na fadiga e aceitação de sua paixão, quando seria crucificado, também isso foi anunciado de antemão no fato de tocar e entorpecer o músculo de Jacó. Desde o começo, porém, era o seu nome de Israel, com o qual chamou o bem-aventurado Jacó, abençoando-o com o seu próprio nome e anunciando assim que todos os que por ele se refugiam no Pai são o Israel abençoado. Vós, porém, que nada disso compreendeis e nem estais preparados para compreender, esperais absolutamente salvar-vos pelo simples fato de ser filhos de Jacó segundo a descendência da carne. Nisso também vos enganais a vós mesmos, coisa que já demonstrei fartamente.

Os múltiplos nomes de Cristo

126 ¹Mas quem é esse que uma vez é chamado Anjo do grande conselho, Homem por Ezequiel, Filho do Homem por Daniel, Menino por Isaías, Cristo e Deus adorável por Davi, Cristo e Pedra por muitos, Sabedoria por Salomão, José, Judá e Estrela por Moisés, Oriente por Zacarias, Paciente, Jacó e Israel pelo próprio Isaías, e que recebe os nomes de Vara, Flor, Pedra angular e Filho de Deus? Trifão, se soubésseis, não blasfemaríeis contra ele que já veio, que nasceu, sofreu e subiu ao céu, e que virá outra vez. Então vossas doze tribos baterão no peito.

²Se compreendêsseis o que os profetas disseram, vós não negaríeis que ele é Deus, Filho do único, ingênito e inefável Deus. Com efeito, em uma passagem do Êxodo, Moisés diz: “Deus falou a Moisés e lhe disse: Eu sou o Senhor e apareci a Abraão, Isaac e Jacó, Deus deles; não lhes revelei, porém, o meu nome, mas estabeleci com eles minha aliança”^u. Outra vez diz assim: “Um homem lutava contra Jacó”. Em seguida, afirma que é Deus: “Vi Deus face a face e minha alma foi salva”^v. Isso se afirma que Jacó o disse. E ainda escreveu que Jacó chamou de “Face de Deus” o lugar onde lutou, apareceu-lhe e o abençoou. ⁴De modo semelhante, Moisés conta que Deus apareceu a Abraão junto ao carvalho de Mambré, quando, ao meio-dia, estava sentado à porta de sua tenda. Depois, narrando isso, diz: “E levantando os olhos viu e eis que três ho-mens estavam em pé diante dele; ao vê-los, correu ao seu encontro”. Pouco depois, um deles promete um filho a Abraão: “Como é que Sara se pôs a rir, dizendo: ‘Como darei à luz, pois já estou velha?’ Por acaso, existe alguma coisa impossível para Deus? Nesta mesma época voltarei, e Sara terá um filho. E se afastaram de Abraão.” ⁵So-bre eles, diz novamente: “E, levantando-se dali, os homens olharam para Sodoma”. Depois diz a Abraão quem

era e quem é: “Não ocultarei ao meu servo Abraão o que fa-rei”, e tudo o resto que Moisés narra, e que eu já comentei.

Então repeti essas passagens, e disse:

— Por elas se demonstra que esse, que está subordinado ao Pai e serve à sua vontade, que apareceu a Abraão, Isaac e Jacó e aos outros profetas, é descrito como verdadeiro Deus.

⁶Acrescentei um ponto que não havia dito antes:

— Do mesmo modo, quando o povo desejou comer carne e Moisés não acreditou naquele, também aí chamado Anjo, que lhe prometia que Deus a daria até que se fartassem, esclarece ter sido ele mesmo, que era Deus e Anjo enviado pelo Pai, quem disse e fez tais coisas. Com efeito, a Escritura continua dizendo: “E o Senhor disse a Moisés: Será que a mão do Senhor não basta? Agora saberás se minha palavra te atingirá ou não”^w. De novo, em outra passagem, diz assim: “E o Senhor disse-me: Tu não passarás esse Jordão. O Senhor teu Deus, que caminha diante de tua face, aniquilará sozinho as nações”^x.

Não Deus Pai, mas Deus Filho quem se manifestou no AT

127. ¹Existem outras expressões semelhantes ditas pelo legislador e pelos profetas, mas eu creio que já citei o suficiente. Quando meu Deus diz: “O Deus subiu de Abraão”, ou: “Deus falou a Moisés”, ou: “O Senhor desceu para ver a torre que os filhos dos homens haviam construído”, ou ainda quando diz: “Deus fechou a arca de Noé por fora”, não penseis que é o Deus ingênito que sobe e desce de algum lugar. ²De fato, o Pai inefável Senhor de todas as coisas não chega a alguma parte e não passeia, nem dorme ou se levanta, mas permanece sempre em sua própria região, onde quer que ela se situe, olhando com olhar penetrante, ouvindo com agudez, não com olhos e ouvidos, mas por um poder inefável. Ele vigia tudo e tudo conhece, e ninguém de nós lhe está oculto. Sem que tenha que mover-se, ele que não cabe em nenhum lugar, nem no mundo inteiro e que já existia antes que o mundo existisse. ³Como então, poderia ter falado a alguém, aparecer a alguém, circunscrever-se a uma pequena porção de terra, se o povo não pôde resistir à glória de seu enviado no Sinai, se o próprio Moisés não pôde entrar na tenda que ele havia construído, pois estava cheia da glória de Deus, se o sacerdote não teve forças para ficar em pé diante do Templo quando Salomão levou a arca para a casa que o próprio Salomão havia construído em Jerusalém? ⁴Portanto, nem Abraão, nem Isaac, nem Jacó, nem qualquer outro homem jamais viu aquele que é Pai inefável e Senhor absoluto de todas as coisas e também do próprio Cristo, mas viu seu Filho, que também é Deus por vontade daquele, e Anjo por estar a serviço de seus desígnios, aquele mesmo que o Pai quis que nascesse homem por meio da virgem e que, em outro tempo, se tornou fogo para falar com Moisés a partir da sarça. ⁵De fato, se não entendemos dessa forma as Escrituras, ter-se-á que admitir que o Pai e Senhor do universo não estava no céu quando Moisés nos conta: “O Senhor fez chover sobre Sodoma fogo e enxofre da parte do Senhor, desde o céu”^y. A mesma coisa que Davi nos diz: “Levantai, ó príncipes, as vossas portas; levantai-vos, portas eternas, e entrará o rei da glória”^z. Por fim, quando nos diz: “Disse o Senhor ao meu Senhor: Senta-te à minha direita, até que eu ponha teus inimigos como escabelo para teus pés”^a.

128. ¹Demonstrei profundamente que Cristo, que é Senhor e Deus, Filho de Deus, antes apareceu prodigiosamente como Homem, como Anjo e também na glória do fogo, como na visão da sarça e no julgamento de Sodoma. Todavia, citei novamente tudo o que tinha escrito antes, tomado do Êxodo, tanto sobre a visão da sarça, como sobre o nome de Jesus, e continuei:

—²Amigos, não penseis que estou repetindo tudo isso muitas vezes por puro palavreado, mas porque sei que alguns querem prever a minha interpretação, dizendo que a Potência que aparece a Moisés, a Abraão ou a Jacó, da parte do Pai de tudo, chama-se Anjo quando vem aos homens, porque, por meio dela, as mensagens do Pai são trazidas aos homens, e chama-se glória, porque às vezes aparece em grandeza imensa; outras vezes recebe o nome de Varão e Homem, porque aparece nessas formas, segundo a vontade do Pai; chama-se Palavra, porque leva aos homens o que o Pai lhes fala. ³Essa Potência seria inseparável e indivizível do Pai, como dizem, da mesma forma que a luz do sol, que ilumina a terra, é inseparável e indivizível do sol que está no céu. E como este, no poente, leva consigo a luz, assim também, conforme essa teoria, quando o Pai deseja, ele faz saltar de si certa Potência e, quando quer, novamente a recolhe a si. Ensinam que ele cria os anjos também desse modo.

⁴Que existem os anjos e que são seres permanentes e não se reduzem àquilo de que tiveram princípio, são coisas já demonstradas. Embora brevemente, antes eu também examinei a questão de que essa Potência, que a palavra profética chama ao mesmo tempo Deus e Anjo, e isso já demonstramos amplamente, não só é distinta pelo nome, como a luz se distingue do sol, mas é também numericamente outra e então disse que essa Potência é gerada pelo Pai, pelo seu poder e vontade, mas não por cisão ou corte, como se a substância do Pai se dividisse, da mesma forma que todas as outras que se dividem ou cortam não são as mesmas antes e depois de se dividirem. Dei então o exemplo de como vemos os fogos se acenderem a partir de outro e como, todavia, não diminui nada daquele do qual muitos outros podem se acender, mas permanece o mesmo.

129. ¹Agora vou repetir-vos as razões em que fundamentei a minha demonstração. Quando a Escritura diz: “O Senhor fez chover fogo da parte do Senhor, desde o céu”, a palavra profética indica numericamente dois: um sobre a terra, que ela diz ter descido para ver o clamor de Sodoma; e outro nos céus, que é o Senhor do Senhor que está na terra, e seu Pai e Deus e, ao mesmo tempo, a causa de ele ser poderoso, Senhor e Deus.

²Da mesma forma, quando citei a palavra dita por Deus no princípio: “Eis que Adão se tornou como um de nós”, esse “como um de nós” é também expressão de número, e essas palavras não admitem explicação tipológica, como pretendem os sofistas, incapazes de dizer a verdade ou de entendê-la.

³Na Sabedoria também se diz: “Já que vos anunciei o que acontece cada dia, lembro-me de contar-vos o que existe desde a eternidade. O Senhor me criou como princípio de seus caminhos para as suas obras: antes do tempo, colocou meus alicerces no princípio, antes de fazer a terra, antes de fazer os abismos, antes de fazer brotar as fontes das águas, antes de lançar os fundamentos dos montes, gerou-me antes das colinas”^b.

⁴Terminada a citação, continuei:

— Ouvintes, entendei, se é que prestastes atenção. Que essa descendência é gerada pelo Pai antes de todas as criaturas, a Palavra o dá a entender claramente. Todos concordarão que aquele que é gerado é numericamente distinto daquele que o gera.

Idólatras antes, herdeiros hoje

130. ¹Todos concordaram, e eu continuei:

— Agora algumas palavras que não lembrei antes. Foram misteriosamente ditas por Moisés, o servo fiel de Deus. São estas: “Céus, alegrai-vos com ele, e todos os anjos de Deus o adorem”.

E citei o restante de suas palavras:

— “Nações, alegrai-vos com seu povo, e que todos os anjos de Deus sejam fortes com ele, porque o sangue de seus filhos foi vingado, e o vingará e fará justiça contra seus inimigos, pagará aos que o odeiam, e o Senhor limpará a terra do seu povo”^c. ²Dizendo isso, Moisés quer significar que nós, as nações, nos alegremos com o seu povo, isto é, com Abraão, Isaac e Jacó e os profetas e, em geral, com todos os que nesse povo agradaram a Deus, conforme com o que anteriormente conviemos. Todavia, não entendamos isso de toda a vossa descendência, pois sabemos, por meio de Isaías, que os membros dos que foram transgressores serão devorados por um verme e um fogo que não tem descanso, permanecendo imortais, de forma a se tornarem espetáculo para toda carne^d.

³Senhores, agora vou citar-vos outras palavras dos discursos de Moisés, pelas quais podereis compreender como antigamente Deus dispersou todos os homens, conforme suas descendências e línguas, escolhendo para si o vosso povo, geração inútil, desobediente e incrédula. Em troca, ele mostrou que os escolhidos de todas as nações obedecem ao seu desígnio por meio de Cristo e, por isso, o chama de Jacó e lhe dá o nome de Israel. É preciso que aqueles sejam, como eu disse antes fartamente, o verdadeiro Jacó e Israel. ⁴É assim que, ao dizer: “Nações, alegrai-vos com o seu povo”, ele dá às nações a mesma herança e a mesma denominação que ao povo de Deus. Mas quando diz que as nações se alegram com o seu povo, usa a palavra “nação”, para vos reprovar. Com efeito, vós o irritastes, entregando-vos à idolatria. A eles, porém, que eram idólatras, ele concedeu a graça de conhecer a sua vontade e participar da sua herança.

131. ¹Vou, portanto, citar-vos as palavras pelas quais se vê como Deus dividiu todas as nações: “Pergunta a teus pai, e ele te contará; e a teus avós, e eles te dirão. Quando o Altíssimo dividia as nações, quando dispersava os filhos de Adão, estabeleceu os limites das nações, segundo o número dos filhos de Israel, e a porção do Senhor foi o seu povo Jacó, e a corda de sua herança foi Israel”^e. Depois, fiz notar que os Setenta traduziram: “Estabeleceu os limites das nações, segundo o número dos anjos de Deus”. Como, porém, essa variante não é importante em nada para o meu raciocínio, eu citei a vossa interpretação. ²Se quisésseis dizer a verdade, teríeis que confessar que nós, que fomos chamados por ele graças ao mistério da cruz, desprezado e cheio de opróbrio, somos mais fiéis para com Deus. Nós, que por nossa confissão da fé, por nossa obediência e nossa piedade, somos condenados a tormentos até à morte pelos demônios e pelo exército do diabo, graças aos serviços que vós lhes prestais, nós, que suportamos tudo para não negar, nem com a palavra, a Cristo, por quem fomos chamados à Salvação que nos foi preparada por nosso Pai, somos mais fiéis do que vós, ³apesar de terdes sido resgatados do Egito com braço excelso e rumor de grande glória, quando o mar se dividiu e transformou-se em caminho seco para vós e nele Deus matou os que vos perseguiram com enorme exército e esplêndidos carros, afundando-os nas mesmas águas que vos tinham deixado passar. Somos mais fiéis do que vós, apesar de ter-vos iluminado uma coluna de luz, com a qual tivestes o privilégio, acima de qualquer outro povo do mundo, de usar uma luz própria que não diminui e nunca se apaga; apesar do ma-ná, pão dos anjos, ter chovido do céu para vós, para que vi-vêsseis sem necessidade de amassar; apesar da água de Marra ter-se convertido em água doce para vós; ⁴apesar de vos ter sido dado um sinal daquele que era destinado a ser crucificado, como eu já disse, terdes sido mordidos pelas serpentes, pois Deus, para quem vos mostrastes sempre ingratos, antecipou-se em manifestar-vos gratuitamente todos os seus mistérios antes de seus próprios tempos; apesar de outro sinal, isto é, a figura que Moisés formou ao estender os braços e o nome de Jesus dado ao filho de Nave, quando guerreavam contra Amalec. E Deus ordenou que se pusesse por escrito esse fato, para que o nome de Jesus entrasse em vossos ouvidos, dizendo-vos que esse é quem

apagaria de debaixo do céu a lembrança de Amalec. ⁵Que a lembrança de Amalec continua ainda depois do fi-lho de Nave é evidente; em troca, que por Jesus crucifica-do, cuja vida era anunciada por todos esses símbolos, ha-veriam de ser exterminados os demônios, que todos os principados e reinos reverenciariam seu nome e que os que nele crêem, pertencentes a toda linhagem de homens, mostra-se-iam pacíficos e piedosos, são coisas que Deus está tornando manifestas. Trifão, esse é o sentido das palavras por mim citadas. ⁶Além disso, quando desejas-tes comer carne, vos foi dada uma multidão de codornizes, impossível de se contar; brotou-vos água de uma rocha; uma nuvem vos seguia, para dar sombra contra o calor e proteção contra o frio, e anunciava a figura de um novo céu; as correias de vossas sandálias não se rompiam e estas não se gastavam; vossas roupas não se rasgavam, mas cresciam com os jovens que as vestiam.

132. ¹Apesar disso, fabricastes o bezerro de ouro e for-nicastes com as filhas dos estrangeiros, entregando-vos com afã à idolatria; e mesmo depois, quando já vos havia sido entregue a terra com tão grande prodígio. De fato, vós mesmos contemplastes o sol parar, por ordem daquele ho-mem que recebeu o nome de Jesus, e não se pôs durante trinta e seis horas, e outros prodígios que foram feitos em vosso favor conforme o tempo oportuno. Parece-me agora oportuno recordar apenas mais um, porque contribui pa-ra que compreendais Jesus, o qual reconhecemos como Cristo, Filho de Deus, ele que foi crucificado, ressuscitou, subiu aos céus e que virá novamente para julgar todos os homens sem exceção, inclusive o próprio Adão.

Eu continuei:

— Vós sabeis que, quando a tenda do testemunho foi roubada pelos habitantes de Azoto, inimigos do povo de Israel, e eles foram feridos por uma praga terrível e incurável, decidiram colocá-la sobre um carro, ao qual atrelaram novilhas com crias recentes, pois queriam uma prova de que tinham sido feridos pelo poder de Deus por causa da tenda do testemunho e se, de fato, Deus queria que ela fosse devolvida ao lugar de onde a tinham roubado. ³Feito isso, as novilhas, sem que ninguém as guiasse, não foram para o lugar de onde a tenda tinha sido tirada, mas para o campo de um homem chamado Ausés, o mesmo nome daquele cujo nome foi mudado para Jesus, como já foi dito, e que introduziu o povo na terra e a distribuiu através de sorteio. Chegando ao campo de Ausés, elas aí pararam. Isso demonstrava que elas foram guiadas pela força do nome, do mesmo modo como o povo, que havia restado dos que saíram do Egito, foi guiado para a terra por aquele que recebeu o nome de Jesus e antes se chamava Ausés^f.

133 ¹Apesar de todos esses grandes prodígios e maravilhas realizadas em vosso favor e que vistes no tempo oportuno, sois repreendidos pelos profetas por terdes inclusive sacrificado vossos filhos aos demônios; a isso, acrescentastes tão grandes crimes, como cometestes contra Cristo, e ainda continuais a cometer. Oxalá alcanceis da parte de Deus e de seu Cristo total misericórdia, e vos salveis!

²Com efeito, sabendo Deus que deveríeis assim fazer, vos amaldiçoou por meio do profeta Isaías: “Ai de suas almas! Aconselharam-se mal contra si mesmos, dizendo: ‘Amarremos o justo, porque ele nos é molesto’. Por isso, comerão os produtos de suas próprias ações. Ai do iníquo! Males lhe acontecerão, conforme as obras de suas mãos. Povo meu, vossos opressores vos saqueiam e vossos exatores vos governam. ³Povo meu, aqueles que vos chamam felizes vos enganam e baralham a vereda de vossos caminhos. Agora, porém, julgará o seu povo, e o próprio Senhor virá estabelecer julgamento contra os anciãos e contra seus príncipes. Por que pusestes fogo em minha vinha e o que

roubastes do pobre está em vossas casas? Por que cometeis a iniquidade contra o meu povo e encheis de confusão o rosto dos humildes?”^{g4} Em outro lugar, o mesmo profeta diz sobre o mesmo assunto: “Ai dos que arrastam seus pecados com uma longa corda e suas iniquidades como o jugo de uma novilha! Os que dizem: ‘Que venha logo e chegue o desígnio do Santo de Israel, para que o conheçamos! Ai dos que chamam bem ao mal e mal ao bem; os que fazem da luz trevas e das trevas luz; os que transformam o amargo em doce e o doce em amar-go! Ai dos que são prudentes para si mesmos e sábios aos próprios olhos!’⁵ Ai dos que são fortes entre vós, dos que bebem vinho, os poderosos que misturam a bebida! Ai dos que justificam o ímpio com seus subornos e arrancam do justo seus direitos! Por isso, do mesmo modo como a palha é queimada por uma brasa de fogo e consumida pela chama ardente, assim sua raiz será como pó e sua flor será levada como poeira. Porque não quiseram a lei do Senhor Sabaot, mas irritaram a palavra do Senhor, o Santo de Israel. O Senhor Sabaot se indignou com ira, estendeu sua mão sobre eles e os golpeou; irritou-se contra os montes, e seus cadáveres se converteram em lixo no meio do caminho. Apesar disso não se converteram, mas sua mão continua estendida”^h.

⁶De fato, vossa mão ainda está estendida para fazer o mal, pois nem mesmo depois de matar Cristo fazeis penitência, mas nos odiais por termos acreditado no Deus que é Pai do universo e, sempre que tendes poder para isso, nos tirais a vida. Vós não cessais de amaldiçoá-lo e a nós que dele viemos. Nós, porém, rogamos por vós e por todos os homens em geral, como nosso Cristo e Senhor nos ensinou a fazer, ele que nos mandou orar por nossos inimigos, amar os que nos odeiam e abençoar os que nos amaldiçoam.

Paralelos entre Jacó e Cristo

134. ¹Se, portanto, os ensinamentos dos profetas e até os do próprio Jesus vos comovem em algo, é melhor que sigais a Deus do que aos vossos mestres, insensatos e cegos, que ainda agora vos permitem ter quatro ou cinco mulheres; se um vê uma mulher bonita e a cobiça, eles contam o que fez Jacó, aquele que foi chamado Israel, e os demais patriarcas, e afirmam que não se comete pecado nenhum fazendo o que eles fizeram. Até nisso são miseráveis e insensatos. ²Na verdade, como eu disse anteriormente, em cada uma dessas ações se cumpriam dispensações de grandes mistérios. Vou explicar qual dispensação e profecia se realizava nos casamentos de Jacó, para que também aqui reconheçais como vossos mestres nunca olharam para o mais divino que em cada ação se realizava, mas sempre de modo rasteiro e até em vista de paixões de corrupção. Portanto, prestai atenção no que vos digo.

³Os casamentos de Jacó eram figura do que Cristo realizaria. De fato, não era lícito para Jacó tomar ao mesmo tempo duas irmãs em matrimônio. Ele serve Labão por causa de suas duas filhas e, enganado sobre a mais jovem, o serviu novamente outros sete anosⁱ. Lia era vosso povo e sinagoga, e Raquel a nossa Igreja. Cristo está até agora servindo por uma e outra, assim como pelos servos de ambas. ⁴Com efeito, assim como Noé deu como servo de dois de seus filhos a descendência do terceiro, agora chegou Cristo para o restabelecimento de ambos, dos livres e dos que dentre eles são escravos, concedendo os mesmos privilégios a todos os que guardarem os seus mandamentos, de modo que os filhos que Jacó teve com as escravas e as livres fossem todos filhos de igual honra. Contudo, segundo a ordem e a presciência, foi predito como será cada um.

⁵Jacó serviu a Labão em troca dos rebanhos manchados e multiformes. Também Cristo serviu até a cruz em favor dos homens de toda descendência, variados e multiformes, ganhando-os por meio do seu sangue e domistério da cruz. Lia tinha os olhos doentes, e os olhos de vossas almas também

estão muito doentes. Raquel roubou os deuses de Labão e os escondeu até o dia de hoje. E também para nós acabaram-se os deuses tradicionais, feitos de matéria. ⁶Jacó foi o tempo todo odiado por seu irmão, e agora nós e também nosso Senhor somos odiados por vós e, em geral, por todos os homens, embora sendo, de fato, todos irmãos por natureza. Jacó foi chamado Israel, e aquele que é e se chama Jesus está demonstrado que é Israel e Messias ou Cristo.

O novo Israel nasce da fé e do espírito

135. ¹Quando a Escritura diz: “Eu sou o Senhor, o Deus, o Santo Israel, aquele que constituiu Israel como vosso rei”ⁱ, não percebeis que está verdadeiramente falando de Cristo, o rei eterno? De fato, vós sabeis muito bem que Jacó, o filho de Isaac, nunca foi rei. Por isso, a própria Escritura, explicando-nos quem é chamado de rei Jacó e Israel, assim diz: ²“Jacó é o meu servo: eu o protegerei; Israel é o meu eleito: minha alma o receberá. Eu coloquei sobre ele o meu espírito, e ele trará direito às nações. Não gritará, nem se ouvirá a sua voz; não quebrará a cana rachada, nem apagará a mecha que ainda fuma, até que a vitória traga o direito por retribuição, e não se cansará até que ponha o julgamento sobre a terra. E as nações confiarão em seu nome”^k. ³Por acaso, os que vêm das nações, e até vós, confiam mais no patriarca Jacó do que em Cristo? Por conseguinte, como se diz que Cristo é Jacó e Israel, da mesma forma, nós, que saímos do ventre de Cristo como pedra de uma pedreira, somos a verdadeira descendência de Israel. Mas prestemos maior atenção à passagem da Escritura que diz: “Tirarei a descendência de Jacó e de Judá, e ela herdará o meu monte santo, e os meus escolhidos e os meus servos o herdarão e nele habitarão. No matagal haverá currais de rebanhos e o vale de Acor será acampamento de rebanhos graúdos do povo que me procurou. A vós, porém, que me abandonais e vos esqueceis do meu monte santo, que preparais uma mesa para os demônios e misturais as taças para o demônio, eu vos entregarei à espada. Todos vós caireis degolados, porque eu vos chamei, e vós não me escutastes, fizestes o mal diante de mim e escolhestes o que eu não queria”^l.

⁵São essas as palavras da Escritura. Vós mesmos concordareis que a descendência de Jacó, de que aqui se fala, é outra, e que não se refere a vosso povo, como se poderia pensar. Com efeito, não se concebe como os descendentes de Jacó deixem entrar os nascidos de Jacó; nem como Deus, de um lado, reprove o povo como indigno da herança e, depois, a prometa aos mesmos, como se os aceitasse. ⁶A verdade é que o profeta diz na passagem anterior: “E agora tu, casa de Jacó, vinde e caminhemos na luz do Senhor, porque ele rejeitou o seu povo, a casa de Jacó, porque o país deles encheu-se, como no princípio, de adivinhações e augúrios”^m. Portanto, devem-se entender aqui duas descendências de Judá e duas linhagens, assim como duas casas de Jacó: uma que nasce da carne e do sangue, e outra da fé e do espíritoⁿ.

136. ¹Com efeito, vede agora como Deus fala ao povo. Antes ele diz: “Do mesmo modo que se encontrará um grão num cacho e se dirá: ‘A uva não está podre, pois ela contém uma bênção’, da mesma forma eu agirei em favor de quem me servir. Por causa dele não farei todos perecerem”^o. E depois acrescenta: “E tirarei a descendência de Jacó e de Judá”. A coisa, portanto, é evidente. Se ele se irrita desse modo contra aqueles e os ameaça de os reduzir a uma porção mínima, então os que anunciam que tirará são outros, que habitarão em seu monte santo. ²Estes são os que ele disse que semearia e geraria. Vós, com efeito, nem suportais que ele vos chame, nem o ouvis quando ele vos fala, mas praticastes o mal diante do Senhor. O cúmulo de vossa maldade é que, depois que o assassinastes, continuais odiando o Justo e a ser o que são: piedosos, justos e humanos. Por isso, diz

o Senhor: “Ai de suas almas! Porque formaram um mau desígnio contra si mesmos, dizendo: Eliminemos o Justo, porque ele nos é molesto”^p.

³Vós, de fato, não oferecestes sacrifícios ao deus Baal, como vossos pais, nem oferecestes pães cozidos ao exército dos céus em bosques e lugares altos^q. Todavia, não recebestes a Cristo; e quem o desconhece, desconhece a vontade do Pai; quem insulta e odeia a Cristo, odeia e insulta aquele que o enviou; e quem não crê em Cristo, não crê na predição dos profetas, que anunciaram a sua boa nova e o proclamaram a todo o mundo.

137. ¹Irmãos, não faleis mal daquele Jesus que foi crucificado, nem zombeis de suas feridas, pelas quais todos podem ser curados, como também nós o fomos. Seria bom que, seguindo as palavras da Escritura, circuncidásseis a vossa dureza de coração, circuncisão que não tendes por uma resolução interior. Com efeito, a circuncisão foi dada como sinal, não como obra de justiça, como as Escrituras nos forçam a admitir. ²Portanto, não para injuriar o Filho de Deus, nem jamais caçoeis do rei de Israel, seguindo os vossos mestres fariseus. Assim os presidentes de vossas sinagogas vos ensinam depois da oração. Se aquele que toca os que agradam a Deus é como se tivesse tocando a Deus na pupila dos olhos, muito mais aquele que toca em seu Amado. E que Jesus seja o Amado de Deus, já foi suficientemente demonstrado.

³Como ficassem calados, eu continuei:

— Amigos, agora cito para vós as Escrituras como foram interpretadas pelos Setenta. Com efeito, antes eu as citei como vós as tendes, para provar que opinião tínheis sobre o ponto particular. Ao trazer-vos a pas-sagem: “Ai deles! Porque formaram um desígnio mau contra si mesmos, dizendo...”. Continuei depois conforme os Setenta: “Eliminemos o justo, porque ele nos é molesto”. Em troca, no começo de nossa conversa, eu vos citei como quereis que tenha sido dito: “Amarremos o justo, porque ele nos é molesto”. ⁴Contudo, vós vos distraístes com alguma outra coisa e parece que ouvistes as minhas palavras sem compreendê-las. Agora, porém, como o dia está para terminar e o sol vai chegando ao poente, vou acrescentar um só ponto ao que já disse e terminarei o meu discurso. É claro que o que já está contido no que disse antes, mas parece-me justo repeti-lo novamente.

A água e o batismo, a arca e a cruz

138. ¹Eu prossegui:

— Senhores, sabeis que em Isaías Deus diz a Jerusalém: “No dilúvio de Noé eu te salvei”^r. O que Deus quis dizer com isso é que no dilúvio realizou-se o mistério daqueles que se salvam. De fato, o justo Noé, com os outros homens do dilúvio, isto é, sua mulher, seus três filhos e as mulheres de seus filhos, ao todo oito, representa o dia que por ser número é oitavo, no qual apareceu o nosso Cristo, ressuscitado dos mortos; embora, por sua virtude, continue sempre a ser o primeiro dia. ²Dessa forma, Cristo, sendo primogênito de toda a criação, também se tornou princípio de uma nova descendência, regenerada por ele com a água, a fé e o madeiro que continha o mistério da cruz, de modo que também Noé se salvou com os seus, carregado sobre as águas pelo madeiro da arca. Portanto, quando o profeta diz: “No tempo de Noé eu te salvei”, ele fala, como eu disse antes, com o povo que tem para com Deus a mesma fé que Noé e os mesmos mistérios de salvação. Com efeito, com a vara entre as mãos, Moisés conduziu o vosso povo através do mar. ³Claro que supondes que o profeta fala apenas de vosso povo ou terra; contudo, como consta pelas Escrituras que toda a terra foi inundada e a água subiu quinze côvados por cima de todos os montes, é claro que não falava da terra, mas do povo que obedece a Deus, a quem também tinha preparado de ante-mão um descanso em

Jerusalém, como se pode demonstrar pelos mesmos símbolos que aparecem no dilúvio. Em outras palavras, pela água, pela fé e pelo madeiro, escaparão do futuro julgamento de Deus aqueles que de antemão foram previstos e fazem penitência de seus pecados.

Bênção e maldição na descendência de Sem, Canaã e Jafé

139. ¹No tempo de Noé, foi profetizado outro mistério que não conheceis, e é o seguinte. Por ocasião das bênçãos com que Noé abençoou dois de seus filhos, também amaldiçoou o filho do seu filho, pois o Espírito profético não quis que ele amaldiçoasse o seu próprio filho, que por Deus fora abençoado com os outros. Contudo, como o castigo daquele que havia pecado, zombando da nudez de seu pai, iria passar para toda a sua descendência, a maldição co-meçou por seu filho. ²Noé, portanto, predisse com suas palavras que os descendentes de Sem ocupariam as propriedades e casas de Canaã e que, por sua vez, os descendentes de Jafé se apoderariam ou reteriam o que os semitas haviam tirado dos descendentes de Canaã, de modo que eles retiveram o que haviam tirado dos de Canaã. ³Que assim tenha acontecido, escutai vós, pois descendeis de Sem, atacastes a terra dos filhos de Canaã e a retivestes. Agora, é claro que os filhos de Jafé, caindo sobre vós conforme com o desígnio de Deus, tiraram e retiveram a vossa terra^s. Eis, por fim, o próprio texto: “Noé despertou do vinho, soube o que o seu filho menor havia feito com ele, e disse: “Maldito seja o menino Canaã: torne-se escravo de seus irmãos. E disse: Bendito seja o Senhor Deus de Sem, e Canaã será o seu servo. Que o Senhor dilate a Jafé e ele more nas casas de Sem, e Canaã será o seu servo”^u.

⁴Portanto, tendo sido abençoados dois povos, os descendentes de Sem e de Jafé, e decretado que primeiro os de Sem iriam possuir as moradas de Canaã e que depois os de Jafé sucederiam os de Sem nas mesmas propriedades, tendo sido entregue um só povo, o de Canaã, à servidão dos outros dois, Cristo veio, conforme a virtude que lhe foi dada pelo Pai onipotente, para chamar à amizade, penitência e convivência todos os santos na mesma terra, cuja posse lhes promete, conforme foi antes demonstrado. ⁵Portanto, os homens de to-das as origens, seja livres, seja escravos, se crerem em Cristo e reconhecerem a verdade de suas palavras e as dos profetas, têm a segurança de que viverão junto com ele naquela terra e herdarão os bens eternos e incorruptíveis.

140. ¹Daí que Jacó, como já falei, sendo figura de Cristo, uniu-se às escravas de suas duas mulheres livres e gerou filhos com elas, para anunciar antecipadamente que Cristo também receberia tanto os livres como os cananeus que eram escravos entre os povos de Jafé, e tornaria a todos eles filhos herdeiros. Que eles sejam nós, vós não podeis compreender, porque não sois capazes de beber da fonte viva de Deus, mas das cisternas rotas, que não podem conter a água, como diz a Escritura. ²Tais cisternas rotas, incapazes de reter a água, são as que os vossos próprios mestres cavaram, como declara expressamente a Escritura: “Ensinando ensinamentos, mandamentos de homens”^u. Quanto a isso tudo, eles enganam a si próprios e também a vós, supondo que, de qualquer modo, todos aqueles que descendem de Abraão segundo a carne, por mais que sejam pecadores, incrédulos e desobedientes a Deus, receberão o reino eterno. Conforme as Escrituras, isso é pura fantasia. ³Caso contrário, Isaías não teria dito: “Se o Senhor Sabaot não nos tivesse deixado uma semente, nos teríamos tornado como Sodoma e Gomorra”^v. E Ezequiel: “Mesmo que Noé, Jacó e Daniel reclamassem seus filhos e filhas, não lhes seriam dados. Não. Nem o pai será dado pelo filho, nem o filho pelo pai, mas cada um perecerá por seu próprio pecado e cada um se salvará por sua própria justiça”^w. E Isaías diz ainda: “Olharão os membros dos que transgrediram: seu verme não terá descanso e o seu fogo não se extinguirá, e serão espetáculo para todo homem”^x. ⁴Por fim, nosso

Senhor não teria dito, conforme a vontade do Pai e Senhor de todo o universo que o enviou: “Virão do oriente e do ocidente e sentar-se-ão à mesa com Abraão, Isaac e Jacó no reino dos céus; mas os filhos do reino serão atirados nas trevas exteriores”^y. Mas também ficou demonstrado antes que os que foram pré-conhecidos como maus no futuro, tanto anjos como homens, não são maus por culpa de Deus, mas é por sua própria culpa que cada um deverá aparecer diante de Deus.

Necessidade da penitência

141. ¹Para que não tenhais pretexto de dizer que era necessário que Cristo fosse crucificado e que em vosso povo houvesse transgressores da lei e que as coisas não podiam ser diferentes, eu me adiantarei para dizer em poucas palavras que Deus, querendo que anjos e homens seguissem o bem, dotados de razão para conhecer de onde vêm e a quem devem o ser que antes não tinham, e lhes impôs uma lei, pela qual serão julgados, caso não tenham agido conforme a reta razão. Portanto, por nossa própria culpa seremos convencidos de ter sido maus, homens e anjos, se antes não fizermos penitência. ²Contudo, se a palavra de Deus anuncia absolutamente que alguns anjos e homens serão castigados, isso foi predito porque ele de antemão conheceu que seriam maus e não se arrependeriam, não, porém, porque o próprio Deus assim os fizesse. De modo que, se fizerem penitência, todos os que quise-rem poderão alcançar de Deus a misericórdia, e a palavra os chama antecipadamente de bem-aventurados: “Bem-aventurado o homem a quem Deus não lhe imputa pecado”^z, isto é, aquele que, arrependido de seus pecados, recebe de Deus o perdão. Não como vós e outros semelhantes a vós. Neste ponto, enganais a vós mesmos, dizendo que, por mais pecador que alguém seja, o Senhor não imputa o pecado, contanto que ele conheça a Deus. ³Uma prova dessa interpretação pode ser encontrada em Davi, cujo único pecado, o de vanglória, não lhe foi perdoado, até que chorou e se lamentou, da maneira que está escrito^a. Com efeito, se a um homem como ele não foi concedido o perdão antes de se arrepender, mas quando chorou e fez tudo aquilo, ele que foi tão grande rei, ungido e profeta, como é que os impuros e aqueles que foram completamente insensatos podem esperar que o Senhor não lhes impute os pecados que cometeram?

⁴Senhores, este único fato da transgressão de Davi com a mulher de Urias demonstra que os patriarcas não tinham muitas mulheres, como se se entregassem à dis-solução, mas que, por meio deles, se realiza certa dis-pensação e se prefiguravam todos os mistérios. Com efeito, se fosse permitido tomar a mulher que se desejasse, no modo e no número que se quisesse, tal como os homens de vossa raça fazem em toda terra onde habitam ou são en-viados, tomando as mulheres em nome do matrimônio, muito mais ter-se-ia permitido que Davi fizesse isso.

⁵Caríssimo Marco Pompeu, com estas palavras eu termino o meu discurso.

Despedidas

142. ¹Esperando um pouco de tempo, Trifão disse:

— Vês que o nosso encontro aqui não foi de propósito. Todavia, eu te confesso que gostei muitíssimo da tua conversa e sei que os meus companheiros estão sentindo a mesma coisa. Com efeito, encontramos mais do que esperávamos e muito mais ainda do que era possível esperar. Se nos fosse dado fazer isso com mais freqüência, examinando esses mesmos temas, o proveito seria ainda maior. Contudo, como estás para embarcar, esperando que algum navio desatracue, se vais embora de fato, não deixes de te lembrar de nós como amigos.

²Eu respondi:

— De minha parte, se eu permanecesse aqui, gostaria de fazer isso diariamente. Porém, como quero

partir, com a permissão e a ajuda de Deus, eu vos exorto que, tendo começado este grande combate por vossa salvação, vos esforceis por Cristo de Deus onipotente acima de vossos mestres.

³Depois disso, foram embora, fazendo novos votos por minha saúde na viagem e em tudo mais. Eu também, retribuindo os votos, disse-lhes:

— Senhores, não vos posso desejar nada melhor, sem que, percebendo que por este caminho todo homem chega à felicidade, tendais absolutamente a mesma fé que nós, isto é, que Jesus é o Cristo de Deus.

^[d]Sl 96.

^[e]Sl 96,1-3.

^[f]Aqui o texto do Diálogo abre uma lacuna cuja extensão não se sabe. Em todo caso, os peritos estão de acordo em colocar aí o fim do primeiro dia de discussão.

^[g]Dt 31,16-18.

^[h]Ex 20,22.

^[i]Is 6,8.

^[j]Mt 7,22-23.

^[k]Mt 25,41.

^[l]Lc 10,19.

^[m]Mc 8,31; cf. Mt 16,21; Lc 9,22.

^[n]Sl 110,3

^[o]Cf. Is 9,5.

^[p]Cf. Sl 72,11.

^[q]Ez 16,3.

^[r]Mt 2,2s; Mq 5,1.

^[s]Jr 31,15; cf Mt 2,16-18.

^[t]Is 29,13-14.

^[u]Is 30,1-5.

^[v]Zc 3,1-2.

^[w]Justino alude aqui a passagem que Trifão não citou em nenhum lugar do Diálogo.

^[x]Segundo Ap 20,4-5 e 21,1-8, o milenarismo se desenvolve em duas fases: a primeira consiste num reino terrestre de mil anos de Cristo com seus eleitos, em Jerusalém, a partir da parusia; a segunda, a partir da ressurreição geral dos mortos se instalará o reino eterno na Jerusalém celeste. Essa crença difundiu-se sobretudo no ambiente asiático. Justino creu com absoluta firmeza no milenarismo, pois se indigna da suspeita de Trifão de que isso fosse apenas um truque de sua argumentação.

^[y]Is 65,17-25.

^[z]Ap 20,4-6.

^[a]Lc 20,35-36.

^[b]Ez 3,17-19; 33,7-9.

^[c]Is 1,23.

^[d]Sl 110,1-4.

^[e]Sl 96,5.

^[f]Sl 148,1-2.

^[g]Is 66,5-11

^[h]Neste capítulo, Justino reúne 17 figuras da cruz tiradas do AT. Bem cedo, os cristãos associaram a “árvore”, o “lenho”, o “madeiro”, o “bastão” e a própria “escada de Jacó” à cruz de Jesus. Tertuliano, em *Contra os Judeus* 13,11-20, faz semelhante lista de “testemunhos” da cruz. É importante notar, em Justino, que em 8 das 17 figuras, o lenho está associado à água, que traduz a estreita ligação que os cristãos viam entre a cruz e o batismo.

^[i]Sl 1,3.

^[j]Sl 92,13.

^[k]Gn 18,1.

^[l]Gn 38,25-26.

^[m]Is 11,1-3.

^[n]Sl 68,19; Ef 4,8.

^[o]Jl 3,1-2.

^[p]Justino, como aliás a teologia do século II, não conhece e, portanto, não afirma a doutrina do “pecado original originado”. A culpa de Adão não foi transmitida a todos os homens, mas produziu na natureza humana um estado de fraqueza que, inevitavelmente, inclina o homem para o pecado e para a morte. Contudo, cada um peca por sua responsabilidade.

^[q]Jo 1,20-23; Mt 3,11; Lc 3,16.

^[r]Lc 3,21-22; Sl 2,7.

^[s]Dt 21,23; Gl 3,13.

^[t]Dt 33,13-17.

^[u]“Os chifres do unicórnio” constituem, na tradição primitiva, outra figura da cruz. Na *Contra Marcião*, II, 18,3-4 Tertuliano dá também esta interpretação.

^[v]Is 27,1.

^[w]Justino volta a assuntos já tratados na primeira parte do *Diálogo* (cf. 5): a circuncisão; distinção entre preceitos dados pela dureza do coração de Israel e preceitos da lei natural.

^[x]Gn 15,6; Rm 4,10.

^y Dt 32,4; Sl 92,16.

^z Mt 22,40; Lc 10,27; Mc 12,30-31.

^a Dt 21,23.

^b Lc 6,35-36.

^c Sl 3,5-6.

^d Is 65,2.

^e Is 57,2; 53,9.

^f Sl 22,2-23.

^g Mt 27,46; Mc 15,34.

^h Mt 26,39.

ⁱ Mt 11,27.

^j Mc 8,31; Lc 9,22.

^k Entre estes títulos cristológicos, chamam a atenção especialmente dois: *Dia* e *Oriente*. Este último é retomado no *Diál.* 106,4. “Dia”, é, certamente, uma aplicação do Sl 118,24: “Este é o dia que Javé fez, exultemos e alegremo-nos nele”. A tradição primitiva associou este versículo com Gn 2,4: “No dia em que Javé fez a terra e o céu”, no mesmo sentido de Gn 1,1: “No princípio fez Deus o céu e a terra”, referindo-se ao Verbo como Princípio por meio do qual Deus criou o mundo. O “Dia”, portanto, designa o “Verbo”, o “Princípio” pelo qual as coisas criadas vêm à luz.

^l Aparece pela primeira vez, na tradição cristã, a antítese Eva-Maria que será desenvolvida por Ireneu em *Contra haereses* 3,22.4.

^m Lc 1,38.

ⁿ Mt 19,16-17 e par.

^o Mt 27,40; Mc 15,29-32; Lc 23,35.

^p Gn 3,15.

^q Gn 11,6.

^r Is 50,4.

^s Is 53,9.

^t Estas notícias não são historicamente certas. Herodes Antipas não foi sucessor de Arquelau. Após a morte de Herodes o Grande (4 a.C.), a Palestina foi subdividida entre Arquelau, Herodes, Antipas e Filipe. Quando morreu Arquelau (6 d.C.) seu reino (Judéia, Samaria, Iduméia) passou diretamente para a administração romana como província procuratória governada por um prefeito (no tempo de Jesus era P. Pilatos).

^u Os 10,6.

^v Lc 3,22.

^w Cf. Mt 4,9-10; Lc 4,7-8.

^x Mt 26,39.

^y cf 1Sm 28,7-11.

^z Lc 23,46.

^a Mt 5,20.

^b O comentário de Justino se interrompe no v. 24, contrariando o que prometera no n° 98. Na Bíblia de Jerusalém, o Sl 22 tem 32vv.

^c Cf. Mc 3,16.

^d Cf. M 3,17.

^e Nm 24,17

^f Zc 6,12.

^g Cf. Mt 2,2.9-12.

^h Mt 12,38-39.

ⁱ Mq 4,1-7.

^j Sl 128,3.

^k Is 57,1.

^l Is 53,7.

^m Mt 23,24-27.

ⁿ Jr 3,8; cf. Dt 24,1.

^o Zc 2,14-3,2.

^p Ml 1,10-12.

^q Existia, de fato, no interior do judaísmo, homens de tendência anti- sacrificial (tanto entre os essênios como entre os rabinos). Estes afirmavam que a oração, a caridade para com o próximo e a prática da justiça substituíam os sacrifícios; só um culto espiritual era agradável a Deus.

^r 2Sm 7,14-17.

^s Ez 44,3.

^t Is 52,15; 53,1.

^u Dt 32,15-22.

^v Zc 2,11.

^w Is 62,12.

^x Filho de Abraão e da escrava Agar, Ismael é considerado pela tradição bíblica o pai dos povos árabes do deserto. Esaú é o pai dos habitantes de Edom (Transjordânia), enquanto os amonitas, tradicionais inimigos de Israel, habitavam a região sul do mar Morto, tidos como descendentes de Lot (cf. Gn 19,36-38).

^y Gn 26,4; 28,14.

^z Gn 26,4.

^a Usando tradições diversas, já infiltradas na Igreja, Justino, em 52,2, reportando-se a Gn 49,10, cita a versão que reprova aqui seus adversários. Como nas presumidas mutilações escriturísticas imputadas aos judeus, aqui também sua argumentação se torna contraproducente.

^b Sl 72,17.

^c Sl 72,17.

[d](#)
Dt 4,19.

[e](#)
Zc 12,12.

[f](#)
Is 49,6.

[*](#)
Geora é sinônimo de prosélito. É a transliteração grega de um vocábulo aramaico que significa “estrangeiro”. Geora é, pois, o estrangeiro convertido ao judaísmo.

[g](#)
Is 42,16; 43,10.

[h](#)
Is 42,6-7.

[i](#)
Is 49,8.

[j](#)
Sl 2,7-8.

[k](#)
Is 14,1.

[l](#)
Is 42,19-20.

[m](#)
Is 29,14.

[n](#)
Jr 38,27.

[o](#)
Is 19,24-25.

[p](#)
Ez 36,12.

[q](#)
Is 42,1-4; cf. Mt 12,18-21.

[r](#)
Sl 82,1-8.

[s](#)
Mt 13,4-8; Mc 4,3-9; Lc 8,5-8.

[t](#)
Mt 4,10-11; Dt 6,13-14.

[u](#)
Ex 6,2-4.

[v](#)
Gn 32,24-25.31.

[w](#)
Gn 18,1-17.

[x](#)
Dt 31,2-3.

[y](#)
Gn 19,24.

[z](#)
Sl 24,7.

[a](#)
Sl 110,1.

[b](#)
Pr 8,22-25.

[c](#)
Dt 32,43.

[d](#)
Is 66,24.

[e](#)
Dt 32,7-9.

[f](#)
lSm 5,1-6.

[g](#)
Is 3,9-15.

[h](#)
Cf Is 5,18-25.

[i](#)
Gn 29,15-30.

[j](#)
Is 43,15.

[k](#)
Is 42,1-4.

[l](#)
Is 65,9-12.

[m](#)
Is 2,5-6.

[n](#)
Cf. Jo 1,13; Gl 4,29.

[o](#)
Is 65,8-9.

[p](#)
cf Is 3,9-10; Sb 2,12.

[q](#)
Jr 7,18.

[r](#)
Ao dilúvio, Justino faz menção também na *II Apologia* 7,2 para dizer que só graças aos cristãos o mundo é poupado de um julgamento que provoque um novo dilúvio. O dilúvio e a salvação de Noé com os seus na Arca se prestaram a inumeráveis aplicações soteriológicas com referência especial ao batismo. A antiguidade desta aplicação pode-se ver já em 1Pd 3,18-21.

[s](#)
Justino identifica aqui os pagãos como os descendentes de Jafê.

[t](#)
Gn 9,24-27.

[u](#)
Is 29,13; Mt 15,9.

[v](#)
Is 1,9.

[w](#)
cf Ez 14,14-20.

[x](#)
Is 66,24.

[y](#)
Mt 8,11-12.

[z](#)
Sl 32,2.

[a](#)
2Sm 11,12

Coleção **PATRÍSTICA**

1. Padres Apostólicos, Clemente Romano – Inácio de Antioquia – Policarpo de Esmirna – Pseudo-Barnabé – Hermas – Pápias – Didaqué
2. Padres Apologistas, Carta a Diogneto – Aristides – Taciano – Atenágoras – Teófilo – Hérmiias
3. Apologias e Diálogo com Trifão, Justino de Roma
4. Contra as heresias, Ireneu de Lião
5. Explicação dos símbolos (da fé) – Sobre os sacramentos – Sobre os mistérios – Sobre a penitência, Ambrósio de Milão
6. Sermões, Leão Magno
7. A Trindade, S. Agostinho
8. O livre-arbítrio, S. Agostinho
- 9/1. Comentário aos Salmos (Salmos 1-50), S. Agostinho
- 9/2. Comentário aos Salmos (Salmos 51-100), S. Agostinho
- 9/3. Comentário aos Salmos (Salmos 101-150), S. Agostinho
10. Confissões, S. Agostinho
11. Solilóquios – A vida feliz, S. Agostinho
12. A Graça (I), S. Agostinho
13. A Graça (II), S. Agostinho
14. Homília sobre Lucas 12 – Homílias sobre a imagem do homem – Tratado sobre o Espírito Santo, Basílio de Cesareia
15. História eclesiástica, Eusébio de Cesareia
16. Os bens do matrimônio – A santa virgindade consagrada – Os bens da viuvez: Cartas a Proba e a Juliana, S. Agostinho
17. A doutrina cristã, S. Agostinho
18. Contra os pagãos – A encarnação do Verbo – Apologia ao imperador Constâncio – Apologia de sua fuga – Vida e conduta de S. Antão, S. Atanásio
19. A verdadeira religião – O cuidado devido aos mortos, S. Agostinho
20. Contra Celso, Orígenes
21. Comentário ao Gênesis, S. Agostinho
22. Tratado sobre a Santíssima Trindade, S. Hilário de Poitiers
23. Da incompreensibilidade de Deus – Da Providência de Deus – Cartas a Olímpia, S. João Crisóstomo
24. Contra os Acadêmicos – A Ordem – A grandeza da Alma – O Mestre, S. Agostinho
25. Explicação de algumas proposições da Carta aos Romanos / Explicação da Carta aos Gálatas / Explicação incoada da Carta aos Romanos, S. Agostinho
26. Examerão – os seis dias da criação, S. Ambrósio
- 27/1. Comentário às Cartas de São Paulo/1 – Homílias sobre a Carta aos Romanos – Comentário sobre a Carta aos Gálatas – Homílias sobre a Carta aos Efésios, S. João Crisóstomo
- 27/2. Comentário às Cartas de São Paulo/2 – Homílias sobre a Primeira Carta aos Coríntios – Homílias sobre a Segunda Carta aos Coríntios, S. João Crisóstomo
- 27/3. Comentário às Cartas de São Paulo/3 – Homílias sobre as cartas: Primeira e Segunda a Timóteo, a Tito, aos Filipenses, aos Colossenses, Primeira e Segunda aos Tessalonicenses, a Filemon, aos Hebreus, S. João Crisóstomo
28. Regra Pastoral, S. Gregório Magno
29. A criação do homem / A alma e a ressurreição / A grande catequese, S. Gregório de Nissa
30. Tratado sobre os Princípios, Orígenes
31. Apologia contra os livros de Rufino, S. Jerônimo
32. A fé e o símbolo / Primeira catequese aos não cristãos / A disciplina cristã / A continência, S. Agostinho

Direção Editorial
Claudiano Avelino dos Santos

Coordenação de desenvolvimento digital
Erivaldo Dantas

Título original
I e II 'Apología tou 'ágiou Ioustinou philósophou kai márturos Prôs Trífona Ioudaion diálogos

Tradução
Ivo Storniolo
Euclides M. Balancin

Introdução e notas
Roque Frangiotti

Revisão
H. Dalboso

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Justino, Mártir, Santo Justino de Roma: I e II apologias: diálogo com Trifão / [introdução e notas Roque Frangiotti; tradução Ivo Storniolo, Euclides M. Balancin]. — São Paulo: Paulus, 1995. — (Patrística)
Bibliografia.

eISBN 9788534938778

1. Apologética - Igreja primitiva 2. Justino, Mártir, Santo 3. Teologia - Igreja primitiva I. Frangiotti, Roque. II. Título. III. Série.

93-3185 CDD-281.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Padres da Igreja: Literatura cristã primitiva 281.1
2. Patrística 281.1

© PAULUS – 2014
Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 São Paulo (Brasil)
Fax (11) 5579-3627 • Tel. (11) 5084-3066
www.paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

eISBN 9788534938778